1953

FEVEREIRO

N.429

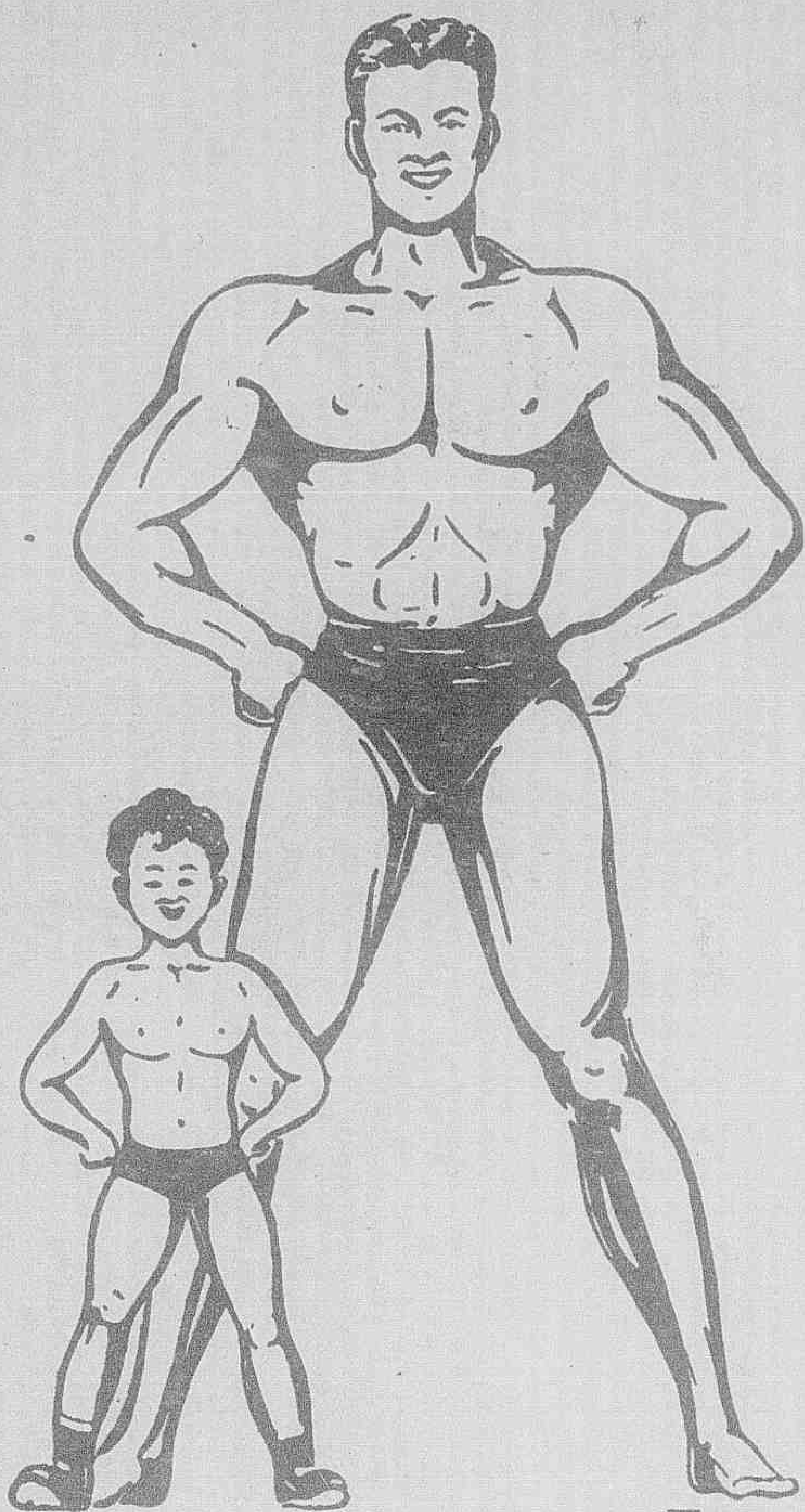
EU SEI TUDO





POR QUE FRACASSAM CERTOS CASAMENTOS? ★ SÃO LOUCOS OS PINTORES MODERNISTAS? ★ AMEAÇA PERMANENTE SOB NOSSOS PÉS ★ VOCÊ TEM UM SEXTO SENTIDO!

ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 — Cx. Postal, 4334 — ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 — Fone, 33-4263
FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

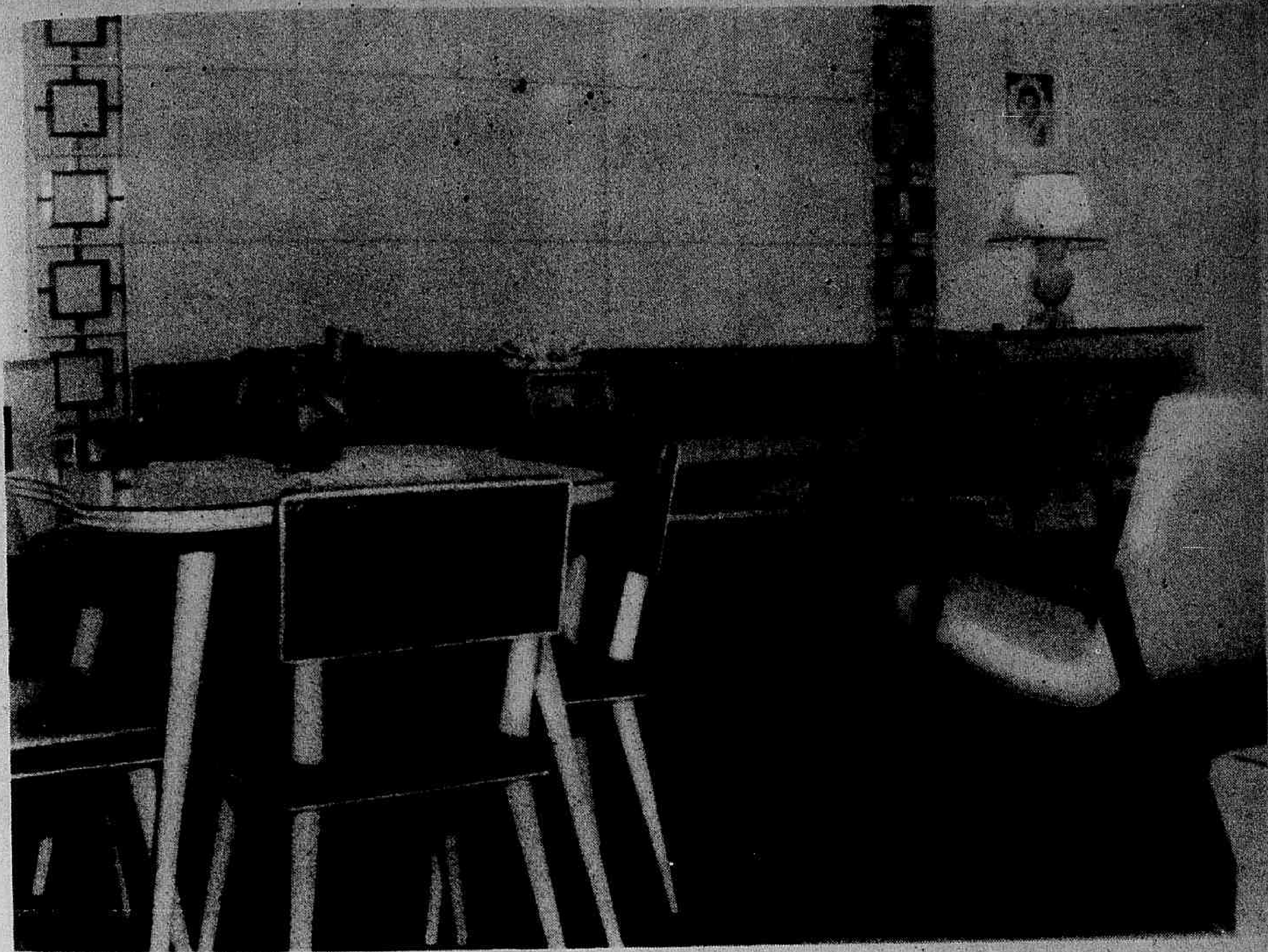
BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHAO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

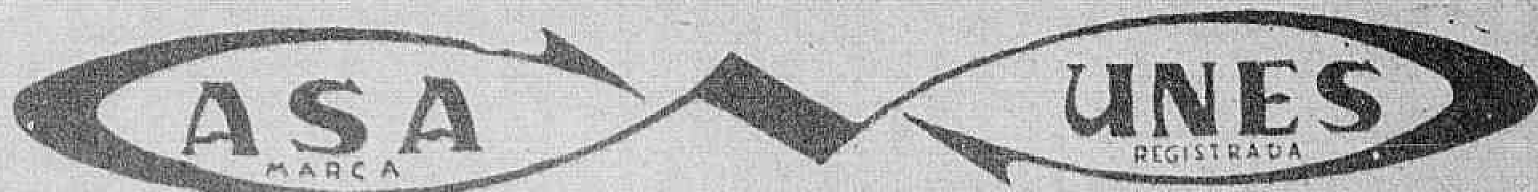
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25'00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:
"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ
Maravilhosamente ilustrado, a côres, por Fortunio Matania.

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO — CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS — CATÓLICO — EVANGELICO — CIENTIFICO — AERONAUTICO — ARTISTICO — ASTROLOGICO — AGRICOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 — TABOA PLANETARIA — FASES DA LUA — CONCORDANCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMEÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENARIOS DO ANO

Almanaque

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

1953

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes de Melo, 43, 2dt, Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: S. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.


Em 1887. Carro de crítica às viagens muito rápidas do imperador.

O CARNAVAL NO RIO DE JANEIRO

(Notas sôbre o Carnaval antigo, escritas pelo Dr. Pires de Almeida, publicadas em 1911 e que reproduzimos como curiosidade.)



DIVERSÃO popular, que antecede a quaresma, coincidindo com o período em que a igreja recomenda aos seus fiéis rigorosa abstenção da carne, Carnaval ou **o adeus à carne**, se traduz fielmente, por êsse lado, as exigências dos etimologistas, não explica bem o motivo que induziu a igreja a tolerar, nem só êsses, mas ainda outros divertimentos, conservados até agora, com ampliações e formas mais ou menos variadas.

Entre os povos selvagens da América, é certo, havia folguedos, que apresentam muitos pontos de contato com o Carnaval dos nossos dias; é o que parece mostrar-nos, por exemplo, o tosco desenho, aqui dado, figurando um **cordão carnavalesco**, entre os índios Ticunas. No Brasil colonial já havia o uso da máscara: indivíduos dela se serviam em festas públicas daquele tempo, principalmente na das 11 000 virgens, organizada pelos alunos do Colégio dos Jesuítas. Cumpre não confundir êsses **mascarados** com os grupos de comediantes que, até 1846, percorriam as ruas da cidade, nos aveludados trajos dos protagonistas das tagédias, que, ao rufo de caixas, anunciavam pelas esquinas o espetáculo da noite.

Êste costume de anunciar o espetáculo do dia é ainda conservado e pôsto em prática pelas companhias equestres, nos subúrbios e no interior dos Estados.

Nesta cidade, o Carnaval começou a aparecer com os primeiros bailes à **fantasia**, chamados da **quaresma**, instituídos pela cantora Delmastro, em 1844; tais bailes eram dados primitivamente no Teatro São Januário, hoje demolido, à praia D. Manuel.

Posteriormente, isto é, oito anos depois, organizaram-se sociedades carnavalescas, contando-se entre as primeiras o **Congresso das Su-**



O antepassado do Carnaval. A Festa dos Loucos e dos Diáconos,. (séc. XV)

midades Carnavalescas, a **União Veneziana**, e, mais tarde, os **Zuavos Carnavalescos**, que se desdobraram em **Tenentes do Diabo**, **Estudantes de Heidelberg**, **Paulicéia Vagabunda**, etc.

Saíam à rua em préstitos organizados a capricho, trazendo carros ricamente enfeitados, sendo de antemão anunciado o seu trajeto, para que se ornassem também as ruas por onde houvessem de passar. Êsses carros levavam homens apenas que, **fantasiados**, atiravam para as janelas raminhos de flores, confeitos e amêndoas torradas, de amendoim ou não.

A **Paulicéia Vagabunda**, constituída em sua maior parte de estudantes de São Paulo, em férias, foi a primeira sociedade que atravessou a **urbs** carioca, conduzindo ostensivamente mulheres em seus carros, espoucando champagne, varejando à gulosa criançada cartuchinhos de confeitos com pimenta.

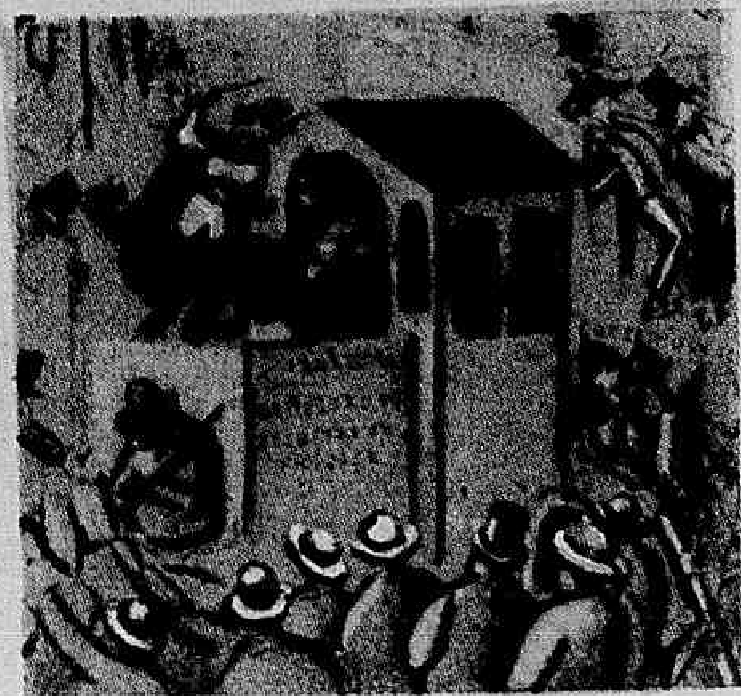
Esta nota alegre, que os da **Paulicéia** deram aos folguedos carnavalescos, muito intrigou a sociedade carioca, e serviu de bom pretexto para a sua reprodução em anos ulteriores.

Outras sociedades vieram logo depois, ou simultâneamente, contando-se entre as mais notáveis o Clube X, a Bohêmia, etc.

O primeiro **máscara** que, afrontando a opinião, se apresentou na rua, saiu vestido de boiadeiro mineiro, cavalgando pacatamente uma vaca: era êle Rodrigo José de Melo e Sousa, irmão do comendador Antônio José de Melo e Sousa, conhecido industrial, proprietário do grande cortume de S. Cristóvão e explorador da carne verde a retalho. Seus estabelecimentos se denominavam **Açougues monstros**. Rodrigo, apenas se viu na rua, montado em uma vaca, teve a sorte que devia esperar: os moleques, atropelando-o, tanto puxaram pela enfeitada cauda do manso e ensaiado animal e tanto a fustigaram a sorrateiras varadas de marmeleiro, que Rodrigo esparramou-se de ventas ao chão, quando dobrava a rua do Cano para entrar na rua da Quitanda. Êste desastre fêz conhecido o máscara e Rodrigo teve de recolher-se à botica do Arieira, de onde o transportaram depois, em cadeirinha, para a sua residência.

Logo no ano seguinte apareceram os **princeses**, assim chamados por se fantaziarem com os **costumes** de beduína dos guarda-roupas dos teatros, que exploravam o repertório de capa e espada, e daí **princês**, pejorativo de **príncipe**; às máscaras de papelão, muito em uso, preferiam alguns obreias de várias côres, que colavam mais ou menos artìsticamente pelo rosto: aos **princeses**, porém, era de rigor o uso da máscara de arame.

No carnaval de 1855 apareceram inúmeros **dominós**: foi a **nota** principal do ano. Com um vestuário, que torna difícil reconhecer os fantasiados, êstes, trazendo máscaras de cetim, penetravam no interior das casas de amigos e relacionados seus, e aí, prèviamente informados de particularidades da vida íntima de alguns dêles,



1881. — *Alegoria dos Fenianos à expulsão dos jesuítas da França.*



Fantasias usadas pelos índios Ticunas, em uma festa que realizavam duas vêzes por ano e muito semelhante ao nosso Carnaval.

punham-lhe a calva à mostra, intrigando com muita graça, e tornando público muito **pecadinho** oculto; com as moças, a intriga convertia-se às vêzes em verdadeiro **trote,** porque envolvia também os seus namorados, e estas coisas se passavam freqüentemente em presença dos pais que, bestializados, riam-se a presilhas sôltas.

De 1867 a 1880 adquiriu o carnaval do Rio de Janeiro um incremento constante e cada vez mais acentuado, notando-se, então, novos moldes na organização das sociedades carnavalescas, que aos seus préstitos passaram a imprimir desusado luxo, ostentando carros de crítica de apurado gôsto.

Por êsse tempo existia, no Rio de Janeiro, o Teixeirinha, vulgo **Luva de Pelica,** empresário do teatro Provisório, onde se organizaram, sob sua direção, suntuosos bailes mascarados, de que todos os daquele tempo guardavam viva lembrança. A êles concorria a mais distinta e escolhida sociedade fluminense; os camarotes atingiam a preços incalculáveis; a ornamentação do teatro era deslumbrante; a iluminação feérica; a orquestra, composta de 200 professôres, dirigia-a o velho Baquet, colaborador do célebre Muzard, nos bailes populares de Paris.

Não obstante a concorrência, a êsses bailes, de pessoas as mais abonadas do tempo, os representantes diplomáticos davam, em suas residências, vistosos bailes à fantasia; a tradição nos trouxe notícia dos organizados pelos ministros e embaixadores inglêses e franceses, e lembro-me, por haver assistido, do que realizara o comendador Manuel Maria Bregaro, em 1854, no largo do Rocio, onde atualmente funciona a emprêsa telefônica. Os bailes do ministro Saint Georges obrigavam o convidado a um figurino da história francesa; os de Bregaro facultavam a escolha da **fantasia.**





O que era o entrudo em 1882. (*Desenho de Angelo Agostini, feito na época*)



1883. — *Nesse ano o entrudo foi dos mais violentos, apesar da proibição*

Por muitos anos, e antes da tolerância dos **máscaras** na rua, o divertimento predileto do povo era o entrudo.

Todos os viajantes, que nos visitaram, falam com admiração do **Brinquedo do entrudo,** de cujo uso singular ninguém conhece com precisão a origem. Há quem pense ter êle alguma analogia com a cerimônia das águas do batismo. Consistia êsse divertimento no uso, às vêzes brutal, de se lançar sôbre os transeuntes, das janelas de altos sobrados, às vêzes, água, servindo-se, para isso, de regadores e gamelas; ou em esperar, à tocaia, que alguém passasse para, empolgando-o, emergi-lo em tinas e pipas, adrede preparadas.

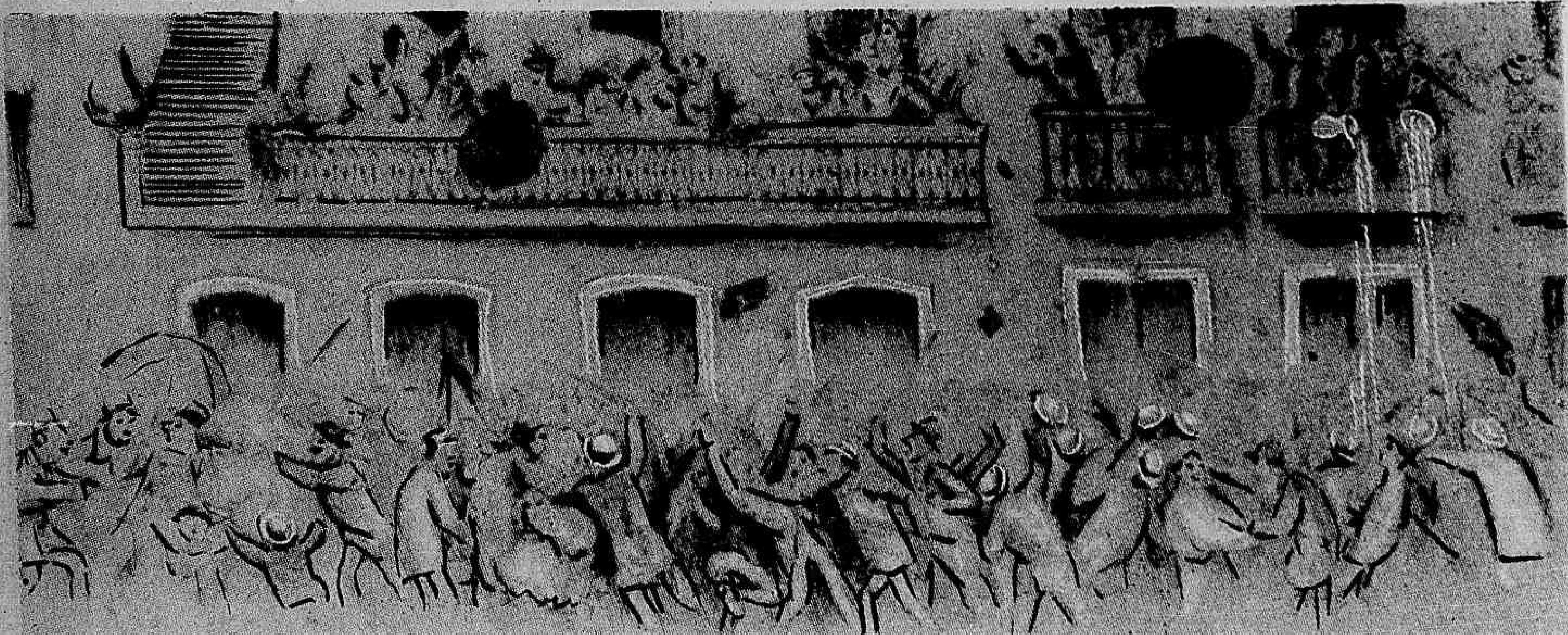
Outras vêzes, e mais comumente, era o líquido esguichado por meio de longas seringas de fôlhas de Flandres, que o projetava a grandes distâncias, líquidos não raro de procedência duvidosa e mal cheirosos; essa prática, entretanto, era reservada aos anônimos, ou a indivíduos desconhecidos; para os amigos e relacionados na família, reservavam-se outras formas e fórmulas, representadas pelo mimoso projétil, chamado **limão de cheiro,** feito de cera finíssima, e cheio de água perfumada; com êles estabeleciam-se às vêzes duelos e batalhas, que duravam por indeterminado tempo.

De fato não havia, então, mascarados; entretanto, como se empregassem a farinha de trigo, o polvilho, o zarcão e a oca, como ingredientes para os **disfarces,** não raro se encontravam, na rua, **pretas** completamente **brancas,** e moleques pintados à moda do diabo.

Êsses divertimentos, como é natural, davam quase sempre ensejo a sérios conflitos, principalmente nos lugares públicos, nos salões de diversão, nos teatros, etc.; e, para coibi-los, entrou a agir a Polícia, mas sem resultado prático, porque, inveterado na massa geral da população e conservando-se sempre na classe média, o edital era burlado, antes de tudo, pelo próprio Imperador, Pedro I, que jogava desbragadamente o entrudo, onde quer que estivesse e fôsse lá com quem fôsse.

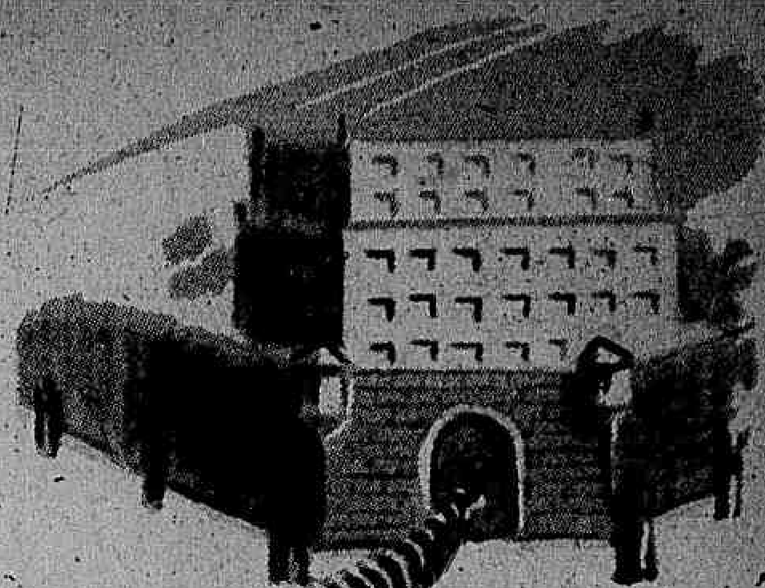
Felizmente o entrudo acabou de todo, durante a chefatura do enérgico Siqueira, a quem muito custou fazer cumprir o aludido edital.

Em reminiscência dos limões de cheiro, apenas se usam as perigosas bisnagas e os lança-perfumes, que, por sua vez, tendem a desaparecer, não só por seu alto preço, principalmente dêsses, mas ainda por não ser o seu conteúdo tão inofensivo como geralmente se apregoa.



Um aspecto da rua do Ouvidor durante o Carnaval de 1884. (Desenho de Angelo Agostini publicado na "Revista Ilustrada" da época.)

ESTA E' A REVELAÇÃO MAIS SENSACIONAL DO APÓS-GUERRA: NUM MISTERIOSO HOSPITAL DO CÁUCASO ESTÃO RECOLHIDOS TRINTA HOMENS COM A MESMA IDADE, O MESMO FÍSICO E HÁBITOS SEMELHANTES AO DO SENHOR DO KREMLIN. E EM SEUS RESPECTIVOS CORPOS ESTRANHA EXPERIÊNCIA VEM SENDO REALIZADA PELOS CIENTISTAS



Pelo **DR. S. SABOTKIN**



30 STALINS DE LABORATÓRIO

NUM dia de janeiro de 1947, em Moscou, uma grande **limousine** preta parou diante da casa de saúde do Dr. Vladimir Frumovin, renomado especialista em cirurgia do coração.

Imediatamente, um oficial, envergando o uniforme verde-oliva, ornado com os vistosos alamares escarlates, que o distinguiam como altamente situado na M.V.D. (Polícia Secreta do Estado), saltou do veículo, penetrou no hospital e caminhou diretamente para a sala de consultas.

Ali, sem qualquer preâmbulo, saudou com gesto brusco e anunciou:

— Tenho que levá-lo a algum lugar. Por favor, venha comigo imediatamente.

As **visitas** policiais dessa espécie não são raras na Rússia atual e, por isso mesmo, Frumovin não se lembrou de fazer qualquer pergunta. Sem procurar esconder a grande emoção que o assaltara, vestiu o sobretudo, ditou algumas rápidas ordens indispensáveis à sua secretária, pondo-se logo a seguir à disposição do visitante.

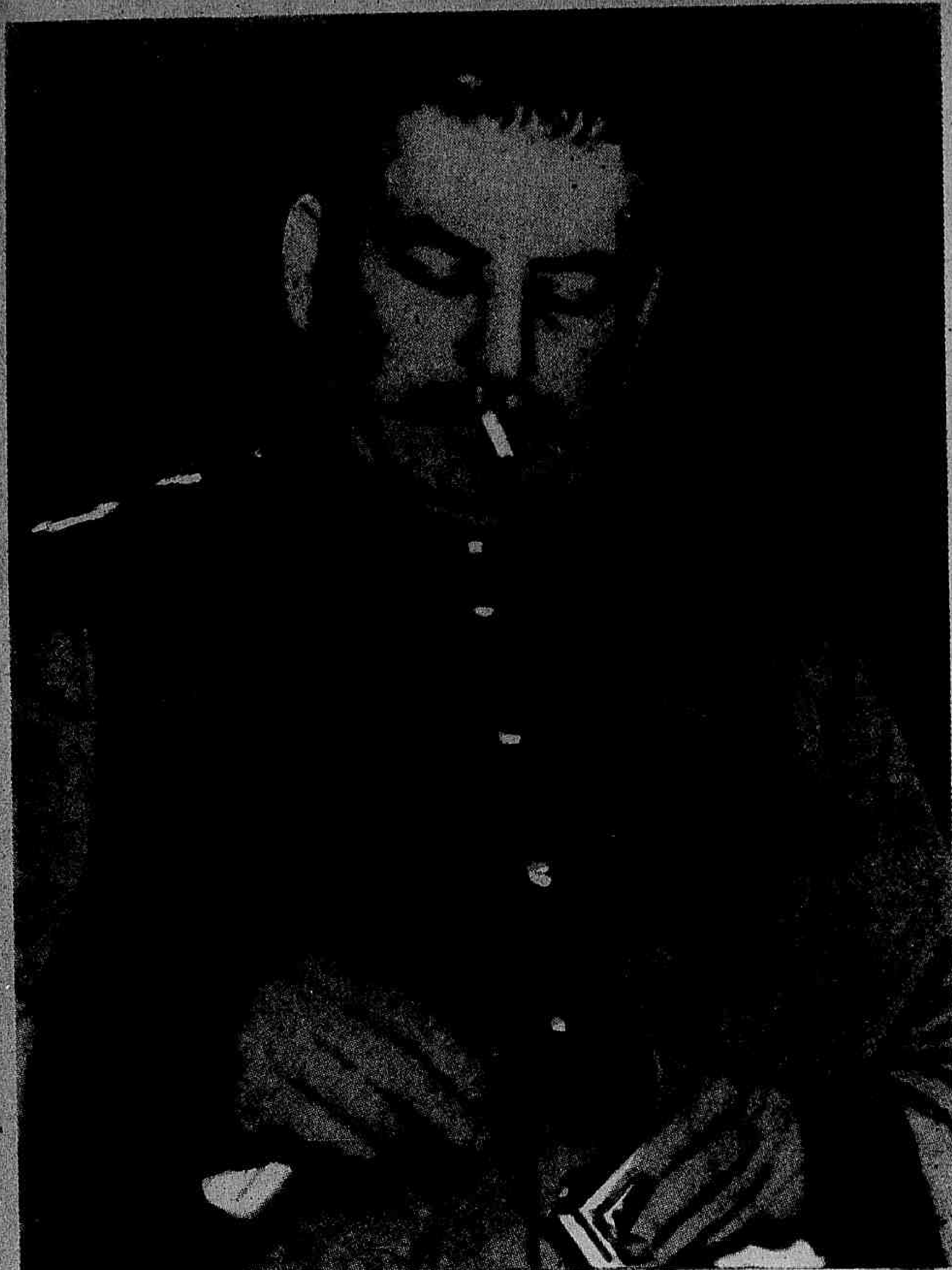
O veículo seguiu, velozmente, ao longo da Arbatt, uma das avenidas de Moscou onde se encontram as mais luxuosas casas de modas e penetrou no Kremlin pela **Porta de Madeira.** Trinta minutos depois, Frumovin se detinha diante de um homenzinho calvo, aparentando cinqüenta anos e que o observou agudamente, através das espêssas lentes dos seus óculos de míope.

Frumovin imediatamente reconheceu nesse indivíduo o seu colega, Dr. Alexander Frankel, **médico de Stalin.**

PESQUISA SECRETA — O Dr. Frankel já era uma grande celebridade, mesmo antes de ser elevado a médico-chefe e orientador dos cuidados indispensáveis à saúde do supremo mandatário da Rússia. Tinha sido, realmente, assistente do famoso biologista russo, Professor A. A. Bogomolets, ajudando ativamente êsse cientista em suas sucessivas experiências para estender a vida humana a 120 e 150 anos.

E jamais foi segrêdo nos círculos médicos russos que Frankel recebera a incumbência de prolongar a mais importante vida humana na União Soviética — **a de Joseph Stalin.**

Agora estava Frumovin diante do homem que muitos preferiam chamar de "o novo Rasputin"



O já bem idoso Joseph Stalin, cuja palavra é lei para mais de duzentos milhões de pessoas dentro das fronteiras da Rússia. Prolongar a sua vida é problema da maior importância para a Rússia Comunista, porque, com a sua morte, poderá sobrevir a revolução reacionária.

em razão do seu misterioso domínio sôbre o mais desconfiado e inacessível governante em todo o mundo.

Frankel falou lentamente, com um ligeiro gaguejamento nervoso:

— Chamei-o para lhe dizer que foi nomeado K. V. (Kremlevsky Wratch — Médico do Kremlin) na última reunião da Junta Médica do Kremlin. Terá sob sua responsabilidade a clínica do coração num hospital do Cáucaso, o qual trabalha exclusivamente no sentido de uma pesquisa secreta.

ALTA DISTINÇÃO — O título de Médico do Kremlin (K. V.) foi criado pelo próprio Frankel, em 1946. Os mais brilhantes luminares da profissão médica, na Rússia, foram ocupar o pôsto que passou a ser, não apenas a marca de excelência, mas também a mais alta distinção.

Na prática, a nomeação como K. V. significa o fim de tôda e qualquer vida privada para o médico assim distinguido. Alguns membros do círculo de auxiliares mais próximos de Stalin têm dois ou três K. V. à sua disposição, enquanto Stalin tem todo um grupo de oito médicos à sua disposição, encabeçados sempre pelo Dr. Frankel.

A despeito da grande distinção que isso representa, os médicos recebem um "convite" — atualmente é pouco menos que uma ordem — para fazer parte do K. V. com emoção não vizinha do mêdo. Porque o emprêgo não está livre de perigos e de armadilhas.

Quando o chefe do Politiburo, Andrei Zhdanov, morreu de um ataque do coração, no verão de 1948, o seu médico particular, ou melhor, o seu médico pessoal, professor Barscinski, foi "transferido" para dirigir um "hospital" (de apenas três leitos!...) numa aldeia da Sibéria. Barscinski é uma das grandes autoridades em enfermidades da coronária, mas falhou na tentativa de salvar a vida do seu famoso paciente — e com isso incorreu no desagrado de Stalin. Teve então que pagar o preço do seu fracasso, o qual é sempre pesado, quando cobrado pelo Kremlin.

Frumovin aceitou, com algumas breves palavras de agradecimento.

"— Eu não podia responder de outra maneira — disse êle, três anos mais tarde, meses antes de sua morte — Uma recusa seria o mesmo que confessar a minha oposição ao regime. E então seria o banimento para a Sibéria — ou coisa muito pior!"

Uma semana mais tarde, Frumovin viajou, por trem, para Kislovodsk, no Cáucaso. Continuava pensando que estava destinado a tratar de algum famoso paciente, recolhido a alguma clínica do coração no Kislovodsk Hospital.

Na estação de estrada de ferro de Kislovodsk, um oficial de alta patente e servindo à MVD o esperava num carro do Estado. Êsse veículo da polícia conduziu o médico a um grupo de edifícios que estavam cercados inteiramente por elevadas muralhas. Tropas da MVD com o distintivo KHON (Tarefa Especial) guardavam a entrada do recinto. Estavam armadas com metralhadoras portáteis e médias, da mesma forma que os guardas do Kremlin.

No interior dêsse recinto, um médico vestindo o uniforme branco o aguardava. Imediatamente reconheceu nesse indivíduo o professor Saborsky, o célebre biologista — e outro assistente de Bogobolets.

"— Seja benvindo ao Sanatorium dos 30 Stalins!"

Foram estas, realmente, as primeiras palavras de Saborsky.

ESQUEMA ESPANTOSO — Saborsky descreveu para Frumovin os detalhes do OPIT — a experiência — o colossal esquema a fim de tornar Stalin centenário. Essa "experiência" teve início em 1939.

Nesse ano, um grupo de médicos de Moscou visitou o Cáucaso em missão **sanitária.**

Êsses médicos inspecionaram uma centena de pequeninas aldeias e mesmo cidades, examinando milhares de indivíduos e passando-os sob o raio X, nos hospitais da própria região, submetendo-os ainda a testes de sangue e outros detalhes.

Mais estranho ainda: os famosos médicos de Moscou se interessavam por examinar apenas indivíduos com cêrca de 60 anos de idade. E nas longas filas assim formadas por preocupados e pálidos artezãos, lavradores e operár··s, selecionavam apenas um certo tipo — pesadões, de ombros largos, andar vagaroso, porém homens de físico robusto — e aparentemente **em boa saúde.**

Dêsses indivíduos, duzentos — preocupadíssimos — foram enviados para o Instituto de Biologia Experimental, em Kiev — o mesmo edifício em que o professor Bogomolets trabalhou em suas pesquisas experimentais para o prolongamento da vida humana. Ali seriam êles submetidos a mais minuciosos exames.

Quando, afinal, êsse trabalho de seleção terminou, restavam 30 Georgianos que tinham a mesma idade que Stalin, provinham do mesmo gênero de vida, tinham físico similar, igual constituição — e em muitos casos os mesmos gestos e os mesmos hábitos que o ditador do Kremlin, lembrando mesmo o Tsar Vermelho pelas feições. Eram homens habituados a fumar exageradamente e a beber com não menor entusiasmo.

Eram, de fato, os **Tridzet Stalinov** (os Trinta Stalins) de que Frankel necessitava para as suas experiências.



Um dos mais recentes retratos de Stalin (conversando com Molotov) e considerado um dos melhores jamais obtidos do chefe supremo da Rússia Soviética.



1918 — Stalin participou da guerra civil. Lenine teve sua atenção chamada para êsse agitador caucasiano e para os grupos de choque que êle próprio formara.

COBAIAS HUMANAS — No mesmo laboratório em que Bogomolets realizou suas experiências, o Dr. Frankel, com o Dr. Saborsky e todo um **team** de brilhantes cientistas trabalham na confecção dêsse novo **elixir,** capaz de estender a duração da vida de **um** homem: **Joseph Stalin.**

Os 30 Stalins da Clínica de Kiev são cobaias humanas, nas quais os cientistas ensaiam as suas novas drogas, os seus mais recentes seruns e elixires de longa vida.

O primeiro impacto de tais drogas foi realmente infortunado. Onze dêsses infelizes georgianos morreram nos primeiros três meses, e mais três ainda antes de completado o primeiro ano. Imediatamente foram substituídos por outros homens vindos das montanhas caucasianas.

Depois vieram os anos da guerra e essas experiências tiveram que ser interrompidas. Em 1946, a OPIT (a experiência) retomou a sua marcha, agora um tanto mais ativa, como a querer recuperar o tempo perdido.

O Dr. Frankel não se mostrava mais satisfeito com os laboratórios de Kiev. Desejava que os seus 30 Stalins tivessem uma vida tanto quanto possível semelhante à do original que vive no interior do Kremlin.



1922. Lenine decidira que o seu protegido seria secretário geral do Comitê Central. Em 1923, já prestes a morrer, Lenine quis voltar atrás e afastar Stalin. Mas já era tarde! Stalin era o Senhor!

TRABALHADORES NOTURNOS — A segunda fase da OPIT decorreu nos estabelecimentos da Sanatorya — os Sanatórios de Kislovodsk, no Cáucaso.

As 30 cobaias humanas foram transferidas para o edifício que serviu de sanatório para a nobreza georgiana, antes da revolução.

Com grande surprêsa de todos, eram êles obrigados a permanecer na cama, diàriamente, até duas horas da tarde e a sentar diante de suas respectivas "mesas de trabalho" de vinte às vinte e quatro horas, numa estreita imitação dos hábitos de trabalho do **Notchnoy Robotnik** (apelido de Stalin, no Kremlin, significando "o trabalhador noturno" e uma alusão aos métodos de trabalho noturno de Stalin).

O número de cigarros que Stalin fuma, o que êle bebe, os seus exercícios, os seus passeios — tudo enfim foi copiado pelos **Tridzet Stalinov no Sanatorya.** Até as suas viagens diárias, em automóvel, do Bosque Rublovda, próximo de Moscou, onde está situada a sua Dacha (casa de campo) particular, ao Kremlin, são feitas pela manhã e na madrugada. Os pobres homens, estupefatos, não compreendem por que são assim conduzidos de um lugar para outro, a cem quilômetros por hora, duas vêzes por dia!

O mais famoso "paciente", no **Sanatorya,** a êsse tempo, era Jakov Galadhze, primo de Stalin. O pai de Jakov era irmão da mãe de Stalin, Ekaterina. Jakov é três anos mais moço que Stalin, sendo muito parecido com o ditador. (Na realidade, representou êle o papel de **doble** de Stalin durante a guerra, substituindo mesmo o "Marechal" nas visitas às linhas de frente.)

O "PEQUENO KREMLIN" — A vida de Jakov foi modelada na de Stalin em todos os seus detalhes. Quando os médicos, em 1946, decidiram que Stalin precisava perder pêso, Jakov foi submetido a uma dieta similar. Os dois homens perderam o mesmo número de quilos: 5 k e 200 g.

Quando o Dr. Frumovin chegou a Kislovodsk, em 1947, muitos dos pacientes alimentavam a esperança de algum dia deixar o sanatório.

Havia ali esplêndidos tipos — rústicos e robustos montanheses, gente simples e boa, em sua maioria artezãos e agricultores. A longa separação de seus lares e de suas famílias não havia ainda quebrado o seu espírito. Chamavam o lugar de **Malinkye Kremlin** — O Pequeno Kremlin.

"— Só há um meio de sairmos dêste lugar: num caixão, como outros saíram muito antes de nós" — declarou um dos internados no sanatorium, para Frumovin. Tratava-se de um homem que **era como o irmão gêmeo de Stalin,** parecendo-se com êle **até mesmo na voz profunda e gutural;** era um sapateiro, como o pai de Stalin e vinha de Gori — justamente o berço de Stalin!

O **Sanatório** consiste de quatro edifícios. No maior — no primeiro andar — vivem os 30 Stalins. Outro edifício abriga o laboratório, as clínicas e o hospital, para onde são levados os "pacientes" sob tratamento especial. O terceiro edifí-

cio, construído sòmente em 1946, não passa mesmo de uma barraca. Foi construído para abrigar um destacamento especial da MVD, que guarda o Pequeno Kremlin noite e dia.

Ainda no recinto das altas muralhas há uma moderna cocheira, na qual estão três maravilhosos cavalos, provàvelmente os animais de mais fino **pedigree** em tôda a União Soviética. O Dr. Matchuk, especialista em serum, além de dois operadores veterinários e uma legião de auxiliares, cuidam dêsses três cavalos.

Êsses três animais suprem Stalin com **Lekarstvo** (o remédio), três vêzes por semana. Trata-se de um serum ACS, especialmente preparado.

EXCELENTES ESPÉCIMES — O grande Bogomolets descobriu o serum ACS, considerando-o remédio sensacional contra o processo de envelhecimento e desgaste do sistema vascular (vasos sanguíneos). Obteve o serum da medula óssea e do baço dos indivíduos moços, mortos por acidente. Tais substâncias são introduzidas na corrente sanguínea de cavalos sadios, e do sangue dêstes é manufaturado o ACS.

O Dr. Frankel e o seu "team" afirmam que conseguiram passar **muito além** da descoberta de Bogomolets.

No correr dos últimos três ou quatro anos, os hospitais, em tôda a Rússia Ocidental, têm cooperado com o Dr. Matchuk, enviando os corpos de "excelentes" espécimes para a sua clínica — para o maior desespêro dos parentes dêsses pobres moços, mortos em acidentes. Os médicos usam um sem número de desculpas para explicar o desaparecimento dêsses corpos; chamam ao avião que conduz os caixões com os corpos para Kislovodsk: **"o Expresso de Stalin".**

O Dr. Frumovin passou três meses no **Sanatorya.** O chefe dêste estabelecimento, Professor Saborsky, disse-lhe, claramente, no primeiro dia, que sua tarefa consistiria, ùnicamente, em sondar as funções do coração de seus "pacientes", apresentando minuciosos relatórios do seu trabalho.

Frumovin jamais teve permissão para ler os registros contendo os nomes e demais dados civis referentes aos seus "pacientes". Quando protestou junto a Saborsky, contra essas restrições, o chefe respondeu:

— Vladimir Maximilianovich; isto pode realmente ser idiotice, mas, na verdade, é uma ordem "lá de cima" e temos que obedecer. Nem deve protestar muito, pois poderá ser perigoso para você!

Durante essas 12 semanas, o Dr. Frumovin examinou os 30 Stalins, um após outro, tendo então iniciado um "registro" todo seu e independente.

A "MÁQUINA DA VIDA" — Dois "pacientes" foram mantidos separados dos demais. Receberam um tratamento **especial** numa clínica, no andar térreo do edifício do hospital. Três vêzes por dia Saborsky, em pessoa, dava nos mesmos uma injeção de uma nova droga e a seguir estudava as reações sôbre as funções do coração. A droga reduziu as pancadas do coração a 30 por minuto, sem qualquer efeito mau aparente sôbre a saúde do paciente. Essa droga foi simplesmente chamada "N.º 37".

Todo o corpo médico do **Sanatorya** estava sempre pronto para discutir tècnicamente com Frumovin, porém ficavam todos silenciosos tão depressa as discussões mencionavam Stalin e a real finalidade dessas "experiências". Tornou-se óbvio para Frumovin que o Kremlin usava os seus serviços, embora sem o prender completamente.

Durante a sua estada em Kislovodsk, Frumovin ouviu falar pela primeira vez, na "máquina da vida", do Dr. Sagisnitt.

Um dos médicos no Kremlin tinha um papel especial. Era êsse o Dr. Pavel L. Sagisnitt, antigo assistente do famoso cientista e cirurgião, Professor V. A. Negovsky.

Negovsky se tornou famoso em todo o mundo,

* *

ESFORÇOS CONJUGADOS

(Uma anedota da última guerra)



NO correr da cruenta batalha de Guadalcanal, dois homens do Corpo de Fuzileiros da Marinha norte-americana — um capitão e um cabo — tinham ficado isolados num mesmo "buraco de rapôsa", na frente de combate. Durante a noite foram incessantemente atacados pelo tiro nutrido de um nipônico, escondido em qualquer palmeira próxima. Reconhecendo que era forçoso localizar e eliminar o adversário logo aos primeiros raios do dia, o capitão, cautelosamente, levantou a cabeça, colocando-a um pouco acima do bordo do seu "buraco de rapôsa" e procurando varar as trevas com o olhar. Nesse instante o japonês tornou a atirar e o cabo, imediatamente, respondeu, disparando a sua arma.

— Conseguiu *apanhá-lo*? — perguntou o capitão cheio de esperança.

— Não posso afirmar, senhor — disse o cabo — Mas se o senhor levantar a cabeça outra vez, tenho a certeza de que não errarei o tiro desta vez.

durante a última guerra, quando conseguiu fazer retornar à vida indivíduos que já haviam sido considerados, clìnicamente, mortos. E' êle o inventor da "Máquina da Vida", **um aparelho que age sôbre as funções do coração, pulmões e da circulação do sangue, nos críticos seis minutos que se seguem à morte clìnicamente comprovada.**

A máquina foi usada com êxito espetacular em soldados que haviam "morrido" em ação, e Stalin se mostrou, desde logo, muito interessado.

O Dr. Sagisnitt construiu uma especial "máquina da vida" para Stalin, não maior que um piano e até lembrando êsse instrumento musical. A máquina pode ser removida ràpidamente de um local para outro e o Dr. Sagisnitt, com o seu "piano" nunca estêve muito distante de Stalin nestes últimos três anos, acompanhando o ditador mesmo em suas viagens de trem.

O médico e sua máquina são conservados, porém, longe das vistas de Stalin. Êste sabe da sua existência, mas não lhe agrada recordar **os motivos** por que Sigisnitt sempre está próximo... e pronto a iniciar seu trabalho.

Haviam decorrido três meses, exatamente, desde que Frumovin ingressara no laboratório, quando o Dr. Frankel chegou, acompanhado por um médico estrangeiro.

Tratava-se do Dr. B. Kratochvil, um especialista do coração, de nacionalidade tcheca. Chegava a Kislovodsk a fim de substituir o Dr. Frumovin.

— Cabe-me apresentar ao senhor os agradecimentos do Govêrno por seu trabalho neste sanatório — disse Frankel a Frumovin. — Por favor, retorne a Moscou e mantenha-se à disposição do Kremlin.

Frumovin retornou a Moscou, retomando o seu trabalho de rotina. O Kremlin não retomou contato com êle... a não ser a visita de um coronel da MDV, para "uma cordial palestra", na qual tratou de impressionar o famoso médico sôbre a necessidade de guardar absoluto segrêdo do que tinha visto em Kislovodsk!

PODERÁ FRANKEL ALTERAR O CURSO DA NATUREZA? — A classe médica na Rússia está dividida nessa questão. Alguns acreditam que essa OPIT, essa experiência do Dr. Frankel, deve ser colocada entre os grandes **bluffs** e charlatanismos. Outros crêem que Frankel tem realizado grandes e úteis esforços no sentido de preservar e fortalecer a saúde do ditador.

CURAS DE REPOUSO — Foi há dez anos que Frankel se lembrou de tornar Stalin consciente da necessidade de conservar as próprias fôrças. (Quando o marechal Tito visitou Stalin, depois da guerra, seu então chefe e amigo interrompeu importante conferência após duas horas... — a fim de deitar-se num divã, para repousar.)

"— Preciso de poupar minhas fôrças" — explicou Stalin a Tito.

Foi Frankel quem insistiu para que Stalin tomasse férias prolongadas e curas de repouso em Sochi, no Mar Negro.

Como seu antigo mestre, Frankel está convencido de que a longevidade "é própria de certas famílias".

Essa teoria, se absolutamente certa, vem dar a Stalin excelente chance de tornar-se centenário. Na verdade, é oriundo de uma família famosa pela vida longa dos seus membros, numa parte do mundo onde os centenários não constituem uma raridade.

Seu avô, Ivan Djugashvily, morreu aos 89, em Didi Lilo. Dois de seus tios chegaram aos 94. Um tio-avô morreu em Gambareulli com a idade de 101, "mas afirmando ter 119" (de acôrdo com um apagado registro de igreja). Seu pai, é certo, morreu moço; mas Vissarion Djugashivily, o sapateiro, tinha inúmeros vícios prejudiciais à saúde — e a embriaguês era um dêles.

UMA PODEROSA FIGURA NO PALCO DO KREMLIN — Os céticos afirmam que Stalin envelheceu consideràvelmente durante os últimos cinco anos, tendo estado várias vêzes entre a vida e a morte. E tratam de ridicularizar a idéia de que a **Morte respeitará a pessoa de Joseph Stalin!**

Não negam, porém, que Frankel, com os seus esforços — e a ajuda das cobaias humanas — tem conseguido prolongar a vida de Stalin.

Stalin tem hoje setenta e três anos. Tinha 60, quando, pela primeira vez, submeteu-se aos cuidados médicos do Dr. Frankel.

Hoje, o médico quase anão se tornou uma poderosa figura no cenário do Kremlin.

O ditador absoluto da Rússia e dominador da Europa Oriental obedece às ordens dêle — e o faz cegamente! Stalin é, hoje, o mais confiante **discípulo** de Frankel — e a tarefa de "conquistar a longevidade" foi oficialmente incorporada ao **V Plano de Quatro Anos.**

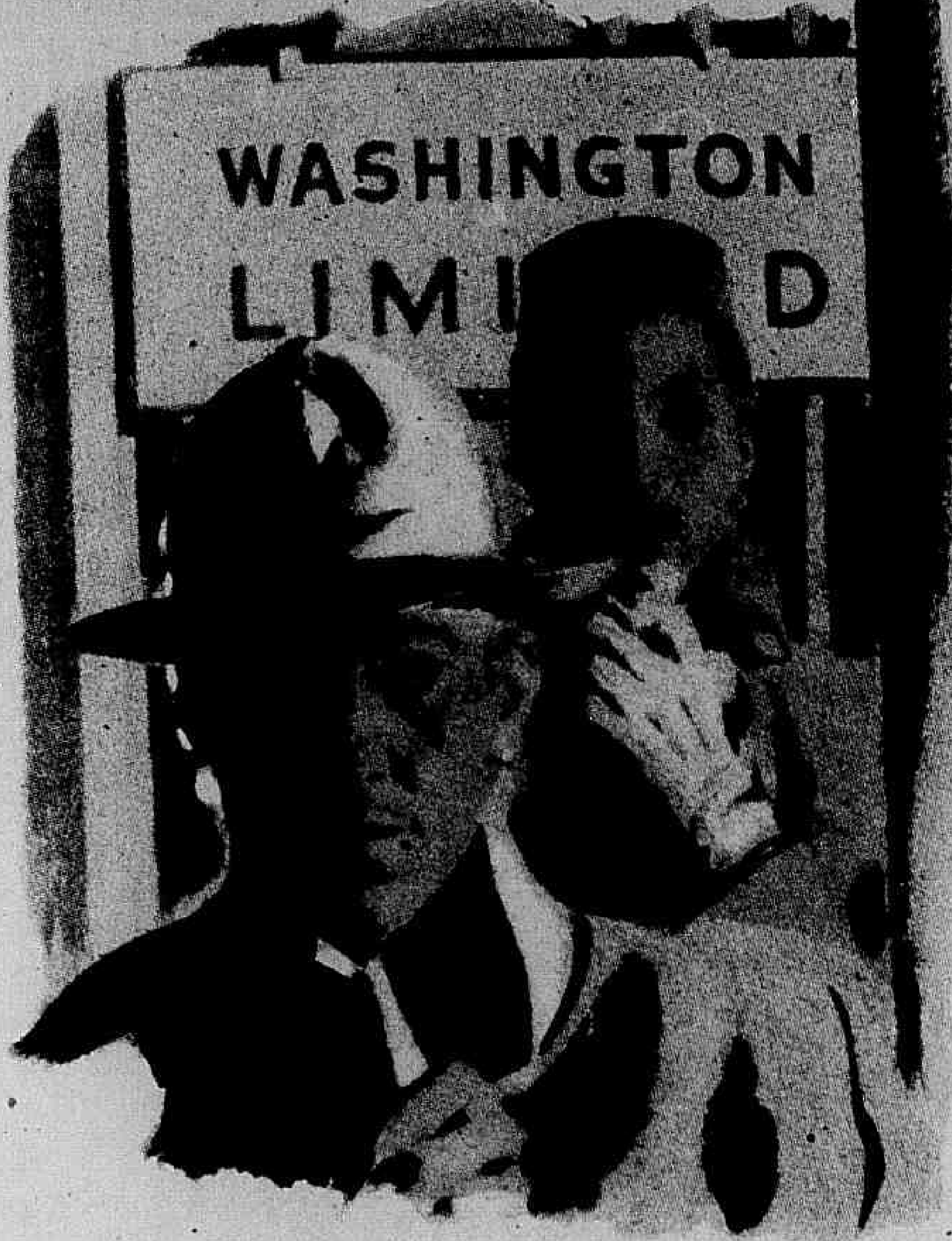
★



SIMEÃO, DA BULGÁRIA, E O FUTEBOL — O jovem rei da Bulgária, perdido entre a massa de torcedores, no estádio de Alexandria, assiste ao encontro entre as seleções de futebol do Egito e da Áustria. O jovem príncipe, que acaba de completar 16 anos, goza da hospitalidade da nação egípcia, em companhia de sua mãe, Giovanna — filha do falecido rei Vitório Emanuel, da Itália — desde que os acontecimentos políticos colocaram o seu pai nas mãos do comunismo russo.

O MISTERIOSO LIVRO Negro

ELLERY QUEEN



Ellery não foi molestado ao entrar na estação e tratou de abrir caminho para o trem.

ELLERY NUNCA SE SENTIU TÃO PERTO DA MORTE COMO NAQUELA MANHÃ EM QUE O **CZAR** DO CRIME ENTROU EM SUA CABINE ESPECIAL, NO TREM PARA WASHINGTON

★

O **caso do Livro Negro** foi um dos mais importantes que Ellery já enfrentou; e sua importância muito aumentou pelo esfôrço que foi necessário empregar na sua elucidação.

Consistiu, entretanto, êsse esfôrço, ùnicamente, em representar o **menino de recados**, sendo que a tarefa era transportar, de Nova York a Washington, o tal livro cobiçado.

Por que o transporte de um livro, de uma cidade para outra, seria considerado um problema, o livro valendo, no máximo, dois dólares? E por que Ellery seria o encarregado disto, em vez de um outro agente qualquer?... E por que êle iniciaria a viagem sòzinho e, deliberadamente, desarmado?...

As respostas a estas perguntas serão encontradas oportunamente, linhas adiante. Esta história começa onde aquela termina.

Aparentemente, o Livro Negro era insignificante. Tinha uma encadernação negra, comum, de pano-couro, com as bordas esfarrapadas, medindo umas seis polegadas por oito, com talvez meia polegada de espessura e contendo cinqüenta e duas páginas pautadas e divididas por linhas azuis e encarnadas. Seu aspecto geral era de coisa muito usada.

Não obstante, aquêle era um dos mais infames volumes da história do crime, na América do Norte, pois nas pautas azuis daquelas cinqüenta e duas páginas estavam anotados os nomes e endereços de todos os mais importantes distribuidores regionais **e ilegais** de narcóticos, nos Estados Unidos, todos anotados pela caligrafia pessoal do chefe de tôda a rêde.

Quando se deu a disseminação epidêmica de drogas nos 48 Estados, a polícia buscava desesperadamente esta lista de contraventores. O Livro Negro era uma indiscreta e monstruosa revelação e, para evitar que êle caísse nas mãos da polícia, o monstro misterioso, autor da seleção de colaboradores, não se deteria ante coisa alguma.

Os dois agentes do govêrno que chegaram a pôr as mãos no livro pagaram, com a vida, êste triunfo. Por esta época o Livro Negro estava — temporàriamente — a salvo, em Nova York. E nesse ponto Ellery entra na história.

O lugar em que êle examinou o Livro, aceitou a missão e se preparou para a levar avante, permaneceu sob severa vigilância, segundo pôde, imediatamente, perceber. O maioral daquela super-organização criminosa não era nenhum tolo: era um gênio de alma perversa, de poderes amplos, grandes recursos e imensa rêde de comunicações, levando o crime muito a sério e tendo tudo organizado como uma firma comercial. Os métodos comuns falhariam, com certeza! Pelo menos, uma demonstração de fôrça, no caso, poderia transformar tôda a área em imenso campo de batalha, vitimando pessoas inocentes. E, por isso, o plano de Ellery foi aprovado.

Uma cabine especial, no trem da manhã, para Washington, foi oficialmente reservada, por telefone, para êle; depois, no momento combinado, êle saiu para a rua.

O dia de outono estava cinzento com o céu ameaçador e Ellery levava um guarda-chuva com cabo de bambu, pendurado num braço; protegeu-se com um sobretudo listrado e carregava uma pasta volumosa.

De fato, Ellery parecia ignorar que, desde o instante em que o seu pé tocou a calçada, sua possibilidade de sobreviver era frágil. Fumando plàcidamente o seu cachimbo, caminhou para a esquina, onde um grande automóvel negro parou para que êle entrasse, fazendo um sinal ao agente que o dirigia.

O percurso até à estação foi tranqüilo, apesar

de seguido por outro automóvel, ocupado por três homens. Porém nada indicava que êles estivessem interessados por Ellery, pois êste não os viu, ao saltar, e, tranqüilamente, dirigiu-se para a sua cabine, trancando-se por dentro, não sem ter, prèviamente, o cuidado de apresentar a passagem ao condutor, para não ser depois incomodado. **Isto** — só mais tarde percebeu — **foi o seu êrro!**

Mal acabara de se acomodar quando bateram à porta e alguém falou:

— E' o condutor.

Ellery, que acabara de entregar a passagem, julgou ter havido algum engano, tornou a abrir e os três homens que o haviam seguido entraram, trancando a porta.

Ellery ficou muito surpreendido ao notar que o "monstro" era **um dêles** (foi o que sentou na melhor poltrona, estando impecàvelmente vestido). Era homem de meia-idade, de cabeleira rala, partida ao centro, e olhos soturnos. Era um milionário! E Ellery pensou — um milionário que ganhara os seus milhões destruindo a vontade, a saúde e o futuro de centenas de idiotas, muitos dos quais, crianças e adolescentes.

— Vocês devem ter ouvido meu recado telefônico em linha cruzada! — disse Ellery.

O "rei dos narcóticos" não respondeu. Olhou para o mais forte dos seus dois companheiros, o de nariz quebrado, que logo explicou:

— Êle não falou com ninguém a não ser com o **chauffeur** do automóvel que o trouxe à estação e não trocou ou deixou nada no veículo; nós o examinamos.

O "monstro", ainda sentado, olhou para o outro homem, que tinha um tique nervoso no ôlho esquerdo, interrogando-o com um gesto.

— Ninguém mais saltou além dêle e Al está em permanente comunicação com os nossos agentes, pelo telefone do trem — falou o do tique.

O olhar soturno voltou-se a examinar Ellery:

— Você quer continuar vivendo? — perguntou com voz branda, quase feminina.

— Tanto quanto qualquer outro — respondeu Ellery, tentando controlar-se.

— Então vá entregando...

— Ora, desista disso — falou Ellery bocejando.

O de nariz-quebrado se adiantou um pouco, mas o "monstro" o deteve:

— Espere. Primeiro esvazie a pasta que êle trouxe.

O outro, obediente, abriu a pasta que continha apenas um catálogo telefônico, de Manhattan.

— Não há mais nada, aí dentro?

— Nada! — E o **Nariz**, jogando a pasta para um lado, apanhou o catálogo e folheou-o, muito intrigado.

— Estranho livro para uma viagem! — falou o **Tique.**

— Minha leitura favorita! — respondeu Ellery, que já estava começando a sentir sêde.

— Agora, o casaco e o chapéu.

Nariz pegou o casaco e Tique o chapéu.

— Não caberia aqui — queixou-se o primeiro.

— Com a capa, não; mas êle é esperto, deve ter separado as páginas!

— Mas eram cinqüenta e duas páginas! — protestou o homem do tique nervoso.

O "monstro" nada dizia. Seus olhos avermelhados estavam parados, fitando o guarda-chuva, de cabo de bambu, que Ellery segurava. Bruscamente, tomando-o, abriu-o, olhou para o lado.

— Não está aqui! — falou **Nariz**, jogando ao chão o fôrro do sobretudo que cortara a canivete, arrancando bolsos e desfazendo as costuras.

— Dispam-no, então!

Ellery sentiu os joelhos dobrarem quando Nariz o segurou. E Tique começou a arrancar-lhe as roupas sem demora, enquanto o Olhar Soturno o observava com a paciência de um crocodilo.

— Deixem-me ao menos com a roupa de baixo — disse Ellery muito zangado.

Porém êles nada deixaram e, despido como quando nasceu, pôde o policial apenas embrulhar-se no que restava do seu sobretudo e sentar-se num canto, fumando o seu cachimbo — sentiu no fumo um gôsto de metal, mas mesmo assim o confortava um pouco. Apanhou então a lista telefônica de Manhattan e preparou-se para ler. Calculou que não haveria paradas até chegar a Washington, isto é, **se chegasse!** Mas enganou-se. Na estação seguinte entrou um homem na cabine. **Nariz**, obsequioso, dirigiu-se a êle chamando-o de **doutor.** Era um homenzinho gordo, calvo e com a papada formando três queixos; pendurada na mão direita, trazia uma pasta. Olhou para Ellery com a expressão de um professor olhando um cadáver numa aula de anatomia. Ellery folheou a lista telefônica e aguardou.

O trem corria através de Nova Jersey quando o **Doutor** se referiu a si mesmo, como sendo Secretário do Departamento do Interior, mas quando o trem atingiu Pennsylvania, parecia transpirar, pouco a vontade, e fazia o seu relatório ao homem de olhar soturno... e o resultado fôra negativo. O "monstro" falou para **Tique:**

— Diga ao Al para telefonar ao Jig a fim de que êste venha com algum equipamento. (E olhando para Ellery mostrou, pela primeira vez, um sorriso de dentes falsos — **um pesadelo.**) Talvez uma escrita com tinta secreta, hein? — concluiu com ar sarcástico.

Em Filadélfia, Jig entrou. Mais tarde, **Nariz** entrou e saiu com recados que Jig completava. Jig era magro, ombros estreitos e um pé defeituoso.

O Livro Negro, inteiro ou em partes, não estava nas roupas de Ellery! Provava-o a ruína que restava do que foram o seu casaco, as suas calças, a sua camisa, as meias... Tudo havia sido cuidadosamente descosido e cortado. Os sapatos cortados e até o cinto, inofensiva tira de couro, fôra minuciosamente retalhado. Todos os seus pertences estavam em demonstração — chaves, níqueis, etc. Sua carteira, contendo noventa e sete dólares, um **canhoto** de cheques, uma licença para dirigir automóvel, um talão do Clube dos Escritores de Mistério, cartões e apontamentos. Seus livros de cheque foram desfolhados — a

Ellery dobrou os joelhos ao se ver atacado sem qualquer contemplação...

bôlsa de fumo, que continha apenas fumo para cachimbo — um maço de cigarros, tudo revistado. Uma carta da editôra, reclamando o original de uma história e outra, de um indivíduo que chamava a si próprio de Adolf Hitler e ameaçava Ellery.

Jig declarou que nada, no prisioneiro ou em volta dêle, continha escrita secreta, nem mesmo na pele.

O trem se aproximava de Maryland, e o "monstro" mordia os lábios, raivosamente.

— Quem sabe? — arriscou o **Nariz** — se êle decorou o livro, hein?

— E' mesmo — apoiou **Tique** — Êle pode estar levando tudo **de cabeça**, enquanto o livro continua em Nova York.

O **Olhar Soturno** olhou-os e depois falou:

— Há vinte e oito nomes em cada página e cinqüenta e duas páginas no livro, o que resulta em quase mil e quinhentos nomes! Quem vocês acham que êle é? Einstein? Olá, para que você apanhou a lista telefônica outra vez? Que quer com ela?

Ellery tornou a encher de fumo o cachimbo, para ganhar tempo:

— Todo o mundo gosta de ler histórias de mistério, no trem. Eu não posso fazer o mesmo, pois as escrevo! Prefiro, portanto, a lista telefônica!

— Você aí, Jig! Examine esta lista telefônica.

E a lista foi arrebatada das mãos de Ellery.

— Mas eu já a examinei e não tem **escrita secreta!**

— Que **escrita secreta!** Estamos procurando uma **lista de nomes...** e no catálogo telefônico estão todos os nomes conhecidos, procure marcas, sinais perto dos nomes... Qualquer indicação!

—Alguém quer ter a bondade de me ceder um fósforo? — pediu Ellery amàvelmente.

Estavam chegando a Washington, quando Jig voltou do compartimento onde improvisara o seu laboratório.

Não há marcas, nisto! Está como veio da companhia telefônica.

— E até agora não veio qualquer notícia de Nova York, por telefone. Só Baltimore!

— Então, no fim de tudo, êle é uma... **tapiação!** Fizeram-nos ficar entretidos com êste cara, aqui, enquanto outro, provàvelmente, escapava com o livro! Mas êles se enganam. Mais cedo ou mais tarde deitaremos mão nêle! — falou o "monstro".

O trem estava parado na estação de Washington, quando Ellery, parecendo mais um ator louco do que um ilustre detective-cavalheiro-escritor, apanhou, com dignidade, o seu guarda-chuva e falou com afetação teatral:

— E agora, quando eu sair, serei morto, a tiros, pelas costas?

— Oh! Lá vai você levando o guarda-chuva? Que é que há com êle?

— O... guarda-chuva...? Mas vocês já o examinaram...

— Ah! Então era isto? Examinamos, sim, **mas no lugar errado!** E êste cabo de bambu? Você enrolou as páginas e guardou-as aí dentro! Tirem o guarda-chuva da mão dêle! — gritou o "monstro", nervosamente.

Ellery Queen sentiu a pressão da mão de ferro de **Tique**, enquanto **Nariz** destroçava o cabo do guarda-chuva. E quando sòmente lascas de bambu restavam, espalhados pelo chão, o "monstro" se levantou, furioso, gritando:

— Dêem um pontapé nêle! Joguem-no fora daqui!

★

Vinte e seis minutos mais tarde, Ellery era conduzido ao escritório de um membro muito importante de uma importante repartição do govêrno, em Washington.

— Sou o mensageiro de Nova York — disse Ellery — e trago o Livro Negro!

★

Ellery não tornou a ver o "monstro" senão no dia do julgamento, no tribunal federal. Encontraram-se no corredor. O "rei dos narcóticos", cercado por policiais, advogados e repórters, tinha todo o aspecto do criminoso perdido. Não obstante, no momento em que viu Ellery seu rosto se iluminou, pulou para a frente, agarrou-o e, levando-o para um lado, falou:

— Mantenha êstes abutres à distância, um instante, Ellery, por favor! Depois que eu soube que você me burlou naquele trem, tenho tido dor de cabeça, querendo descobrir como conseguiu esconder o livro! Não estava com você, nem em você, nem no catálogo telefônico, nem no guarda-chuva! Mas onde? Onde? Diga, por favor!

— Está bem. Eu não me importo de lhe dar o **tiro de misericórdia!** Vou dizer como foi. O guarda-chuva e o catálogo eram apenas **iscas.** Era preciso ganhar tempo e dar ocupação a vocês, enquanto o livro **nunca saiu de minha mão!**

— De que é que você está me querendo convencer?

— Foram o tamanho e o conteúdo que atrapalharam vocês, pois esqueceram de que ambos podiam ser reduzidos.

— Como?

— Microfilme! — disse Ellery — Durante a guerra foi muito usado para reduzir o volume da correspondência dos soldados. Cada carta **encolhia** para uma polegada quadrada, e cada tonelada de cartas ficava reduzida a vinte libras. Compreende? Um pequeno rôlo de filme...

Mas onde...? Em sua mão...? Não podia empalmar... Não!

— Eu não seria tão tolo para me arriscar tanto assim. O rolinho estava em algo a que apliquei fósforos acesos, a viagem tôda...

— Você... Você botou fogo no livro?

— Seria interessante, não? Porém o micro-filme estava num envólucro **à prova de fogo,** bem protegido, e êste bem encaixado dentro do meu cachimbo. O fumo ficou com gôsto de metal, mas quando me lembro dos rapazes e moças, de todos os que aprenderam a fumar **marijuana** e se arruinaram, eu acho que meu sacrifício valeu a pena, não é mesmo?

PARA AS SUAS HORAS NEGRAS

NINGUÉM É TÃO POBRE QUE NÃO POSSUA MUITAS DESSAS PEQUENINAS VELAS...

Não pode haver bastante escuridão, em todo o mundo, capaz de anular a simples luz de uma vela...

DURANTE a última guerra, tive ensejo de ouvir Cecil Roberts, o renomado novelista inglês, contar como encontrara estas palavras em recente e modesta pedra tumular, numa das muitas cidadezinhas inglêsas que haviam sofrido o massacre da "Luftwaff". E como procurara, em vão, a fonte dessa "frase célebre", que, segundo imaginava, devia pertencer a algum destacado filósofo, mestre e criador de alguma escola de retórica. Mas, como finalmente pôde saber, não se tratava de nenhuma **frase célebre**, mas apenas de uma inscrição, ali mandada colocar por uma senhora de idade avançada, e que vivia só desde que o seu marido e companheiro de muitos anos morrera vitimado por uma bomba de avião inimigo.

Sempre recordei essas palavras, e não apenas por sua poesia e sadia imaginação, mas principalmente pela grande verdade que elas encerram. Uma verdade tão simples e tão profunda — parece-me — que pode ser aplicada a qualquer situação: as horas mais negras de uma grande nação ou os pequeninos dissabores que podem afligir a qualquer um de nós.


Arthur Gordon

Nesses momentos de desânimo ou derrota — como também nos de maior desespêro — sempre existirão certos fatos ou lembranças a que nos agarremos. Coisas pequeninas, geralmente: um bom sorriso, que ficou na nossa lembrança; o rosto de uma criança adormecida; uma árvore amada em luta contra o vendaval... De fato, qualquer lembrança de alguma coisa profundamente sentida ou muito amada.

Nenhum homem é tão pobre que não possua muitas dessas pequeninas velas. E quando elas brilham, as trevas — as horas negras — recuarão.



Fotografados com "flash" eletrônico, cujo reflexo pode ser visto sôbre a pupila, os olhos de Susana reproduzem... o quadrante de um relógio e seus algarismos romanos.

GRANDES MÉDICOS DE PARIS ESTÃO CURVADOS SÔBRE ÊSTES OLHOS ESTRANHOS!

Foi um correspondente de jornal parisiense que, ao viajar pelo interior da França, para entregar vários prêmios às famílias numerosas, chegou à aldeia de Saint-Mars-des-Prés e notou que a sétima filha do casal Paradis, com seis anos apenas, tinha êsses olhos extraordinários: verdadeiras letras douradas nêles apareciam sôbre fundo azul. Aí estão os olhos da pequenina Susana, várias vêzes aumentados para que os leitores observem... um verdadeiro quadrante de relógio, com algarismos romanos: o I, o II, o II, o IV, o V e o X. Não estão, porém, em ordem. Os mais célebres oftalmologistas da França reconhecem que êsse é um caso sem precedente e já agora, uma comissão estuda o caso dessa pequenina aldeã, a fim de fazer um comunicado à Academia de Ciências de Paris.



Aqui está Susana, a pequenina aldeã francesa, que tem nos olhos um relógio!



TEIMOSO — Por muitos anos, Gus, um pobre coitado, viveu em Portland, Oregon, com seus infortúnios. Sua residência, na maior parte de cada ano, era a cadeia da cidade. Após cumprir mais uma sentença por embriaguês, na via pública, chegou à primeira esquina e embriagou-se até cair... "para festejar a sua liberdade" — segundo explicou ao policial que o levou de volta para o xadrez.

Porém o maior golpe de Gus foi, sem dúvida, no verão de 1945, quando foi mandado faxinar o local onde eram estacionados os veículos do departamento policial. Era uma vasta área, onde sempre havia espaço sobrando para atender a qualquer emergência de caráter policial. Entretanto, logo no dia imediato, o local começou a ser invadido por automóveis estranhos. Um rápido inquérito revelou que o esperto Gus estava alugando, simplesmente, as "vagas" aos automóveis particulares, cobrando de cada chauffeur amador vinte e cinco cents... "para ter dinheiro e festejar condignamente" a sua próxima saída do xadrez.

A coroação de Elizabeth II


S. M. ELIZABETH II

Um sinal dos tempos ★ Os "Pares do Reino" em situação difícil ★ O regulamento do Duque de Norfolk ★ Tormento para os pais... Delícia para espôsas e filhas!

UM sinal do tempo, na Inglaterra, é sem dúvida o fato de se ouvir o inglês falar, num mesmo fôlego, em custo da vida e coroação. E êsse pensamento extraordinário, verdadeiramente sacrílego, é exposto abertamente, nas ruas, nos **tramways**, nas casas onde é vendida ùnicamente cerveja ou mesmo nas mais elegantes casas que só vendem chá, e fazem de **Piccadily Circus** e seus arredores a zona preferida por artistas e intelectuais: **"Podem os Pares do Reino suportar as despesas de uma Coronation?"**

Em 1937, quando George VI foi coroado, a idéia não cruzou, sequer ràpidamente, o pensamento de quem quer que fôsse, no Reino. Os pares gozavam ainda de grande prestígio e reputação de fartura de rendas. Hoje, entretanto, muitos pares se encontram sèriamente ameaçados — e isso é coisa que nenhum inglês ignora. Muitos dos 700 — ou pouco menos — membros da velha nobreza, figurando entre os **Pares do Reino** — e datando de antes da II Grande Guerra — possuem os velhos vestuários de gala, com todos os ornamentos devidos e que vieram passando de mãos em mãos, juntamente com os títulos, de geração em geração... há cêrca de duzentos anos!

Mas, que dizer dos 187 novos **pares** (e suas **ladies**), criados a partir de 1937? Antes da última guerra, alguns dos novos pares criados por George VI foram os chamados **capitães da indústria**, suficientemente ricos para sustentar o título. Durante a guerra, relevantes serviços prestados à nação foram suficientes para elevar homens de modesta fortuna até à Casa dos Lords; além disso, o Govêrno Trabalhista, de 1945 a 51, agindo conscienciosamente, enviou para a **Casa Alta** os mais dignos membros do Partido, embora homens pobres, que podiam sustentar as idéias trabalhistas em confronto com os mais brilhantes oradores adversários, que ali ocupavam cadeiras pertencentes aos conservadores desde a mais velha nobreza.


Coroação de Ricardo II, em 1377, em Westminster Abbey, cenário de todos os rituais da "Coronation".

UM CASO TÍPICO — Sem dúvida um caso tí-


*Nas grandes casas especializadas da Inglaterra, centenas de costureiros consertam, retocam e preparam os **vestuários** para a Coroação.*


As filhas e espôsas dos "Pares do Reino" estudam "ajoelhar" diante da rainha. Aqui estão algumas, diante de Miss Bradley, diretora de famosa escola.

Um dos operários especializados da firma Moss Bros examina o vestuário de um par do reino, escovando-o meticulosamente . . .

pico entre os novos barões é o de George Muff, recentemente elevado a Barão Calverley. Êle próprio ditou os dados indispensáveis para as páginas do **Livro dos Pares** e assim ficamos sabendo ter sido o novo barão um simples operário tecelão, filho de George Muff, mineiro, e Sarah J. Muff. (Como mineiro, organizou duas greves e também, como mineiro, sofreu dois acidentes de relativa gravidade.) Aos 10 anos foi trabalhar num moinho (1887). De então para cá, jamais teve emprêgo que lhe proporcionasse mais que o necessário para uma vida modestíssima e por isso mesmo ninguém sabe como se arranjará para conseguir as 600 libras indispensáveis à aquisição dos vestuários e adornos para si mesmo e para a sua espôsa, na data da coroação.

Na mesma situação está Lord Shepherd, que começou como caixeiro de loja de tecidos e acabou como **agente nacional** do Partido Trabalhista — posição de enorme responsabilidade mas diminuto salário. Continua vivendo numa pequenina casa de "avenida", numa ruazinha suburbana. Naturalmente, é muito difícil para tais homens enfrentar as despezas com a aquisição de tão luxuosos vestuários, em obediência a uma tradição que não é a dêles e quando, em sua maioria, preferem o jaquetão, como sempre fêz Aneurin Bevan, cujos princípios políticos o impediam de outra coisa, mesmo quando seus colegas de partido consentiam em adotar o fraque e a cartola.

Os vestuários, tanto dos homens quanto das mulheres, para a cerimônia da **Coronation,** são extremamente fantasiosos e pouco de acôrdo com esta idade atômica. Apesar de tudo, haveria um terremoto em todo o Reino Unido e o próprio Nelson tombaria do seu esguio pedestal, em Trafalgar Square, se alguém, muito a sério, se lembrasse de propor a sua su-



. . para ser, depois, vestido assim como acima.

pressão. E para que o leitor fique totalmente informado do valor dessa tradição, diremos que todos os movimentos dêsse cerimonial, da mesma forma que todos os detalhes, feitios e côres dêsses vestuários, quase não sofreram modificação desde a coroação de James II, em 1685!

Êsse vestuário obedece a um regulamento severíssimo. Um par do reino é obrigado a apresentar-se à coroação do seu rei — ou rainha — com o vestuário a seguir: **manto muito amplo, de veludo púrpura, com gola e curta pelerine de arminho, que deve ser usado sôbre toilette própria para a Côrte. A coroa distintiva — a de um barão, por exemplo, terá que pesar 1 l e 11 onças (aproximadamente 600 gramas) e ser feita de prata, veludo e arminho.**

As espôsas dos "Pares do Reino" apresentam-se com uma "toga" de veludo da mesma côr, sôbre vestido de noite, ornada com bandas superpostas, de arminho. Dos ombros desce um longo manto, ornado com arminho. O comprimento dêsse manto é rigorosamente controlado, centímetro a centímetro, segundo o título de nobreza de cada um, seja barão, visconde, cavalheiro, conde, marquês, duque ou príncipe.



E' preciso examinar com muito cuidado, pois há vestuários que não são usados desde 1937!

ARMINHO FALSIFICADO? — Tão severos são os regulamentos — organizados pelo duque de Norfolk, o qual, como "Marechal da Inglaterra", intendente das solenidades nacionais é, portanto, responsável por todos os detalhes da Coroação — que às vésperas de uma, os cronistas oficiais recordam todos êsses detalhes e informam sôbre as penalidades a que estarão incorrendo os "pares" que, no desfile de Westminster Abbey, usem manto e arminho em excesso.

O regulamento, entre outros detalhes, informa que **não é permitido** qualquer modificação, mesmo no interêsse da economia. Mas é sabido que a coroa simbólica, em prata, e que custava 22 libras esterlinas, em 1937, subiu muito e hoje não pode ser conseguida por menos de 90 libras esterlinas. Os mantos e demais ornamentos que alcançavam apenas 100 libras, atingiram a 400 libras, só para o veludo de sêda e o arminho verdadeiro, importado da Rússia. Junte-se a isso as demais despesas, os impostos obrigatórios para o uso de tais ornamentos — pois na Inglaterra há um imposto para tudo — e que andam por uns 100% sôbre o valor total de todos os distintivos, vestuários, etc.

Ocorre, porém, que, sendo a situação financeira difícil **para todos,** na Inglaterra, os problemas econômicos ganharam maior respeito e por isso, embora os regulamentos indiquem "arminho", os "Arautos do Colégio das Armas", que falam pelo próprio "Marechal da Inglaterra", passaram a interpretar o "arminho" como **"qualquer pele branca".** E as últimas informações revelam que a "pele" **de nylon** está sendo fabricada para êsse fim, pois assume a aparência de finíssimo pêlo de carneiro de um branco encantador.

Ede & Ravenscroft, a mais renomada firma especializada em tôda a Inglaterra, e cujo principal comércio é o de fabricar as roupas próprias para a suprema côrte de justiça do Reino Unido, anuncia ter conseguido oferecer um manto de veludo, enfeitado com pele branca, por 100 guinéus (um guinéu tem um shilling mais que uma libra).

Por sua vez a Casa Mortimer, igualmente de Londres, onde muitos Pares do Reino efetuam as



As caixas contêm os vestuários, veludos e arminhos, que aí ficam entre as sucessivas coroações.



Uma coroa de visconde está sendo preparada, cuidadosamente, para um Par do Reino . . .

À ESQUERDA — A filha de um par do reino repete, pela centésima vez, o movimento de ajoelhar, conforme terá que ser feito diante da rainha.

suas compras, usa **ersatz**, mas assegura "o excelente aspecto" do seu **veludo** e da sua **pele** de nylon.

Quanto às coroas, Arthur Mann, um dos diretores da Goldsmith & Silversmith Company (que agora mereceu a dignidade de **Reparadores das Jóias da Coroa**) não admite imitações, embora a prata possa ser **de uma "liga" mais fraca...**

Assim, voltamos ao problema do Barão Calverley. Muito provàvelmente comprará os seus vestuários de Par do Reino... em segunda mão. Também poderá alugá-los na casa Moss Brothers, que anuncia "não existir corpo para o qual não possua coisa apropriada. De fato, essa firma possui uma verdadeira coleção de vestuários para "Coronation".

Assim, um "Par" poderá alugar todo o necessário em vestuários e ornamentos próprios para o seu título, por apenas 25 guinéus (cêrca de Cr$ 2.300,00). E quando pensamos que uma "Coronation" ocorre apenas três ou quatro vêzes numa centúria, podemos verificar que a firma Moss Brothers não pode ganhar nenhuma fortuna com o aluguel dêsses vestuários, coroas, etc.

Além do mais, a firma Moss Brothers não poderá alugar vestuários para os 187 novos Pares do Reino... porque não os tem nessa quantidade, pois que simplesmente os adquire, em **segunda-mão**, das famílias em cujo seio o título se extinguiu por falta de herdeiro varão. De qualquer forma, no estabelecimento comercial não fica um só por alugar, em dias de coroação. Os que chegam atrasadas, ficam mesmo sem êsses vestuários alugados mòdicamente.



As debutantes de 1953 também se preparam, pois às moças da alta nobreza, a rainha, todos os anos, oferece um baile em Buckingham Palace. Êsse é o toucado obrigatório.

Eis a aluna, já aprovada e paramentada para a saudação a Elizabeth II. Tôda ela forma um gracioso conjunto e a saia esconde o intrincado das pernas, revelado na foto da página anterior.



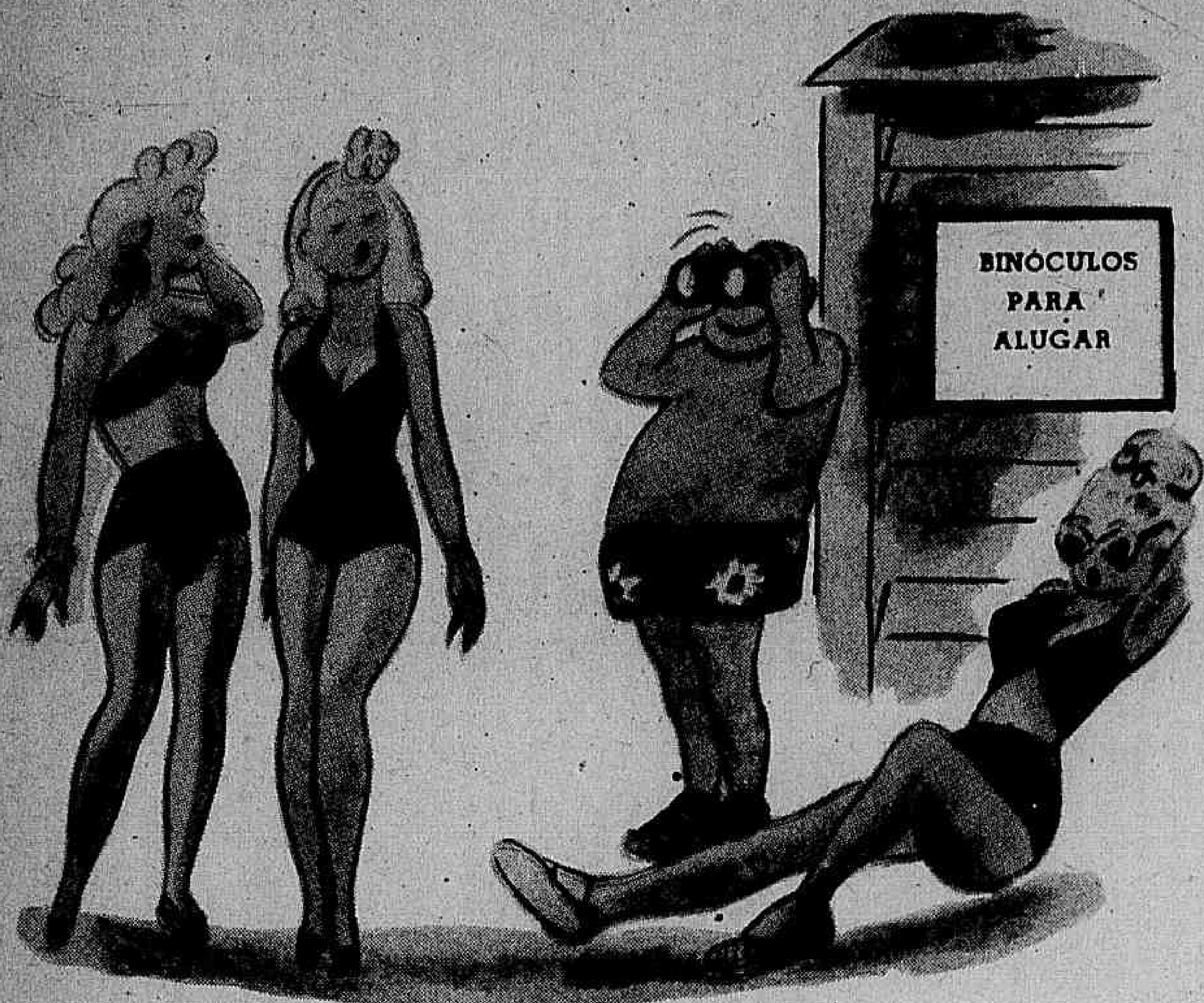
São, dessa forma, forçados a comprar vestuários novos. E é provável que se dirijam a Ede & Ravenscroft. Trata-se de uma casa tradicional, que veste os Pares do Reino desde o século XVII — a sua primeira **Coronation** foi a de Guilherme e Mary, em 1689! A firma se orgulha de vir servindo a monarquia e os Pares do Reino, através de treze reinados! E a profissão de **alfaiates da côrte** veio passando de geração para geração, sendo que o presente chefe-alfaiate-cortador, ingressou nessa firma aos 14 anos de idade, servindo-a ininterruptamente até hoje — há mais de cinqüenta anos, portanto.

As espôsas e filhas dos pares do reino, ao contrário dos maridos e pais, que se atormentam com as despesas e bem trocariam o título pelo direito de ficar em casa sem tão grande sangria em suas economias, elas, ao contrário, adoram essas ocasiões e se preparam com grande pressa. Estu-

Mas também os manequins das maiores casas de modas de Londres são obrigados a praticar a saudação... para quando a rainha desejar escolher alguns modelos para o seu guarda-roupa.



UM DIA NA PRAIA



O PANORAMA...



O PERDIDO



O ACHADO



A HORA DA REFEIÇÃO



A VOLTA

dam as côres das **toilettes**, que vestirão sob os mantos obrigatórios, e nunca deixam de avançar alguns milímetros no comprimento **oficial** dos seus mantos, sem nenhum temor do duque de Norfolk.

As veteranas repousam mais tranqüilas, pois que têm todo o necessário, restando tão sòmente dar uma boa escovadela em veludos e burnimento em coroas. As novatas, porém, necessitam de seis meses só para aprender a fazer a reverência diante da soberana. As espôsas dos pares, primeiro. Mas as filhas também terão que pensar nessa reverência, pois pertence à tradição o baile oferecido pela soberana, anualmente, em Buckingham Palace, às "debutantes", que são geralmente apresentadas à côrte no mês de julho de cada ano. Por isso, desde já, começam elas a treinar a reverência, que deverão fazer — segundo o protocolo — diante da família real inglêsa.

Um movimento é particularmente difícil: o dos joelhos cruzados (vejam a fotografia de uma aluna, vestindo calças curtas), que permite à executante inclinar o corpo com graça diante da pessoa que saúda. Sua importância é capital. O menor êrro de equilíbrio poderá significar a queda e um colossal estouro de riso em tôda a boa sociedade inglêsa. Mas há, para isso, a **Josephine Bradley School**, uma das mais célebres escolas de reverência de Londres. (Nela, as jovens pertencentes à melhor sociedade britânica também aprendem, hoje, o **boogie-woogie** e o samba.)

E assim verificamos que todo êsse grande negócio dos vestuários para a "Coronation" é uma grande batalha entre a tradição e a economia. E isso, aliás, é o que se entende com a leitura dêsse discreto anunciozinho, de uma coluna, no velho "Times", de Londres:

"Vestuários e coroas para o cerimonial da **Coronation**, usados uma só vez e apenas por algumas horas. A partir de 500 guinéus"

A ladra

EM CADA DIA DA SUA VIDA ELA FURTOU UM PÃO

MAX BRAND

A Sra. Sidney M. Lestes costumava vir ao estabelecimento de Khan & Seidelwan todo dia, na hora movimentada, cêrca das cinco e meia. Examinava tudo, desde as caixas de maçãs aos presuntos dourados, aos frangos assados, atrás do balcão envidraçado. Aquelas linguiças bolonhesas, cortadas em grossas fatias, aquelas apetitosas saladas de batatas bem apresentadas, e tudo mais que, com aquêle **toque de mestre**, vinha da cozinha de Minnie Seidelman.

No comêço — isto foi antes de Kahn & Seidelman compreenderem — um dêles sempre perguntava à Sra. Lester se ela já fôra atendida. Nestas ocasiões ela indagava os preços de algumas iguarias e ouvia, com interêsse, sempre a mesma coisa: que o patê de anchova custava sessenta e cinco cents e que o outro custava setenta e cinco, ou que um potezinho de caviar custava três dólares e meio — o que fazia a Sra. Lester abanar a cabeça e voltar para a merceeira um olhar especulativo, como a gravar bem na memória o preço, para quando precisasse comprar.

Mas nunca chegava o dia de comprar, e passavam-se os meses sem que fizesse uma compra de centavos sequer. Mas todo dia, às cinco e meia, ela surripiava um pão e saía para a rua com o ar mais vestido de dignidade.

Não é muito fácil, para a maioria das mulheres, roubar um pão, pois um pão é objeto de feitio bastante característico para se disfarçar; mas a Sra. Sidney M. Lester usava uma capinha de sêda preta e, depois de escamotear o pão, ela o prendia com o cotovelo sob a tal capinha. Eram pães "franceses", morenos e quentinhos, recém-saídos do forno de Minnie Seidelman. Os bons apreciadores de pão não deixavam de ir à Avenida Lexington, comprar os pães feitos por Minnie Seidelman. Torradinhos, com um copo de leite e uma maçã formavam uma refeição completa.

E, diàriamente, às cinco e meia, quando a loja estava bem cheia de fregueses, comprando coisas para o jantar, a Sra. Sidney M. Lester furtava um lindo pão e saía com êle.

Bernie Kahn foi o primeiro a **notar**.

Bernie é um bom menino. Está na escola e na idade em que os rapazinhos ficam **cheios de si**; porém êle não era dessa espécie de gente. Quando vinha da escola, corria para a loja, a fim de ajudar na hora do maior movimento. Até o primo Abe Siedelman resolveu seguir o bom exemplo e, naturalmente, Rose Kahn e a doce Ruth Siedelman também ficavam por ali, para ajudar.

Era maravilhosa a maneira como os Kahn e os Siedelman trabalhavam juntos, e dentro da família encontravam mùtuamente todo auxílio e apoio. Por sinal Ruth Siedelman era a pequena bonita, de pede de cetim, e se alguém elogiasse aquelas faces rosadas, ela levaria a mãozinha ao rosto, de surprêsa, **como se nunca a tivessem elogiado!** Mas, voltando a Bernie, foi êle quem **descobriu** os furtos. Êle não era dos tais que botam a bôca no mundo com o primeiro palpite que têm. No primeiro dia êle apenas **suspeitou.** Que fêz então? No dia seguinte contou os pães, antes da Sra. Lester chegar, e contou depois que ela saiu; e, de acôrdo com o que suspeitou, faltava um!

Qualquer outro garôto teria espalhado a história, mas Bernie era um menino diferente. Esperou até ao dia seguinte e, então, seguiu-a até ao velho casarão, onde ela morava num quarto de aluguel e, depois que ela entrou, foi olhar na lista de hóspedes e soube que ela residia no lado esquerdo do andar de cima. Então, aquipado com esta informação, voltou ao estabelecimento e chamando o pai para um canto o pôs a par de tudo.

A fisionomia do pai se anuviou, porém nada disse. Bernie não contou a ninguém mais o que sabia. Observou o pai e conservou-se calado.

Nunca se viu um menino como Bernie. Nada o perturba.

O pai, Jake Kahn, foge ao físico tradicional da família. Martha Kahn, que sempre cozinhou para tôda a família, com grande habilidade, não conseguiu fazer Jake engordar uma grama. Êle continuou magro, com os ombros dobrados para a frente, o peito encovado.



Naquela noite, depois do jantar, todos foram, como de costume, passar uma meia hora com o Vovô Oscar Kahn, na sala da frente. Vovô Oscar sentava, infalìvelmente, na cadeira forrada de couro e fumava um longo cachimbo de louça, artìsticamente trabalhado em filigrana de prata. O cachimbo se curvava sôbre a barba branca de Vovô Oscar e descia sôbre o seu abdômen como numa prateleira.

A meia hora já se tinha passado quando Jake Kahn falou:

— Afinal temos uma...

— Temos uma... **quê?** — perguntou Vovô Oscar, erguendo as brancas sobrancelhas.

— Uma prestidigitadora na nossa loja! — respondeu Jake, calmo.

A família tôda se voltou com atenção. Vovô Oscar abriu os olhos atentos. Sòmente Bernie, para quem a novidade já era bastante conhecida, continuou sentado, tranqüilamente. Êle era assim mesmo.

— E' uma velha — disse Jake — que nos rouba um pão todos os dias da sua vida — E seus olhos, sempre parados, brilharam.

Quanto ao Vovô Oscar, afundou-se mais na cadeira e deixou o cachimbo cair da bôca, acomodando-se nas dobras do seu vasto estômago.

— **Himmel-Got** — murmurou, como se falasse para si mesmo.

— Há cadeia para gente desta espécie — comentou Martha Kahn.

— **Himmel-und Herr Gott** — voltou a falar Vovô Oscar.

— Eu conheço a tal ladra! — Já sei quem ela é — disse Ruth.

Apenas Bernie nada dizia. Menino formidável, aquêle.

E então Oscar Kahn falou novamente numa voz de trovão:

— **Heiliger Himmel-und Herr Gott der Vater.** Um pão!

As últimas palavras e a entonação foram inesperadas e a família ouviu em silêncio. Todos êles eram capazes de reações surpreendentes, desde o mais jovem ao mais velho. E o Vovô Oscar falou pausadamente:

— Furtar-um-pão-cada-dia-de-sua-vida!

Pronunciou a palavra "pão" com tal entonação que a família tôda sentiu um arrepio. E depois disso Vovô Oscar semicerrou as pálpebras, retomou o cachimbo e voltou a fumar. E a família saiu mansamente da sala.

No dia seguinte estavam todos mudados. Ninguém disse nada a quem quer que fôsse sôbre o assunto, mas todos comungavam numa só idéia.

Naquela mesma tarde Abe Siedelman veio correndo falar com Jake Kahn, pouco depois das cinco e meia, e gritou:

— Aquela velha da capinha de sêda preta — é uma ladra!

— E'? — respondeu Jake, olhando do alto da sua superioridade — E que foi o que ela furtou?

— Um pão — respondeu Abe.

— Ela furtou um pão... E daí? — perguntou Jake.

O desapontamento se estampou na fisionomia de Abe, que sorriu, meio sem jeito, dizendo:

— E'... é mesmo...

Os Kahn e os Siedelman têm trabalhado juntos há tanto tempo, que sua compreensão mútua é espantosa. Num lampejo, todos compreenderam qual devia ser a sua atitude com a Sra. Sidney M. Lester.

Quando ela chegasse, sempre no seu vestidinho de sêda surrado, com a gola de rendas pretas encobrindo as rugas que o tempo marcara em seu pescoço, seria recebida com amáveis atenções por parte dos Kahns e Siedelmans; não com exagêro, para que não ficasse embaraçada, mas o bastante para que se sentisse a vontade e numa atmosfera de boa vizinhança. Seria sempre atendida com carinho, informariam o preço do caviar, das lagostas e do patê e no momento em que se preparasse para sair todos fingiriam estar muito ocupados, para que ela levasse o seu pão, furtado tranqüilamente.

E assim foi uns seis meses até que, numa tarde, a Sra. Sidney M. Lester não compareceu à hora habitual. Sua ausência foi logo notada e naquela noite foi o assunto entre os Kahn e os Siedelman. E quando três tardes se passaram sem que ela aparecesse Bernie foi à casa de pensão e bateu à porta. Uma mulher mal humorada atendeu:

— A **dona** Sidney deve estar em casa pois não a vi sair.

— Talvez esteja doente — disse Bernie; e correu para casa.

Os Siedelman e os Kahn ficaram preocupados. Então Jake tomou uma resolução. Jake era um homem sêco e severo, mas capaz de surpreender tôda a família com suas idéias.

Já era hora de fechar o estabelecimento; os últimos fregueses já tinham saído e Jake falou na sua voz forte e clara:

— Rosinha, tire da geladeira aquêle pote de caviar e uma lata de patê de anchovas. Bernie: separe uma dúzia de laranjas da Califórnia. Abe: pese um pouco de azeitonas espanholas...

E assim foram separando os melhores e mais caros artigos. E mais do que nunca, era evidente a união entre Kahns & Siedelmans.

A compreensão de idéia passou de um cérebro para outro, ràpidamente, sem que precisassem sequer falar, e em poucos minutos todos os Kahns e Siedelmans dobravam a esquina, naquela fria tarde de fevereiro, cada um carregando um pacote, na direção da casa da Sra. Sidney M. Lester. A mesma mulher mal humorada abriu a porta e ficou olhando aquela fila de pessoas subindo as escadas.

Quando chegaram diante da porta, Jake bateu. Não obteve resposta, e logo os sorrisos desapareceram nas fisionomias dos Siedelman & Kahn. Então Jake experimentou o trinco e a porta abriu. Êle entrou, em silêncio, e os outros o seguiram. Viram um quarto modesto e limpinho, com uma mesa redonda, no centro, coberta por um pano bordado e, sôbre esta, alguns livros. Na parede, o retrato de um senhor bem vestido, que todos logo compreenderam ter sido o Sr. Sidney Lester, falecido.

— Muito bem — falou Jake, vendo a porta que dava para a **kitchnette** fechada — Vamos arrumar tudo na mesa e fazer-lhe uma surprêsa.



A CAPA ERA O SEU ESCONDERIJO PREDILETO...

E todos se puseram em movimento sem fazer ruído. Quando Ruth, sem querer, bateu com a colher no prato da salada de batatas, todos a olharam como se ela tivesse pecado.

Ràpidamente êles ajeitaram tudo, e dava gôsto ver o caviar geladinho, e a carne branca do frango assado trinchado artìsticamente por Abe (êle tinha um jeito especial para escultura — comentava o Vovô Oscar), e as uvas apetitosas, e as belas laranjas da Califórnia, e assim por diante,

todos os melhores artigos, sôbre os quais a Sra. Lester costumava indagar o preço, estavam arrumados com gôsto sôbre a mesa. E então, depois de um último olhar aprovativo à mesa, Jake se dirigiu para a porta de comunicação. Os Kahn e os Siedelman, arrumados em fila, aguardavam, começando com Martha Kahn e terminando com Bernie — o menorzinho da turma, embora o mais sagaz.

Jake bateu de leve na porta, depois um pouco mais forte e, finalmente, quase com violência.

Enfim, Jake abriu a porta vagarosamente e, através dos batentes, todos viram a cadeira onde a Sra. Sidney M. Lester, sentada e com uma carta na mão, tinha a cabeça pendida para um lado...

Jake Kahn não falou; fechou a porta mansamente. Atravessou o quarto, abriu a porta de saída e os Siedelman & Kahn passaram, em fila, silenciosos. A comunhão de pensamentos era tal que nenhum dêles pensou, sequer, em trazer o dispendioso caviar, e deixaram tudo como estava. O que pretendia ser uma festa se transformara em drama. Desceram a escada sem ruído, Martha Kahn chorando baixinho e Jake tentando consolá-la. Ela também compreendia a perda que acabavam de sofrer.

Foi Bernie quem lembrou de olhar os jornais no dia seguinte, antes mesmo de tomar a primeira refeição que Martha preparava para tôda a família. Sim. Bernie era um garôto inteligente. Voltando à sala, deixou o jornal sôbre a mesa, junto do pai, apontando, sem falar, o título da reportagem.

Jake Kahn arregalou os olhos, enquanto murmurava, lendo:

"Guardados dez mil dólares legados àqueles que foram bons para ela!" — E continuou lendo, até encontrar o nome da Sra. Sidney Lester e então parou e olhou para Martha, que estava acompanhando a leitura por cima do seu ombro. Êle não falou, porém Martha compreendeu e correu ao telefone, para chamar os Siedelman. Quando todos estavam reunidos dirigiram-se à sala da frente, onde Vovô Oscar Kahn, na sua cadeira forrada de couro, fumava o cachimbo de louça e prata. O ancião compreendeu imediatamente a importância do assunto, abriu os olhos e falou:

— Que aconteceu, meus filhos?

E só então Jake leu a reportagem acêrca da Sra. Sidney M. Lester. A Polícia a encontrara morta, tendo em mãos uma carta, assinada por um advogado de uma cidade distante e que comunicava ser ela a herdeira de um primo, cuja existência ela havia esquecido. Êle deixara dez mil dólares para a Sra. Lester e os Kahn & Siedelman se entreolharam quando Jake pronunciou a quantia. Sòmente Bernie estava calmo, pois já tinha lido tudo e sabia tôda a história.

O médico legista atestou que o coração estava velho demais para resistir à emoção causada com a notícia de se haver libertado da pobreza. E a Polícia, que dera uma busca nos aposentos, encontrara um testamento feito 6 meses antes. O texto era breve e dizia simplesmente:

"Destituida de família, deixo tudo que venha a possuir aos membros daquelas bondosas famílias dos Kahn e dos Siedelman, que têm sido tão amáveis comigo e me têm ajudado a conservar a minha dignidade na velhice. E que Deus abençoe a todos êles!"

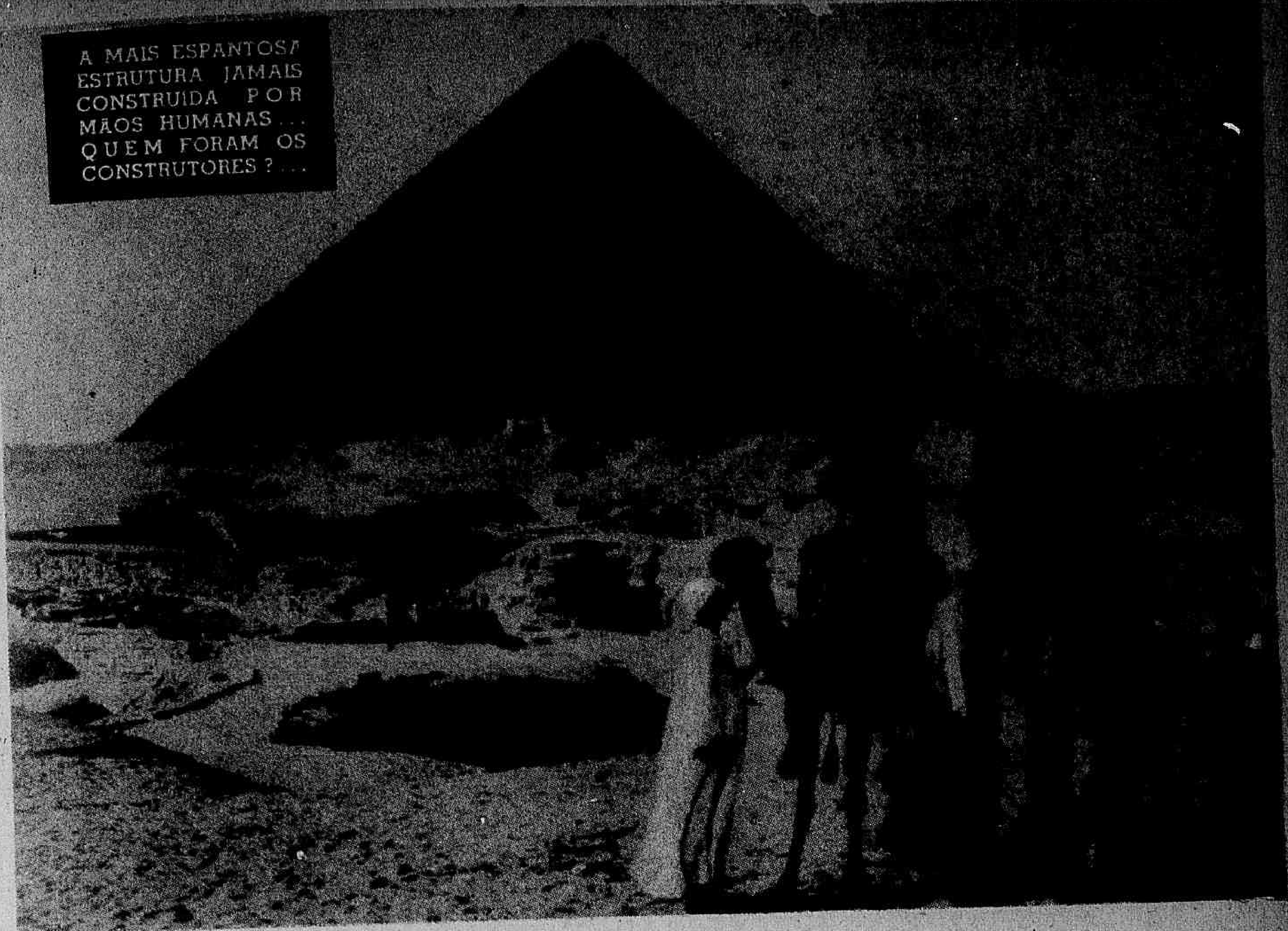
A polícia encontrara apenas quinqüilharias no quarto da Sra. Lester, mas os dez mil dólares, quando o testamento fôsse executado, seriam divididos igualmente entre os Kahn e os Siedelman.

Jake retirou os óculos, molhados de lágrimas. Ninguém disse uma palavra até que Vovô Oscar suspirou e, erguendo as brancas sobrancelhas, disse:

— **Pães... Atira os teus pães às águas em busca de sal e dias depois êles te serão devolvidos...**



—Já que o Policarpo faz 50 anos, achei melhor e mais barato usar uma lâmpada de 50 velas!



O quebra-cabeça da Grande Pirâmide

SERÁ QUE A ANTIGA CIVILIZAÇÃO QUE CONSTRUIU A GRANDE PIRÂMIDE SABIA MAIS A RESPEITO DE ENERGIA ATÔMICA DO QUE SABEMOS HOJE? SERIAM OS EGÍPCIOS APENAS ESCRAVOS DE UMA SUPER-CIVILIZAÇÃO QUE DESAPARECEU, TOTALMENTE, DA TERRA?

Por LEROY THORPE

A mais curiosa estrutura entre tôdas as construídas pelo homem é, sem dúvida, a "Grande Pirâmide de Gizeh", que se ergue a algumas milhas oeste da margem esquerda do Nilo, próximo à moderna cidade do mesmo nome. E' uma construção cheia de enigmas. Sendo a mais antiga construção de pedra no mundo, é também a maior. Foi feita numa era em que os egípcios nada sabiam sôbre como cortar pedras, e faziam suas casas de tijolos cozidos ao sol. Não obstante, cuidadosos cálculos científicos revelam que a Grande Pirâmide foi construída numa proporção de êrro de apenas 1 por 15 000, enquanto as lajes empregadas (algumas pesando 880 toneladas) tinham erros de apenas 1/200 de polegada, **cálculo superior à melhor técnica contemporânea.**

Apenas recentemente foi a Grande Pirâmide estudada dos pontos de vista técnico, matemático, astronômico, filosófico e espiritual. E o resultado criou interrogações pasmosas!

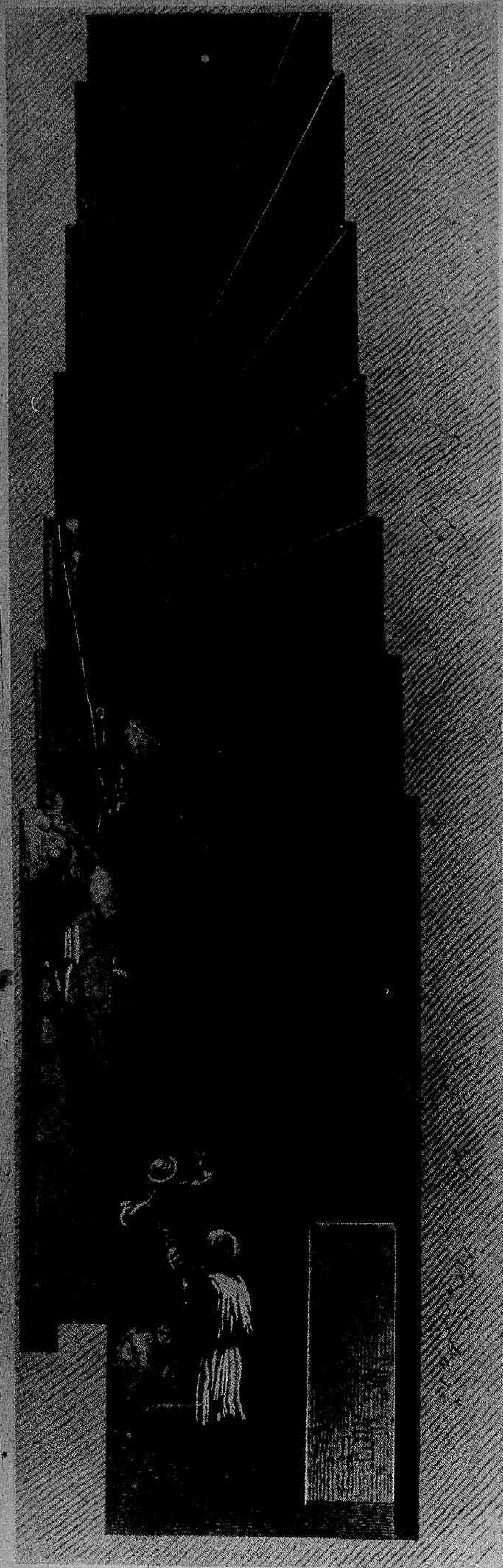
O fato é que, se resolvêssemos, hoje, reproduzir, por igual, a Grande Pirâmide, **não conseguiríamos! Isto porque não temos, nem os conhecimentos nem a habilidade daqueles desconhecidos construtores!**

Um outro enigma se apresenta, quase aterrador: a Grande Pirâmide jamais foi destinada ou usada como... túmulo! Destacando-se entre mais de oitenta pirâmides, em todo o Egito, não contém hieroglifos, enquanto as únicas marcas descobertas na sua imensidão são símbolos a ocre, marcando medidas. Não há símbolos de faraós, reis, sacerdotes ou referência a qualquer deidade; nenhum altar ou qualquer indício de quem a tenha erigido ou mandado erigir.

Chega-se à conclusão de que a construção, em si, é uma enciclopédia rica em ensinamentos mas que, há apenas algumas dêcadas, começamos a nos aproximar dela, cuja completa riqueza científica ainda está fora da nossa compreensão.

Temos a impressão de que os últimos cientistas, sobreviventes de uma poderosa civilização superior à nossa, se incorporaram, com sabedoria combinada, para deixar em pedra um marco imperecível como legado às gerações futuras.

Não resta dúvida de que os idealizadores da Grande Pirâmide não eram egípcios, e a teoria



mais ousada atesta que a pirâmide gigantesca é o único monumento restante que, de acôrdo com Platão, não desapareceu sob as águas, num cataclismo, 11 000 anos atrás, com as cidades da Atlântida.

Antes de examinar o mistério da Grande Pirâmide, vamos fazer uma breve apreciação sôbre esta teoria da Atlântida.

Para surprêsa geral, verificamos que há, realmente, evidência de que a Atlântida existiu e que o seu nível cultural era bem superior ao nosso.

Cientistas de prestígio chegam a supor que os habitantes da Atlântida conheciam a energia atômica, sabiam anular a fôrça da gravidade e podiam operar nos espaços interplanetários!

Há a possibilidade de que êles tenham destruído seu continente e a si mesmos, em alguma experiência nuclear que falhou. Os únicos sobreviventes seriam, no caso, Atlanteanos que estariam **ausentes**, visitando outros países, no momento da catástrofe.

Poucas pessoas sabem que a destruição da Atlântida está registrada nos muros de Yucatan, que há um rio Nilo na Guatemala, que os antigos índios americanos sabiam **embalsamar** e que, no mínimo, 14 hieroglifos encontrados na América do Sul são idênticos aos dos egípcios.

Por que serão os búfalos americanos idênticos aos **aurochs**, hoje extintos? Por que os pássaros, voando entre a Europa e a América do Sul, fazem uma parada em meio do Atlântico e voam em grandes círculos, como que **procurando uma terra que já não existe?** Por que há certa semelhança radical entre línguas da América e da Eurásia (exemplo: a palavra grega **Theos**; a maya, **Theo** — significando Deus, em ambas)?

Já nos são familiares as lendas indígenas de "um Deus branco vindo dos mares do oeste" **(Quet-Zal-Coatl).**

Também é óbvio o fato de que há pirâmides na América Central e do Sul. A prova de que existiu uma cultura **muito mais antiga** entre a Euráfrica e a América é, realmente, esmagadora.

Que provas há de que a Grande Pirâmide, em si, é uma relíquia de uma civilização superior à nossa?

Pondo de lado o fato de que os construtores da Pirâmide, entre outras coisas, profetizavam o futuro — uma idéia considerada aceitável pelo Dr. Rhine, da Universidade de Duke, e que, segundo êle, reforça com evidência matemática, que **o futuro pode ser previsto e modificado** — que evidência há de que a Grande Pirâmide foi construída por uma super-raça? E que podemos aprender com ela?

Eis, a seguir, alguns fatos incríveis, a êsse respeito, e que nunca foram satisfatòriamente explicados, a não ser que aceitemos a teoria da "super-raça".

A Grande Pirâmide ergue-se no centro exato do globo!

O Dr. Syse encara o fato dêste modo:

"— Ela se ergue no ponto de equilíbrio de tôda a terra distribuída no globo, e isto prova que



A "Grande Galeria" tem cêrca de 48 metros de comprimento e mais de 10 de altura. Termina misteriosamente, antes de chegar à "Câmara dos Reis".

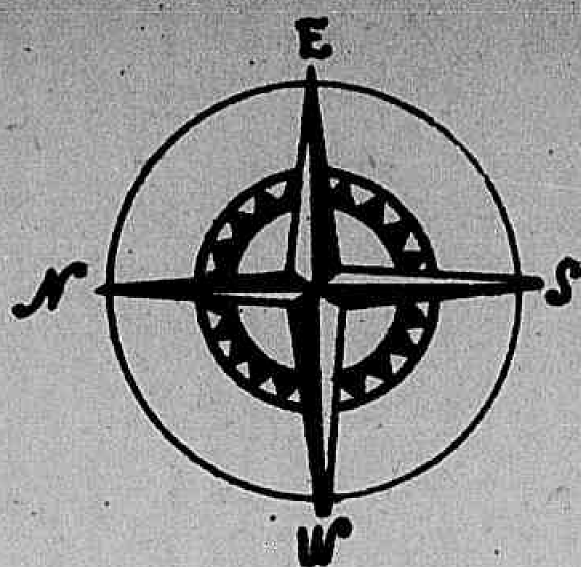
seus construtores tinham noções de geografia global".

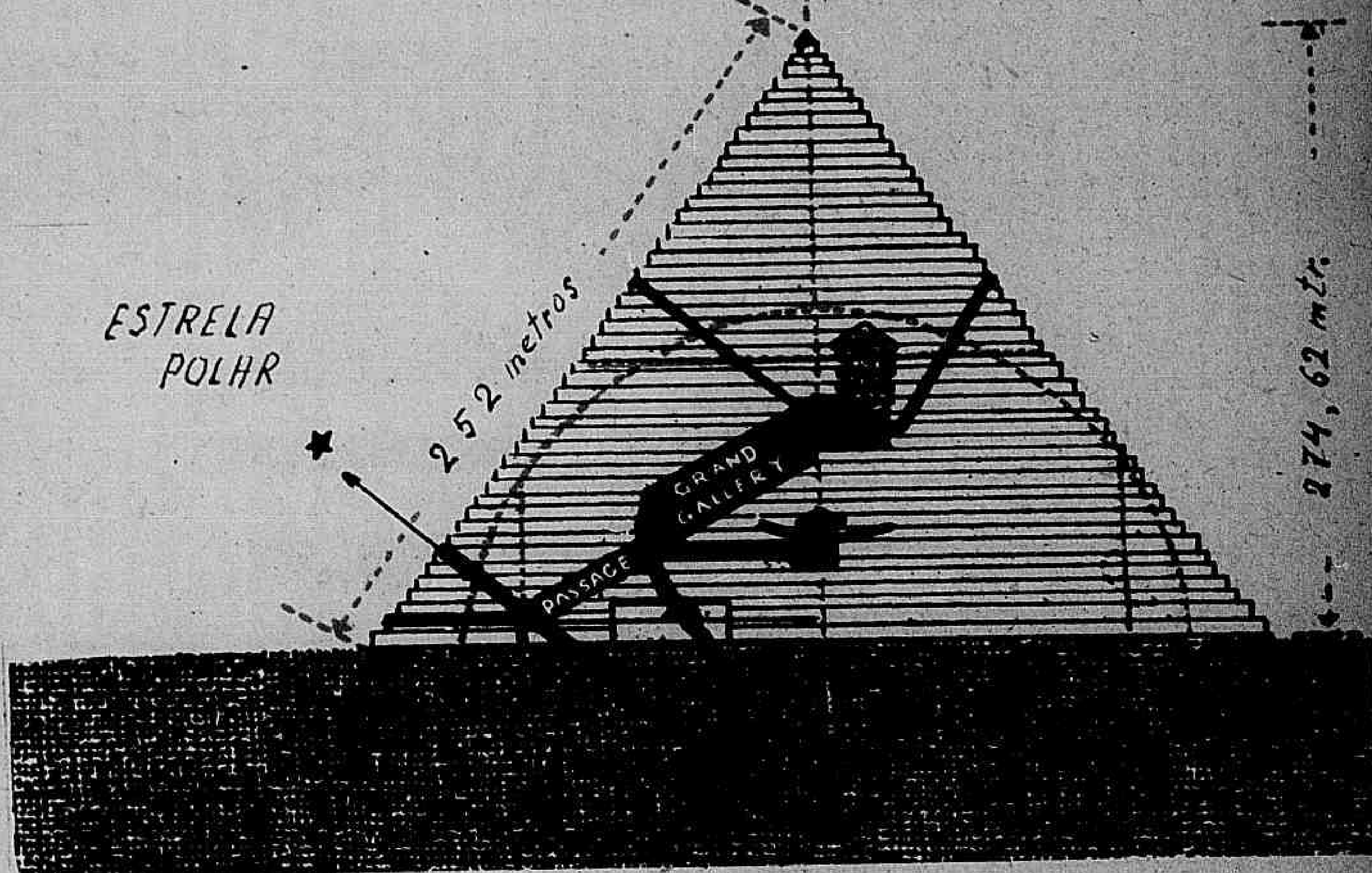
De acôrdo com o prof. Piazzi Smyth, cujos cálculos são considerados os mais exatos, a Grande Pirâmide fica exatamente no paralelo 30 de latitude, que divide o hemisfério norte em duas partes iguais. Sua distância do paralelo é de um quinto de milha, pois não seria possível construí-la, com sólidos alicerces de pedra, em ponto mais próximo.

"— Tanto quanto o terreno permitiu — escreve o Dr. Van Buren — a Grande Pirâmide está a um têrço da distância do equador ao pólo. Sendo a terra um esferóide achatado nos pólos, o paralelo 30 está mais próximo da Pirâmide."

Assim sendo, **seus construtores sabiam não ser a Terra uma esfera perfeita!** E êles sabiam muito mais do que isso!

A base da construção é um quadrado perfeitamente orientado pelos pontos cardiais. A própria rocha, sôbre a qual se assenta a Pirâmide, foi acertada com uma curvatura exatamente igual à da Terra, na latitude 30.





As passagens internas da Grande Pirâmide são espantosas, como tôda a estrutura. Notem como a passagem inferior aponta para a Estrêla Polar.

Portanto, êles conheciam o diâmetro exato da Terra. Dêste cálculo resulta a imunidade da Pirâmide contra qualquer abalo cósmico. O único prejuízo por ela sofrido tem sido o desgaste do tempo e o vandalismo; os árabes, por exemplo, estragaram o polimento original das lajes externas. Porém as medidas originais da base estão inalteradas, por terem sido firmadas em alicerces profundamente preparados, por motivos que dispensam comentário.

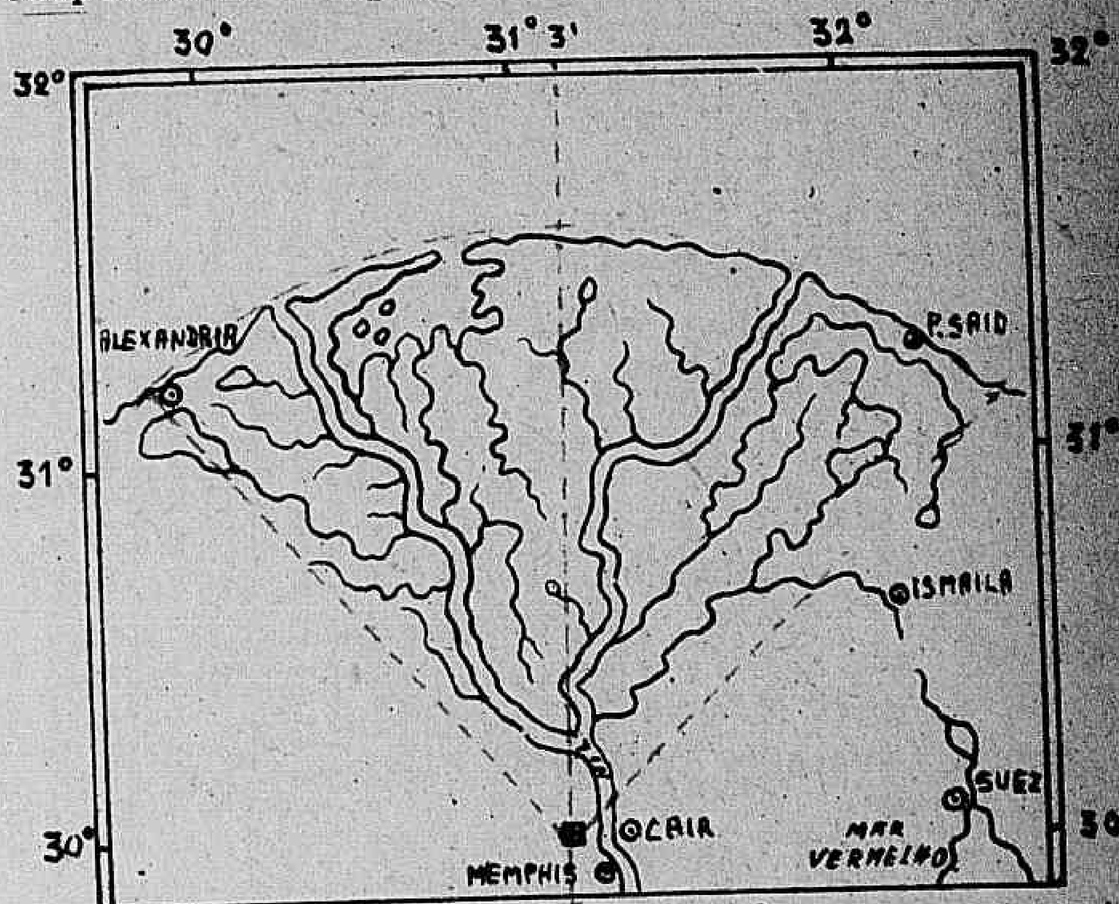
E' possível, portanto, calcular as medidas precisas da estrutura original, embora a pedra de ângulo e a do **apex** — onde se diz ter existido um observatório astronômico — tenham desaparecido.

Mas o enigma se desdobra.

A matemática tem ali, no mínimo, um **problema insolúvel** — enquadrar o círculo! Alguns matemáticos têm ficado loucos, enquanto outros insistem em cálculos tremendos para, finalmente, confessar a própria incapacidade. Não obstante, qualquer estudante conhece o "Pi", símbolo, e a fração 3,1419 que, continuada, não tem fim.

E a Grande Pirâmide, em pedra, resolve o problema! Pois a soma das quatro faces básicas da Pirâmide é exatamente igual à circunferência de um círculo, cujo raio é a altura da própria Pirâmide. Nenhuma outra Pirâmide já conseguiu esta proporção!

Eis mais algumas maravilhas matemáticas a respeito da Grande Pirâmide:



GRANDE PIRAMIDE — Fica situada pouco ao norte do Mênfis (antigo) e no exato centro do Egito-baixo. Notem as paralelas e meridianos, indicando a sua localização no centro geográfico do mundo.

O **apex** fica exatamente acima do centro da base. A altura é igual à área dos triângulos laterais. A altura, multiplicada por 1 000 000 000 **dá a distância entre a Terra e o Sol: — 92 996 085 milhas.**

Se arbitràriamente dividir-mos o diâmetro polar da Terra por 500 000 000 — o que os construtores da Pirâmide devem ter feito deliberadamente — chegamos ao que se chama hoje de **polegada da Pirâmide**, referência para outros cálculos interessantes.

A soma dos comprimentos das quatro bases laterais dá-nos exatamente cem vêzes o ano solar — 36 524 ou 365,24 vêzes 10. A soma das arestas diagonais da base é 25 694,5 — **o número de anos em um ciclo completo dos equinóxios.** Por coincidência, a **polegada da Pirâmide** difere da polegada-padrão britânica em menos de um milésimo. O ângulo de inclinação dos lados — 51 graus, 51 minutos e 14,3 segundos — é tal que, o primeiro aparecimento da sombra solar de ambos os lados do seu zenite define os equinóxios e estações, transformando-se em um eterno calendário. Por gerações e gerações, os egípcios têm plantado e colhido de acôrdo com essas sombras.

Muitas das mais antigas medidas bíblicas constam como derivadas da Pirâmide. Sir Esaac Newton levou anos desenvolvendo a tese de que "o cúbito sagrado dos hebreus" foi baseado nas Pirâmides, tendo publicado um trabalho a êsse respeito.

Por sua vez, Sir John Herschel calculou que a entrada da Pirâmide, apontando, exatamente, para o ponto do céu onde se encontra a Estrêla Polar (**Darconis** ou Estrêla do Dragão) deixou passar o primeiro trilho dessa estrêla em 2170 A. C., ano em que, segundo os arqueólogos, a Pirâmide foi concluída.

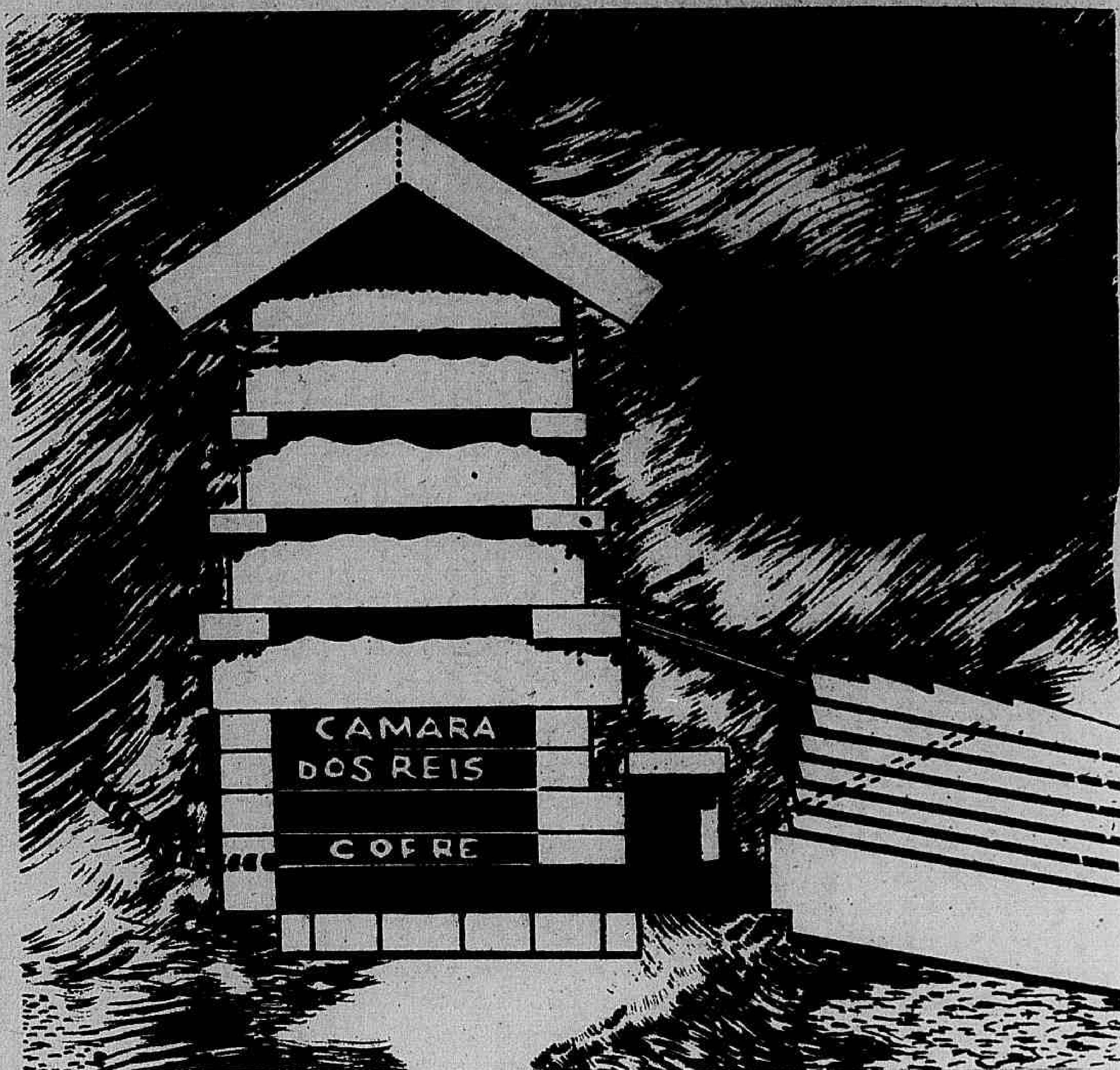
Ainda mais: conclui-se que, descobrindo através do sistema de números inter-relacionados, medidas, pesos, ângulos, temperaturas, graus, problemas geométricos, referências cósmicas, etc... (de que faz uso a ciência moderna) temos de repelir a idéia de que os construtores da Grande Pirâmide tivessem desejado edificar seu próprio túmulo.

A construção, em si, está cheia de símbolos geométricos e números tais como 5, 7, 9, 12, 100, etc. Assim, as paredes da chamada câmara real foram feitas com 100 lajes, 5 tetos para as câmaras superpostas sôbre as outras, enquanto tudo está assentado em uma base de pedra.

Consta existir uma câmara ainda não conhecida e há esperanças de descobri-la, embora a entrada para ela continui oculta.

O volume cúbico da câmara do rei é, exatamente, o dôbro do da rainha, enquanto os túneis de acesso a êles são idênticos, porém em ângulos opostos — o da rainha inclina-se para baixo e o do rei para o alto.

No subsolo da Pirâmide, na rocha pura, há uma cripta incompleta, conhecida como **o poço.** Não se sabe bem para que foi feito, porém alguns sábios atribuem a um **símbolo do inferno.** O **poço** se comunica com o resto por um tubo deliberadamente retorcido, medindo 8 polegadas de diâmetro. Há túneis de ventilação que, curiosamente, não se comunicam com os compartimentos que deviam ser ventilados. Há um nicho vazio e enigmático, na câmara da rainha, e onde naturalmente nenhuma rainha foi sepultada. Na câmara do rei há um receptáculo ou sarcófago de granito, sem tampa, o que causa estranheza.



As dimensões e medidas exatas da famosa "Câmara dos Reis" revelam uma avançada ciência matemática.

Todos os outros sarcófagos de pirâmides egípcias possuem tampas, e êste não tem, sequer, dobradiças que indiquem a possibilidade de ter existido uma.

E' óbvio que não foi destinado a ser um túmulo, mas a ser uma tabela de medidas. Por exemplo, a fração "Pi" é ali repetida: o comprimento dos

(Continua na pág. 117)

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurançon e, recuperando as fôrças, foi caçar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor "avançara muito" às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém, outro Felipe ali surgira: Felipe Polyxene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orleans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados "os 3 Felipes", devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para "serviços inconfessáveis". Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os "bravos" que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com... Nevers! A notícia alvoroça a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe de Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que "tudo estava preparado", mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja.

— Logo que Nevers morra, a herança pertencerá à filha.

Houve um curto silêncio, durante o qual Lagardère reteve a respiração.

— A menina... — principiou Peyrolles, muito baixinho.

— A menina desaparecerá! — interrompeu o que parecia ser o senhor e a quem chamavam monsenhor — Não queria chegar a êsse extremo, mas, sendo necessário, não me deterei! Que espécie de homem é êsse Saldanha?

— Um velhaco corajoso!

— Pode-se confiar nêle?

— Pagando bem... sim!

O embuçado a quem chamavam monsenhor parecia refletir.

— Não gostaria de meter mais ninguém neste assunto, mas nem tu nem eu temos a estatura semelhante à de Nevers.

— E é verdade... Sois muito alto e eu muito magro.

— A noite está muito escura e como êsse Saldanha tem semelhança física com Nevers... chama-o...

— Saldanha — gritou Peyrolles.

— Presente! — repetiu Lagardère.

— Vem cá!

Lagardère avançou alguns passos, depois de levantar com cuidado a gola da capa.

— Queres ganhar cinqüenta pistolas a mais do que o combinado? — perguntou o que acompanhava Peyrolles.

— Cinqüenta?... — Que é preciso fazer?

Enquanto falava, Lagardère procurava distinguir a fisionomia do desconhecido; era, porém, impossível porque estava muito bem embuçado.

— Dirás: **Aqui estou!** em voz baixa, diante da janela, quando ouvires alguém dizer **Adsum** — acrescentou o desconhecido, aproximando-se — A janela será aberta e, por detrás da grade, surgirá uma mulher. Ela há de falar, mas tu procura não pronunciar palavra. Colocas um dedo sôbre os lábios... Percebes?

— Para ela julgar que nos espionam?... Compreendi.

— Êle é esperto — murmurou o desconhecido. E, em voz alta, prosseguiu:

— Essa mulher entregar-te-á uma coisa que tu depois me darás.

— E vós entregar-me-eis as cinqüenta pistolas?

— No mesmo instante!

— Estou às vossas ordens.

— Silêncio! — disse Peyrolles.

Puseram-se a escutar. Ao longe ouvia-se um ruído.

— Separemo-nos — disse aquêle que acompanhava Peyrolles — Onde estão os teus camaradas?

— Emboscados entre o feno — respondeu Lagardère, sem hesitar.

— Está bem. Recordas-te da senha e da contra-senha?

— Sim, **Adsum e aqui estou!**

— Então, felicidades e ate logo.

Peyrolles e o companheiro subiram a escada, parecendo satisfeitos. As informações de Marta faziam-lhes antever um êxito completo, pois até a senha possuíam! Lagardère seguiu-os com o olhar, enquanto enxugava o suor que lhe umedecia a fronte.

— Que Deus aceite, em desconto dos meus pecados, o esfôrço que fiz para não atravessar com a lâmina da espada o peito daqueles dois miseráveis! Mas era preciso ir até ao fim! Hei de saber tudo!

Com a cabeça entre as mãos refletiu um momento. Mil pensamentos cruzaram-lhe a mente. Não pensava, porém, no duelo, nem na sua aventura.

— Que fazer? — perguntava a si próprio, perplexo — Levo comigo a criança? Sim... porque, inevitàvelmente, o que me darão pela janela é a menina. Mas a quem a confiarei? Aqui só conheço Carrigue, e parece-me que não há ninguém a quem confiar a criança. E' preciso levá-la!... Se não a arranco daqui, os miseráveis matarão a filha, como pensam matar o pai. E, afinal, não era para isto que aqui vim!...

Lagardère passeava sôbre o restolho do feno. A sua agitação era extraordinária. A todos os instantes olhava a janela para ver se ela se abria. Nada via. Mas dali a momentos ouviu um fraco ruído no interior do castelo. Por fim a grade da janela gemeu nos velhos gonzos e apareceu um vulto.

— **Adsum!** — disse uma voz feminina, suave e trêmula.

— **Aqui estou!**

— Graças, meu Deus! disse, suspirando, uma voz de mulher.

Embora a noite estivesse escura, os olhos de Lagardère, acostumados às trevas, reconheceram logo na mulher que chegou à janela a linda Aurora de Caylus.

— Não vejo nada! — disse ela — Onde estás, Felipe?

Lagardère estendeu-lhe a mão, que ela apertou com carinho. O cavalheiro ficou emocionado. Sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos.

— Felipe, tens a certeza de que não fôste seguido? — perguntou Aurora em voz trêmula — Atraiçoaram-nos!

— Tem coragem! — balbuciou Lagardère.

— E's tu quem fala? Estou louca! A que extremo cheguei!... Já não reconheço a tua voz, meu Felipe!

Uma das mãos segurava um fardo, sem dúvida aquêle de que havia falado o companheiro de Peyrolles, enquanto com a outra comprimia a fronte como se quisesse fixar idéias.

— Tenho tantas coisas para te dizer! — principiou ela — Por onde começar?...

— Não há tempo a perder, Aurora! — murmurou Lagardére, que sentia remorsos por ir surpreender certos segredos — Apressemo-nos...

— Obedeço-te e obedecer-te-ei sempre, meu amado Felipe! Aqui tens a nossa querida filha. Toma-a; comigo já não está em segurança, conforme te dizia na minha carta. Tramam alguma infâmia contra nós!

E estendeu-lhe a menina, que dormia, envolta numa capa de sêda. Lagardère recebeu-a sem falar.

— Permite-me que a beije só mais uma vez! — disse a pobre mãe, soluçando — Desejaria ter um coração mais forte. Quem sabe quando tornarei a ver a minha querida filha!

As lágrimas embargavam-lhe a voz. Lagardère viu que lhe estendiam também um objeto branco.

— Que é isto?

— São as fôlhas arrancadas ao registro da capela. E' o futuro da nossa pobre filha!

Lagardère recebeu em silêncio os documentos, que estavam metidos num sobrescrito. Receava que, falando, fôsse descoberta a comédia. Naquele momento ressoou no vale o som vibrante de uma corneta.

— Deve ser um sinal! — exclamou Aurora — Foge Felipe, foge, e que a Virgem Santíssima te guie!

— Adeus! — disse Lagardère, representando até à última o seu papel, para não despedaçar o coração da pobre mãe — Adeus!... Nada receies, Aurora, a nossa filha está salva!

Aurora, a custo, entre lágrimas, sòmente pôde dizer:

— Amo-te!

Depois, fechou a janela e desapareceu.

VII

DOIS CONTRA VINTE

Aquêle toque era, como efeito, um sinal.

Três homens, com trompas de caça, estavam colocados na estrada de Argelès, por onde devia passar o duque de Nevers quando se dirigisse para o castelo de Caylus, onde o chamava a carta de sua mulher e a insolente missiva de Lagardère.

O primeiro devia tocar quando Nevers passasse a Clarabide; o segundo, quando entrasse na floresta, e o terceiro, quando chegasse às primeiras casas de Tarrides.

Durante todo o trajeto havia excelentes locais para cometer um assassínio, mas Felipe de Gonzaga queria disfarçar o seu crime. Convinha-lhe que parecesse uma vingança e que as suspeitas recaíssem sôbre o marquês de Caylus.

Lagardère, o incorrigível, o homem sem juízo, a primeira espada de França e de Navarra, encontrava-se, entretanto, com uma criança de dois anos nos braços. Confuso e embaraçado com o seu novo papel, embalava a menina com a solicitude e a ternura de uma mãe. Tinha apenas uma preocupação: não despertar a criança! Apesar da sua crítica situação, não pôde deixar de rir.

Um segundo sinal despertou os ecos adormecidos do vale.

Soou um terceiro sinal, muito próximo. Lagardère estremeceu e voltou à realidade... pois sonhava que era pai! O ruído de passos apressados que se ouvia perto da hospedaria fê-lo voltar a cabeça. Escutou um momento e em seguida murmurou:

— E' êle!

Ao cabo de um minuto, a figura arrogante de Nevers apareceu sôbre a ponte. Desceu a escada e chegou ao fundo dos fossos. Quando os pés tocaram no solo, o cavalheiro ouviu-o dizer, enquanto desembainhava a espada:

— Não era má idéia mandares para aqui umas tochas!

Avançou às apalpadelas. Os montes de feno faziam-no tropeçar.

— Parece-me que aquêle diabo de cavalheiro me quer obrigar a jogar à cabra-cega! — exclamou Nevers com impaciência.

Em seguida deteve-se e exclamou:

— Não há por aí ninguém?!

— Eu! — respondeu o "Petit Parisien" — E melhor seria que estivesse sòzinho.

Nevers não ouviu a segunda metade da resposta e dirigiu-se vivamente para o local de onde viera a voz.

— Vamos, cavalheiro! Em guarda! ... Já sei onde estás e não posso perder tempo!

Lagardère continuava a embalar a menina, que dormia como um anjo.

— E, no entanto, é preciso escutar-me primeiro, senhor duque.

— Depois da mensagem desta manhã não posso. Em guarda! ...

Lagardère não se moveu. A sua espada, que geralmente saía sòzinha da bainha, parecia dormir como o anjo que tinha nos braços.

— Quando lhe enviei a mensagem ignorava o que agora sei.

— Chega! — disse o duque irônico — Vamos bater-nos a espada na escuridão ... Não gosta?!

E avançou com a lâmina ao alto. Lagardère desembainhou a sua e disse:

— Escute-me apenas por um momento. Preciso dizer-lhe ... Diabo de homem! — disse, parando o primeiro ataque de Nevers — Cuidado!

Nevers, furioso, julgando que êle troçava, acometeu-o com mais brio e dirigiu-lhe estocada sôbre estocada, com a peculiar ligeireza que o tornava tão temível no combate. Lagardère parava-lhe os golpes e cada vez que lhe desviava a espada, gritava com mais fôrça:

—Escute-me! ... Escute-me! ... Escute-me! ...

— Não, não, não! ... — respondia Nevers, acompanhando as negativas com vigorosa estocada.

Obrigado a retroceder, Lagardère chegou junto ao muro:

— Veja que já não posso retroceder!

— Melhor!

— Raios e trovões! gritou Lagardère, cansado das paradas e sentindo que a paciência se lhe esgotava — Será preciso abrir-lhe o crânio para evitar que mate sua filha?

— A minha filha? — exclamou Nevers, como que fulminado, deixando cair a espada

— A minha filha nos seus braços? ...

Lagardère envolvera o seu precioso fardo numa das dobras da capa.

Nas trevas, Nevers julgara que o cavalheiro tinha a capa enrolada no braço esquerdo, como era seu costume. O sangue gelou-se-lhe nas veias ao recordar as furiosas acometidas que dirigira quase ao acaso.

— Que chuva de estocadas! — disse Lagardère, arquejante — O senhor duque parece um moinho de vento com a espada na mão.

— A minha filha! Dê-ma!

Ao dizer isto, Nevers quis pegar no vulto que o outro escondia debaixo da capa, mas Lagardère conteve-o, dizendo:

— Cuidado, pode despertá-la!

— Mas poderá explicar-me agora? ...

— Que diabo de homem! ... Primeiro não queria ouvir-me e agora pretende que lhe conte uma imensidade de histórias! Vamos, beije-a! ... Mas com muita cautela para não a acordar.

Nevers obedeceu maquinalmente.

— Quer saber o que se passa? ... Estou coberto de suor! ... Mas ... basta de beijos! ... A menina e eu já somos dois bons amigos. Aposto cem pistolas ... e não as tenho! ... em como há de sorrir para mim quando despertar!

E tomando-a dos braços do duque com os cuidados de uma ama, depois de a envolver na capa, colocou-a sôbre um monte de feno debaixo da ponte.

— Senhor duque — continuou, com seriedade — respondo com a minha vida pela de sua filha, suceda o que suceder. Procedendo assim, resgato, tanto quanto possível, perante a minha consciência, ter falado da mãe, que é uma santa, tão levianamente.

— Quer matar-me de impaciência? — gemeu o duque — Viu Aurora?

— Vi.

— Onde?

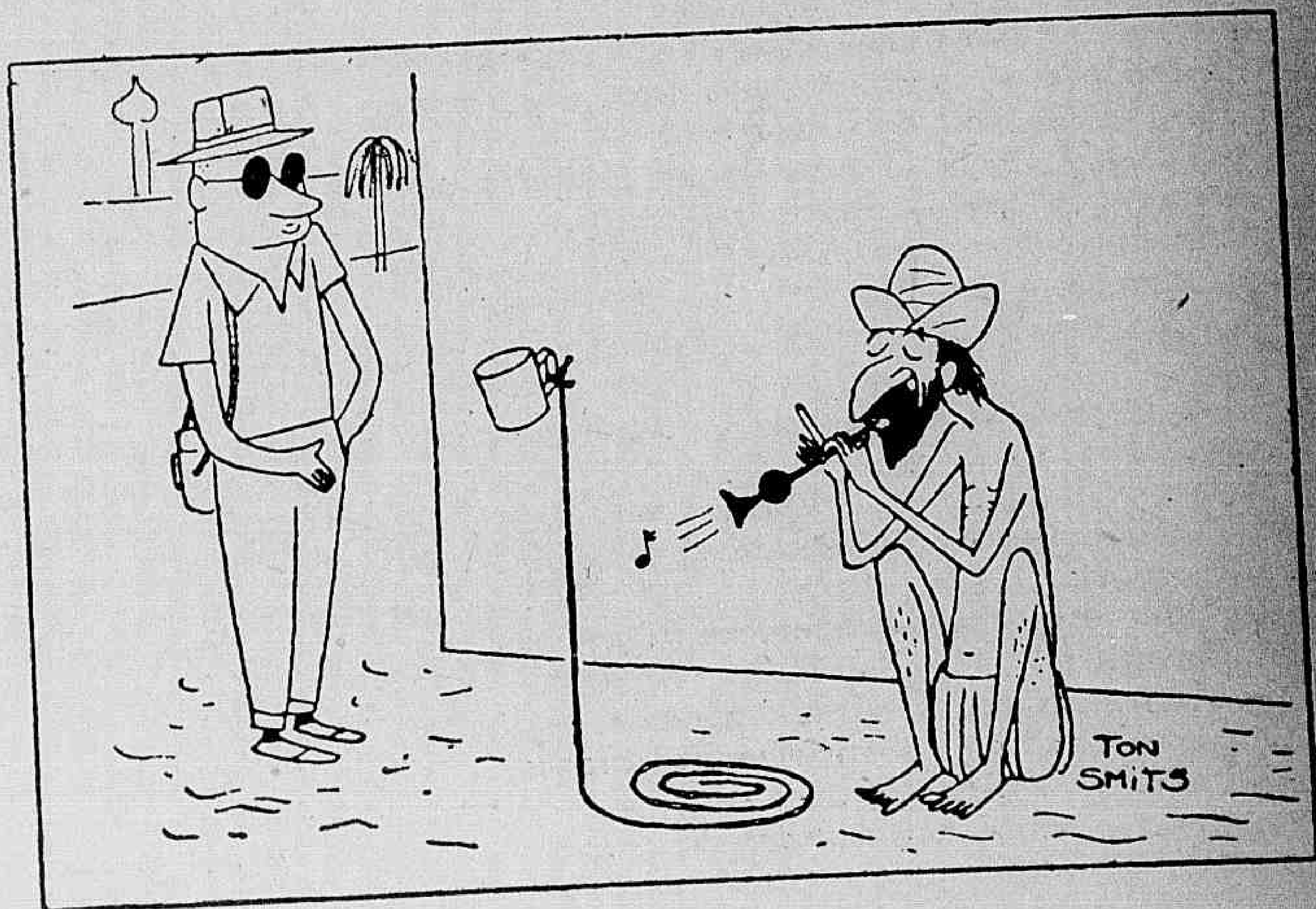
— Naquela janela.

— E foi ela quem lhe deu a menina?

— Sim ... mas julgava depositá-la nos braços de seu espôso!

— Ah! Enlouqueço!

— Senhor duque, passam-se aqui coisas muito



estranhas! E visto trazer desejos de combate, graças a Deus terá tempo de os satisfazer, porque muito em breve nos atacarão!

— Um ataque?

De súbito, Lagardère inclinou-se e aplicou o ouvido ao solo.

— Êles quem?

— Os valentes têm ordem de o assassinar!

E contou-lhe, em poucas palavras, tudo quanto sabia.

O duque ouviu-o, estupefato.

— Êsse Peyrolles — dizia Nevers falando consigo mesmo — é o homem de confiança de Felipe de Gonzaga, o meu melhor amigo, um irmão, que se encontra, presentemente, no castelo pará me servir.

— Não tenho a honra de conhecer o príncipe de Gonzaga e não sei se era êle.

— Êle! — exclamou Nevers — Impossível! Peyrolles, que é um bandido, vendeu-se ao marquês de Caylus.

— Não era o senhor de Caylus. Era um homem novo. No entanto, não percamos tempo com suposições. Seja quem fôr o miserável, tomou tôdas as medidas. Sabe até a sua contra-senha para ver Aurora. Foi com ela que consegui falar-lhe. Ah! mas essa, ama-vos! E quanto a mim, desejaria beijar o chão que ela pisa para me penitenciar. Vejamos... nada mais tenho a dizer-vos! Nada, senão que ela me entregou, juntamente com a menina, um subrescrito selado que contém uma certidão de casamento e outra de nascimento.

"Ah! Formosa! Ah! Minha fiel espada! — continuou, vendo que a lâmina brilhava, refletindo a escaça luz do céu — Vais defender a causa daquela menina que dorme sôbre o feno! — Vamos a ver como te portas!

Nevers apertou-lhe a mão.

— Lagardère! — disse, comovido — Não o conhecia! E' um nobre coração!

— Eu penso apenas numa coisa — disse Lagardère, a rir — Casar-me, a fim de ter um anjo louro como êste... mas... silêncio!

Lagardère tornou a escutar junto ao solo.

— Dessa vez não me engano — disse — Vêm por aí abaixo, do lado de **le Hachaz** e dirigem-se para aqui.

— Se eu pudesse fazer chegar ao conhecimento de Gonzaga a situação em que nos encontramos, teríamos mais uma boa espada.

— Preferia Carrigue e os meus soldados com as suas carabinas! — replicou Lagardère.

E interrompeu-se para perguntar ao duque se viera sòzinho.

— Não; trouxe um garôto... Berrichon, o meu pajem.

— Já o conheço. E' esperto... Se fôsse possível chamá-lo...

Nevers assobiou de maneira especial. Respondeu-lhe outro asobio exatamente igual, vindo da hospedaria.

Um instante depois apareceu Berrichon em cima da ponte.

— E's um valente — disse Lagardère — Salta!

O pajem obedeceu e caíu-lhe nos braços.

— Depressa — disse o rapaz — já vêm de cima.

— E eu a julgar que vinham de baixo!

— Vêm de todos os lados.

— São oito, não é verdade?

— São vinte, pelo menos! Quando viram que estavam aqui dois, foram buscar os contrabandistas.

— Que importa — exclamou Lagardère — Vais montar o meu cavalo. Os meus homens estão lá em baixo, na aldeia de Gau. Tens meia hora para ir e voltar. Anda!

E, pegando-lhe nas pernas, colocou-o sôbre a ponte.

Alguns segundos depois, um assobio indicava que entrara no bosque.

— Que diabo! — disse Lagardère — Não poderemos sustentar a luta durante meia hora com aquêles bandidos? ...

— Veja! — disse o duque, apontando para um objeto que brilhava dèbilmente do outro lado da ponte.

— E' a espada de Passepoil, um maroto que está sempre a limpar a lâmina. Cocardasse deve estar com êle. Êsses não nos atacarão... Vamos, senhor duque: um apêrto de mão antes de principiar a luta.

No fôsso havia montes de feno espalhados, tábuas e alguns troncos de árvores. Com tudo aquilo e um carro meio carregado, formaram num instante uma trincheira suficiente para conter o primeiro ataque. Bastava que aquela elementar fortificação resistisse meia hora e estavam salvos!

— De forma que está disposto a bater-se por mim, cavalheiro? — perguntou Nevers.

— E' preciso, senhor duque. Por si, um bocadinho, e muito pela menina.

E ao mesmo tempo colocou-a no lugar mais seguro que conseguiu encontrar.

— Não esquecerei o seu procedimento, cavalheiro. Daqui por diante só a morte nos poderá separar!

Lagardère estendeu-lhe a mão e o duque abraçou-o.

— A partir dêste instante é meu irmão. Se viver, tudo será comum entre ambos... mas se por desgraça morrer...

— Não morrerá! — interrompeu Lagardère.

— Mas se morrer... — repetiu Nevers.

— Então eu serei o protetor e o pai de sua filha!

Permaneceram abraçados durante um instante. Nunca dois corações tão valentes haviam batido juntos. Em seguida Lagardère afastou-se.

— Ao nosso pôsto! Já aqui estão!

Rumores surdos faziam eco na noite escura... Lagardère e Nevers tinham as espadas nuas nas mãos direitas, enquanto as esquerdas continuavam apertadas.

De súbito, as trevas pareceram animar-se... gritos sinistros ouviram-se muito perto e os assassinos, todos juntos e de todos os lados, caíram sôbre êles.

VIII

A BATALHA

O pajem não se enganara: os assaltantes eram pelo menos vinte.

Depois de se separar de Lagardère, o senhor

de Peyrolles encontrou os espadachins embos-cados.

Ao ver Saldanha, ficou assombrado.

— Por que não estás no tem pôsto? — perguntou-lhe.

— Qual pôsto?

— Não acabei de te dizer há pouco?

— A mim?

— Não te prometi cinqüenta pistolas?

Chegou a explicação.

Quando Peyrolles compreendeu o seu engano e soube o nome da pessoa a quem havia entre-que o seu segrêdo, ficou espantado. Embora os espadachins lhe explicassem que a presença de Lagardère nos fossos de Caylús tinha apenas por objetivo bater-se com o duque de Nevers, nem por isso ficou mais tranqüilo.

Instintivamente, compreendeu o efeito que de-via ter produzido na alma leal do cavalheiro a descoberta da traição que se tramava contra o seu adversário e ficou convencido de que àquela hora Lagardère era um aliado do duque.

Entretanto, Aurora devia estar prevenida.

Peyrolles resolveu então mandar Pinto, Saldanha, Staupitz e o **Matador** contratarem reforços.

Mas quem poderia descrever a **perplexidade,** a dor e o remorso que atormentavam Cocardasse e Passepoil?!

Verdadeiros vadios, as suas espadas não valiam mais do que a navalha de um bandido e matavam por dinheiro! No entanto, no fundo, aquêles pobres diabos não erammás pessoas!... As suas culpas eram filhas da época e dos costumes.

Cocardasse e Passepoil ambos estimavam Lagardère e sentiam por êle aquelc admiração que o grande inspira ao mais pequeno. Ambos tinham bons sentimentos e a proteção que haviam dado ao órfão do arruinado palácio de Lagardère não era a única boa ação praticada durante tôda a sua vida!

Os dois espadachins arriscariam a existência por Lagardère e o acaso **colocava-os em frente** dêle naquela noite! Que pena não haver maneira de voltar atrás! ... As espadas estavam vendidas ao senhor de Peyrolles! ...

Durante uma hora não trocaram palavra. Desde que tinham saído da estalagem, Cocardasse ainda não praguejara uma única vez, o que nêle era sinal de profunda preocupação. De vez em quando, olhando um para o outro com tristeza, soltavam um suspiro. Quando receberam ordem de secundar o assalto, apertaram as mãos.

Passepoil perguntou:

— Que devemos fazer?

— Só nos resta um recurso — retorquiu Cocardasse.

E tirando da algibeira um botão daqueles que se usavam nas salas de armas, colocou-o na ponta da espada. O companheiro imitou-o.

Só então respiraram melhor.

Os espadachins e os seus novos aliados dividiram-se em três grupos.

O primeiro rodeou os fossos, o segundo colocou-se perto da ponte e o terceiro, composto de bandoleiros e contrabandistas, guiados por Saldanha, atacou de frente, descendo a escada.

Lagardère e Nevers viram os últimos perfeitamente.

— Cuidado! — disse Lagardère — Sempre ombro com ombro e procurando a **defesa da parede.** A menina está em lugar seguro! ... **Tenha** cuidado, senhor duque! Previno-o de que **êsses** homens são capazes de lhe enviar a sua própria estocada ... e fui eu quem **cometeu a asneira** de lha ensinar! — acrescentou com **amargora.**

Sem as precauções adotadas, o primeiro choque dos assaltantes teria sido terrível. Os **bandidos** lançaram-se sôbre êles, gritando:

— Morra Nevers! ... Morra Nevers! ...

Os assassinos não calculavam os **obstáculos** que encontrariam no seu caminho e ficaram **embaraçados** entre os molhos de feno. **Por fim, conseguiram** chegar até junto dos cavalheiros.

Um dos assaltantes rolou por terra e os **outros** retrocederam. A retirada, porém, não se **pareceu** com o ataque. Quando o grosso dos **assassinos** principiou a recuar, Nevers e o amigo **tomaram a** ofensiva.

— **Aqui estou! ... Aqui estou! ...** — gritaram ao mesmo tempo, enquanto avançavam.

Num instante, Lagardère mandou um **bandido** para o outro mundo e de um só golpe feriu **mais** um no braço. Depois, não podendo conter-se, **com** uma estocada atravessou o alemão, que caiu pesadamente a seus pés.

Enquanto isso, Nevers também não perdia o seu tempo. Um bandido caiu junto da roda da corroça e o **Matador** e Joel ficaram gravemente feridos.

Lagardère não levou mais tempo do que o necessário para deixar Pinto sem orelhas para tôda a vida e voltou para junto de Nevers, dizendo:

— Quase me esquecera dêste anjinho! ...

Reinou um silêncio profundo nos fossos. Decorrera um quarto de hora desde que a luta principiara.

— Descanse um pouco, senhor duque, pois



êsses bandidos não nos deixarão tranqüilos por muito tempo. Está ferido?...

— Um simples arranhão.

— Onde?

— Na testa.

Lagardère cerrou os punhos e não respondeu. Eram as conseqüências da sua lição de esgrima.

Passados dois ou três minutos, o assalto recomeçou, mas com maior entusiasmo e atacando todos os assassinos ao mesmo tempo. Os assaltantes formavam duas linhas e tinham o cuidado de tirar os obstáculos antes de avançar.

— Chegou o momento de expulsar o resto! — disse Lagardère em voz baixa — preocupe-se apenas consigo, eu defenderei a menina!

Dez espadas ameaçaram-no ao mesmo tempo.

— **Aqui estou!** — gritou Lagardère.

E dando um salto, atravessou um dos bandidos. Os outros retrocederam **alguns passos, mas** os que estavam atrás continuavam **a gritar:**

— Morra Nevers!... Morra Nevers!...

E o duque respondia:

— Avancem, miseráveis!... Ainda estou vivo!

E a cada uma destas palavras a sua espada penetrava na carne dos inimigos, saindo úmida e vermelha.

Eram dois lutadores assombrosos!

— Aproximem-se — dizia Lagardère — do contrário necessitarei duma lança para poder chegar aí!

Nesse momento apareceram dois vultos na janela do fôsso. Eram dois homens que presenciavam o combate, cheios de inquietação: Peyrolles e o seu amo.

— Miseráveis! — disse Gonzaga — Dez contra um e não fazem nada! Será necessário eu tomar parte na luta para conseguir a vitória?

— Tende cuidado, monsenhor!

— O perigo é êle sair vivo!

— Adiante!... Acabemos com êles!... — exclamavam os nossos heróis.

O círculo de assassinos ia alargando, os bandidos retrocediam. Só faltavam alguns minutos para que decorresse a meia hora. Lagardère ainda não fôra ferido e Nevers tinha apenas um arranhão na fronte. O socorro estava a chegar. Daquela maneira, os dois combatentes ainda podiam esperar uma hora.

Os espadachins permaneciam a distância, sem detrimento das suas pessoas. Tinham dito:

— Depois de cansados, separamo-los, e como são de carne e osso, acabamos com êles.

Tôdas as suas manobras eram dirigidas de forma a atrair um dos campeões à frente e obrigar o outro a retroceder até à parede.

De súbito, ouviu-se o grito de:

— Salve-se quem puder!

— Avante! — disse Lagardère.

— Avante! — repetiu o duque.

E ambos gritaram:

— **Aqui estou! Aqui estou!**

Tudo cedeu ao ímpeto de Lagardère, **que num** abrir e fechar de olhos **se encontrou junto à** parede, enquanto o duque ficou diante de uma muralha de ferro.

Os seus esforços obrigaram a retroceder um pouco os atacantes e como não era homem para pedir socorro, continuou a lutar sòzinho.

Naquele momento, porém, a grade de ferro girou nos gonzos e dois homens saltaram para o fôsso. Nevers não os viu. Iam de espada desembainhada e o mais alto levava o rosto coberto com uma mascarilha.

— Vitória! — exclamou Lagardère, que se desembaraçara dos seus inimigos.

Mas Nevers respondeu-lhe com um grito de agonia.

O mascarado que saltara pela janela atacara-o pelas costas e Nevers caíra mortalmente ferido. As covardes estocadas que lhe deram em seguida eram inúteis; o golpe fôra certeiro.

Nevers, ao cair, conseguira voltar-se e seu olhar moribundo fitou o homem da máscara. Uma expressão de amargura contraíu-lhe os músculos do rosto.

—Tu!... Foste tu, Gonzaga! — murmurou Nevers, moribundo — Tu, o meu amigo! Tu... por quem eu daria cem vêzes a minha vida!

— E eu só queria a tua uma vez! — respondeu o outro friamente.

O duque deixou cair a cabeça...

— Morreu! — disse Gonzaga — Agora o outro!

— Não foi necessário procurá-lo, porque o **outro** já se dirigia para êles.

Lagardère ouviu o grito de agonia lançado por Nevers e soltara um rugido. Os espadachins quiseram cortar-lhe o passo, mas dois dêles rolaram por terra e Lagardère abriu caminho. Quando chegou ao sítio onde o duque caíra moribundo, êste, fazendo um esfôrço sobre-humano, ainda conseguiu erguer-se um pouco e dizer-lhe, em voz débil:

— Irmão!... Não te esqueças! Vinga-me!

— Juro-o por Deus! exclamou Lagardère entre comovido e solene — Todos êsses covardes assassinos morrerão às minhas mãos!

A menina começou a chorar debaixo da ponte, como se o estertor do pai a tivesse despertado. Os seus gritos débeis passaram despercebidos.

— A êle! — gritou o assassino de Nevers!

— A ti não te conheço — disse Lagardère, dirigindo-se a Gonzaga — Por isso, necessito assinalar-te para poder cumprir o meu juramento quando chegar a hora de vingar Nevers!

Entre êle e o mascarado colocaram-se os espadachins e Peyrolles, mas a lâmina de Lagardère fulgurou como um raio e destroçou o centro daquela parede humana, ficando apenas entre ambos Saldanha e Peyrolles. O da mascarilha pôsse em guarda. Lagardère, manejando assombrosamente a espada, fêz-lhe um golpe na mão direita.

— Já estás marcado! — disse, retirando-se.

Acabava de ouvir o pranto da pequenita. Em três saltos achou-se debaixo da ponte.

A lua, que naquele momento surgia por detrás das tôrres de Caylus, iluminou-o e todos viram que levantava do chão um pequeno fardo.

— A êle! A êle! — gritou Gonzaga, sufocado pela raiva — Leva a filha de Nevers! E' preciso recuperá-la a todo o custo!

Mas Lagardère já tinha a criança nos braços.

Os espadachins pareciam cães que acabassem de levar uma sova. Cocardasse aumentava-lhes o desânimo, dizendo:

— Aquêle bandido vai acabar conosco!

Para ganhar a escada, Lagardère não precisou

de fazer uso da espada, que brilhava à luz do luar. Bastou dizer:

— Passagem, marotos!

E todos se afastaram instintivamente. Subiu a escada em dois saltos. Ao longe, ouviu o galope de cavalos. Lagardère, do alto da escadaria, ergueu a pequenina que, ao vê-lo, sorriu.

— Sim! E' a filha de Nevers! Vem buscá-la, assassino! Tu que cometeste a covardia de assassinar o pai pelas costas, vem buscá-la! Quem quer que sejas, a tua mão conservará a minha marca e quando chegar o momento oportuno não necessitarás procurar Lagardère, êle próprio irá ao teu encontro!

IX

A CASA DE OURO

Havia dois anos que morrera Luís XIV, em cujo tempo se haviam extinguido duas gerações de herdeiros reais: a do Delfim e a do duque de Borgonha. O trono cabia a Luís XV, seu último neto, mas ainda criança de pouca idade.

Durante o reinado do tio, Felipe de Orleans era uma espécie de bôbo da Côrte, mas as suas brincadeiras deram-lhe o resultado que esperava.

Mal se disse à porta do quarto real: "Morreu o rei!" Felipe de Orleans tirou a máscara. O Conselho de regência que Luís XIV nomeara foi eliminado e passou a haver apenas um Regente: o duque de Orleans.

Corria o mês de setembro do ano de 1717.

Decorreram, portanto, dezenove anos desde os acontecimentos relatados nos capítulos anteriores desta narrativa.

O fundador do Banco da Luisiana, filho do ourives Juan Law de Louriston, estava então no apogeu da sua popularidade.

O criador do papel moeda, do Banco Geral e da **Companhia do Ocidente**, transformada depois em Companhia das Índias, era um verdadeiro ministro da Fazenda do Reino, embora d'Argenson tivesse a pasta.

O Regente, cuja inteligência se obscurecera não só devido aos defeitos de educação, como também aos seus excessos de libertinagem, deixou-se seduzir com as maravilhas daquele poema financeiro.

Law pretendia transformar tudo em ouro e converter êste em ações, mas chegou o momento em que os especuladores, possuindo nas arcas um grande capital em títulos, não tinham o que comer.

Era uma triste manhã de outono. Numerosos grupos de carpinteiros e de pedreiros, com as ferramentas aos ombros, subiam a rua de Saint-Denis e voltavam a esquina da rua de Saint-Magloire. Ao meio desta rua e quase em frente da igreja do mesmo nome, via-se um portal de nobre aspecto, adornado com esculturas e colunas caprichosas. Os operários entravam, atravessavam o vestíbulo e paravam num pátio empedrado, para o qual davam três fachadas de elegante e severa construção.

Era o antigo palácio de Lorena, habitado durante a Liga pelo duque de Mercœur e desde Luís XIII que era conhecido sob o nome de palácio de Nevers. Naquela época, porém, chamava-se palácio de Gonzaga: era ali que habitava Felipe de Mântua, príncipe de Gonzaga.

Êste era, sem dúvida, a seguir ao Regente e a Law, o personagem de maior importância do reino.

Desfrutava dos bens de Nevers a dois títulos: como parente e herdeiro presuntivo do duque e como espôso da sua viúva, Aurora de Caylus.

Êste casamento concedeu-lhe também a imensa fortuna de Caylus-**Ferrôlho**, que havia já muito tempo, fôra reunir-se, no outro mundo, às suas defuntas mulheres.

A quem se surpreender com êste casamento recordaremos que o castelo de Caylus era solitário, afastado de qualquer cidade e que duas mulheres tinham morrido dentro daquela lôbrega prisão. Há coisas que só se podem explicar pela violência física ou moral.

Havia dezoito anos que a viúva de Nevers usava o título de princesa de Gonzaga. Nem um só dia, durante aquêle longo período, deixara o luto; nem mesmo para ir ao altar. Na noite do casamento, quando o príncipe entrou no seu quarto, ela mostrou-lhe a porta com uma das mãos. Com a outra segurava um punhal sôbre o peito palpitante.

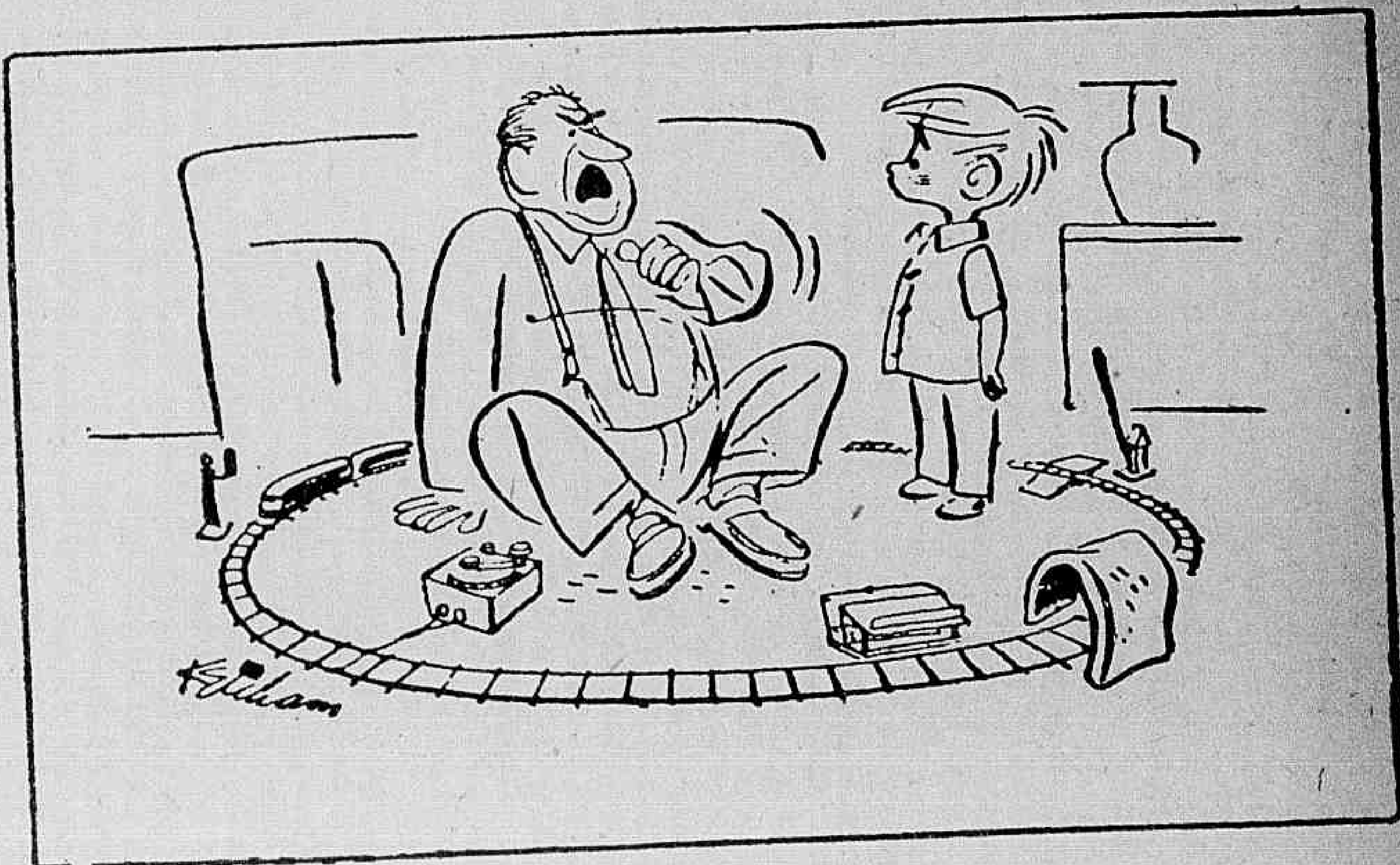
— Vivo — disse-lhe — para a filha de Nevers, mas o sacrifício humano tem limites. Se der mais um passo, irei esperar minha filha ao lado do pai!

O príncipe precisava que a mulher vivesse para desfrutar o rendimento dos domínios de Caylus; assim, ao ver a sua atitude resoluta, cumprimentou profundamente e afastou-se.

Daquela noite em diante, a princesa nunca mais pronunciou uma palavra em frente do marido.

Êle era cortês e amável; ela muda e fria.

Todos os dias, às horas das refeições, Gonzaga



DEPOIS DO NATAL — *Eu sou maior, mais sabido e mais forte... Por que não posso ser o encarregado dos contrôles?*

mandava um criado avisar a princesa. Nunca se sentou à mesa sem cumprir esta praxe, mas também todos os dias uma dama de Aurora lhe respondia que a princesa se encontrava indisposta e lhe pedia para a dispensar. Isto acontecia trezentos e sessenta e cinco dias no ano, se o ano não era bisexto. Diante dos amigos, o príncipe falava sempre da mulher com grande respeito e ternura.

Gonzaga era um espírito forte, hábil, atrevido e calculista. Tinha os modos dignos e um pouco exagerados da sua terra. Mentia e dissimulava com um descaramento e uma perfeição quase heróicos e, embora fôsse um dos mais desavergonhados libertinos da Côrte, em público todos os seus atos e tôdas as suas palavras eram repassadas da mais requintada decência.

O Regente chamava-lhe o seu melhor amigo. Todos sabiam os esforços sôbre-humanos que fizera para encontrar a filha de Nevers, mas as suas pesquisas haviam resultado inúteis. Como não se podia, porém, comprovar o falecimento da criança, Gonzaga continuava a ser o tutor natural e era nesta qualidade que desfrutava os rendimentos de Nevers. Uma vez provada a morte da filha do duque, a herança pertencer-lhe-ia.

Quando Aurora, cedendo às violências do pai, consentiu em casar com o príncipe, mostrou-se inflexível em tudo quanto pudesse redundar em prejuízo dos interêsses da filha. Quis que constasse pùblicamente a sua qualidade de viúva de Nevers e o nascimento da pequenita. Gonzaga tinha com certeza as suas razões para aceitar tudo isto. Há dezoito anos que procuravam a princesa, mas as diligências de ambos, embora por motivos diferentes, tinham sido infrutíferas.

No fim do verão, pela primeira vez, falou em regularizar a situação e nomear um conselho de família que liquidasse o assunto; porém, estava sempre tão ocupado! Era uma pessoa tão rica! ...

Uma prova disso, era os operários que acabamos de ver entrar no seu palácio e cuja missão era transformá-lo por completo.

Aquela soberba moradia, que continha tanta riqueza e maravilha, ia converter-se, dali a pouco, numa colossal casa de câmbio. No entanto, não havia em Paris palácio mais principesco. Era preciso, pois, que Gonzaga, príncipe, artista e homem orgulhoso, tivesse motivos muito importantes para transformar tudo aquilo.

Eis a razão:

O Regente, depois de uma ceia, concedera ao príncipe de Carignan o direito de estabelecer, no seu palácio, uma sucursal do Banco das Índias, dizendo-se que o príncipe desfrutava também a regalia de poder recusar as ações que não tivessem a chancela de sua casa.

Invejoso, Felipe de Gonzaga, ao sair de outra ceia, conseguiu do Regente, para o consolar, lhe concedesse o monopólio de trocar ações por mercadorias. Aquêle negócio devia levar ao seu palácio montões de ouro.

Era, portanto, necessário arranjar lugar para tôda a gente, muito embora devessem pagar o aluguel bastante caro. No dia imediato ao de ser outorgada a concessão, chegou o bando dos demolidores.

Numa janela do primeiro andar, uma mulher de luto observava aquela obra de destruição, com olhar triste. Era bonita mas estava muito pálida, tão pálida que os operários a comparavam a um fantasma. Diziam entre si que se tratava da viúva do falecido duque de Nevers, espôsa do príncipe de Gonzaga. Durante muito tempo ela estêve a olhar para o trabalho... Defronte da sua janela existia um úlmeiro mais do que secular, onde os passarinhos cantavam logo de manhã. Quando o velho ulmeiro caiu, a princesa fechou a janela e nunca mais tornaram a vê-la.

Mas era preciso arranjar espaço... muito espaço! Aquêle jardim, inútil até então, ia render rios de dinheiro. Sabe Deus qual seria o preço de cada metro de terreno! Cada uma das barracas que Gonzaga ali ia mandar construir renderia tanto como um esplêndido palácio.

Àqueles que riam dos seus projetos, o príncipe respondia:

— Daqui a cinco anos, com os milhões que hei de ganhar, poderei comprar as Tulherias ao rei Luís XV. Êle será rei, mas estará arruinado!

Na manhã em que entramos pela primeira vez no palácio de Gonzaga, a obra de devastação estava quase terminada. Em redor do pátio principal, literalmente cheio de gente, elevava-se uma tríplice fila de casas feitas de pinho. Os vestíbulos estavam transformados em escritórios. Era o dia em que a **Casa de Ouro** — como já lhe chamavam — ia iniciar os seus negócios.

Na escadaria de honra, rodeado por uma multidão de comerciantes, via-se um fidalgo vestido de veludo, sêda e rendas, com uma magnífica corrente de ouro prêsa ao pescoço e os dedos cheios de anéis.

Era Peyrolles, confidente e íntimo conselheiro de Gonzaga. Não envelhecera muito: continuava a ser o mesmo personagem, magro, amarelo e curvado, cujos olhos míopes pediam a moda dos **lorgnons.** Também tinha uma côrte de aduladores, porque Gonzaga lhe concedera tôda a sua confiança.

Pelas nove horas — hora em que o apetite desembaraçou o pátio de solicitantes — dois homens, que não tinham precisamente aspecto de bolsistas, transpuseram o umbral do palácio, a alguns passos de distância um do outro.

Embora a entrada fôsse livre, êstes dois homens não pareciam estar muito seguros dos seus direitos ao penetrar ali; o primeiro dissimulava mal a sua inquietação sob um ar impertinente e o segundo, pelo contrário, esforçava-se por parecer mais humilde do que era... As suas grandes espadas, porém, denunciavam-nos à légua, como espadachins.

Devemos fazer notar que êste ofício andava, então, bastante desacreditado. A Regência perseguira tenazmente os valentes de ofício e as momices ocupavam o lugar que antes tinham as espadas dos aventureiros.

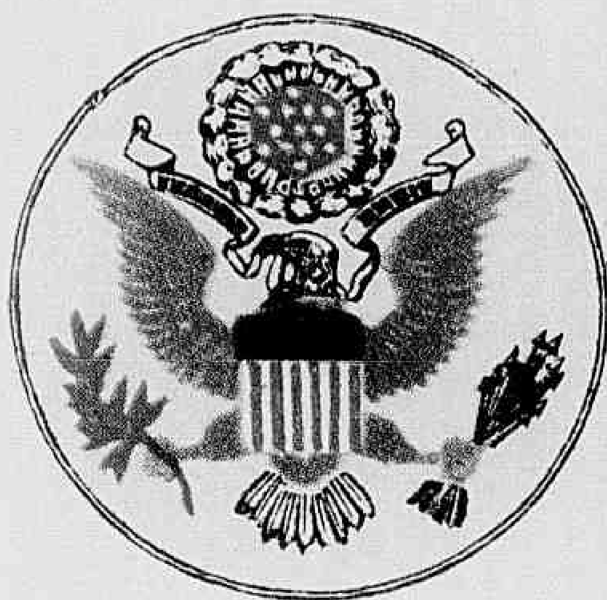
Os nossos heróis depressa se confundiram com a multidão; o primeiro abria caminho com empurrões e cotoveladas; o outro deslizava por entre os grupos, como uma serpente.

(Continua no próximo número)

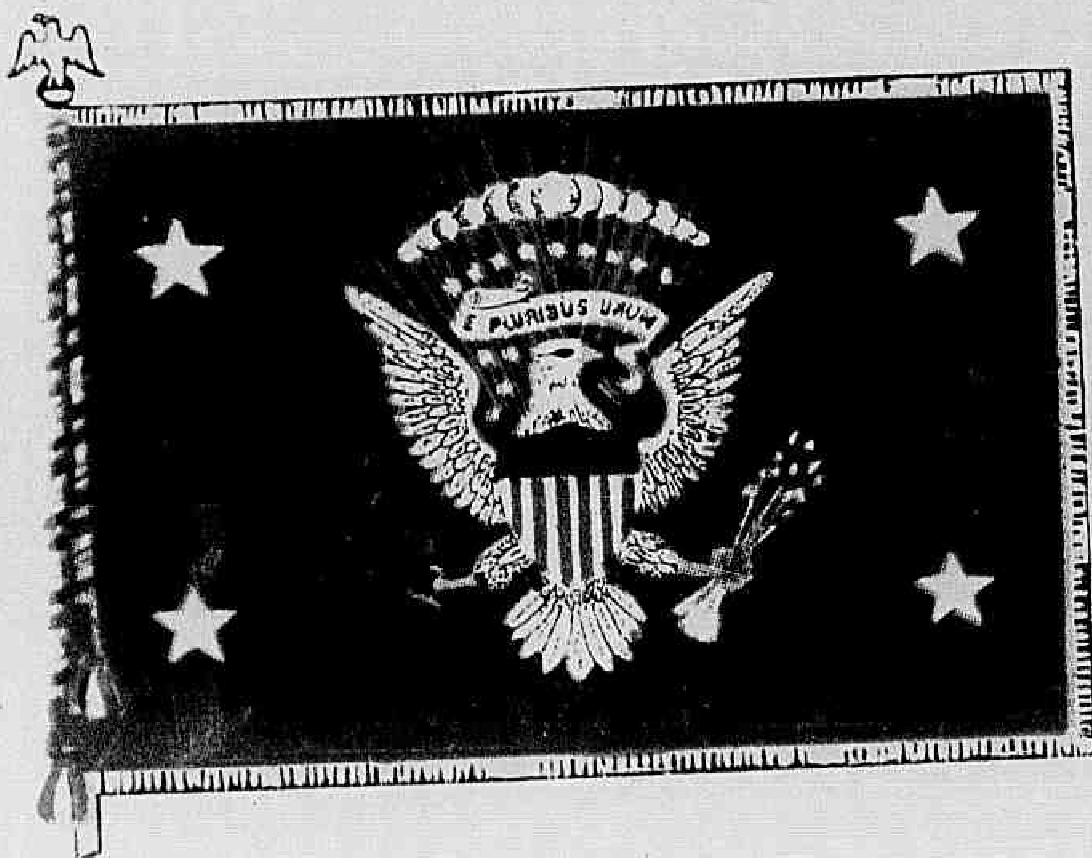


GENERAL DWIGHT D. EISENHOWER

35.º Presidente dos Estados Unidos da América do Norte (11.º general eleito para êsse supremo pôsto)



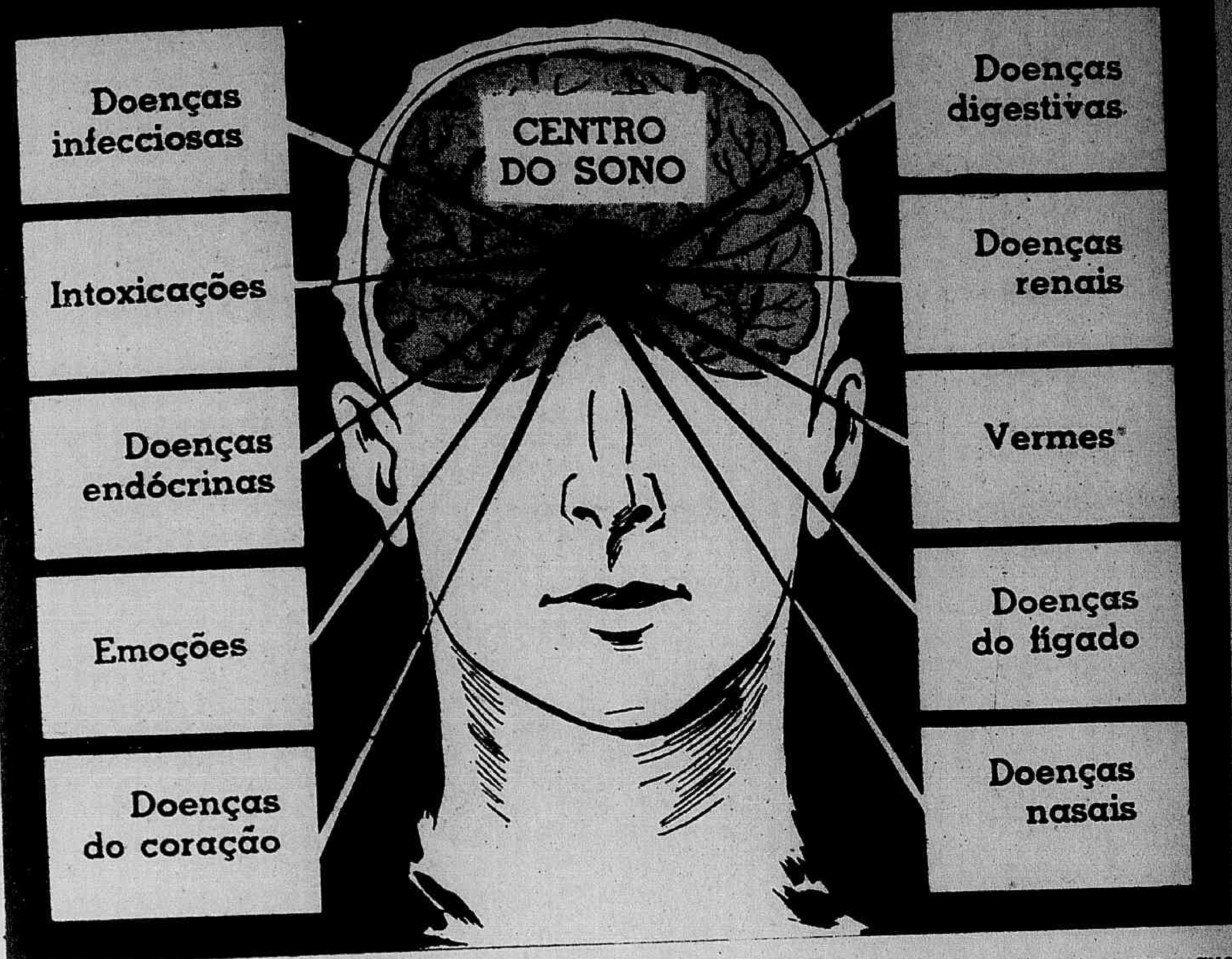
Grande sinete dos Estados Unidos



Pavilhão Presidencial



Sinete do Presidente da República



O SONO PODE CURAR MUITOS MALES!

ENTRE os maiores tormentos que afligem o homem, destaca-se o de não poder dormir.

Os distúrbios do sono são de várias espécies. Há os doentes, por exemplo, que se queixam **porque são constrangidos a dormir demais** e outros, ao contrário, que apresentam curiosíssimas anormalidades no ritmo do sono, como por exemplo, **a necessidade imperiosa de dormir durante o dia e permanecer insone a noite inteira!**

Para curá-los, o médico deve procurar a causa determinante. E é sempre fascinante esta operação de sondagem nos abismos do organismo humano. Fascinante porque os resultados, em geral, são brilhantes. E restituir o sono — e a tranqüilidade — a um doente é uma das obras mais meritórias.

Qual a causa que determina o sono?

Aponta-se, geralmente, a fadiga. Quanto mais esta se prolonga, mais longo e profundo também ha de ser o sono que a segue — **num indivíduo normal.** O trabalho e tôdas as formas de atividade provocam, no organismo, o acúmulo de elementos tóxicos ou de rejeição, os quais, em parte, são eliminados — ou neutralizados — pela ação das glândulas (renais e sudoríparas).

Um célebre médico francês afirmou, certa vez, que "viver é afadigar-se".

Realmente, quanto mais ativa tenha sido a atitude do indivíduo, durante a vigília, mais longo há de ser o sono. Nos velhos, cuja atividade é sensìvelmente menos vigorosa e prolongada, verificamos que dormem menos do que os moços e êstes menos ainda que as crianças. A sensação de sono, que nos assalta após uma longa vigília, não é mais do que uma "sensação de alarma", que adverte-nos quando a intoxicação, provocada pelos produtos de rejeição, acumulados no organismo, atinge a um grau elevado.

Do sono participam, de uma maneira geral, todos os tecidos do nosso organismo: os músculos se relaxam, a temperatura decai, as várias funções (respiração, circulação do sangue, digestão, etc., etc.) sofrem um afrouxamento em seu vigor funcional. Por sua vez, o sistema nervoso cede completamente, apresentando sintomas alarmantes; diminui a capacidade de perceber os estímulos do ambiente, enfraquecendo-se e baralhando-se os reflexos, enquanto a própria tensão mental se atenua e a consciência pouco a pouco se fecha e anula

COMO SE VENCE A INSÔNIA ★ COMO SE REDUZ A HIPERSÔNIA ★ COMO EVITAR O DISSONO ★ COMO ANULAR O SONILÓQUIO ★ A HIGIENE DO SONO

como a objetiva de uma máquina fotográfica, deixando o indivíduo em completas trevas.



Tôdas essas manifestações do sono se encontram sob o domínio de uma parte do cérebro, justamente dotada de grande sensibilidade à ação dos tóxicos provocados pela fadiga, principalmente no sangue: aquela parte que, constituída por minúsculas células nervosas, reunidas num todo não maior que o volume de uma simples lentilha, fica situada bem no centro do encéfalo e que pode assim ser classificada como "o centro do sono".

As substâncias de rejeição são transportadas pelo sangue ao chamado centro do sono; êste, por sua vez, assim atacado, põe em ação tôda uma vasta e complicada série de engrenagens nervosas, que levam o indivíduo a tombar em absoluto repouso. Então, pouco a pouco, paciente e completamente, tôdas as toxinas que, com o sangue, atacaram os centros nervosos do indivíduo e agiram contra os seus principais órgãos, são atacadas e digeridas, enquanto o indivíduo repousa, até que o centro do sono recupere o seu equilíbrio — o que fará o indivíduo despertar.

Tudo isso ocorre — é claro — **em condições normais.** A doença, entretanto, modifica o sangue e os principais humores capazes de agir sôbre o centro do sono e, assim, começam a surgir os chamados **distúrbios do repouso.**

Mexendo-se e virando-se no leito, o indivíduo que não consegue dormir seria bem capaz de dar uma imensa fortuna à pessoa que lhe ensinasse como fechar os olhos e adormecer — ao menos uma noite!

As causas?

Por exemplo: as emoções, a neurastenia. Muitas formas de intoxicações (abuso do café, do álcool, do fumo). Certas moléstias infecciosas (como o tifo, a encefalite, os distúrbios do coração e a diabete).

O contrário da insônia é a hipersônia: a incontrolável tendência para dormir em demasia, mal de que sofrem aquêles que têm a tiróide funcionando pouco; os obesos; os doentes de meningite; as senhoras em estado de gestação; os que sofrem de moléstias nasais e muitos outros ainda, como, por exemplo, os atacados pela "doença do sono", no sul e centro da África.

O terceiro e último exemplo de distúrbios do sono é o **dissono,** isto é: o sono modificado na sua "qualidade". Por exemplo: o sono povoado de sonhos terríveis ou pesadelos (e cujas causas são, em geral, intoxicações intestinais, certas enfermidades dos rins, do fígado, cardíacas ou respiratórias e todos os estados febris, causados por moléstias infecciosas).

Outro exemplo é o do sonilóquio (a faculdade de falar durante o sono) sempre acompanhado de movimentos anormais, todos próprios do sonambulismo.

Individualizar a causa de um distúrbio do sono equivale, na maior parte dos casos, a delinear a cura para o mal.

Mais do que pela ação dos soníferos ou dos excitantes, podemos esperar resultado do tratamento radical da moléstia original.

Os distúrbios do sono devem igualmente ser evitados com oportunas práticas de higiene. Existe, portanto, uma higiene do sono, da qual passamos a dar algumas normas básicas.

DORMEM

MUITO	MAL	POUCO
Os obesos, os hipotiróideos, os adebóideos, os encefalíticos.	Os doentes do estômago, coração, rins e fígado.	Os emotivos os hipertiróideos, os neurastênicos, os toxicômanos.

Não reduzir, demasiadamente, as horas de sono (pelo menos 7 a 8 horas); da mesma forma não convém aumentar êsse período de total repouso, o que passará a ser um hábito prejudicial; evitar o uso de tóxicos; dormir nas horas reservadas para essa função, ou seja: nas horas noturnas, pois que o sono diurno não é reparador; evitar, **principalmente,** a "sesta" após as refeições; trocar de posição enquanto dorme (é mau dormir sôbre o estômago, da mesma forma que quem dorme sôbre o flanco esquerdo obsta a própria digestão e, caso o coração não esteja em boas condições, essa posição pode provocar alguma desordem circulatória). Se a pressão arterial é baixa, a cabeça deverá repousar sem travesseiro. Ao contrário, se a pressão é alta, a cabeça deverá repousar em travesseiro alto.

A higiene do sono está ligada estreitamente à do organismo inteiro e sua observância, em tais condições, pode favorecer a todo o corpo. Porque o sono é a melhor defesa contra as moléstias do nosso século, o que vale dizer: contra as enfermidades nervosas.

Nem foi sem outra razão que um grande médico propôs, recentemente, a melhoria dos estudos para "a cura pelo sono artificial", isto é: prolongando-o por vários dias consecutivos, para aliviar ou curar muitos estados mórbidos, frutos da turbilhonante vida moderna.

PLANTUS

FÁBULAS
PARA TÔDAS AS IDADES

(PRINCIPALMENTE A ATÔMICA)

Por
ROBERT
M. YODER



O LÔBO QUE TANTO PERSEGUIA AS OVELHINHAS DESAPARECEU INESPERADAMENTE!

ERA uma vez um lôbo que, de tão esfomeado, teve uma **big** idéia, que logo desejou pôr em prática. Foi para casa, ao escurecer, e tocou a campainha. Quando a Sra. lôbo veio à porta ver quem chamava, o lôbo, mais que depressa, fêz:

— Méééé! — e logo a seguir, perguntou: Com quem pareço?

— Você parece... com você mesmo, com roupa trocada! — disse a sua espôsa — Que idéia tola foi essa de cobrir as costas com uma pele de carneiro?

— Ah! E' o meu disfarce! — declarou o lôbo — Tôda vez que eu procuro me esgueirar, mesmo de mansinho, num rebanho de ovelhas, elas logo sentem a minha presença. Por isso vou usar agora essa pele. Por certo, elas pensarão que sou mais uma do rebanho. Você não acredita, hein?

— Nem um pouquinho! — disse a loba — Você é muito maior que uma ovelha e essa pele mal chega para cobrir os pelos do lombo. Se a colocar mais para a frente, a fim de cobrir a cabeça, há de sobrar muito lôbo na parte de trás. Se inverter a posição, então sobrará muita cabeça de lôbo. E você deve saber que não tem cara de ovelha, nem cauda, nem pés como os dela. Na verdade, você se pareceria com uma ovelha tanto quanto eu, caso fôsse sair por aí, montada numa bicicleta!

— E'... não é? — disse o lôbo, despeitado e mesmo indignado com o pouco caso demonstrado pelo seu talento. — Pois espere para ver! Hei de estar entre elas, antes de que suspeitem de qualquer coisa. Só há uma coisa que me preocupa: é ter que pastar e comer o que elas comem, pois tenho que me aproximar delas... pastando.

— Pastando? Ora, você não poderia assustar mais as ovelhinhas — ponderou a loba — ... se fôsse para junto delas de guardanapo no braço, empunhando os talheres, o vidro de sal e rodelas de limão!

O lôbo considerou essas palavras como simples críticas de espôsa implicante e metida a humorista, dando de ombros e voltando-lhe as costas. Depois, tendo praticado com a pele de ovelha e andado quase de rastros, no quintal da sua casa, saiu para uma primeira tentativa junto das futuras vítimas. Resolutamente, saiu do bosque e começou a comer o pasto gordo, primeiro na orla do grande descampado. E quase saltou de alegria, pois o rebanho não revelou qualquer alarma. Mais até: duas ovelhas bonitas e gordas caminharam na sua direção e quando chegaram junto dêle confessaram:

— Estávamos justamente falando a seu respeito, pois achamos que é o carneiro mais bonito e forte de todo o rebanho — disse uma.

— Você é muito maior que os demais carneiros — disse a outra ovelha — embora pareça não ter pastado sequer um metro quadrado de terreno, nos últimos anos... Mas venha com o nosso rebanho e nós o levaremos para os campos onde o pasto é muito melhor...

Estavam as duas inteiramente à sua disposição e o lôbo teria apenas que atirar para um lado a pele de ovelha e... provar a macia carne daquelas duas primeiras vítimas. Porém milhares de ovelhas chegavam de todos os lados, cercando-os e formando uma espécie de coluna. O lôbo ficou, dêsse modo, "encaixotado" entre elas, que começaram a trotar. Sem poder fazer outra coisa, o lôbo foi obrigado a acompanhá-los, pois que, já agora o rebanho estava cercado pelos cães dos pastôres e também dêstes últimos, montados em fogosos cavalos.

E assim foi êle **a terceira "ovelha"** a subir a rampa do trem-especial, para gado, que logo seguiu para os grandes matadouros.



OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS — (VI)

EM 28 de novembro de 1689, batendo nove horas da manhã, ao regressar o intendente Lebrun à casa de sua amiga, Mme. Marie Mazel, na rua dos Maçons (atualmente rua Champollion), encontrou a criadagem em grande alvorôço: a patroa, que jamais deixava de tocar a campainha, chamando a sua camareira, às sete da manhã, a fim de que lhe levasse os ovos com presunto, que constituíam o seu primeiro almôço, não dera ainda sinais de vida.

— Sem dúvida, aconteceu alguma desgraça! — opinava o gordo Dionísio Ladventure, cocheiro da residência. A patroa deve ter sofrido uma de suas habituais sangrias do nariz. Talvez tenha perdido os sentidos.

Lebrun afastou brutalmente os criados que o cercavam e murmurou estas estranhas palavras:

— Queira Deus que não tenha havido coisa pior!

A seguir, subiu, quatro a quatro, os degraus da escada até ao pavimento superior, onde dormia Marie Mazel e, com um **passe**, abriu a porta do quarto, nêle entrando sem hesitar, para tornar a sair, logo em seguida, como enlouquecido pela surprêsa e pela dor.

— Ela foi assassinada! Corram à residência do Sr. de Savonnières, sem perda de tempo, e peçam-lhe que dê aviso imediato ao Chefe de Polícia, que é seu amigo íntimo! Você, Fleury — disse êle, dirigindo-se a um rapazola, que procurava esgueirar-se no quarto, curioso como são todos os meninos de quinze anos — corra até à casa do Sr. Demestre e diga-lhe que deixe tudo e venha ver a patroa, imediatamente. Talvez ela ainda respire!

Mas não. Marie Mazel não respirava mais! Fôra morta com trinta e sete golpes de faca, sendo que nenhum, sem dúvida, era mortal, nem mesmo grave, dado que nenhum órgão essencial tinha sido atingido; mas haviam provocado hemorragias tais que a pobre senhora, já bem madura, sucumbira.

O Dr. Demestre, homem grave e lento, consciente da majestade de suas funções, só apareceu uma boa hora depois. Moveu várias vêzes a cabeça, com ar desanimado, tocou levemente na vítima e apenas disse:

— Se ela tivesse vinte anos menos, eu a teria salvo; mas a idade muito ajudou ao seu assassino!

O chefe de polícia já ali se encontrava, pessoalmente, com o Sr. de Savonères, o mais velho dos três filhos da Sra. Mazel, conselheiro no Parlamento de Paris, pessoa importante e muito considerado na Côrte e na cidade.

Assim, tinha início o inquérito. Melhor ainda: desde êsses primeiros minutos, o inquérito **se orientava** — e o fazia até com certo exagêro e pressa não isentos de perigo.

AMEAÇAS DE MORTE — O crime causaria

A HISTÓRIA SANGUINÁRIA



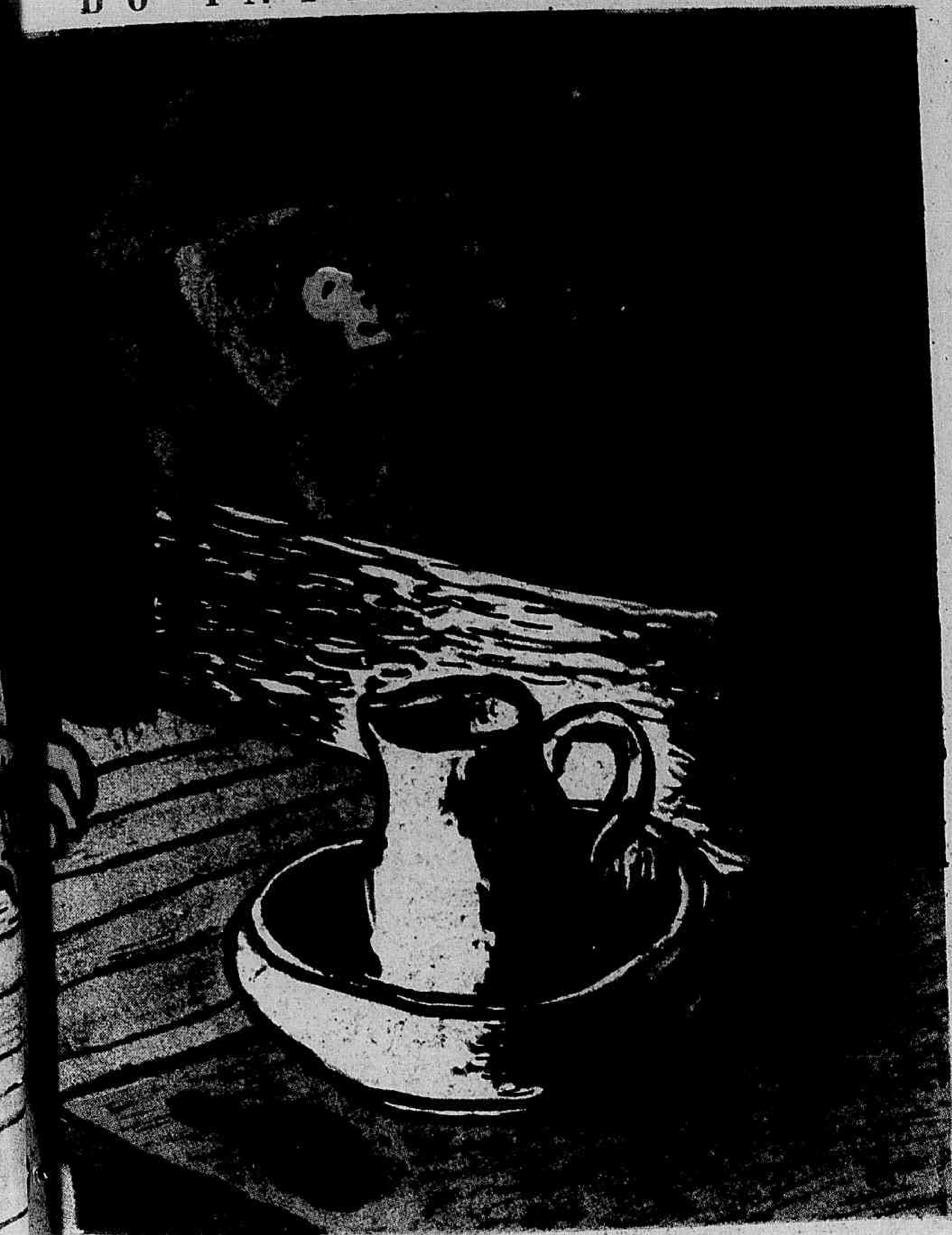
SÓ UM FAMILIAR PODERIA

grande sensação. Mme. Mazel era, por parte de mãe, aparentada aos Colbert e todos os seus filhos ocupavam, no Estado, postos de relêvo. Aos vinte anos, desposara um nobre senhor angevino, Sr. Savonnieres, ao qual dera, ano após ano,

quatro filhos e três filhas, dos quais sobreviviam os três mais velhos do sexo forte e as duas últimas do sexo fraco. Em 1665, o Sr. de Savonnières morrera e sua viúva voltara a contrair núpcias, agora com o Sr. Francisco Mazel, tesoureiro geral das Pontes e Calçadas da França e, mais tarde, superintendente das Casas e Finanças da Rainha, homem poderosamente rico e que, antes de morrer, deixando-a viúva pela segunda vez, comprara para ela, e mobiliara, a bela residência da rua dos Maçons, onde agora a pobre mulher encontrava tão triste fim. Nem um só filho havia nascido dêsse segundo casamento. E era tanto melhor para Mme. Mazel, pois que já tinha muitas dores de cabeça com a sua prole do primeiro matrimônio. René de Savonnières, principalmente, apaixonara-se totalmente por uma rapariga, Marie de Fleur, mulher belíssima, mas de nascimento duvidoso (o que não era coisa condenável, realmente) e, o que era pior, de mínimas virtudes; em vão Mme. Mazel se opusera a êsse casamento; a esperta rapariga vencera todos os seus obstáculos e, uma vez casada, lançara-se numa vida de tal forma desregrada que sua sogra obteve do rei uma "ordem secreta", para que a pecadora fôsse metida num convento de Bourges, prisioneira, mas de onde Marie de Fleur pudera fugir diversas vêzes. Poucas semanas antes do assassinato de Mme. Mazel, ela havia declarado, cìnicamente:

— A velha, dentro de pouco tempo, estará no túmulo; e êsse, sim: é o único convento de onde não se foge jamais!

DO INTENDENTE LEBRUN



TER SIDO O ASSASSINO!

O **cadete** dos Savonnières, Georges, Tesoureiro de França, para a cidade de Paris, parecia desejar contrair tão ruim casamento como o do seu irmão mais velho. De fato fazia côrte assídua a uma Sra. Chapelain, a quem oferecia presentes principescos sem nada obter da parte dela. A verdade era uma só: a esperta criatura queria uma aliança matrimonial. Já conseguira colocar como **esmo**-de influência sôbre a Sra. Mazel, um seu irmão, padre mais que suspeito, abade Pulard, jogador, bilontra, grande beberrão e hipócrita consumado, que não tardou a conquistar grande influência sôbre a Sra. Mazel, com ela jogando cartas, diàriamente, e cantando-lhe canções mais próprias para estalagens.

Devemos acrescentar que a Sra. Mazel, por sua vez, era criatura curiosa. Muito devota, cumprindo escrupulosamente os seus deveres religiosos, não deixara de transformar o andar térreo da sua imensa residência em uma espécie de casa de tavolagem, onde duas ou três vêzes por semana, qualquer pessoa podia entrar, encontrava parceiros (mas não tranqüilidade) e companhia feminina, podendo ali passar a noite em bebedeiras, cantorias e outros excessos condenáveis. A Sra. Mazel era a primeira a perder muitas dezenas de luíses, fazendo-o, porém, com o sorriso nos lábios; depois, cêrca de onze horas da noite, retirava-se, subia para o dormitório do segundo andar e deitava-se, deixando a sua casa, por assim dizer, entregue aos jogadores, com os quais não se preocupava.

ENIGMA INSOLÚVEL — O intendente estava a serviço da Sra. Mazel há mais de trinta e sete

anos; servia-lhe ao mesmo tempo de "maitre d'hôtel", de gerente para suas propriedades campestres, de banqueiro também, algumas vêzes, quando o jôgo se mostrava muito adverso e havia necessidade urgente de uma centena de luíses. Também lhe servia como cocheiro, quando ela partia para alguma longa viagem, pois Ladventure, ex-soldado que havia regressado bastante maltratado dos campos de batalha, sofria muito de seus velhos ferimentos. Jacques Lebrun era homem de cinqüenta anos e que conquistara alguma instrução porque gostava da leitura e, preferentemente, almanaques, que recebia de presente, da sua patroa. Sua honestidade era lendária. Isto, porém, não o impedira de juntar uma pequena fortuna, sendo econômico e recebendo constantemente boas gorgetas, de sua patroa e dos amigos dela. Casado, tinha uma filha de dezesseis anos, a quem adorava e que educara com grandes cuidados, assim como dois filhos, de oito e dez anos. Teremos uma melhor idéia dos costumes dêsse indivíduo, sabendo que jamais consentira em alojar a própria família na casa da rua dos Maçons, por considerá-la mal freqüentada.

Como, por que, as primeiras suspeitas dos policiais cairiam sôbre êsse digno homem? Logo surgem os que não conseguem compreender e também... os que compreendem **demais**: foi René de Savonnières o primeiro a acusar o intendente. O conselheiro apresentou como razão um legado importante que sua mãe havia feito a Lebrun, em seu testamento. Ali, segundo afirmativa, estava o móvel do crime, pois aparentemente nada havia sido roubado no quarto da vítima. O cofre-forte, existente num canto do quarto, não fôra aberto. Nenhuma desordem se notava no palco do drama; o guarda-roupa, por sua vez, não fôra tocado. O próprio Lebrun, após uma primeira inspeção, havia declarado:

— **Nada roubaram... E' singular!**

Que indícios tinham as autoridades?

Pouca coisa. Primeiro, nenhuma porta tinha sido forçada na residência: o quarto estava fechado, não parecendo forçadas as fechaduras. Prova de que, apenas um criado pudera realizar o crime, usando uma das chaves **"passe-partout"** que quase todos possuíam.

Em seguida, os cordões da campainha, pouco acima do leito, tinham sido levantados até a uma altura inatingível para uma pessoa normal. Nessas condições, a vítima não pudera chamar qualquer dos seus servidores. Mais uma prova de que o assassino era conhecedor do local e pudera, antecipadamente, tomar essa precaução.

Tinham encontrado também, junto da vítima, sôbre o leito banhado em sangue, um pedaço de gravata de renda e um lenço com a marca "S" (Savonnières) e armado em forma de "barrete para dormir". Finalmente, a Sra. Mazel se defendera vigorosamente, conseguindo, antes de perder os sentidos, arrancar ao seu agressor um punhado de cabelos que tinha sido encontrado em sua mão crispada.

Último detalhe: nas cinzas da chaminé foi encontrada a arma do crime: uma sólida faca de lâmina fixa, com cêrca de vinte centímetros de comprimento e tão terrível que não se compreendia como o seu manejador não conseguira tirar melhor proveito da mesma, pois com as trinta e sete facadas não pudera desferir contra a desgraçada vítima um só golpe mortal! O cabo da arma era de tartaruga e tinha iniciais incompreensíveis: C.S.P.

Uma retificação de extrema gravidade modificou, logo na manhã seguinte, essas primeiras verificações: o cofre tinha sido, realmente, aberto e novamente fechado, e todo o ouro que continha (cêrca de 9.000 libras) desaparecera!

Uma busca efetuada em tôda a casa, das adegas ao sótão, permitiu descobrir, num depósito de coisas velhas, uma camisa ensangüentada. Ao contrário, no quarto de Lebrun, nada de suspeito. Sua roupa nada tinha de parecida com a camisa maculada; esta não tinha o mesmo número das que usava, havendo uma grande diferença de tamanho. Segunda busca na própria casa dos Lebrun e o mesmo resultado negativo. Finalmente, os cabelos encontrados nas mãos crispadas da vítima não tinham a mesma côr dos de Lebrun.

Foi êle, apesar de tudo, o escolhido para ser prêso, jogado numa prisão, acusado do crime e do roubo!

A opinião pública, desta vez, demonstrou bom senso e visão exemplares. Ninguém acreditou, um só instante sequer, na culpabilidade do intendente! Um eminente advogado, membro da Academia Francesa, "Mestre" Barbier d'Aucour, se instituiu espontâneamente defensor do pobre homem. Trabalhou infatigàvelmente. Em vão.

A "memória" que redigiu em favor de Lebrun, e que foi entregue ao Parlamento, é um modêlo de lógica, de clareza e de bom senso. Não é possível explicar a aberração de que fôra prêsa a Justiça. Não consentiu em ouvir qualquer explicação, fechando os olhos diante da evidência. Era certo, por exemplo, que o assassino trazia no corpo as marcas do seu crime: a Sra. Mazel se defendera com tão grande valentia, que era muito provável que o assassino tivesse vestígios da luta travada com a sua vítima. Lebrun, entretanto, tinha o corpo intato, sem o mais leve arranhão. O "barrete" formado com o lenço, marcado com um "S", não servia para a sua cabeça; fôra feito para uma cabeça bem menor que a dêle. O pedaço de gravata encontrado sôbre o leito cheio de sangue não lhe pertencia, segundo a afirmação de todos os empregados da casa. Alguns chegaram mesmo a informar ter visto, tempos antes, uma gravata da mesma côr, com um lacaio de nome Berry, que tinha sido despedido quinze meses antes, após um roubo misterioso de mil e oitocentas libras e do qual fôra acusado.

Nada disso, porém, impressionou os magistrados.

O legado feito ao intendente? Mas o testamento da Sra. Mazel continha numerosos legados e, apesar disso, ninguém se lembrou de imputar o crime aos outros beneficiados! Os filhos da vítima tinham muito mais interêsse no desaparecimento da vítima que o antigo servidor. Os dois mais velhos, René e Georges, viviam desde muitos anos antes em hostilidade com a própria mãe, em razão da espôsa ou candidata a espôsa. E suas dificuldades financeiras eram do domínio público.

Jaques Lebrun, na verdade, estava de antemão condenado. Em 18 de janeiro de 1690, a "justiça" caiu sôbre êle: **"declarado culpado do assassinato**

contra a pessoa da Sra. Mazel". Pena cruel, sendo o condenado destinado a **"ser rasgado vivo e a expirar na roda".**

Anies, porém, ouviria a sentença em praça pública e confessaria tôda a sua culpa. Ao mesmo tempo perderia o direito ao legado feito por sua patroa.

NUMA PRAÇA DE SENS... — O Sr. Barbier d'Aucour apelou. No curto espaço de tempo que assim conseguia, pôde encontrar testemunhas que depuseram afirmando ter visto, em Paris, nos arredores da residência da Sra. Mazel, êsse já citado Berry, desaparecido poucos meses antes e do qual as más línguas diziam que continuava trabalhando para Marie de Fleur, a inimiga terrível da Sra. Mazel. D'Aucour suplicou ao Parlamento que não condenasse Lebrun antes de interrogar Berry e confrontá-lo com o intendente. Não obteve satisfação. A 22 de fevereiro de 1690, nova sentença confirmava a primeira. E o prisioneiro era torturado.

Torturado tão cruelmente que, três dias depois, expirava, tendo, até ao último alento, a despeito da brutalidade do seu carrasco, protestado a sua inocência. Seu entêrro permitiu ao povo de Paris, sempre pronto a abraçar a causa dos desgraçados, manifestar a sua opinião: uma multidão calculada em mais de cem mil pessoas acompanhou o pobre Lebrun até ao cemitério.

Manifestação platônica! — pensarão os leitores — Mas não! A cólera popular conseguiu realizar aquilo que não puderam alcançar a habilidade e o bom coração do advogado: os parlamentares, finalmente, se emocionaram. Um pouco tarde!

Novo inquérito foi aberto em bases mais honestas e concluido ràpidamente com a prisão do famoso Berry. Foi êle encontrado no início de abril, numa praça de Sens, durante uma feira de cavalos. Tinha nas algibeiras uma grande quantia em dinheiro (ouro) e um relógio logo reconhecido como sendo o mesmo existente, habitualmente, no gabinete de trabalho da velha dama. Foram suficientes três dias para que o miserável tudo confessásse: fôra êle realmente o autor do crime. Penetrara na residência numa noite de jôgo, subindo ràpidamente para o sótão, onde se escondera durante quatro dias, esperando a ocasião favorável para penetrar no quarto de sua antiga patroa.

— Por que desejava matá-la? — perguntaram ao assassino.

— Não trabalhava para mim... — declarou êle.

E, crivado de perguntas, pronunciou o nome de Marie de Fleur. Dois dias mais tarde, Berry se retratava. O Sr. de Savonnières agira nesse intervalo.

A 22 de julho de 1690, Berry era martirizado e executado na praça da Greve.

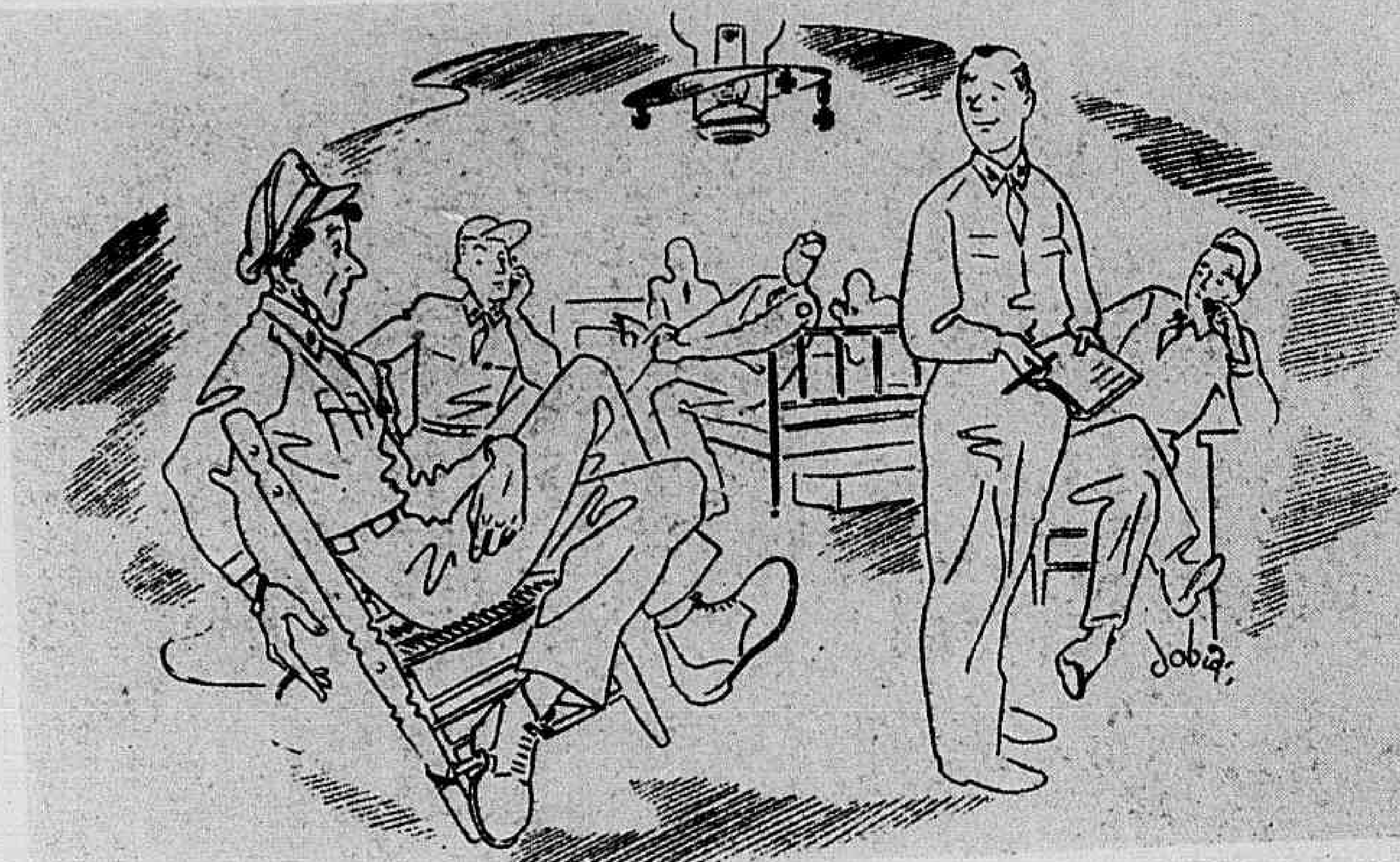
Foram necessários quatro anos de processo para que a viúva de Jacques Lebrun conseguisse reabilitar a memória do seu marido e entrar na posse do legado da Sra. Mazel.

* *

CAPITÃO CORAJOSO

(UMA ANEDOTA DA ÚLTIMA GUERRA)

Um dos maiores desgostos dos oficiais da Fôrça Aérea norte-americana, nos campos de prisioneiros da Alemanha, era, sem dúvida, êste: quase todos êles tinham sido abatidos justamente... poucos dias antes de ser promovidos! Resmungavam e queixavam-se, constantemente, por essa perda de galão, que significaria melhoria econômica, entre outras vantagens. E isso era mais uma vez comentado amargamente no vasto dormitório em que nos encontrávamos, quando um oficial norte-americano, servindo no Departamento de Recrutamento, ali surgiu, caderno na mão e lápis preparado, a fim de saber qual de nós desejava alistar-se voluntàriamente para servir na fôrça aérea do Pacífico, que continuaria a guerra contra o Japão, já que estava terminada a luta contra a Alemanha, na Europa, e nós estávamos, em conseqüência disso, livres do serviço militar.



Consultando a lista em que estavam os nomes, o oficial, após explicar a finalidade da sua visita, consultou:

— Tenente Smith?

— Sim, senhor! — respondeu o Tte. Smith, indicando que desejava ir combater nos céus do Pacífico.

— Tenente Riley?

— Sim, senhor.

— Tenente Williams?

Williams, que realizara quarenta missões arriscadas, antes de ser derrubado pelo inimigo, nos subúrbios de Berlim, pareceu hesitar.

— Senhor — disse êle, finalmente — O Tenente Williams é um completo covarde. Porém o Capitão Williams há de ser um combatente verdadeiramente intrépido até às raias da loucura!

Só entre nós dois

Por FRANCIS HAMILTON

SANTURE, homem duro, tenaz, de raciocínio rápido, estava decidido a tentar a sorte como jogador, porque as cartas tinham, realmente, saído sempre conforme êle havia desejado.

E teria ido longe, no caminho que escolhera, caso não tivesse cometido a asneira de matar um detective, pelas costas, certa noite, numa Hospedaria da Rua Três.

Homicídio jamais impressionara muito a Santure, que apenas, depois dêsse último, decidiu sair da cidade. Mas não resistiu à tentação de fanfarronar, entre os comparsas, gabando-se de haver derrubado o "tira"... Errou, porque as suas palavras retornaram, por caminhos desconhecidos, até Vincent Hickey, o irmão mais velho do detective assassinado.

O policial não tardou muito a obter transferência para o Departamento de Homicídios e, imediatamente, decidiu que **os passos de Santure seriam também os seus passos!**

Julgou que precisava, de início, ter uma boa pista e, por isso, cuidou de entrar em contato com jogadores e tôda classe de gente ligada aos "subterrâneos" do esporte, onde jogadores e partidas são compradas e vendidas em favor de apostadores desonestos e assim, caso Santure tivesse um dia feliz, no prado de Pimlico, levantasse alguma **bolada** nos jogos de dados, em Chicago, ou **acertasse** no escore de um **match** de futebol em Jersey City, êle, Hickey, estaria imediatamente informado.

Quando o jogador comprou um sobretudo de pele de camelo, no valor de 295 dólares e entrou, com sua roupa habitual, que era camisa esporte, de listras berrantes, abotoada na gola, e sem gravata, Hickey também anotou tudo, direitinho. Assim, sucessivamente, soube êle muitas coisas a respeito de Santure, e até mesmo que o assassino do seu irmão estava agora usando uma pistola de tipo especial, calibre 38, que guardava num coldre passado no cinto, contra o estômago.

Santure, porém, era bastante esperto para fazer as coisas longe do cenário do seu maior pecado. Conservava-se bem afastado de San Francisco e, dessa forma, fora de qualquer complicação oficial.

Vincent Hickey, simplesmente, descobriu e entreteve a pista do assassino. Depois ficou esperando, paciente.

Ocorreram, nesse intervalo, três grandes escândalos em corridas de cavalos, fora da cidade, além de algumas alterações entre jogadores de poker, tudo favorecendo Santure, e Vincent imaginou que o assassino não tardaria muito tempo a voltar.

De fato, Santure não costumava avaliar muito alto o preço de uma vida, e começou a considerar que oito anos era tempo mais que suficiente para que um assassinato saísse das cogitações da polícia — mesmo quando a vítima tinha sido um detective. Mas, naturalmente, êle ignorava que o homem a quem assassinara tinha um irmão, também policial e, justamente, servindo no Departamento de Homicídios.

O HOMEM QUE MATA UM DETECTIVE NÃO TEM MUITA "CHANCE" DE CONTINUAR VIVENDO POR MUITO TEMPO. TÔDA A SUA VIDA SERÁ UMA SUCESSÃO DE ALERTAS E DE FUGAS DESESPERADAS

Até mesmo as "fontes" de informações, que Hickey constatara no **bas-fond**, tinham acabado esquecendo tudo a êsse respeito. Apenas recordavam que Hickey, por uma razão qualquer, gostava de saber detalhes sôbre Santure e simplesmente continuavam fornecendo as informações. Hickey, por sua vez, apenas agradecia êsses favores — e nada acontecia.

Um dia estava êle saboreando um **sandwich** de bife, acompanhado de cerveja, trepado no banquinho de pernas compridas, num pequeno bar, bem em frente da Rua do Mercado, quando um homem, surgindo ao seu lado, começou a falar, sem olhar para êle, a falar em voz baixa e com o canto da bôca.

— **O seu "amigo" está na cidade** — disse êle; e quando Hickey moveu a cabeça num disfarçado sinal de inteligência, para indicar que ouvira a informação, o outro indicou o endereço, um certo local no extremo de Polk Street, à esquerda da enseada.

Hickey acabou de comer o seu **sandwich** e depois, atirando o dinheiro sôbre o balcão, saiu, dirigindo-se para o saguão do Palácio da Justiça, onde logo encontrou o seu colega e amigo Novak, ao qual revelou ter **um servicinho difícil** e que necessitava de sua ajuda.

Saíram juntos e não tardaram a encontrar o local, segundo a descrição do informador. Era uma velha casa, cercada por velhas árvores, que lhe davam boa sombra, otima até para quem, do seu interior, tivesse que se defender de um adversário.

Novak ficou vigilante, do outro lado da rua, bem dissimulado atrás de uma árvore e com tôda a atenção voltada para a casa fronteira. Hickey, vagarosamente, deu volta à casa visada e, pela veneziana de uma janela baixa, ouviu qualquer coisa frigindo no fogo, e não tardou a dilatar as narinas, sentindo o delicioso cheiro de ovos com presunto.

Percebeu, também, na cozinha, passos ligeiros e miúdos, que lhe revelaram estar alguma pequena com Santure, e que aquilo devia ser um ligeiro almôço para o jogador.

Cautelosamente, empurrou uma porta lateral, apenas o suficiente para ver uma loura pequenina e esbelta, através de um espelhinho, habitualmente colocado na palma da própria mão. Então, trocando o espelho pelo revólver calibre 38, abriu mais a porta e avançou um passo, apontando a arma, enquanto, com um dedo da mão esquerda sôbre os lábios, impunha silêncio. Logo a seguir, falou, num cochicho:

— **Cuide de sair imediatamente, menina; aqui mesmo por esta porta... Poderá vir apanhar o casaco e a bôlsa mais tarde.**

Ela pareceu compreender tudo, e Santure era apenas um negócio **de momento**, em sua vida;



por isso fêz como lhe fôra aconselhado pelo detective.

Ficando só, Hickey, sempre com o revólver em punho, foi fechar o gás sob o presunto e o café, e esperou, contendo a respiração.

Não passou muito tempo antes de ouvir ruídos característicos no banheiro de cima e, a seguir, no quarto que lhe ficava fronteiro. Alguns minutos mais e a voz de Santure chamou:

— **Tudo pronto, meu bem?**

Hickey ficou surpreendido, ouvindo aquela voz macia e quase musical. Como podia pertencer a um tipo tão ordinário, a um assassino frio e co-

varde? Porém Santure, não tendo obtido resposta, voltou a chamar:

— **"Meu bem!"**

A sua intuição de gangster, os seus sentidos sempre alertas, diziam-lhe que alguma coisa acontecera... alguma coisa... **errada!** Ou talvez tivesse lançado um olhar pela janela e visto Novak, vigilante.

Agora, a voz de Santure era áspera:

— **Quem está aí? Que quer de mim?**

Hickey respondeu — com uma voz calma e fria que fêz Santure estremecer.

— Apenas quero conversar sôbre os velhos tempos... **"e como você matou um amigo meu, pelas costas; recorda-se?"**

A técnica do detective estava **inteiramente fora do figurino**, como se comentou **depois**, entre os seus colegas. A menos que Hickey **não** desejasse que o assassino se entregasse **muito** fàcilmente.

Santure ficou quieto e mudo, e Hickey, montando numa cadeira, com o peito contra o espaldar e observando com olhar atento o longo corredor que tinha diante de si, continuou empunhando a sua arma, com a ponta do cano pousada sôbre o extremo bordo superior do espaldar.

Quando viu Santure cruzar o braço diante da porta, uns oito metros distante, procurando o seu revólver num certo móvel do quarto, Hickey atirou duas vêzes, ràpidamente, apenas esburacando a parede alguns milímetros acima e abaixo dos dedos de Santure.

Queria acossar e irritar Santure. Seu desejo era o de **arranhar** o jogador em um ou dois lugares, antes de matá-lo — porque estava seguro, sempre estivera, de que poderia matar o miserável! Não era sua intenção ceder ao Estado o direito de executar o assassino do seu irmão.

Tendo mostrado a Santure o que era capaz de fazer com uma pistola, Hickey se ergueu, abandonando a cadeira, e caminhou, devagar, pelo corredor.

Santure tentou a manobra, mais uma vez, atirando com a mão esquerda um tapête enrolado, através da porta, para distrair o adversário, enquanto, com a direita, fazia fogo, várias vêzes, contra o detective.

Porém a arma de Hickey funcionou **outras duas** vêzes, ferindo Santure num **ombro, levemente**, e mais sèriamente no pulso **direito, dolorosamente**, e por isso os tiros do **jogador foram incertos** e vãos.

Santure gritou de dor e **bateu em retirada**, do quarto para o banheiro, ao mesmo tempo que Hickey, saltando para junto da porta, ainda teve tempo de atirar mais uma vez, contra êle, perdendo-o por uma fração de segundo.

Assim ficaram ambos, Santure bloqueado no banheiro, Hickey esperando, junto da porta; entre êles, apenas o espaço do quarto vazio. Só êles dois, Santure e Hickey, porque as espêssas paredes da velha casa abafavam o espoucar dos tiros e, além do mais, o **serviço** de Novak se resumia em ficar guardando a frente da casa, para evitar a fuga do criminoso.

Nesse instante Hickey foi assaltado por uma idéia tão amarga e súbita, que em seu desespêro e acabrunhamento quase chorou.

Compreendeu que, na situação em que agora se encontravam, Santure escaparia ao seu castigo; receou que todos aquêles anos de treinamento e aprendizagem na turma do "Homicídio", tudo enfim, fôra sacrificado por sua insopitável paixão — o desejo de exterminar, êle próprio, e sòzinho, o matador do seu irmão! Estremeceu ligeiramente, encostando-se à porta, impressionado com o que estava para acontecer, e então falou:

— Venha cá fora, Santure! Você não poderá fugir.

O outro, como resposta, gritou uma praga terrível.

— Ouça, Santure. Se me forçar a ir até aí, você morrerá infalìvelmente!

—Pois venha... Vamos ver **quem morre!**

— Se você se entregar... terá certas vantagens na polícia!

— Pensa que sou tolo?

Hickey emudeceu, refletindo. Se tivesse que esperar muito tempo, ainda, a polícia por certo poderia apanhar Santure vivo, porém êle mesmo, Hickey, teria perdido a sua oportunidade. Após mais alguns segundos voltou a falar, agora noutro tom:

— Santure?

— Vai falando...

— Tenho uma proposta a fazer... Vamos dizer: uma proposta esportiva...

— Pois sim...

— E' tolice querer enganar um ao outro. Eu quero pegar você sem ajuda de mais ninguém... Você, ao contrário, deseja fugir daqui. Não é isso mesmo?

— Acho que sim.

— Pois bem. Jogaremos as armas para o centro do quarto e, a seguir, saltaremos sôbre elas. O primeiro a apanhá-las poderá sair daqui sem ser incomodado. Que diz da proposta?

— Como posso saber se você colocou um companheiro preparado para me fuzilar, à saída?

— Reflita um instante, Santure. Se você continuar aí, por algum tempo mais, eu terei todo um "grupo de choque" comigo... e você não terá salvação! Mas já expliquei que faço questão de apanhar você **sem ajuda de mais ninguém!**

— Sim, sim... Eu sei...

— Quero ver se você é mesmo esportivo ou apenas jogador desonesto, Santure! Olhe só: vou jogar a minha arma, antes de você...

Recitando uma curta oração Hickey jogou o seu 38 para um canto da sala, onde pudesse ser visto pelo criminoso.

Santure apareceu, receioso, conservando na mão a sua estranha arma de cano curto.

— Respeite a regra do nosso jôgo! — disse Hickey com olhar severo.

Santure, o rosto pálido, o gesto lento, atirou a sua arma sôbre o tapête.

— Também sei jogar! Conheço as regras — disse êle.

Hickey começou a contar: "Um, dois, tr..."

Santure se atirou para a frente, antes de terminada a contagem, atirando-se num vôo de louco e apoderando-se da arma do detective. Hickey tivera oportunidade de disputar a arma com o adversário porém, em vez disso, ainda de pé, desferiu violento pontapé contra o rosto de Santure, com a sua pesada bota regulamentar. Dentes saltaram em estilhaços.

A seguir, enquanto Santure, com um gemido terrível, tratava de levantar-se cuspindo sangue e boa porção de gengiva, tratou de apanhar a arma do jogador. O eco do tiro, disparado com a arma de cano curto, foi terrível e tão violento o **coice**, que lançou Hickey de costas contra a parede, ao mesmo tempo que a bala abria um rombo no peito de Santure.

Novak foi encontrar o seu colega sentado na cozinha, tomando café.

— Então? Apanhou-o?

Hickey fêz um movimento afirmativo, com a cabeça.

Novak subiu para ver e voltou, deixando escapar dos lábios um longo e fino assobio.

— Eu sabia que você podia pegá-lo!

Hickey exibiu o "tambor", aberto, da sua própria arma. Nêle Novak viu apenas cinco cápsulas — e tôdas deflagradas.

Êle era um policial cauteloso. Nunca carregava totalmente a arma — e já havia disparado todos os seus tiros contra Santure, ao fazer o desafio e atirar o próprio revólver, antes do bandido fazer o mesmo. Mas, é claro, um jogador jamais imaginaria que um homem fôsse carregar com cinco balas, um revóvel em que cabiam seis... apenas para **maior segurança.**

Hickey caminhou para o telefone, a fim de comunicar o fato à chefatura.

Então, voltando-se para Novak, enquanto aguardava a ligação, falou:

— Nunca devemos dar uma **chance** a um assassino, principalmente a um assassino covarde, que mata pelas costas, e, além de tudo, um jogador desonesto... E a coisa tinha que ser resolvida **só entre nós dois!**

★ ★

VAMOS LER E APRENDER

Nos colégios de hoje aprende-se como ganhar dinheiro ou comprar antiguidades.

★

"Como conquistar amigos e influências entre os canibais" é o título de um curso há muito existente na *Fordham University*. Estuda os problemas comuns aos missionários e defende certas técnicas como, por exemplo, a introdução do base-ball e do foot-ball para substituir, entre os nativos, o esporte nacional de... caçar cabeças!



Um curso de "Como comprar antiguidades para o lar", no City College, de Londres, indica como agir no sentido de comprar velhos mobiliários, tapêtes, pratarias, porcelanas e "bric-a-brac".

Na Califórnia, quase tôdas as Universidades mantêm cursos de "Ciência do Megafone", nos quais os alunos aprendem a gritar com êsse aparelho auxiliar e conduzir uma "torcida" dos seus clubes favoritos.

Na Colômbia Britânica, do programa das escolas públicas superiores, consta um curso intitulado: — "Como conservar os seus licores".

Em Genebra, uma *Escola para Moças* mantém um curso de "Como fabricar o melhor queijo".

Em Londres há uma escola, dirigida por C. W. Howard, e que se encarrega de treinar os papás que desejarem representar o papel de "Papai Noel", em casa... ou nas lojas comerciais. No primeiro ano de sua inauguração, essa escola distribuiu 200 diplomas! Nos Estados Unidos, são inúmeras essas escolas, e em Nova York, um emprêgo de "Papai Noel", numa loja comercial, pode representar um salário entre 50 a 150 dólares semanais.

O Conselho de Educação de Nova York acaba de editar um trabalho intitulado "A Arte de Fabricar Cerveja". O mesmo conselho já editara, há menos de um ano, um livro com cêrca de quatrocentas páginas sob o título: "O valor social e psicológico do colecionador de selos dos correios".

Uma escola superior de Amsterdam acaba de inaugurar um novo curso sob o título: "Como bem sentar um criança". O mesmo foi instituído "a fim de combater o *real problema* causado pela inexistência de cadeiras próprias para os bebês...

Em Filadélfia, duas escolas treinam os seus alunos na "arte" de vencer concursos de palavras cruzadas e conquistar prêmios nos "testes" de auditórios das rádio-emissoras.



O senhor perdeu alguma coisa?

Um relógio, uma pulseira, um anel, uma nota de cem cruzeiros que sejam perdidos, e prontamente apresentam-se os rebuscadores, agentes especializados em indicar "onde" tais objetos devem ser procurados

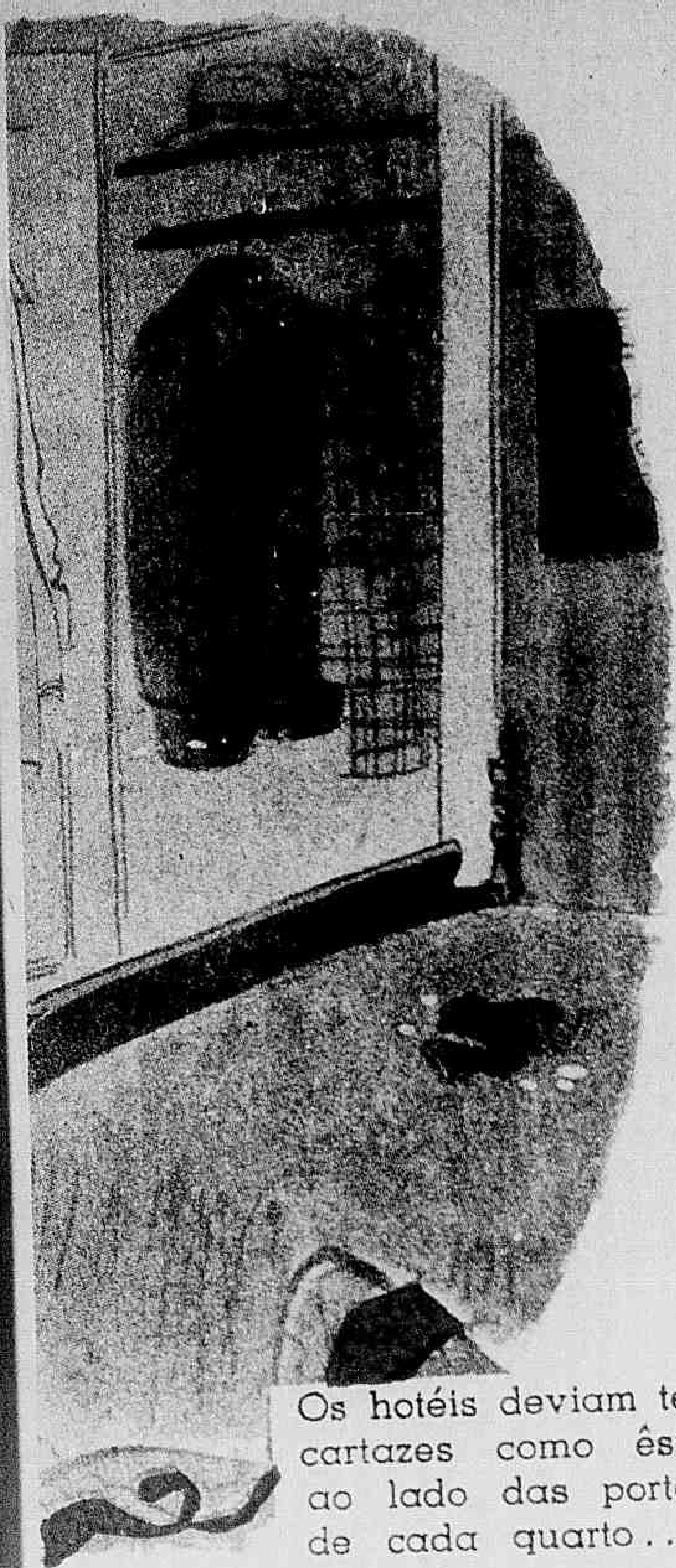
Por ELIZABETH FAGG

HÁ alguns anos, uma senhora, passageira de um trem da linha Chicago-New York, lavava as mãos num dos lavatórios, quando um anel de brilhante que trazia num dos dedos dêle escorregou, desaparecendo pelo cano da pia. Julgou ela que seu anel poderia ter ido cair entre os trilhos, onde não seria muito fácil encontrar a sua jóia. Tratou de olhar para o relógio, marcando a hora em que ocorrera a perda: 17,33. Em seguida, pediu a um dos funcionários do trem que a levasse à presença do chefe do trem.

Quinze minutos depois, já estava o chefe do trem inteirado do ocorrido e, na estação seguinte, transmitiu a notícia ao chefe da mesma. Êste enviou, então, com a máxima urgência, um "troley" até ao local onde se presumia que o trem estivesse às 17,33 horas e, de fato, ali se encontrava o anel, entre os dormentes. Se a dona da jóia não tivesse tido a presença de espírito de notar a hora em que perdera o anel, êste talvez ainda estivesse sendo procurado.

ATÉ MESMO PARA ADIVINHAR É NECESSÁRIO UM SISTEMA

Sem querermos estabelecer estatísticas que se tornariam maçantes para os leitores, vamos generalizar, dizendo que tôda gente perde, freqüentemente, objetos de todo gênero. Até mesmo na idade de três anos, em que nasce o entendimento, têm início as perdas e o desapareci-



Os hotéis deviam ter cartazes como êste ao lado das portas de cada quarto...

mento de objetos e brinquedos. E, com o correr dos anos, começam os esquecimentos e as distrações, que formam com aquêles um conjunto heterogêneo, que serve para aumentar as dores de cabeça dos pobres mortais... São anéis de noivado, brincos, luvas, guarda-chuvas, chaves, carteiras, títulos, documentos, e uma série infindável de objetos que cotidianamente são perdidos.

Naturalmente, com o correr do tempo, não poderiam deixar de aparecer os "adivinhos", que, por uma pequena remuneração, estão aptos a informar ao aflito cidadão que a êles recorre, **onde** se encontra o precioso objeto que perdeu. Para tanto, tais "gênios" utilizam o sistema de associação entre **lugar** e **objeto**, com exercícios de memória e reflexão, que redundam no seguinte: um lugar para cada objeto. Êste sistema é utilizado mesmo por uma pequena minoria de indivíduos, que procuram manter um padrão de vida **sistematizado**. No entanto, a grande maioria das pessoas, geralmente absortas em suas preocupações de família e trabalho, não pode dedicar-se a tais exercícios de prevenção contra perdas e esquecimentos.

Nessas condições, a pergunta mais importante a respeito do assunto é:

— Como podemos encontrar objetos perdidos?

E ninguém melhor do que os agentes **especializados** das companhias de seguros para nos dar a resposta. São êles quem se encarregam de procurar jóias e objetos de valor, além de documentos de tôda sorte, "misteriosamente desaparecidos". Afirmam que existem regras universais, formuladas consuetudinàriamente, em tôrno da perda e esquecimento, concluindo por dizer que existe um número enorme de lugares de rotina a examinar.

CONCENTRE-SE E PENSE

A senhora do trem, cujo caso apresentamos, seguiu uma das regras básicas: não ficar em pânico. Poderia ela ter perdido minutos preciosos, se se deixasse dominar pelo nervosismo, em vez de olhar para o relógio.

Deve-se, no caso de ocorrer um fato como o citado, enfrentar o problema **imediatamente**, e com bastante calma, decidindo as providências a tomar, tentando lembrar-se dos últimos movimentos feitos, e rebuscando na memória os lugares em que poderia ter deixado o objeto.

O SENHOR PERDEU ALGUMA COISA?

Uma senhora, certa feita, perdeu o seu broche de brilhantes, tendo sòmente notado que o mesmo havia desaparecido ao deixar seu automóvel, num dia de inverno. Lembrando-se de que o broche ainda se encontrava prêso ao vestido, quando no interior do carro, chegou à conclusão de que só o poderia ter perdido **na neve** que circundava o veículo. Em vez de cavar frenèticamente, arriscando-se a espalhar a neve, com calma digna de nota, ela se apossou de uma cesta, passando a rebuscar em cada monte de neve que com a mesma retirava. E, assim, no quarto monte que retirou, com a cesta, encontrou a sua jóia.

NÃO SEJA TEIMOSO

Queremos salientar que, às vêzes, a certeza absoluta do lugar, em que colocou o objeto desaparecido, proporciona maior falha na descoberta do mesmo, do que qualquer outro tipo de atitude, conforme afirmam os **agentes especializados** das companhias de seguros; isto nos leva a enunciar uma regra:

"Não esteja absolutamente certo de nada!"

"— Tome cuidado com as falhas de sua memória, muitas vêzes **não perceptíveis** — adverte Kenneth L. Mc Callum, agente especializado de uma companhia de seguros. — Estenda a sua busca além do ponto onde julga ter perdido o objeto".

Neste conjunto de regras práticas, podemos ainda aconselhar ao leitor:

"Não perca tempo. Aja ràpidamente. Notifique as pessoas mais interessadas com o fato ou ligadas ao mesmo, o mais ràpidamente possível".

Isto dito, resta-nos falar sôbre o **local da busca**. E, um dos lugares favoritos para perder uma infinidade de coisas é o cano de escoamento dos banheiros. Aqui, o **fator tempo** é importantíssimo.

Citemos o caso do homem que deixou cair dois dentes falsos na pia do lavatório, pouco antes de uma importantíssima conferência em que deveria permanecer falando durante horas. Desesperado, pôs-se a bater no cano, abaixo da pia, na esperança de fazer descer os dentes que se encontravam no interior do mesmo, isto após haver retirado o sifão que, ordinàriamente, possuem os lavatórios modernos. Sòmente depois de duas horas de esforços infrutíferos, lembrou-se o "conferencista" de chamar um bombeiro, o qual se dirigiu para o ralo de escoamento do lavatório e, com um arame, retirou os dois dentes que se encontravam no encanamento, próximos do ralo. Como

se verifica, houve, por parte de nosso herói, uma considerável perda de tempo, **por não saber controlar-se.** O que êle devia saber é que todo encanamento de um banheiro ou lavatório conduz sempre a um ou mais ralos de escoamento, os quais podem ser vasculhados fàcilmente, com um arame. No caso de não ser encontrado o objeto perdido, no interior dêsse encanamento, isto significa que o mesmo já deve ter ultrapassado o ralo do baneiro, devendo-se, então, vasculhar o encanamento que conduz ao ralo externo da habitação. Êste é o **último ponto de referência** em que será possível encontrar algo que tenha caído no cano de escoamento de uma das pias da casa. A partir daí, aconselhamos o inditoso explossuidor do objeto a providenciar a imediata substituição do mesmo...

BRINCOS PERDIDOS EM ALGUMA PEÇA DE ROUPA

A opinião popular de que não se deve mostrar a "roupa suja" é muito "saudável", até que não se tenha perdido algo de pequenas dimensões. Tão logo isto tenha ocorrido, um dos primeiros lugares em que se deve procurar é o cesto de roupa suja.

Existe ainda uma outra categoria de perdas que pode ser encaixada no grupo das coisas **esquecidas em algum canto da casa.** Citemos, em particular, o estranho desaparecimento (em geral durante a noite) de brincos, que haviam sido deixados no casaco de peles da zelosa dona de casa. No caso figurado, a parte mais importante da busca é a sistematização. Nossos conselheiros, os agentes especializados já citados anteriormente, recomendam que se efetue uma busca minuciosa em cada uma das peças de roupa que constituem o "pequeno" guarda-roupa de **madame.** Isto feito, e não advindo daí nenhum resultado positivo, passa-se a procurar em cada uma das partes componentes do mobiliário. Não se deve deixar sem verificação: os bolsos dos casacos e vestidos, as saliências da mobília, etc. E, tudo isto, feito sistemàticamente, com a mesma dose de boa vontade de que se estava possuído, no início da busca.

E se o leitor pensa que êste é um conselho vão ou vulgar, atente para o fato de que, anualmente, os hóspedes do famoso Hotel Waldorf-Astoria, em Nova York, esquecem, ali, cêrca de 8 000 objetos dos mais variados tipos, isto porque não querem dar-se o trabalho de procurar o objeto desaparecido. Os "cuidadosos" hóspedes esquecem, ali, êsses objetos, porque são muito pequenos e difíceis de achar, tais como: sapatos, deixados sob a cama; vestidos, esquecidos atrás das portas, e, às vêzes, roupas deixadas pelo apressado hóspede, no fundo das gavetas.

Certa vez, uma das clientes de uma companhia de seguros afirmou, peremptòriamente, ao agente da mesma:

"Perdi meu anel, aqui, em minha própria casa".

Após alguns dias de paciente procura, o referido agente reportou à companhia que o anel não se encontrava em parte alguma da casa. E concluiu afirmando: "Estou plenamente convencido de que o anel **foi jogado fora!**"

A companhia passou então a investigar, minuciosamente, junto aos compradores de papéis usados, chegando até a um dêles, que comprara papéis velhos provenientes do bairro onde morava a protagonista de nossa história. Êste informou que vendera, recentemente, o papel, constituindo onze fardos, os quais haviam sido enviados para uma outra cidade. A companhia tratou de comprar imediatamente os onze fardos, utilizando o raio X na pesquisa do anel; isto não deu resultado, no entanto. Foram então contratados dois apanhadores de papéis para rebuscar nos onze fardos, garantindo-se aos mesmos um prêmio, no caso de ser encontrado o anel. Após dois dias de trabalho, conseguiram êles achar a jóia no sexto fardo pesquisado. Isto é o que chamamos de **sistema na arte de rebuscar.**

Ocultar coisas onde não podem ser encontradas constitui um modo excelente de perder documentos de valor. Torna-se pois, muito difícil, dar conselhos ao leitor, de como descobrir **os objetos que esconde de si mesmo.** Em algum recôndito do subconsciente, encontra-se a noção do lugar em que está guardado o objeto que se procura. Esforços conscientes no sentido de relembrar **a última vez** em que se teve o objeto nas mãos; as ações posteriores ou anteriores ao desaparecimento; êsses e outros recursos podem, em geral, reavivar a memória e trazer solução ao problema.

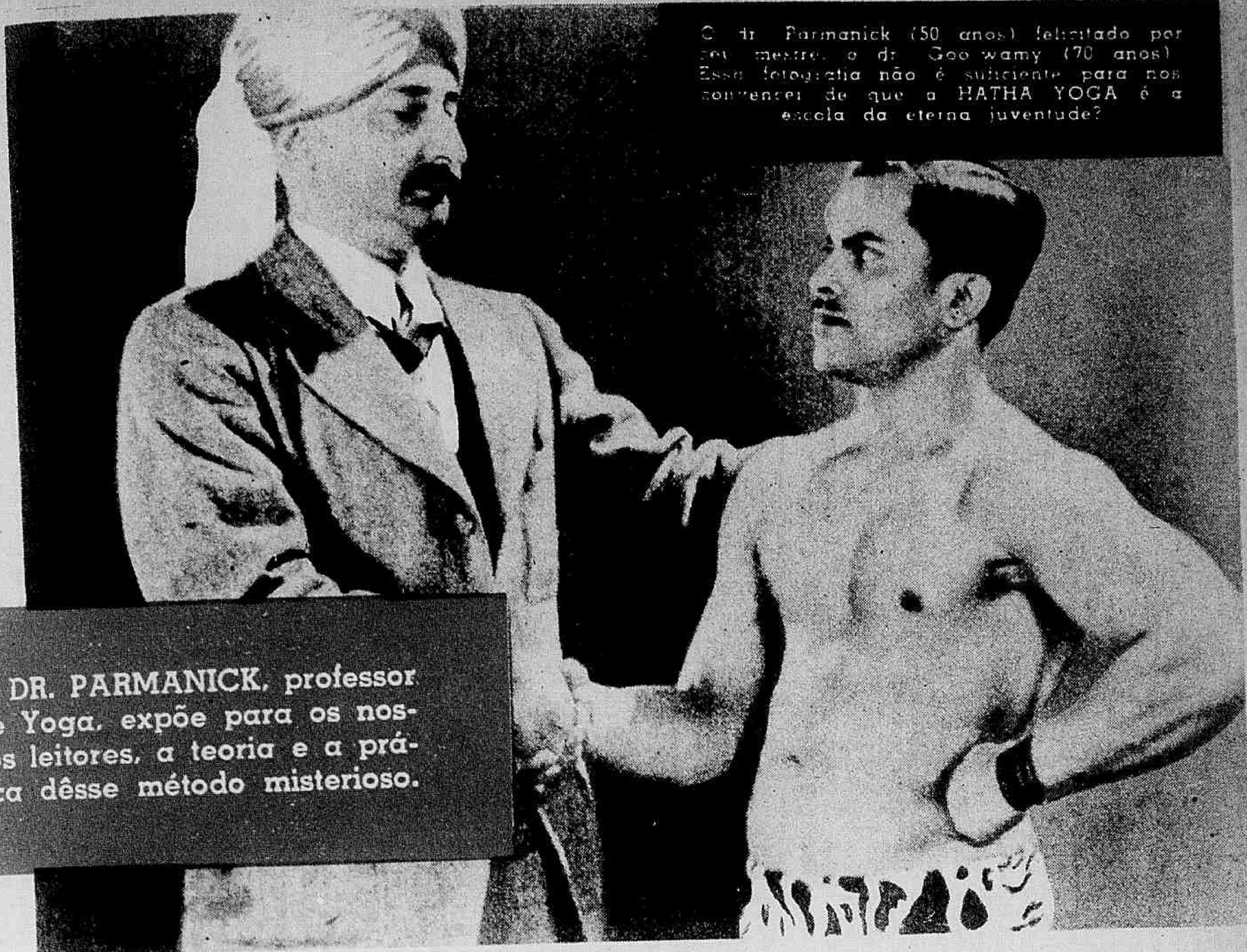
Restam ainda alguns conselhos de ordem geral: se a perda ocorrer num trem, a vítima deve recorrer à administração da estrada de ferro. O esquecimento de objetos em ônibus e outros meios de transporte constitui coisa tão comum, que, atualmente, tôdas as companhias de serviços públicos possuem um departamento de **achados e perdidos.** O mais curioso a respeito do assunto é que grande número das pessoas que perdem ou esquecem objetos não se dão o trabalho de reclamar, conformando-se imediatamente com a perda. Se a perda ocorrer num táxi, é aconselhável recorrer ao departamento de **achados e perdidos** da polícia, pois os motoristas têm obrigação de verificar, após cada **corrida,** se o passageiro esqueceu algo em seu carro e, no caso afirmativo, ir entregar o que achou.

SEJA JUSTO QUANTO À RECOMPENSA PARA QUEM ACHOU

Um dos melhores meios de obter-se o retôrno do objeto perdido, conforme já está sobejamente comprovado, é o anúncio. E o anúncio se torna mais eficaz, se a pessoa reside numa cidade pequena. Constitui mesmo, o sistema de anunciar, uma rotina por parte das companhias de seguros.

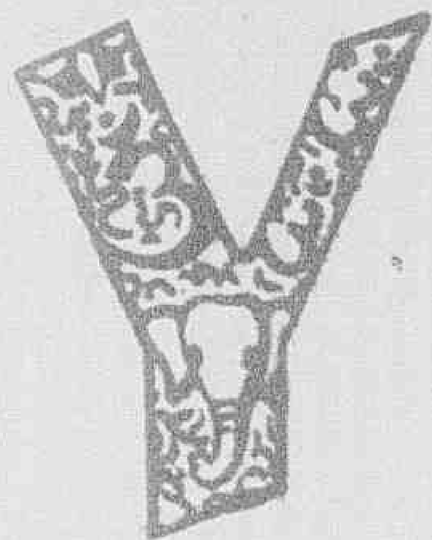
Uma pequena recompensa que se ofereça pode provocar uma reação desairosa por parte da pessoa que achou o objeto. E, como exemplo vivo do que afirmamos, citemos o caso da senhora que colocou um anúncio, em que pedia a devolução de uma bôlsa contendo três mil e quinhentos cruzeiros, sem ao menos oferecer uma gratificação; pôde, de fato, receber a bôlsa de volta, porém com uma só nota de dez cruzeiros em seu interior, acompanhada da seguinte nota: **"Encarreguei-me de retirar minha gratificação"...**

Não queremos, com isso, estabelecer um padrão de gratificação, mas é necessário que seja justa.



O dr. Parmanick (50 anos) felicitado por seu mestre, o dr. Goo wamy (70 anos). Essa fotografia não é suficiente para nos convencer de que a HATHA YOGA é a escola da eterna juventude?

O DR. PARMANICK, professor de Yoga, expõe para os nossos leitores, a teoria e a prática dêsse método misterioso.



HATHA-YOGA

O Hatha Yoga é um método hindu que busca o domínio perfeito do corpo, submetido em suas menores atividades (mesmo automáticas) ao contrôle do espírito. A êsse respeito fala, no presente artigo, o Dr. Parmanick, **doutor em yoga** (êsse é um título oficial na Índia. Nos revela os segredos das principais "posições", que constituem a parte mais espetacular do método.

Yogi completo, o Dr. Parmanick impressionou desde logo os membros da Faculdade de Medicina de Paris, efetuando, diante dêles, êsses exercícios extraordinários de que nos falaram os viajantes que cruzaram certas províncias da Índia, mas que ninguém, até então, pudera conhecer, no ocidente.

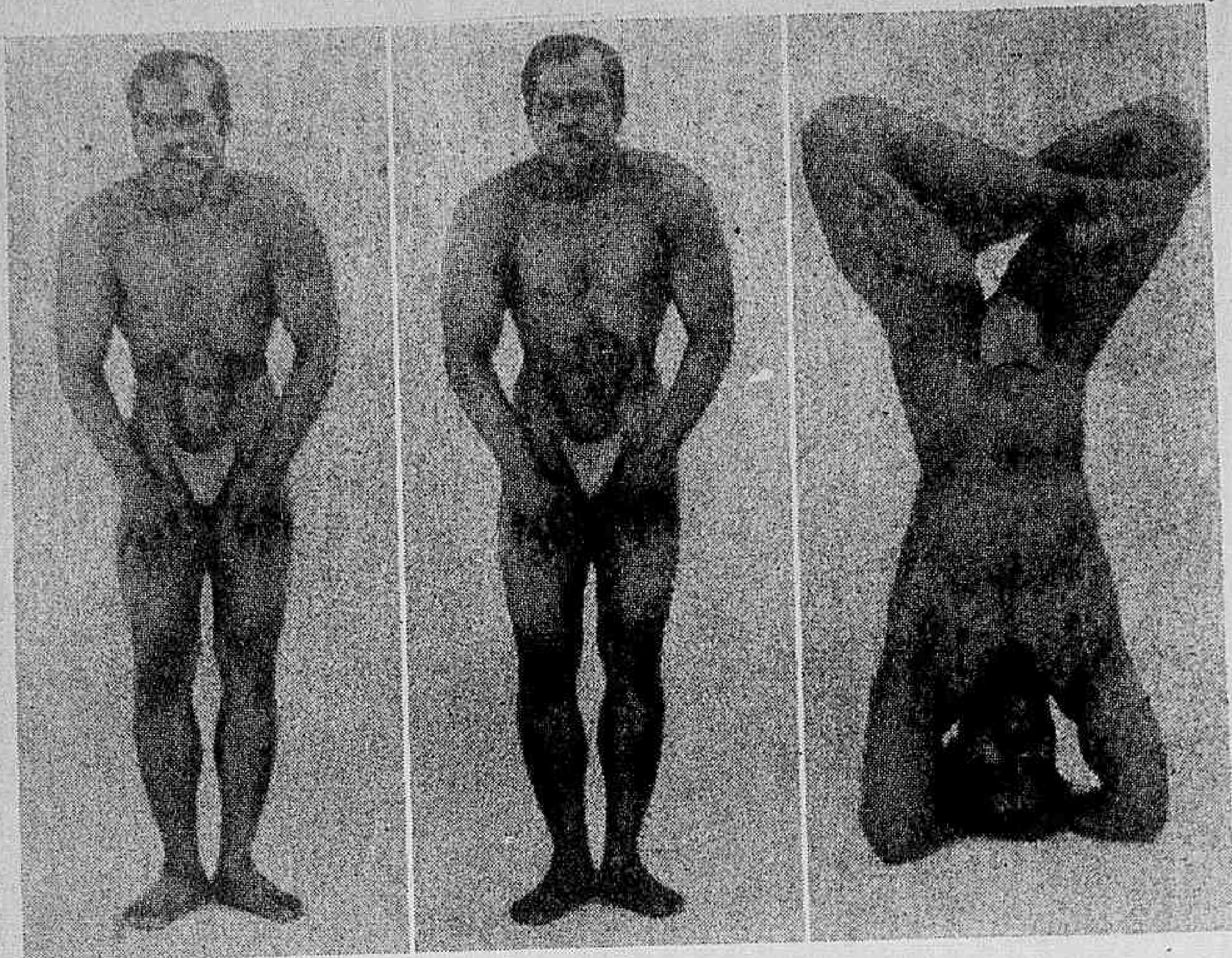
Preferindo à glória falaciosa de uma sala de **music-hall**, a seriedade de uma experiência científica, o Dr. Parmanick realizou seus exercícios perante uma reduzida assistência, porém composta, ùnicamente, de médicos especialistas. Com isso punha logo em relêvo o caráter científico de **Hatha Yoga**, sistema polivalente, que oferece, além do mais, outras possibilidades, sôbre as quais o Dr. Parmanick se mostrou bastante reservado.

De qualquer forma, no correr de suas experiências, o Dr. Parmanick provou que o **Yoga** permitia um contrôle completo do corpo humano, em tôdas as suas partes. Nenhum músculo escapa ao seu contrôle. Da mesma forma, nenhum órgão.

Antes de tudo, executou êle os três **laulikiar nauli** (ver as fotografias que acompanham o presente artigo), ou trabalho dos músculos abdominais.

Sabemos que êsses músculos formam, na frente, a parede do abdomen. Normalmente, podemos contraí-los, **mas todos juntos. O yogi** perfeito pode contraí-los **individual** e **separadamente** os do cen-





1.º — O domínio de todos os músculos e órgãos do corpo: tal é o primeiro objetivo do yoga. Aqui, o Dr. Parmanick executa um, dos três laulikiar nauli (trabalho dos músculos abdominais), a saber: a contração separada dos dois músculos grandes, direitos, do abdomen. E' possível ver essa massa muscular fortemente contraída no centro do abdomen do médico. Êsse exercício, simples para um yogi, é impossível para um não-yogi. ✱ 2.º — O segundo laulikiar nauli: contração isolada do músculo grande-direito do lado direito, ficando o do lado esquerdo distentido. ✱ 3.º — Uma das posições-chaves do hatha yoga: a urddha padmasana, ou postura do "lotus invertido", exercício de rejuvenescimento.

mesma água no corpo e a rejeitou pela mesma via. A quantidade de água absorvida nessa experiência (110 gramas) não havia variado após a operação!

Em seguida, absorveu ar pela uretra, provando que conseguira controlar igualmente a musculatura de sua bexiga. Nessa ocasião, os médicos que o cercavam não ficaram inteiramente convencidos e por isso o **doutor em yoga** recomeçou a demonstração... **absorvendo pela uretra um líquido** — leite — **sempre sem a ajuda de qualquer instrumento.** O leite foi expelido pelo mesmo canal.

Para **repousar** um pouco, o Dr. Parmanick deitou-se, então, sôbre a cabeça! Seu corpo ficou direito e as pernas cruzadas no ar. Essa é a posição do "lotus invertido" (a **urddha padmasana**) que apresentamos em uma de nossas gravuras (assim ficou duas horas). Afirma que vinte minutos diários dêsse **lotus** são suficientes para regenerar inteiramente o seu corpo. Também pode permanecer **deitado...** sôbre os ombros, variando ligeiramente a posição

tro, os da direita, os da esquerda. Isso, entretanto, permanecendo rigorosamente imóvel!

A seguir, o Dr. Parmanick executou, diante de seus confrades ocidentais, exercícios de aspiração e de rejeição pelas cavidades naturais, mostrando a que ponto se estendia o império da sua vontade sôbre a musculatura de seu **tubo digestivo.** Dessa forma, tragou água muito normalmente e a seguir a rejeitou pelo rectum.

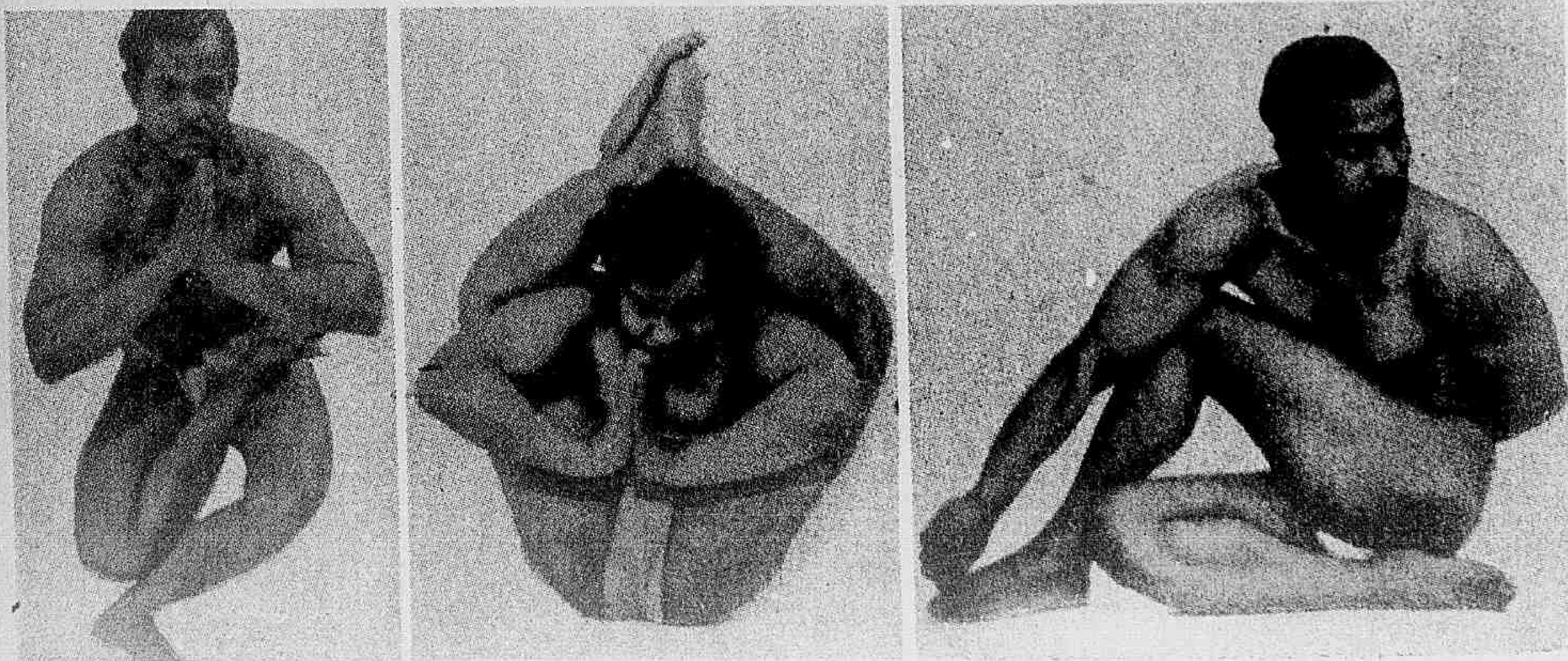
Após o que, sempre pelo rectum — e sem o recurso de qualquer instrumento — introduziu a

inicial sôbre a cabeça. Em resumo, o domínio da sua vontade sôbre a sua musculatura externa e interna é total! Êsses resultados — repetimos — foram obtidos diante de um grupo de médicos, em Paris.

FONTE DE EQUILÍBRIO E DE SAÚDE — O Dr. Parmanick é homem de pequena estatura, robusto, ar extraordinàriamente moço. Qualquer um lhe daria, vendo-o de perto, trinta anos, no máximo.

"— Um aluno de **yoga,** sendo normalmente

4.º — O vatayanasana, ou posição "joelho-clavícula", excelente para as glândulas sexuais e a prevenção dos reumatismos. ✱ 5.º — O dvipada-sirasana, ou posição do "dois pés à cabeça", é um excelente exercício que já exige longo treinamento. ✱ 6.º — O arddher-matsyendrasana ou posição da "torsão dorsal". Essa posição põe em relêvo a admirável plástica do executante.





7.º — Posição da rã: utkata sana, velha como o mundo, foi readotada pelo ocidente, para enrigecer os músculos inferiores e entreter a elasticidade da bacia. 8.º — O kutkutasana ou "posição do galo".

constituído, pode chegar a realizações idênticas às minhas, em dois ou três anos, segundo a sua idade, a sua saúde e os seus esforços — afirma êle. — O **yoga** — é preciso que saibam — é um sistema universal ao qual qualquer um poderá entregar-se sem perigo. Uma só condição é necessária: trabalhar sob a direção de um mestre qualificado. Se essa condição não é observada, o melhor sistema fica sendo o pior, e o discípulo imprudente, em vez de equilíbrio, terá a desorientação e a loucura; em vez de saúde terá encontrado a doença!

OS QUATRO MEIOS ESSENCIAIS DO HATHA YOGA — Quais são os princípios do **Hatha Yoga?**

— O **yoga** é um apêlo às faculdades escondidas do corpo humano. Desenvolve-as, inteiramente, por meio de diversos processos, mas cujos quatro essenciais são: as purificações, os contrôles, as respirações e as posições.

— Que são as "purificações"?

— Para obter êxito no **yoga**, é indispensável ser limpo externa e internamente. Todo o mundo conhece a primeira, mas ninguém pratica a segunda. Essencialmente, êsses exercícios consistem em absorções de água pela bôca, pelo nariz e outros orifícios do corpo. Assim tratam de purificá-lo, livrando-o de tôdas as imundícies que haja segregado ou absorvido. No princípio, aprende-se a beber água pelo nariz — coisa fácil. Progressivamente, chega-se a exercícios mais complicados. "Mas, antes de tudo, o **yogi** deve evitar de se entulhar de venenos tais como o álcool e o fumo, devendo praticar essa abstinência durante tôda a duração do seu treinamento. Caso êste seja seguido à risca, o sangue do praticante estará livre de tôdas as impurezas, ficando todo o seu organismo irrigado e vivificado por um sangue absolutamente novo e puro.

O HOMEM QUE PÁRA O PRÓPRIO CORAÇÃO, À VONTADE — "Isto, porém, não é tudo. O corpo e o espírito, em seus menores detalhes, devem estar submetidos ao contrôle da vontade. Segundo o **hatha yoga**, é começando pelo contrôle físico que podemos chegar ao inteiro domínio espiritual. Para nós, um homem nunca será senhor de si mesmo, enquanto não controlar cada um dos seus músculos e das suas vísceras.

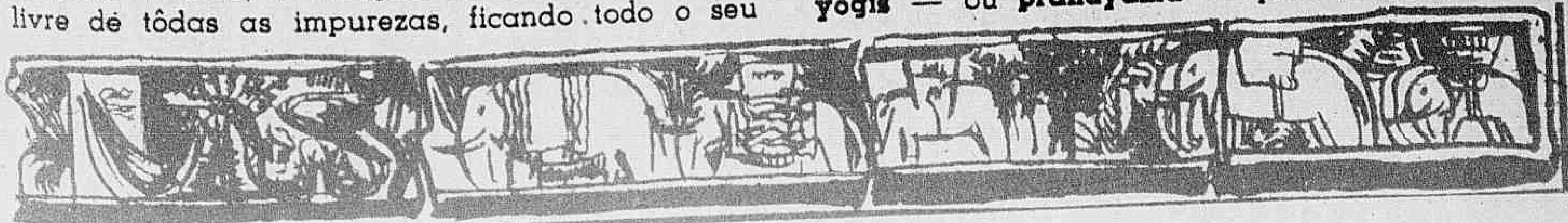
— E' possível a um **yogi** deter o próprio coração?

O Dr. Parmanick deu, realmente, uma espantosa demonstração de suas faculdades de contrôle orgânico, anunciando que ia deter as batidas do seu coração (êste sob contrôle do electro-cardiógrafo, aparelho elétrico que, conforme os nossos leitores sabem, registra as contrações mais ligeiras do músculo cardíaco). Imediatamente após, realmente, o electro-cardiógrafo registrou uma pausa assustadora, com cêrca de um minuto de duração.

— Devo reconhecer que êste exercício não está ao alcance dos principiantes. Nem se deve abusar do mesmo. Nós mesmos só o praticamos em raríssimas ocasiões. Porém, além dêsse exercício, o mestre ensina aos alunos de **yoga** a concentrar intensamente a sua vontade sôbre êste ou aquêle órgão, o estômago, por exemplo. Normalmente, não "sentimos" êste órgão, salvo quando o mesmo está enfêrmo. O **yogi** terá, progressivamente, consciência do mesmo e, por meio dessa **tomada de poder**, acabará por assegurar o contrôle voluntário de todos os seus movimentos — e de forma tão segura como controla os próprios braços e pernas! E', aliás, por meio dêsse mecanismo, que os faquires e ascetas conseguem suportar, sem sofrer, um jejum prolongado.

IMITANDO O CORVO A LEITORA REMOÇARA'

— "Chegamos, agora, às **respirações.** O método **yogi**, com retenção do fôlego e inspirações alternadas, de uma narina para outra, já de há muito despertou a atenção dos ocidentais. Porém, também aqui, é preciso estar de guarda contra as **pannes** do coração, que são o risco maior de uma prática demasiadamente forte e mal dirigida. E' preciso, realmente, estabelecer o ritmo que convém a cada aluno, tendo em conta as suas características pessoais. Bem dirigida, a respiração dos **yogis** — ou **pranayama** — produz efeitos exce-



lentes: após a água, é o ar, de fato, o segundo agente purificador do organismo; além disso, possui o ar virtudes caloríficas e nutritivas. Absorvido e expelido segundo as leis do **hatha yoga**, o **prana**, composto impalpável do ar, que escapa à análise, favorece a longevidade.

"Conheci, particularmente, um asceta de Benarés — prossegue o Dr. Parmanick — que viveu duzentos e cinqüenta anos. Há muitos outros assim, em minha terra, e que, graças ao **hatha yoga** conseguiram tornar seu organismo pràticamente **inusável!**

"Entretanto, para os principiantes, recomendo **fazer como os corvos . . .** para começar, isto é: **beber ar com a língua enrolada, fazendo-o escorregar até ao fundo de si mesmos; depois expelir pelas narinas.** Eis o que é muito fácil e, posso mesmo acrescentar, dirigindo-me especialmente às **yoginis** (isto é: às discípulas femininas), **que isso as rejuvenescerá e embelezará.**

AS 8 400 000 POSIÇÕES DO PERFEITO YOGI — Terá isso uma relação com as posições — um tanto extraordinárias aos nossos olhos de ocidentais — que assumem os **yogis?**

Vamos ouvir o Dr. Parmanick:

— Não. As posições constituem o quarto grupo de meios utilizados pelos **yogis** para atingir o equilíbrio e a perfeição. Tais posições são, de resto, assaz numerosas, pelo menos em teoria.

"Os autores que se ocuparam com o **hatha yoga** descreveram até cêrca de **oitenta vêzes cem mil posições**, tôdas diferentes e tôdas tendo um papel **especial** a cumprir no contrôle dos mecanismos internos humanos. Naturalmente, não existe quem as conheça tôdas. Na prática, apenas oitenta e quatro dessas posições — ou **asanas** — são usadas correntemente pelos **yogis.** Devo acrescentar que, para ajudar o corpo à se curvar às **asanas** e para que tenham elas seus pleno rendimento, é indispensável que sejam acompanhadas de gestos das mãos, que são denominados **mudras.**

"Assumindo-se uma ou outra dessas posições preconizadas pelo **yoga**, estimula-se em particular as glândulas internas. E é forçoso ver nisso, a prova de que os antigos hindus haviam — antecipando-se à ciência moderna — adivinhado a existência dessas glândulas. Ao mesmo tempo que sôbre as glândulas, as **asanas** agem também sôbre os centros psíquicos que lhes correspondem e que os hindus consideram como **os núcleos de nossa rêde de fôrça vital.**

"Algumas dessas posições podem ter dupla ou tripla ação. Assim, manter-se o indivíduo sôbre o pé esquerdo, estando o direito dobrado sôbre a coxa esquerda, é excelente para as glândulas sexuais; com essa posição também são evitados os reumatismos nas pernas.

"Associados às respirações, as **asanas** permitem ao homem lutar contra muitas enfermidades. A **posição do lotus**, o **padma-asana**, na qual o **yogi** se imobiliza, sentado, pernas cruzadas e plantas dos pés para cima (sem dúvida a mais célebre de todo o sistema **yogi**), favorece a circulação do sangue e a passagem do ar pelos pulmões. Aquêle que pratica, assim sentado, o modo de respiração **pranayama**, do qual já falamos, poderá curar as predisposições para as enfermidades cardíacas e pulmonares que poderiam atingi-lo. O mestre em **yoga**, por isso mesmo, nunca deixa de ensinar essa posição ao seu discípulo, que conseguirá realizá-la com maior ou menor facilidade, segundo o estado das suas articulações.

OS PÉS PARA CIMA FAVORECEM A LONGEVIDADE — "E êsses exercícios são perigosos?

Não, pois que, quando o aluno está atacado de alguma moléstia grave (tuberculose, perturbações mentais, etc.) o professor de **yoga** sempre ouvirá, primeiro, a opinião de um médico. O Dr. Parmanick, pessoalmente sempre procede a um exame profundo dos seus alunos.

— Na verdade — diz êle — nos que apresentam alguma deficiência, procuramos evitar certas posições e, ao contrário, insistimos em outras, capazes de melhorar êsses pontos fracos e, antes de tudo, vencer a deficiência que ataca todos os sêres vivos: **a velhice.**

O **yoga** permite excitar as glândulas endócrinas e provocar o ressurgimento da mocidade, com tôdas as suas características, mesmo num homem que já tenha de muito ultrapassado a meia-idade.

Uma das posições mais eficientes é, sem dúvida, a da cabeça para baixo e os pés para cima. Quando o aluno idoso consegue realizá-la, vê desaparecer ràpidamente as suas rugas. A sua coluna vertebral se endireita, os cabelos recuperam a côr primitiva e todo o brilho original.

"Antes de chegarmos a êsse ponto, há uma **asana** que todos podem e devem adotar desde o início: **a posição do cadáver.** O aluno se estende sôbre o solo, tendo os braços ao longo do corpo, os músculos relaxados e descontraídos. O corpo deve ficar inerte como o de um cadáver, mas sem a rigidez! O professor se certificará, constantemente, de que o aluno está em estado de relaxação perfeita, durante tôda a duração do exercício, que é aproximadamente de trinta minutos. **"Fazendo de cadáver"** o aluno ativa a circulação, elimina os "obstáculos" que entravam o organismo e fortifica o sistema nervoso.

"Na **posição de castiçal** é preciso estar deitado com as pernas levantadas verticalmente. Êsse movimento reforça os efeitos do precedente.

"Sempre deitado, o aluno é levado à **posição da cobra.** Deverá rastejar sôbre as costas, à maneira das serpentes, isto é, sem auxílio dos pés ou das mãos, mas apenas flexionando e encurvando a coluna vertebral. Êsse movimento é aconselhado para todos em geral, mas principalmente para aquêles cuja coluna vertebral tenha tendência para se encurvar ou se descalcificar.

A **"posição da rã"** também é, relativamente fácil de se adotar: pés afastados, joelhos dobrados, busto direito e mãos juntas, o **yogi** se mantém sôbre os artelhos, pronto para saltar como o animal que deu seu nome a êsse exercício. Assim fazendo, fortifica os músculos das pernas e das coxas, evitando que se tornem pesadas de gordura e emperradas ou muito frágeis e sem elasticidade, pois que é absolutamente certo: **um bom adepto do hatha yoga não deverá ter uma grama de gordura inútil . . .**

E' REALMENTE EFICAZ O HATHA-YOGA? — O Dr. Parmanick, pessoalmente, parece ser, em

todo caso, a prova viva. E' homem jovem, alerta, vivo, notàvelmente musculoso e que respira boa saúde por todos os poros da pele. Sua estética causaria inveja a muita gente e qualquer um estremeceria de assombro, ao ouvir a revelação da sua idade... O Dr. Parmanick, que parece ter, no máximo, trinta anos, já soma, no calendário, cinqüenta primaveras! E espera continuar zombando do tempo, pois que o método **yoga** — segundo afirma — tem êsse tríplice e maravilhoso resultado: saúde, juventude e longevidade.

De resto, o Dr. Parmanick não é o único a provar — por sua perfeita saúde — a eficácia do sistema **yoga.** Seu professor, o Dr. Gooswami, que parece estar na fôrça da idade (vejam a fotografia do mesmo, em companhia do Dr. Parmanick) tem nada menos de setenta anos!

Encontra-se êle, atualmente, em Estocolmo, onde acaba de fundar uma escola de **hatha-yoga.** Dessa maneira, os suecos poderão comparar os benefícios do método hindu com a sua ginástica nacional.

O próprio Dr. Parmanick, por sua vez, acaba de abrir uma escola de **yoga** em Paris, onde já possui uma centena de alunos.

A êle, um reporter parisiense perguntou se o **yoga** não seria, também, um movimento filosófico e, mais especialmente, uma escola de sabedoria.

O Dr. em **yoga** sorriu e respondeu:

— Tem razão. E êsse é ainda um outro grau, um grau superior do **yoga,** ao qual se ascende necessàriamente pelo domínio do físico. Para mim, contento-me dando aos meus discípulos um corpo robusto, do qual — segundo espero — façam o melhor uso, sabendo que o adágio **"Um espírito são num corpo são"** é uma regra da natureza, válida em todos os países, em tôdas as civilizações e também em tôdas as idades.

Aliás, um velho texto sânscrito reza: **"A ciência do yoga é a escada pela qual sobem aquêles que desejam atingir as regiões superiores do espírito".**

DA UTILIDADE DO GUARDA-CHUVA...

Por CLAUDE


1


2


3


4

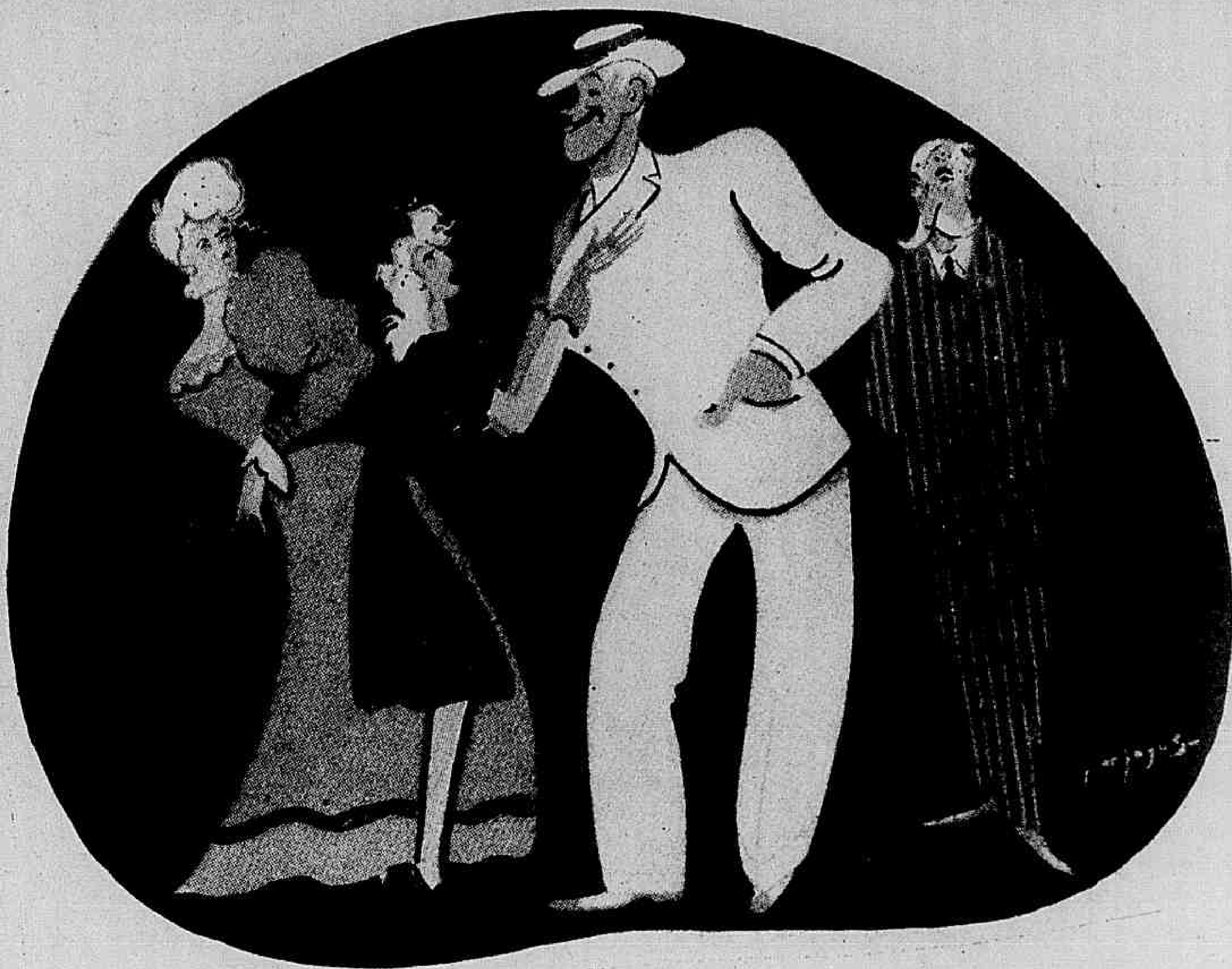

5


6



7

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO



As medidas antropométricas, tomadas no correr dos últimos cem anos, revelam que o homem norte-americano aumentou consideràvelmente de tamanho e pêso, enquanto que a mulher, embora não perdendo em altura, sofreu sensível diminuição no pêso, redundando isso numa radical transformação da sua silhueta, principalmente nas cadeiras e pernas, hoje muito mais finas.

★

A Catedral de Sevilha, Espanha, tem dois grandes órgãos; a igreja de S. Nicolau, em Bristol, na Inglaterra, tem uma colossal tôrre de relógio, com uma espécie de mão para marcar os segundos; finalmente, a igreja de Santa Catarina, em Honfleur, França, tem o seu campanário num edifício em arco, cruzando uma rua.

★

Certas drogas têm estranho efeito sôbre os olhos. Uma certa quantidade de álcool de madeira destrói o nervo ótico sem causar outra comparável injúria a qualquer outra parte delicada do corpo, enquanto uma certa venenosa dose de **santonin**, em certas pessoas, faz com que os olhos das mesmas apareçam inteiramente verdes ou totalmente amarelos durante vários dias.

★

Dan Rice (1822-1900), considerado o maior clown na história do Circo, nos Estados Unidos, foi amigo íntimo dos homens mais célebres do seu tempo, ganhou e perdeu várias fortunas, candidatou-se ao Congresso e foi sempre considerado como um candidato muito sério à Presidência da República. Durante a "Guerra Civil" norte-americana, percebia o salário de mil dólares semanais (mais do que ganham muitas das famosas estrêlas do cinema atual) isto é: duas vêzes o que ganhava o Presidente Abraão Lincoln.

★

O Rami é o mais durável, o mais leve, o mais forte e o mais resistente à água entre todos os produtos têxteis e, em conseqüência, estaria destinado a ter mais empregos que o algodão, a sêda ou qualquer qualidade de linho. Apesar disso, quase só é plantado na China e Japão, principalmente porque não existe máquina que trabalhe satisfatòriamente, removendo a casca e separando a fibra aproveitável, numa base compensadora para a indústria.

A Dinoflagellata, uma ordem de diminuto animal marinho, é de tal forma fosforescente que imensas massas flutuantes do mesmo, quando atingem cêrca de cinqüenta acres de terra, podem ser vistas, em noites sem lua, a uma distância superior a cinco milhas.

★

A menor estrada de ferro do mundo, em extensão de suas linhas, número de locomotivas, vagões, empregados, passageiros, etc.,é, sem dúvida, a que existe no Estado de Pennsylvania, Estados Unidos, denominada **Valley Railroad** e que foi incorporada à rêde do Estado, em 1901. Tem uma milha de comprimento, uma única locomotiva, oito empregados e uma renda líquida de 10000 dólares anualmente.

★

Desde a conquista normanda da Inglaterra, em 1066, as tropas inimigas desembarcaram na Inglaterra e tentaram (inùtilmente) conquistá-la em cinqüenta e cinco diferentes vêzes. A última "invasão" foi o desembarque de pequena fôrça francesa na costa da Irlanda, em 1798.

★

O mais interessante entre os quatorze casos em que o "sono gelado" foi empregado, experimentalmente, em pessoas sofrendo das faculdades mentais, foi, sem dúvida, o de uma mulher de dezenove anos, sofrendo de esquizofrenia e que, durante dois anos não pronunciou sequer uma palavra inteligível. Duas vêzes num mês, submetida a êsse tratamento, tendo a sua temperatura descido a 35 graus, pôde conversar, clara e lògicamente, com seu pai, durante quatro horas. Logo porém que a temperatura subiu a 37 graus, sua conversação voltou a ser ininteligível.

ASAS MÓVEIS PARA O AVIÃO DO FUTURO?

SEGUNDO O INVENTOR GUILHERME B. STOUT, A LIBÉLULA E A ABELHA SÃO OS MELHORES MODELOS A COPIAR...

Por JOSÉ STOCKER



Modêlo de máquina voadora, semelhante aos pássaros, ideada por Leonardo da Vinci. Tem certa semelhança com a de Stout.

NO centro do diminuto atelier destacado entre outros, diversos, surge um singular aparelho. E' coisa fragilíssima, sustentada sôbre um pé de madeira, **como o de um cabide** de quarto e sôbre o qual foi colocado um braço metálico, em sentido horizontal. Numa das extremidades dêste há um motor elétrico; na outra, gigantescas asas de libélula.

Junto do estranho aparelho vê-se um homem de elevada estatura, com óculos de cristal espêsso, ligeiro bigodinho e desordenada cabeleira grisalha. Faz o motor funcionar e, imediatamente, as enormes asas iniciam um movimento giratório, que tem como eixo a espécie de **pé de cabide.** Não tarda a ganhar intensa velocidade... Ao fim de algum tempo o homem faz um gesto, cortando a corrente elétrica. As asas ficam em repouso e o suporte metálico cessa de girar. Então o homem se volta para nós e, com o rosto iluminado por um sorriso fugaz, comenta:

"— Como os senhores sabem, há quem diga que isto não é possível..."

Trata-se de Guilherme B. Stout, que está resolvido a provar que é possível voar em aviões dotados de asas... que se agitam!

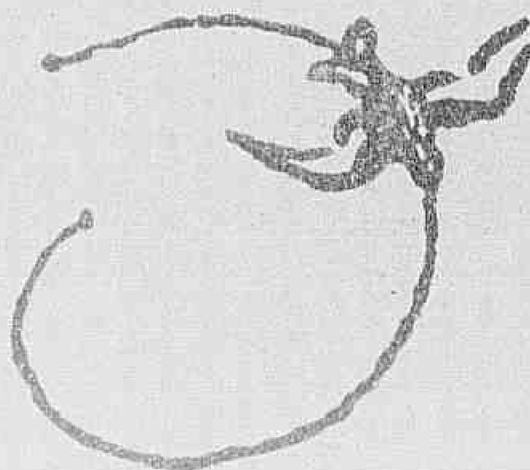
De fato, o que acaba de fazer funcionar diante de nós é uma miniatura de que se vale para provar a sua idéia. Constitui, sem dúvida, desde já, um grande passo no sentido da fabricação de aviões que percorram os espaços tendo por base o seu sistema.

Os incrédulos rirão dêsses esforços, esquecidos de que a obra já realizada por Stout, em matéria de aeronáutica, torna digna de respeito qualquer tentativa sua neste campo da engenharia. E' êle um dos mais destacados técnicos norte-americanos em aeronáutica e mecânica, homem cuja contribuição para o desenvolvimento e progresso da aviação é, talvez, mais importante que a de qualquer outro entre os que, atualmente, estão dedicados a êsse trabalho.

Foi êle quem revolucionou a **arte de voar,** com a invenção de uma asa de cabos de manobra interiores. Desenhou e fabricou o famoso trimotor Ford, avô dos aviões que hoje voam a 500 quilômetros por hora — ou mais. Organizou e dirigiu a primeira linha aérea de passageiros, que alcançou pleno êxito, nos Estados Unidos. Construiu um dos primeiros aviões "rodáveis", de asas dobradiças e utilizável como automóvel, e é um dos precursores na fabricação da avionette chamada **Stout-Sky-Car.**

Seu campo de ação não se limita à aviação: desenhou o primeiro trem aerodinâmico Diesel, da Estrada de Ferro "Union-Pacific" e inventou o primeiro vagão-motor de gasolina, para a "Companhia Pullman". Também a êle se deve o desenho do primeiro automóvel aerodinâmico com motor na parte trazeira. São, ainda, inventos seus, as cadeiras de assento ajustável, para teatro, assim como certas **carrosseries** para carro-reboque, que são, na realidade, casas portáteis.

Como se nada disso fôsse suficiente, é o construtor de certo tipo de automovel, de linhas aerodinâmicas, com motor na parte trazeira, ao qual deu o nome de "Escaravelho", lançado nas estradas em 1932. Com êsse veículo cruzou, três vêzes, os Estados Unidos da América do Norte, de oceano a oceano, com um copo cheio d'água, colocado sôbre a tampa da caixa de ferramentas, sem que se derramasse uma só gota, tão serena era a marcha do seu veículo.



Por tudo isso, é explicável que Stout seja, por muita gente, considerado como o Leonardo da Vinci norte-americano.

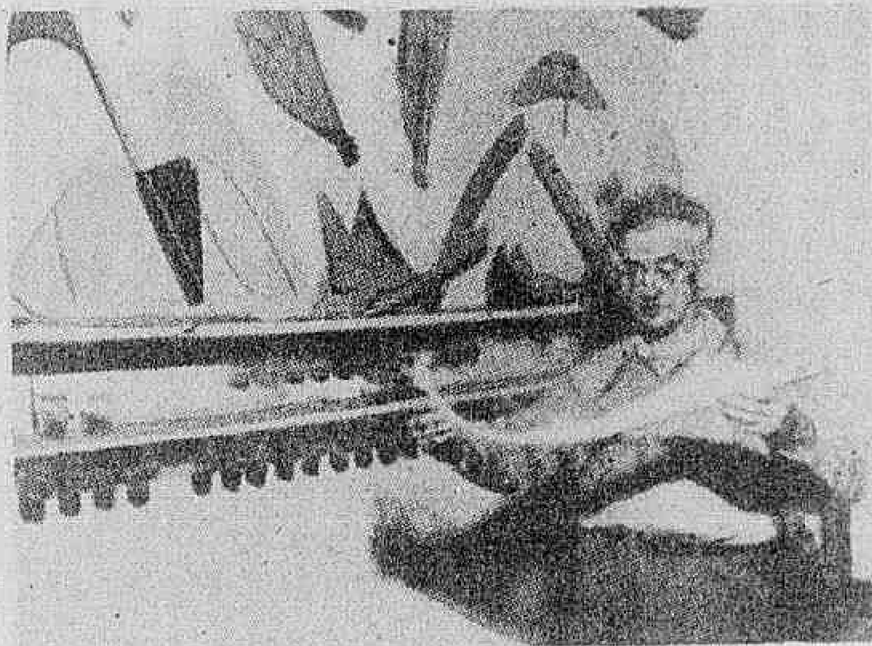
A partir do fim da II Grande Guerra (1945) até hoje, está êle dedicado, quase exclusivamente, a tratar de conseguir **um**

avião com asas que se agitem. Está convencido de que tal avião dará a chave para a generalização da aviação, como se generalizou o automóvel. O problema se baseia em criar um tipo de avião pequeno, leve e barato, que não exija, para o seu manejo, preparação técnica alguma, a fim de que possa ser comprado e dirigido por qualquer indivíduo, como hoje se compra e dirige um automóvel.

Mas... Por que procura a solução dêsse problema na criação de um avião de asas móveis, em lugar do aeroplano convencional, de asa fixa?

Porque, segundo Stout, aquêle tipo é o único que torna possível a iniciação do vôo e a aterrissagem em sentido vertical, ao mesmo tempo que permite avançar a velocidade adequada, sem que o aparelho se torne excessivamente dispendioso.

Tais são os elementos indispensáveis, para que o avião possa vir a ser popular. Mesmo o avião ligeiro, de turismo (teco-teco) não apresenta essas qualidades, porque exige campo especial para pousar ou alçar vôo. Ninguém pode, com êle, alçar vôo do quintal da própria casa, nem aterrissar em qualquer ponto do centro da cidade, onde estejam os negócios e os compromissos. E' necessário, hoje, ir a um aeroporto, a fim de tomar um avião, voar em seguida para outro aeroporto, do qual será necessário transportar-se em automóvel, ou qualquer outro veículo terrestre, até ao sítio onde é necessário a presença do viajante. Somem-se tôdas essas manobras e demoras e o tempo que se lucrou, voando, fica totalmente perdido, deixando de ser vantajoso êsse meio de transporte.



O inventor, Mr. Stout, com um novo tipo de nacele para planadores.

"— **A aviação particular jamais prosperará enquanto não surgir o avião de asas que se agitem!** — afirma Stout, que prossegue: — **Já alcançamos o ponto de saturação com base na máquina voadora atual. A curva está descendo!** Salvo casos especiais, o avião pequeno não se mostra prático; pois que não pode iniciar o vôo do lugar que mais nos convenha, nem aterrissar em qualquer local onde nos chamem os nossos interêsses."

— Por que, então, não seria a solução o avião... "rodável", suscetível de transformar-se em automóvel?

— **Porque continuará, sempre, sendo indispensável para o seu uso... a existência de um aeroporto!** — comenta Stout.

E o helicóptero?

— **Não serve, também! E' demasiado lento e demasiado caro. As hélices de que está provido criam tremenda fôrça centrífuga, que, não existissem fôrças que a contrabalancem, determinariam que o aparelho não pudesse voar senão descrevendo círculos. Para criar as fôrças que contrabalançam a gerada pelas hélices, foi necessário recarregar a máquina com uma série, pesada e caríssima, de aparelhos e instrumentos que, além de reduzir, consideràvelmente, a velocidade da marcha da mesma, determinam que o seu custo suba a níveis muito superiores às possibilidades econômicas do homem comum.**

Recorrendo, ainda, a um símile pitoresco, afirma Stout que "a invenção do helicóptero pode ser comparada à de uma estilográfica cuja tinta derramasse constantemente: **seria necessário inventar ao mesmo tempo luvas de borracha, para que um indivíduo a usasse sem o risco de manchar as mãos".**

O helicóptero tem sua função e continuará tendo-a por muito tempo. E' ela, primordialmente, de índole militar, **não comercial.** Jamais poderá estar ao alcance da bôlsa do indivíduo de recursos médios; jamais poderá, portanto, ser popular.

Fica assim o campo livre para coisa inteiramente nova. Stout acredita que a resposta pode ser dada pelo avião capaz de bater asas! Não pretende ser o único a ter concebido tal idéia. Provàvelmente, há uma meia dúzia de indivíduos nos Estados Unidos, trabalhando sèriamente no possível desenvolvimento da mesma. Provavelmente há outros, também, nos demais países. O que conseguir criar algo de prático, com base nessa idéia, tornar-se-á o dono do ar.

Desde o início de sua notável carreira técnica, Stout veio pensando na possibilidade de construir um avião do tipo indicado. Mas sòmente ao terminar a grande guerra, em 1945, um incidente trivial aumentou o seu entusiasmo, levando-o a tratar de converter em algo prático aquêle sonho de tantos anos.

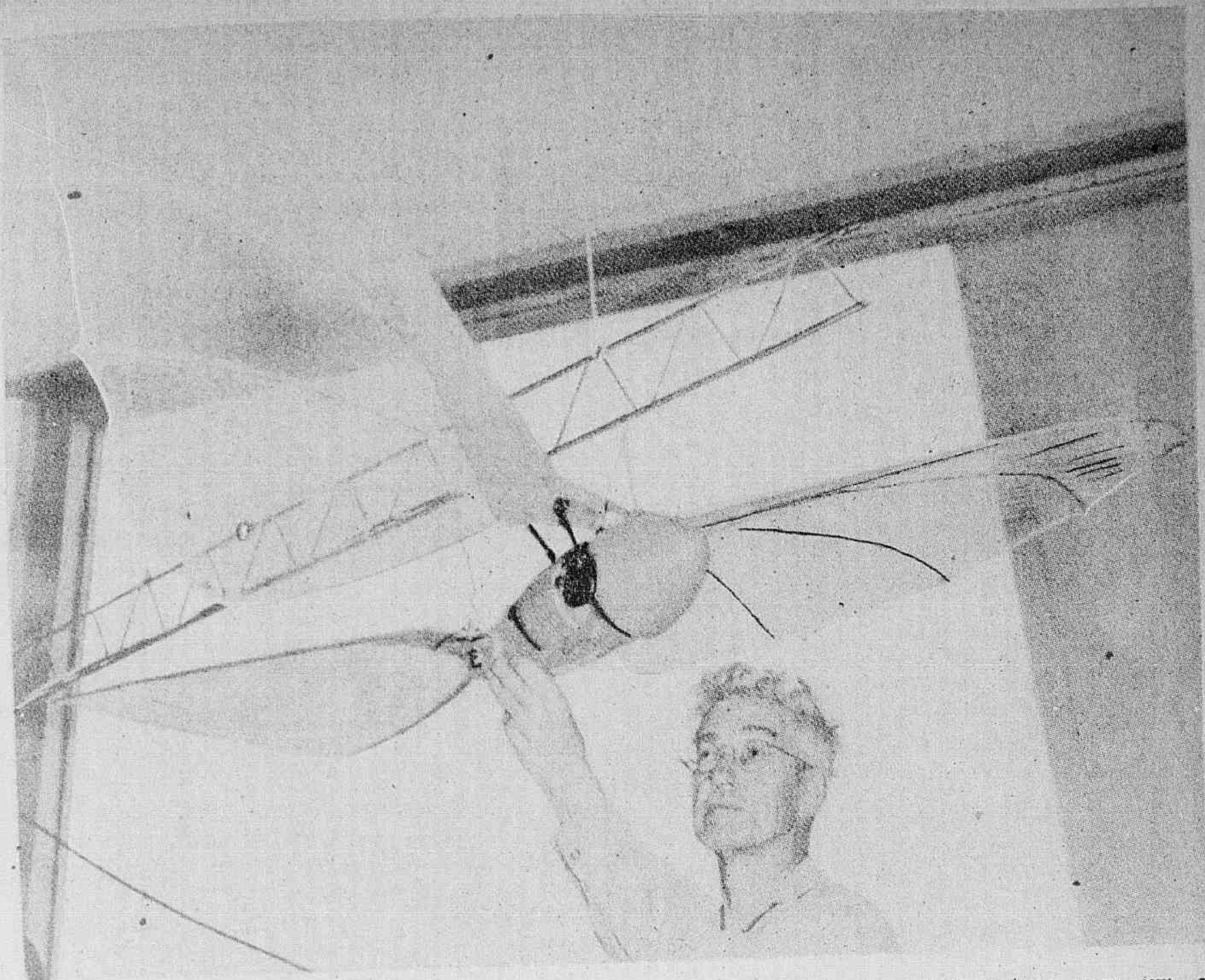
Estava em seu pequeno **atelier,** debruçado sôbre o Lago Michigan, num dia de verão, quando observou uma libélula caída pesadamente sôbre o próprio **bureau** de trabalho. Tratou de afugentá-la, mas notou, então, que a mesma acabava de sair da crisálida e ainda não secara o suficiente para poder voar.

Assim ficou observando o animal durante longos vinte minutos. Repentinamente o inseto se elevou em sentido vertical e depois se afastou com tal rapidez que Stout não pôde acompanhá-lo com o olhar.

Nesse instante Stout compreendeu que era tolo em imaginar que a asa fixa e rígida constituía a última palavra em matéria de aviação. Compreendeu, ainda, que as aves não oferecem a devida **inspiração,** pois que as suas asas são demasiadamente complexas para que seja possível reproduzi-las mecânicamente.

— **O curioso é que a natureza colocou, diante dos nossos próprios olhos, desde tempo imemorial, a solução do problema... com os insetos comuns e correntes** — comenta Stout — **Não só é mais fácil de copiar a asa do inseto, como ainda é ela, em proporção, menor, não obstante o que o inseto voa mais velozmente do que as aves e pode conduzir, proporcionalmente, maior quantidade de carga** — conclui.

Como já foi dito, naquele mesmo instante, Stout decidiu dedicar-se, sem descanso, ao estudo do



Guilherme B. Stout, técnico norte-americano em aeronáutica e mecânica, aparece acima, com um dos seus aparelhos dotados de asas móveis.

problema, a fim de produzir um avião que voasse agitando as asas. E principiou a desenhar e a fabricar, em tamanho reduzido, asas susceptíveis de agitar-se e das quais forma parte o artefato de que falamos no início.

Com base na série de experiências que já realizou, conseguiu êle estabelecer alguns princípios fundamentais. Explica-se, mais ou menos, nos seguintes têrmos:

"**O avião de asa rígida necessita, para alçar vôo, gerar uma corrente de ar que, num avião ligeiro, poderia ser de uns 80 quilômetros por hora. Para isso tem que avançar pela pista do aeroporto a velocidade suficiente para que se crie a citada corrente. Tal é a teoria atual.**

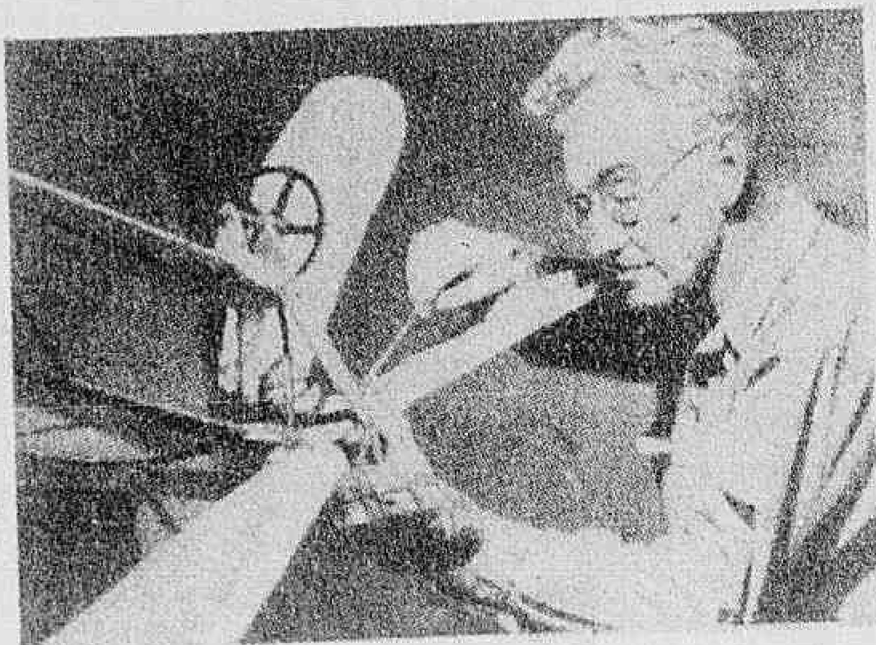
A teoria que êle próprio propugna é a seguinte:

E' possível construir um avião capaz de gerar êsse vento de 80 quilômetros horários mediante suas assas, e sem mover-se do local em que se encontre, o que lhe permitirá alçar vôo verticalmente!

O problema consiste em dar com a forma em que as asas, por si sós, possam lograr que êsse vento de 80 quilômetros por hora passe através das mesmas. A solução, segundo Stout, "será dada pelas asas suscetíveis de agitar-se mediante fôrça mecânica."

"O que é preciso determinar, antes de tudo — explica o engenheiro — **é que função desempenha a asa,** quando se agita. Cria uma fôrça ascendente? Não! A asa inteira desempenha **o papel de uma hélice!** Cria uma corrente de ar que sustenta a máquina em sua ascensão e sua marcha.

Da fôrça ascensional determinada pela asa, ao agitar-se — prossegue Stout — será possível dispor, não apenas para empreender o vôo, mas também para aterrissar, com o que se corrigirá um defeito fundamental do avião atual, que carece, absolutamente, de fôrça aproveitável para alçar vôo ou para aterrissar.



Mr. Stout estuda um modêlo de borboleta ao qual dará movimento por meio de pequeno motor.

E o bater das asas? Com a sua violência não acabaria por destruir o próprio aparelho?

— De nenhuma maneira — responde Stout — As asas são flexíveis e funcionarão graças a um jôgo de molas que permite absorver o choque.

Quanto ao inseto a ser imitado, Stout declara que muito provàvelmente serão vários, em vista do propósito que se tenha. Se o plano fôr dirigido no sentido de conseguir máquina de vôo lento, que possa deter-se em pleno vôo, em qualquer ponto do espaço, para desfrutar da paisagem, a mariposa será o tipo a imitar; se se pretende alcançar grandes velocidades e dispor de fôrça poderosa, será necessário emular a abelha ou a vespa...

De fato, os tipos de aviões de asas móveis serão variados, como o são os de veículos terrestres (automóveis, caminhões, ônibus, etc.), segundo as necessidades a satisfazer.

★

Nas experiências que Stout vem realizando, já pôde alcançar progressos apreciáveis. Trata êle, agora, de concluir um plano técnico, de ação, que abrange a construção de um túnel aerodinâmico aperfeiçoado, em forma que permita apreciar, em seus detalhes mais insignificantes, quanto à ação e aos efeitos das fôrças indispensáveis. E já está em vias de iniciar a construção de um avião de tamanho regular, capaz de voar mediante o impulso que lhe imprima um par de asas agitando-se.

★

Não é difícil que seja o próprio Stout o "pilôto de provas". Isso, aliás, é coisa que não preocupa o inventor. Não acredita que lhe esteja reservado o dizer a última palavra no fascinante campo do vôo em aparelhos dotados de asas móveis. Já tem 71 anos de idade e, embora esperando ainda viver muito tempo mais, e poder aproveitá-lo na atenção de suas atividades criadoras, considera que seu trabalho deve ser desenvolvido essencialmente no campo das invenções. O desenvolvimento técnico definitivo, de suas idéias — segundo êle próprio comenta — ficará reservado para alguém mais.

"Estou empenhado nessas experiências tanto com o objetivo de estimular as investigações e os estudos que se realizem nesse campo, quanto com a esperança de encontrar, eu mesmo, a solução do problema. Alguém tem que iniciar o esfôrço! Não me preocupa muito que seja justamente eu o que venha a atingir êsse objetivo. O importante é que seja atingido."

Afirma ainda Stout que, já hoje, os engenheiros especializados contam com os materiais e os conhecimentos técnicos fundamentais para aperfeiçoar essa nova forma de voar. Prognostica que, uma vez a indústria fabricante de aviões venha a tomar a sério o problema, não decorrerão cinco anos antes de que logre resolvê-lo. Mas não acredita que os aviões atuais, de asa rígida, venham a ser totalmente substituídos pelos de asa movediça:

"— Continuaremos necessitando dos aviões a jacto-propulsão, para as grandes velocidades, e dos grandes transportes aéreos, para conduzir numerosos grupos de pessoas a grandes distâncias."

"O automóvel não acabou nem acabará jamais com as estradas de ferro!" — conclui Stout.

★ ★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO ?



EM caminho para um dos mais importantes bailes do ano, promovido pelo Country Club, que ficava a grande distância da nossa residência, meu marido e eu paramos na residência de pessoas amigas, que seguiriam conosco, no mesmo automóvel. Ao descer senti qualquer coisa estranha numa de minhas meias. Já no interior da casa, à luz forte da sala, tratei de ver o que era... e quase gritei, horrorizada! Uma enorme bola de bala de mascar, do tipo de soprar e formar bôlhas de ar, prendera-se, mole, pastosa, horrível, nas malhas da minha meia Nylon, extra-fina.

Era impossível remover aquela massa gomosa e espêssa. Não havia tempo para voltar à minha residência e calçar novo par. Não podia usar as meias da minha amiga, pois que a mesma tinha os pés extraordinàriamente pequenos. Não havia nenhuma loja de meias pelos arredores — e se existisse, estaria certamente fechada, àquela hora. E acima de tudo, eu não podia comparecer ao baile com aquêle enorme emplastro de bala de mascar grudado na meia, bem na frente da perna...

Repentinamente, minha amiga teve uma idéia que resolveu o meu problema. Pode o leitor adivinhar qual foi?

(Resposta noutra página)

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

Duma maneira geral, estava claro que a mina nunca havia sido devidamente explorada, apesar de ter sempre dado lucro durante o tempo que foi regularmente trabalhada; a razão do abandono foi, não que ela tivesse atingido uma fase em que só desse prejuízo, porém porque passou a dar um lucro menor do que um brasileiro do Paraná se dignava aceitar.

Ao voltarmos da nossa visita à mina, onde passamos algumas horas, visitamos dois outros pequenos atulhamentos de aluvião na campina. Mas nenhum dêstes era a mina desaparecida. Pedras pequenas haviam sido extraídas de ambos. Fomos ver o outro extremo da camada de aluvião, na margem do Tibagi, onde um ano antes havia sido encontrado um diamante, que foi vendido a um negociante por um conto de reis. Soube também que outras pequenas camadas de cascalho apareciam a uma curta distância, rio acima, de onde, de vez em quando, pequenas pedras eram arrastadas pelas águas. Entretanto, estas não fui visitar.

Não faltavam indicações de que as poucas camadas, descobertas na ocasião, não passavam de um grande sistema de antigos lençóis d'água, que a denudação desde épocas primitivas havia solapado o substrato, descobrindo-as. Se fôr êsse o caso, pode-se dizer, com tôda segurança, que a cidade de Tibagi fica situada numa mina de diamantes de extensão considerável, faltando apenas a aplicação de meios modernos e inteligentes para descobri-la. Terei concorrido com a minha modesta contribuição, se conseguir atrair para êsse fato a atenção que êle parece merecer.

CAPÍTULO IV

Mudança de planos ★ Partida de Telêmaco ★ O sogro de Mercer ★ O grande comércio de muares ★ Recordações e anedotas do sogro ★ Um engano esquisito ★ Uma horta na campina ★ Lindas rendas ★ Porque não se planta algodão no Paraná ★ Um cavaleiro brasileiro ★ Amansando um burro bravo.

Embora fossem grandes os recursos de Tibagi em pedras preciosas e em possibilidades oferecidas pela fertilidade do solo, para as minhas necessidades imediatas, entretanto, em nada me ajudaram. Não encontrei empregados para os meus serviços na exploração do rio, por mais dinheiro que oferecesse. Os perigos desconhecidos não seduziam o caboclo comum, ainda mesmo com a perspectiva de uma nova mina de diamantes. Quanto à canoas, a cidade não possuía uma, sequer. Por fim, resolvi viajar por terra para a colônia de Jataí, onde nasceu Telêmaco (1), meu companheiro, e de lá explorar o rio para cima e para baixo.

(1) *Telêmaco M. Borba, irmão do diretor de Colônia Teresa e meu companheiro durante todo o tempo da expedição. Um companheiro de fato.*

No dia 3 de junho Telêmaco partiu, na frente, para a colônia de Jataí, a fim de preparar homens e canoas para pôr êste plano em execução, ao passo que eu fiquei mais um ou dois dias, para completar minhas explorações nesta parte do vale e apanhar o material que devia levar para a colônia.

Depois da saída de Telêmaco, fui fazer uma visita a um grande fazendeiro, cuja casa está situada a duas léguas fora da cidade. Era o pai da jovem com quem Mercer, o colono inglês, ia casar-se dentro em pouco, e me foi apresentado como seu sôgro, denominação pela qual eu o conhecia (1). Era um velho alegre e contador de histórias dos seus primeiros tempos na região. Desde os seus dias de rapaz fôra negociante de burros, e fazia um ou dois anos que abandonara tal negócio. Costumava ir, uma vez por ano, às grandes planícies de criação de burros da província do Rio Grande do Sul, comprava uma tropa e a levava para vender na província de São Paulo. Êle e os seus camaradas, em número de seis homens ao todo, levavam uma tropa de mil burros bravos, desde o Rio Grande do Sul até o grande mercado de burros de Sorocaba, numa distância de quase 2.000 milhas, sem perder mais de um por cento de seus animais, e isto por diversas causas.

Para um homem ser bem sucedido no comércio dêsses animais, era necessário ter uma constituição de ferro, a quem nem a fadiga nem as privações alquebrassem, e ser bom cavaleiro, bom laçador, afinal, um homem que conhecesse bem a natureza dos muares, com tôdas as suas características físicas e morais. Sem estas qualidades especiais, que devem ser também comuns aos camaradas que o acompanham, êle perderá, por vários motivos, a metade dos burros, na longa e exaustiva viagem para o norte. Nos primeiros dias do comércio de burros, não só tinham os comerciantes de enfrentar e vencer as dificuldades comuns, presentes nestas longas caminhadas numa região inculta, mas estavam também sujeitos a serem atacados por grupos isolados de índios selvagens, a qualquer momento, e contra os quais tinham de defender não só a sua propriedade mas também a vida. O trabalho e o risco eram assim muito grandes, mas o lucro líquido era frequentemente de mais de cem por cento.

(1) *A nomenclatura familiar brasileira é sempre uma charada para o brasileiro. Isto advém do fato da mulher não mudar formalmente o nome quando se casa. Conseqüentemente, os filhos ostentam os nomes de duas famílias, os netos de quatro e assim por diante, até o infinito. Assim, um brasileiro raramente pergunta a outro: "Como você se chama?" Em vez disso, indaga: "Como você se assina?" Os apelidos são também muito usados como adjuntos do primeiro nome, em vez de qualquer nome de família.*

O velho disse-me que os dias florescentes dêsse comércio estavam terminados. O preço de burros no Sul havia aumentado e os preços em Sorocaba haviam caido. Todavia, o comércio continuou a ser feito, embora em menor escala do que antigamente.

A cidade de Tibagi fica no principal caminho de burro, que vai do sul ao norte, e Mercer me declarou que havia visto tropas de 500 e 1.000 burros bravos passarem para São Paulo. Existia também uma propriedade muito grande do outro lado da cidade — sôbre a qual falarei mais adiante — onde estas grandes tropas de burros bravos, magros e cansados da longa viagem, descansavam por três semanas ou um mês, a fim de engordar e recobrar a resistência necessária para continuar a viagem para o mercado, que ficava a 200 milhas adiante.

Nós, na Inglaterra, não podemos fazer uma idéia, ainda mesmo que obscura, do que seja a vida que levam os homens encarregados destas longas viagens, conduzindo burros por 2.000 milhas através de regiões quase inabitadas. Os quadros vivos que o velho pintou no curso de sua narrativa, sôbre o que foi a sua vida, não pude reproduzir, embora o tentasse. Ataques noturnos de índios, encontros com jaguares, animais espantados em disparada, assemelhando-se ao estouro da boiada, em que no curto espaço de uma hora tôda a tropa se espalhava para os quatro cantos, o trabalho paciente, embora vigoroso e agitado, de mais uma vez os ajuntar — tudo isso e muito mais o velho traçou gràficamente, até que eu comecei a supor que estava ouvindo alguma história nova e emocionante narrada por um talentoso capitão do "Far-West".

O sogro sossegou um pouco e passou a falar nos deveres de um fazendeiro da planicie, deixando seu filho seguir as pégadas dos seus antecessores, nas planicies do Sul.

Mercer havia cumprido o seu dever, ensinando a família de sua futura espôsa os costumes e as maneiras da vida civilizada. Por exemplo, a espôsa e filhas sentaram-se à mesa conosco ao jantar, embora fôsse evidente que o novo regime não lhes ficava completamente bem. A moça mais nova, que eu tomei por noiva de Mercer, era muito bonita e de aparência distinta — tanto assim que, depois do jantar, eu cumprimentei o meu compatriota ardentemente, pela escolha da noiva. Fiquei sem jeito quando soube que me havia enganado.

O pomar em volta da casa do sogro rivalizava, ou era melhor, do que o do Sr. Garses, na Freguesia de Ribeirinho. Laranjas, ameixas, pêcegos, abacaxis, gengibre, batatas, cebolas, eram cultivados com cuidado e inteligência; e, por fim, adornavam o pomar diversos algodoeiros, cujo produto, depois de preparado, era transformado em lençóis e também em material para a fabricação de renda.

A dona da casa orgulhava-se muito de sua habilidade na fabricação de todos êsses artigos necessários à casa. Deu-se ao trabalho de demonstrar-me vários processos pelos quais ela e as filhas produziam os artigos, isto é, o tecido e a renda.

Os implementos usados eram dos mais toscos, mas a sua rudeza era quase neutralizada pela delicadeza e habilidade maravilhosas com que eram usados.

A renda, que me foi mostrada como feita em casa, era magnífica. Muitas tinham nove e dez polegadas de largura, de desenhos esquesitos e de execução perfeita. Quis comprar tôdas que tinham, mas puderam ceder-me apenas algumas jardas de material comparativamente estreito e grosseiro, pois precisavam das outras para fazer o enxoval da noiva. A idosa senhora mostrou-me uma toalha feita por ela há vinte anos antes, com o algodão colhido em seu próprio pomar e que, apesar de vir sendo usada há longos anos, ainda parecia estar como nova.

Pode-se perguntar: — "Por que não plantavam o algodão em grande escala na província do Paraná?" É verdade que êle aparece às vêzes em pequenas quantidades, não viçoso, talvez, pois o solo da campina raramente é muito fértil para encorajar uma experiência de maior vulto. A única resposta para esta pergunta, que muitas vêzes fiz aos brasileiros, sem contudo ter uma explicação satisfatória, parece ser que no tempo da colheita sempre começam as chuvas, apodrecendo o algodão nas árvores. Nunca procurei entrar muito neste assunto, principalmente porque dificilmente encontrava o algodoeiro cultivado na província, e nem um indivíduo em cem, entre os nacionais, pensou nesta questão.

Se as moças desta casa se sobressaiam na execução de rendas, os rapazes ultrapassavam todos os outros brasileiros que já encontrei na arte varonil de montar. Pouco antes de voltarmos para a cidade, Mercer pediu ao futuro cunhado para mostrar a sua habilidade em equitação. Em primeiro lugar êle deu um galope ligeiro pelo campo, de pé no lombo de um cavalo. Êste feito foi muitas vêzes mais difícil do que a representação comum que estamos habituados a ver no circo, na Inglaterra.

Em primeiro lugar, porque o brasileiro desprezava o uso da tábua plana que fica sôbre o animal e na qual devia pisar. Em segundo lugar, não corria em círculo, nem escolhia qualquer pista batida para correr. Ao contrário disso, seguia diversas direções no campo de altos e baixos, entre montículos de formigas, buracos de tatu e outras tantas boas armadilhas para provocar uma queda. Êle variava a apresentação saltando, vez por outra, para o chão, e depois novamente para as costas do cavalo, enquanto que êste não parava de correr.

A exibição seguinte de habilidade que nos deu foi menos espetacular, mas, sem dúvida, mais difícil do que a primeira. Foi escolhido e laçado um burro bravo dentre os que estavam no curral. Passou-se então um quarto de hora, enquanto o jovem brasileiro, com o auxílio de um camarada, enfiou um freio na bôca do animal e o selou, tendo estas operações sido feitas com o burro de olhos vendados. O burro foi puxado para fora do curral e lhe tiraram o pano dos olhos. Dois camaradas, um de cada lado da cabeça do animal, seguravam-no por meio de cordas, enquanto o cavaleiro montava; esta operação inicial não foi feita sem muita

dificuldade. No momento em que o muar sentiu o pêso do homem nas costas, ficou completamente enfurecido, bufando como se estivesse agonizando; os camaradas só puderam aproximar-se e tirar-lhe o laço quando a corda ficou tão apertada a ponto de quase o enforcar. Isto feito, o animal ficou livre, embora o cavaleiro estivesse montado, e entre os dois começou então uma luta em disputa do domínio.

Tremendo de horror e de ira, o burro, por um curto espaço de tempo, ficou completamente paralisado; depois, com uma espetada das rosetas das esporas e com um fortíssimo safanão dado ao freio, capaz de quebrar as mandíbulas de um tigre, êle saiu pulando. O focinho quase encostava no chão, as patas traseiras subiam no espaço; durante uns dez minutos, após haver começado a corrida, mal se tinha tempo de lhe acompanhar os movimentos com os olhos. Ora galopava furiosamente pelo prado, recuava, pulava e escouceava, ora ajoelhava, dando a impressão de que ia rolar no chão, quando um puxão vigoroso no freio o fazia levantar com um salto, relinchando com terror devido à dor sentida na bôca; ao levantar corria mais uma vez pelo campo, incitado pelos gritos de seu destemido cavaleiro. Em menos de meia hora depois do primeiro laço o prender, o animal estava subjugado e manso, vindo, guiado pelo seu amansador, ao lugar onde estávamos, com os flancos arquejantes e com o corpo completamente lavado de suor, mostrando que a submissão fôra conseguida pelo temor e por uma intensa exaustão física.

O cavaleiro fêz tudo isso com muita calma e parecia não dar a menor importância ao espetáculo que acabava de oferecer. Depois desta exibição, não me surpreendi ao saber que um burro ficava completamente manso e aceitava a sela depois de três montadas, podendo então ser vendido como animal de montaria.

Assim terminou um dia que, para mim, ainda me trás recordações. Quando eu e meu companheiro chegamos de volta à cidade, já estava escuro; os primitivos habitantes haviam se retirado para descansar com o sol e nós atravessamos as ruas de uma cidade como a dos mortos, sem encontrar viva alma, até chegarmos à chácara de Mercer, que ficava meia milha além dos arredores, no outro extremo.

CAPÍTULO V

Chegada à Fortaleza ★ Considerações sôbre certas delicadezas essenciais ★ Descrição da Fortaleza ★ Sua história e fama antiga ★ Índios — Seu último e grande ataque ★ Glória perdida ★ Os lucros da fazenda ★ Como são feitos ★ Não aproveita nem deixa aproveitar ★ As brisas das campinas e os remédios de farmácia ★ Uma caçada de veados ★ Uma exibição de montaria ★ Dando sal aos burros bravos ★ O laço e seu emprêgo ★ A vida de um fazendeiro da planície.

A hora era avançada, na tarde do dia 5 de junho. Tibagi, com as suas prósperas fazendas, seus diamantes, seus minerais e fazendeiros, havia ficado quinze milhas para trás, e eu, com a minha pequena tropa de cinco burros gordos e bem nutridos, estava bem abrigado entre os muros de barro de uma "Fortaleza" que, noutros tempos, fôra famosa, a cêrca de 1.200 pés acima no nível do rio.

Embora eu estivesse suficientemente provido com os meios para acampar com confôrto, não tive escrúpulos de pedir a hospitalidade do administrador da fazenda da Fortaleza, pois já sabia há muito tempo que um viajante, nessas regiões primitivas, é sempre bem recebido, tôdas as vêzes e em qualquer lugar que peça pousada e comida. E', de fato, considerado quase como um insulto, um viajante armar a sua barraca perto da casa de uma fazenda, não aceitando o convite para nela entrar ou, pelo menos, tomar uma xícara de café e fumar um cigarro. Pela observância ou não observância dêstes simples atos de cortezia, um estrangeiro, viajando pela região, perde ou ganha a boa vontade do povo. Todavia, tenho encontrado londrinos que, com o maior desprêso às boas maneiras que caracterizam a sua classe, quando saem do "raio de quatro milhas", não se envergonham de armar as tendas na frente da porta da casa de um brasileiro, sem mesmo pedir permissão ao proprietário, ou obedecer aos costumes do país em que estão viajando. Ao contrário disso, dão baforadas de fumaça de cachimbo no rosto do fazendeiro, quando êste lhes vem cumprimentar e conversar.

O sr. Gregório, administrador da Fortaleza, nos recebeu cordialmente e, quando soube do objetivo da minha viagem, insistiu para que eu ficasse até o dia seguinte, quando me mostraria tôda a região nos melhores locais e de onde fôssem mais belas as vistas, assim como daria tôdas as informações que estivessem ao seu alcance. Aceitei sua oferta e esperei que os escravos puzessem a comida na mesa, que ficava em espaçosa varanda. Esta mesa, pela sua sólida estrutura, e pelo seu aspeto, podia ter sido uma reliquia dos antigos tempos baroniais da Inglaterra. Enquanto isso, Gregório começou a falar sôbre a história passada e presente do lugar que, em seu tempo, como já disse, fôra famoso.

Primeiro, entretanto, devo descrever sucintamente a fazenda da Fortaleza como era então.

Da varanda onde estávamos de pé, víamos um terreno quadrado, grande, confinado em dois lados por casinhas caiadas de branco — eram os alojamentos dos escravos — e também por um muro de barro, coberto de telha e caiado. O terceiro lado era confinado, em todo o seu comprimento — uma distância de talvez oitenta ou noventa jardas — por outro muro de barro, com uma altura de mais ou menos oito pés. Do lado oposto às casinhas baixas, ficava uma carreira de estacas, com ângulos bem curvados e gastos. Eram os pelourinhos onde, em outros tempos, êle havia presenciado cenas de fazer parar a circulação do sangue.

A casa era grande e de construção sólida, feita de madeira e barro, coberta por um enorme telhado de empêna de pequena altura, e com a habitual e pesada telha de beiral, comum em tôdas as partes do Brasil. No lado que dava para o quadrado, a aba dêste pesado telhado projetava-se uns doze pés além das paredes, apoiada por uma carreira de sólidas pilastras, entre as quais havia sido construído outro grosso muro, que chegava à altura do

peito. Embora eu fale dos muros como sendo feitos de barro, não se deve supor que êles não fôssem bons. Pelo contrário, êstes muros de barro, quando cobertos de telhas e ocasionalmente rebocados e caiados, duram séculos e desafiam não só os ataques dos índios, contra os quais, neste exemplo, êles haviam resistido muito, mas também às influências atmosféricas.

O atual proprietário da Fortaleza, como me disse o sr. Gregório, era um certo sr. Manuel Inácio Costa, tendo a propriedade nada menos de vinte e uma léguas de extensão, consistindo principalmente em campinas, grandes capões e florestas pròpriamente ditas. A Fortaleza havia sido construída pelo avô do atual dono — já sendo êste último agora velho — para servir de forte e ponto para reunião geral contra os índios que, naquele tempo, infestavam tôda aquela região, disputando a sua posse com os novos colonizadores brasileiros. Antes da existência do forte, êsses índios haviam dado muito trabalho aos fazendeiros, atacando-os enquanto estavam ocupados com os trabalhos da roça, durante o dia, ou então à noite, quando estavam nos ranchos de madeira, não lhes dando assim sossêgo o ano inteiro.

A fortaleza foi construída e tornou-se, segundo o desejo de seus donos, o ponto de reunião para ser usado por todos os colonizadores para ataque ou defesa. Os índios, por fim, encontraram quem os vencesse. Cuidadosamente guardada durante o dia e a noite, êste novo forte resistiu a tôdas as tentativas para a sua destruição.

A história do seu último ataque me foi assim relatada pelo administrador.

Um dia o pai do atual dono — já havia falecido o avô nesta ocasião — estava trabalhando com os escravos em uma das roças, acompanhado de seu pequeno filho Manuel, sem suspeitar o perigo, quando os índios começaram a atacar, sùbitamente, de perto da floresta. Fugir sem lutar era impossível, pois estavam cercados pelos índios que, protegidos pelo mato, atiravam setas de todos os lados. O pequeno Manuel brincava num monte de espigas de milho, tiradas naquele dia, ignorando o risco que corria. Dado o primeiro alarme, o pai correu e o ocultou sob as espigas de milho, avisando-lhe que os bugres estavam por ali e que, por isso, êle devia ficar quietinho e não se mexer. Feito isso, saiu lutando, auxiliado por seis escravos. Conseguiram chegar à fortaleza com a perda de um ou dois dos seus. Reforçados com grande número de escravos, voltaram à tôda pressa para a roça, onde o pai nutria poucas esperanças de encontrar o filho. Os índios não apareceram e o pai, correndo ao lugar onde havia escondido o filho, tirou, nervosamente, de sob o monte de espigas de milho a criança sã e salva. Os índios não a descobriram, porque ela obedecera as determinações paternas, não se mexendo ou fazendo qualquer ruído que denunciasse a sua presença.

Naquela noite os índios, em grande número, atacaram a fortaleza. Tão violento foi o seu ataque que os defensores não tiveram tempo de carregar as armas pelo processo moroso e habitual. Cada dois homens, portanto, faziam um montão de pólvora no chão, entre êles, e assim carregavam e atiravam com a maior rapidez possível. A luta prosseguiu durante tôda a noite, por parte dos índios — com gritos demoníacos, setas incendiadas — e por parte dos defensores, como homens cujo destino estava nas suas próprias mãos. Por fim amanheceu o dia e lá no alto da colina que dominava o forte, via-se na claridade matinal, a figura do cacique, acenando para que os seus guerreiros vencidos abandonassem a luta. Estava terminado o combate e, depois disso, nenhum índio aproximou-se dêste resistente forte com intenções hostis.

Apesar da presença belicosa dos índios na região, êsses foram os dias mais prósperos da fazenda, época em que havia cem escravos trabalhando (agora só havia oito). A disciplina militar era conservada entre as paredes da fortaleza e os pelourinhos estavam em uso constante. Mas o sangue negro era sangue humano. Quando êles se libertaram do temor dos índios, com a última grande batalha, a natureza do negro tomou uma diretriz mais definida. Fatos misteriosos começaram a acontecer e os feitores maus eram encontrados assinados. O pequeno Manuel crescera e tomara o lugar de seu pai na propriedade. Êle não ousou, entretanto, com mêdo de seus escravos, continuar vivendo na fortaleza. A glória do velho lugar o abandonara. Os escravos foram vendidos e a fazenda deixou de ser agrícola, para se tornar um grande campo de criação de gado bovino e de muares.

Nos seus vastos campos, como o sabemos, grandes tropas de burros bravos, procedentes do sul, descansam a engordar. Milhares de cabeças de bois eram levados anualmente para a engorda e venda no mercado. Calculava-se que houvesse pasto suficiente para engordar 16.000 cabeças de bois em três meses (isto é, os três meses em que as pastagens estão mais frescas e abundantes) e que podiam ter gado para criação no dôbro daquela quantidade durante todo o ano.

Os principais lucros da propriedade, desde a eliminação do trabalho agrícola, são auferidos com o aluguel do pastoreio, sendo o preço, por cabeça, de dois mil réis por ano. Pràticamente, o único limite para o rendimento em dinheiro, que a fazenda podia proporcionar, é determinado pelos mercados da visinhança, isto é, as cidades de Curitiba, Antonina, Ponta Grossa, Castro e Sorocaba. Como a exportação de gado ou dos produtos da província é quase nula, a procura dêsses mercados deve ser regulada, em igualdade de condições, pelo aumento de suas populações. Julgando-se desta maneira, o valor da fazenda deve aumentar contínua e ràpidamente.

Embora esta enorme propriedade estivesse em cindições de dar uma renda quase ilimitada, por um sistema combinado de agricultura e de criação de gado, a sua renda liquida não passava de dez contos por ano, ou seja uma compensação média de cêrca de um penny por acre!

E' um dos males das grandes propriedades, quando estão nas mãos de homens de inteligência limitada e pequeno capital, como é o caso com dezenove pessoas em vinte. Mais algumas fazendas como a Fortaleza, nas mãos de homens como o sr. Manuel Inácio Costa, transformaria tôda a província do Paraná num deserto, como o provaria um simples cálculo.

Tôda a propriedade ocupa nada menos de 340

milhas quadradas, da faixa ou zona de floresta e prados intercalados, a mesma faixa de onde, como demonstrei, se originou tôda a prosperidade de que pode se orgulhar a província. Todavia, o seu proprietário não a cultiva, a não ser em insignificante extensão, nem a vende. Dos dois lados, isto é, na direção e além das duas cidades de Tibagi e Castro, ela é ladeada pelas regiões agrícolas principais da província, que fornecem produtos para uma grande população, enquanto ela produz só para umas doze pessoas, oito das quais são escravos. (1)

Está aí um pedaço de terra onde a colonização inglêsa em grande escala, se tiver de conseguir êxito na província, a experiência pode ser feita com as maiores possibilidades de sucesso. Entretanto, até que a magnífica propriedade venha a ter um dono mais inteligente, continuará improdutiva para a província.

O programa para o dia seguinte parecia bom. Iríamos ver a região e caçar veados num pequeno capão, depois assistiríamos aos campeiros dar sal as tropas de burros e ao gado bovino (o sal é dado mensalmente) e por fim apreciaríamos o espetáculo da marcação de gado bravo, num dos grandes currais junto à fortaleza.

Ao sair, na manhã seguinte, encontrei o administrador já de pé na varanda, recebendo os cumprimentos dos escravos que, de chapéu na mão, vinham um a um tomar a bênção ao senhor e dono, usando a forma abreviada "Su Christo"; a resposta formal era sempre "que Deus t'abençoe".

Deram-nos café quente, a bebida mais aceitável pela manhã, neste país. Os cavalos e burros já estavam selados. Dois escravos, cada um com uma corda comprida, iam nos acompanhar, pois tinhamos trabalho a fazer. O almôço consistia em feijão, farinha e carne sêca, que já estavam no alforge. Dois cachorros de caça também nos esperavam, seguros pelos escravos. Um minuto depois estavamos todos montados a cavalo, passando pela cancela; o filho do administrador, um menino de mais ou menos nove anos, cujas pernas curtas mal podiam abarcar a sela em que estava montado, ia na frente.

Para minha admiração, a manhã não apresentava o denso e habitual nevoeiro, embora muito abaixo, para o lado do sul, no vale do Iapó, rio que atravessáramos no dia anterior, houvesse densas nuvens rolando lentamente sob a agitadora influência do sol nascente. Além dêste vale, que ficava a umas dez milhas, a vista se extendia por outras dez ou quinze milhas, subindo uma longa inclinação de campo amarelo, pontilhado de capões verde escuro.



Indio coroado ornamentado para uma festa

Há alguma coisa, ou na atmosfera ou no cenário dêstes campos, ou ainda em determinados dias, muito sútil para ser analisada ou explicada, mas que, todavia, exerce poderosa influência sôbre o espírito. Não posso pensar em restaurador mais eficiente para a cura dos dissabores a que nós estamos sujeitos, que não um mês ou dois de viagem nestas planícies refrescadas pelo vento. A simplicidade do modo de viver não seria uma mera questão de sistema de vida, mas da necessidade de uma mudança completa de vida em todos os sentidos — uma mudança do desnatural para o natural, em que come apenas para satisfazer a sua fome, dorme sòmente durante as horas em que estiver escuro, levanta com o sol num dia não de aborrecimento e tédio, mas de gôso pleno e de prazer, tanto para o espírito como para o corpo — sem dúvida ocasiona mais um gôso perfeito da existência do que todos os tônicos de farmácia.

Depois de cavalgar algumas milhas, durante as quais obtivemos belas vistas da região, em direções diferentes, chegamos a um grande capão e, seguindo um caminho de burros que passava por dentro dêle, encontramo-nos pouco depois num descampado inteiramente cercado de pinheiros. Era aí onde íamos caçar, e a meu ver melhor não poderia ter sido o local escolhido.

Em três lados dêste descampado, a floresta era apenas uma estreita faixa de mato, com cinquenta jardas de largura mais ou menos. Num canto fôra aberta uma vereda larga, para a passagem do gado que vinha pastar nêste descampado. Era para aí que devíamos nos dirigir, caso fôsse encontrado um veado.

---

(1) *O remédio para êste mal muito grave, em tôda a provincia do Paraná, seria o lançamento de um imposto territorial, sôbre tôdas as propriedades cuja extensão fôsse acima de um minimo determinado. Tal taxa subdividiria tôdas as grandes propriedades não cultivadas, aumentando o coeficiente produtivo, importando assim na prosperidade da provincia e, por fim, juntando uma boa soma, anualmente, para os cofres do império. Presentemente não há imposto territorial no Brasil.*

Os cachorros foram soltos e instigados a entrar no capão, e logo depois começaram a latir; sabiamos pela latido que ainda não haviam encontrado caça, mas já estavam numa trilha recente. Ficamos todos juntos, sem desmontar, no centro do espaço aberto, o qual tinha mais ou menos uma milha de comprimento e um quarto de milha de largura, prontos para disparar em qualquer direção, no momento que a caça aparecesse. Esperamos pacientemente muito tempo, animados, entretanto, pelo latido salteado de um ou outro cachorro, mostrando que ainda estavam no rasto. De repente ouvimos o ladrar em côro dos cachorros, anunciando o encontro com o veado. Começou então a agitação e ficamos com os ouvidos atentos à música dos cães, que caçavam de um e de outro lado no capão; seus latidos ecoavam sob a larga abobada formada pelos pinheiros, e até os próprios pássaros voavam espantados dos seus esconderijos; inúmeros gaios e picapaus de vistosas cristas passaram voando por nós, assustados com o intenso tumulto que ia lá em baixo. A cada momento esperavamos que o veado saisse do mato e atravessasse o descampado; todos nós olhavamos firmes para a orla da floresta.

Por fim, os cachorros passaram do capão principal para uma faixa estreita de mato que havia num lado.

"Saiu! Saiu no outro lado!" — gritou Gregório. — "Esporeia o cavalo se quizer chegar lá antes do veado". Puz o cavalo num galope, sem me preocupar com os buracos de tatu e os formigueiros. A sorte e um bom cavalo favoreceram-me, porque dois minutos depois eu desmontei numa extremidade da vereda larga que antes mencionei. Ainda não ouvia os cachorros, mas sabia que o animal estava bem perto, um quarto de milha ou mais na frente dêles. Esperei com a espingarda engatilhada, com uma ansiedade de quem nunca atirou num veado. De repente, o veado, com um gracioso salto, apareceu na vereda. Vendo o cavalo, parou por um quarto de segundo, para olhá-lo. Pobre animal! Naquele momento suas preocupações terrenas cessaram para sempre, pois uma bala penetrou-lhe o quarto dianteiro e, com mais um salto, caiu morto. Só dois minutos depois do tiro os cachorros apareceram. A sua raça misturada tira-lhe a velocidade e esta deficiência é geral nos cachorros de caça brasileiros.

Com a aproximação dos outros caçadores, sentei-me e com êles fiz um ligeiro almôço, pois já passava das dez horas e a melhor parte da caçada ainda estava por vir.

Logo depois de montarmos presenciei um feito involuntário de equitação, por parte de um dos escravos, sôbre o qual vale a pena dizer algumas palavras. O escravo em questão havia sido enviado, por um atalho, ao alto de uma elevação, para procurar o gado. Saindo num galope rápido, o burro em que êle montava poz o pé num buraco de tatu, indo ao chão rápido como uma bala. O cavaleiro, em vez de procurar se suster à sela, como nós inglêses o fazemos instintivamente em tôdas ocasiões, inclinou o corpo para trás, abriu as pernas e, quando o animal encostou no solo, saiu correndo. Alguns passos adiante parou, voltou, segurou o burro quando êste se levantou e tornou a montar como se nada houvesse acontecido.

Gregório virou-se para mim e disse, rindo — "Está ai um truque que vocês inglêses nunca fariam, com todo o estilo que têm para montar". Essa observação encerrava uma grande verdade pois, enquanto nós inglêses nos mantemos na sela apertando as pernas, os brasileiros o fazem por meio de equilíbrio. O tamanho pequeno de um estribo brasileiro, que dá apenas para o dedo grande do pé de cavaleiro, é também uma vantagem, pois não dá margem a embaraços. Não há duvida de que a maneira de montar no Brasil é muito adequada para o pais e seu pequeno estribo ainda mais. De fato, êsses últimos podiam ser usados com vantagem pelos professôres inglêses de equitação, em seus estabelecimentos de ensino na Inglaterra, porque os alunos, cujo objetivo tantas vêzes parece ser apenas ensaiar, metem até as pernas pelos estribos a dentro.

Chegamos afinal ao local onde estavam reunidos cêrca de 300 burros bravos, prontos para receber a ração de sal que ia ser distribuida. Estavam subdivididos em grupos de dez ou doze animais, assistidos, cada grupo, por uma égua, que parecia ter bastante trabalho com os seus insubordinados seguidores. A fim de conservar a sua dignidade e o devido respeito a sua qualidade de superiora, ela não permitia que nenhum burro se aproximasse além do raio dominado pelos seus pés e dentes, levantando e sacudindo as orelhas tôdas as vêzes que êles mostravam o desejo de maior aproximação. Fato curioso é que os burros nunca procuravam morder ou dar coices na madrinha da tropa, em represália pelo tratamento recebido. Entre êles, entretanto, não havia esta afeição. Ao contrário disso, parecia existir um despeitado ódio de morte entre êles e os ruídos que ouviamos eram produzidos pelos golpes das patas de uns nas costelas de outros.

A um sinal do administrador, foram abertos os sacos de sal e espalhados em pequenos montes pelo chão, sendo quardada, entretanto, uma certa distância um do outro.

Começou então a batalha. Todo o respeito desapareceu, até mesmo para com a madrinha, na ansiedade com que cada animal disputava o sal. A lei do mais forte e do mais audacioso era suprema na confusão que se seguiu. Ora um burro, com orelhas bem caidas para trás e a bôca bem aberta, atirava-se sôbre o agitado tropeço e escouceava com tremenda fôrça, fúria e rapidez, abrindo assim, por um minuto, um perfeito círculo ao seu derredor, durante o qual o monte de sal era só seu. Entretanto, dêste êle dispunha só por um curto espaço de tempo. Outro burro, ficando frenético ao ver o sal desaparecer, investiu para o círculo, começando então um duelo selvagem no qual tomavam parte outros muares, originando-se dai uma terrivel luta de dois a dois. A cena se transformou num tumúlto aterrador e indescritível.

Os golpes dados e recebidos apavoravam quem os presenciasse. Entretanto, não vi nenhum animal mostrar sinais de dor, mas voltar repetidas vêzes, lançando-se, impetuoso, sôbre o monte de sal. Lembrei-me da memorável viagem de burros que fiz de Antonina para Curitiba, não mais me admirando da pequena influência que o meu pesado chicote teve sôbre o burro que eu então montava. Comparado ao castigo a que êsses animais se submetiam

voluntàriamente por uma lambedura de sal, aquelas chicotadas eram o mesmo que meras lambadas dadas por um rato com a cauda.

Note-se que um burro não deixava o outro lamber o monte de sal enquanto êle o estivesse fazendo. A luta, portanto, não poderia ter sido evitada, mesmo aumentando-se o número de sal.

Enquanto os burros se empenhavam nessa disputa amável, Gregório e os escravos não ficaram parados. Êles examinavam cuidadosamente os animais, pois os ferimentos, que êles descobrissem nas diferentes partes do corpo, e não fôssem tratados, produziriam bicheiras que se espalhariam e, em poucos meses, o animal seria devorado vivo. Estando os laços preparados, um dos escravos esperava uma oportunidade de jogar a corda de couro cru. O dito laço prendia um animal pelo pescoço e os burros fugiam em disparada, pois a corda era para êles, um objeto que lhes causava grande pavor. A princípio, o burro prisioneiro ainda tentava escapar com os outros, mas outro laço era hàbilmente atirado, pegando-o pelas pernas trazeiras, enquanto os outros animais prosseguiam na sua carreira louca. Vem agora o castigo.

Um safanão repentino na corda, no momento exato, levava o burro ao chão com um baque surdo. Mas, rápido como o relâmpago, êle novamente se levantava, louco de mêdo e ainda não derrotado, iniciava outro galope furioso. Mais uma vez as cordas se apertavam, resultando noutra pesada queda. Era o suficiente. Os homens podiam então aproximar-se e, enquanto um sentava na cabeça do pobre animal apavorado, afim de impedir que êle se levantasse outro derramava, ràpidamente, uma solução de mercúrio na parte ferida. Os laços eram então retirados: uma palmada no flanco fazia o animal levantar-se e sair em disparada para o meio dos seus companheiros, que ficaram olhando de uma distância de cem passos, no meio dos quais desaparecia.

Com os outros muares a cena era mais animada, porque os animais, estando mais espantados, tinham de ser tocados e laçados do cavalo.

Terminada esta tarefa, eu tinha uma ligeira noção da natureza dos deveres necessários a uma grande fazenda pastoril. O laço é o elemento principal no trabalho todo, e o terror que uma tropa de burros ou manada de bois sente, só em vê-lo, faz pena.

No fim do dia, assisti a uma ferra de gado, em que o laço é também empregado para pegar os animais, antes de ser-lhes aplicado o ferro em brasa, para marcar.

Foi isto o que vi num dia que passei numa fazenda, naquelas regiões. Não será demais se dissermos que um fazendeiro, para se usar uma frase expressiva, deve ter uma natureza de ferro.

CAPÍTULO VI

Alambari ★ Encontro Assustador ★ Um Carteiro do Sertão ★ O Pinhão ★ S. Jerônimo ★ Elliot, o explorador, sua vida e descobertas ★ Cena terrível na floresta ★ A descoberta dos campos ★ As vantagens que êles oferecem aos colonizadores ★ Aventura com um jaguar ★ Jataí, afinal.

Passarei agora a falar sôbre os três ou quatro dias de viagem, que foram, na maior parte, da mesma natureza já descrita. Os dois lugares marcados no mapa, "Monte Alegre" e "Alagoa", eram menores do que Fortaleza, da qual eram ramificações, e formaram, primitivamente, parte da grande propriedade. Tôdas as duas perteceram a membros femininos da família de Manuel Inácio e, como acontecia na Fortaleza, nelas trabalhavam alguns escravos.

Alambari, a dois dias de marcha de Alagoa, é uma pequena povoação produtora de fumo, contando com cêrca de quarenta habitantes, ao todo. O fumo, de muito boa qualidade, é fabricado em rolos e tem bom mercado nas cidades das campinas.

À tardinha do quarto dia, depois de sair de Fortaleza, eu viajava à certa distância adiante da "tropa", na esperança de poder dar um tiro nuns porcos, pois já havíamos encontrado algumas manadas. Assustei-me quando deparei com seis índios quase nus, três homens e três mulheres, que sairam, de repente, da floresta para a picada. Meu cavalo, que era manhoso, virou bruscamente para a direita ao avistar aquêles seres. Para mim também, aquêle aparecimento, numa parte solitária da floresta, teria sido muito alarmante se eu, de pronto, não reconhecesse, pelo cabelo cortado curto, que os indivíduos eram Coroados, índios mansos, portanto.

Um dos homens levava um porco nas costas, enquanto que as mulheres levavam uma cêsta de bambu, apoiada sôbre as costas e sustida por uma faixa que se prendia em volta da cabeça, sendo êsse o seu modo habitual de levar cargas. As cestas estavam pelo meio de pinhões, pois era agora a época da safra desta fruta. Eu já me regalara, comendo-as fartamente nos dois últimos dias. Os índios voltavam de uma caçada na floresta, levando, as mulheres, as flechas e os arcos dos seus amos. Êles me disseram que a sua aldeia ficava meia légua adiante. Fui acampar com êles, prometendo comprar-lhes parte dos pinhões e da carne de porco que levavam.

Excetuando os habitantes de Alambari, êsses foram os primeiros sêres humanos que encontravamos naqueles últimos quatro dias, constituindo êsse encontro, por isso, um grande acontecimento. Na mesma tarde eu iria ter outro encontro, embora de caráter muito mais civilizado, que foi com o carteiro.

Encontrei-me com êsse homem viajando a pé, levando provisões, utensílios culinários, apetrechos para dormir, em trânsito de Jataí para Castro, que ficava a cêrca de 145 milhas, a maior parte das quais atravessando florestas virgens e lugares ermos. Conversei um pouco com êle pois, em viagens desta espécie, os viajantes não possam um pelo outro sem trocar, pelo menos, algumas palavras. Êle teve tempo de informar-me que fazia a viagem de ida e volta (290 milhas) uma vez por mês, e que, embora pudesse ter um burro, se o quizesse, preferia, entretanto, viajar a pé, pois só assim economisava um pouco de tempo. Ganhava 24$000 para fazer esta caminhada de ida e volta e, normalmente, gastava quinze dias.

Esta viagem era notável, não só pela distância como pela completa solidão, pois, em todo o seu percurso, êle encontrava apenas três pontos onde podia passar a noite e dormir abrigado. Três noi-

tes, pelo menos, tinham de ser passadas na solidão tenebrosa de floresta ou na campina deserta. Está aí um modo de vida que teria igualmente agradado à misantropia de um Timon e à coragem aventureira de um cavaleiro errante. Sem dúvida, êste carteiro poderia contar muitas histórias interessantes, sôbre os pensamentos que teve, sòzinho, quando conversando com brasileiros.

Cheguei ao acampamento, mencionado pelos índios e fiquei logo à vontade com os bugres, enquanto esperava a chegada da tropa de burros.

O retrato que publicamos no fim do II capítulo, de uma das mulheres índias, foi pintado neste local. A faixa larga que se vê na cabeça é feita de casca de árvore; o filho, neste caso um bebê de cêrca de dez meses de idade, está confortàvelmente sentado numa laçada feita na extremidade inferior da faixa; a mulher aguenta todo o pêso na cabeça.

Durante os meses de maio, junho e julho, é costume dos índios Coroados mansos, desta zona, deixar o aldeiamento e sair andando pelas grandes florestas, alimentando-se do que conseguem matar com o arco e a flecha e dos frutos dos pinheiros. O pinhão, que é uma fruta oblonga, de cêrca de uma polegada e meia de comprimento, com um diâmetro de meia a três quartos de polegada na parte mais grossa, tem uma casca coriácea como a da castanha espanhola. O paladar, entretanto, é superior ao da referida castanha e, como produto alimentício, basta apenas dizer que é o único alimento dos índios, durante muitas semanas. Pode ser comido cru mas, habitualmente, os índios o assam na brasa até rachar, quando fica em melhores condições de ser comido. O sabor ainda fica melhor quando são cozidos; entretanto, esse sistema não é usado pelos índios.

A fase mais deliciosa da fruta é quando ela começa a germinar, aparecendo um pequenino grêlo verde numa extremidade. Não há nada que se compare ao sabor desta fruta, nêste estado. Os porcos do mato percorrem longas distâncias para comê-las. Ouvi dizer que, na época destas frutas, êles andam de dez a quinze milhas, atravessando os campos abertos para chegar aos pinheirais. Os Coroados costumam preservar êstes frutos para comê-los mais tarde. Isto êles fazem enchendo de pinhão cestos de bambu, que são colocados dentro d'água corrente, onde permanecem pelo espaço de quarenta e oito horas. No fim dêsse tempo as cestas são tiradas, o seu conteúdo é espalhado para secar ao sol. Assim conservados, os frutos ficam secos e sem gôsto, perdendo, sem dúvida, grande parte de suas propriedades nutritivas. Se o pinhão pudesse ser enviado fresco para a Inglaterra, enriqueceria o homem que, em certas ocasiões do ano, grita, sugestivamente, em cada esquina: "Tudo quente, tudo quente".

Nas últimas horas da tarde de nosso sétimo dia de viagem de Tibagi, avistamos a pequena aldeia de São Jerônimo, isolada num campo aberto, que ali surge inexplicàvelmente, desprotegida e deserta no meio de uma floresta luxuriante.

Nada sabendo a respeito do lugar ou de seus habitantes, eu armei as tendas um quarto de milha fora da cidade e enviei um dos camaradas para comprar frangos e ovos para nosso jantar. Alguns minutos depois, êle voltou acompanhado de um padre, chamado Frei Luís, e do diretor de uma colônia de Coroados mansos que havia ali perto. Êsse último fêz tudo para que me fôsse hospedar em sua casa; no entanto eu não quiz aceitar porque as tendas já estavam armadas, embora prometesse ir no dia seguinte.

Frei Luís disse-me que havia um compatriota meu, chamado Elliot, morando na aldeia, o qual, quando jovem, fôra um grande explorador, porém agora estava velho e pobre; trouxe também recado dêle, desculpando-se por não poder vir fazer-me uma visita em virtude de sua avançada idade e fraqueza, mas mandou-me pedir que eu o fôsse ver. Fomos juntos para a cidade e dirigimo-nos para a casa de meu suposto compatriota. Êle acabava de se levantar da cadeira para nos receber quando eu, acompanhando de perto Frei Luís, entrei no quarto em que êle estava. Olhei-o por um instante e vi que era uma bela figura de velho. Tinha para mais de seis pés de altura, com uma estrutura que noutros tempos devia ter sido sólida, mas que agora estava enfraquecida e descarnada! O seu semblante era daqueles que dão a impressão de ter sido modelado em ferro, indicando um vigor e uma energia de caráter igual ao que Pallas ofereceu a Paris, para o animar a levar uma vida de contratempos, perigos e audaciosos feitos, como a que êle de fato levou durante quarenta longos anos de sua vida.

Elliot cumprimentou-me em inglês, misturando sem o querer algumas palavras em português, como se já tivesse perdido o domínio de sua própria língua, em virtude da falta de hábito de a falar. Apesar disso e do ambiente pobre, onde não via uma única coisa que me fizesse recordar da velha Inglaterra, fiquei logo emocionado com o seu sotaque e a sua maneira de saudar. Eram as de um perfeito cavalheiro inglês, o que eu menos esperava encontrar naquelas longínquas regiões. Meu coração se enterneceu ao defrontar a presença dêste velho, aparentemente abandonado pelo país natal, em cujo serviço passara os melhores dias de sua vida.

Fiquei até tarde com êle, e soube pouco a pouco a história de sua vida, a qual não desmentia a sua aparência. Seu nome de batismo era John Henry, sendo inglês apenas por parte de mãe, pois seu pai era americano. Nasceu no ano de 1809. Entrou muito jovem para a Marinha americana, como guarda-marinha, e um ano ou dois depois passou para o serviço brasileiro. Numa das rixas permanentes entre o Brasil e os Estados sulinos espanhois, êle foi feito prisioneiro e ficou em reclusão durante dois anos. Mais tarde conseguiu escapar, e foi aí que começou a sua vida de explorador.

Em suas próprias palavras: "Você sabe, eu tinha visto aquelas montanhas altas (referindo-se à cordilheira da Serra do Mar) tantas vêzes, de bordo do navio, que comecei a ficar curioso para saber o que existia atrás delas e, por isso, resolvi ir ver". Deixou assim a sua vida do mar, e durante quarenta anos estivera olhando o que existia atrás das montanhas marítimas do Brasil Meridional.

(Continua no próximo número)

A PUPILA RUBRA

— Não tenho a certesa disso. Os médicos que me trataram são, entretanto, dessa opinião. Êles dirão tudo quando vierem depor.

— Inútil antecipar o que poderão dizer outras testemunhas — afirmou o juiz com ar serevo.

— Tem qualquer idéia sôbre a naturesa da droga que lhe administraram?

— Houve quem sugerisse ter sido «Hamp» indiano ou «Hashish». Isso me fêz perder a memória, de tal forma que fàcilmente foi obtido um atestado de loucura, tendo sido logo enviada para um asilo de alienados.

Sir William Broom estremeceu. Nada sabia do que acabava de ouvir. Mas recuperou-se prontamente.

— Já foi sugerido que o seu estado mental, realmente, não é satisfatório... Queira perdoar...

Não pôde continuar. Um grito terrível partiu do centro da sala do tribunal e vários homens e também mulheres se levantaram precipitadamente. Todos procuravam no soalho o corpo de um homem, sôbre o qual aparentemente havia caído.

Estele se voltou e reconheceu o rosto de Blunder. Imediatamente teve a certeza de que êle estava morto ou moribundo.

CAPÍTULO XXIX

A confissão de Blunder

O Dr. Hailey abriu passagem até junto do seu antagonista. Blunder ainda respirava, mas parecia haver perdido os sentidos. Segundo tôda aparência, fôra atacado de apoplexia.

Mas não; Blunder abriu os olhos e conseguiu esboçar um sorriso com os lábios pálidos e trêmulos.

Foi deitado sôbre o soalho da passagem, entre as cadeiras, com um sobretudo sob a cabeça, a guisa de travesseiro.

— E' você, Hailey? — murmurou êle.

— Sim.

Tornou a fechar os olhos. Os guardas começaram a fazer evacuar a sala e agora havia mais espaço e mais ar. A audiência estava suspensa por alguns momentos.

— Tragam-me um pouco de cognac! — ordenou o Dr. Hailey.

— E' inútil... — a voz de Blunder era agora tão

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Mis Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de avistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja ainda uma terceira personagem. Mr. Sawyer que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário **Robson** está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, o homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade tendo aberto, pessoalmente, uma garrafa. Examinando essa garrafa, Biles descobre a marca digital revelando uma larga cicatriz. Indo ao bosque, na manhã seguinte, encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey, e exibe-lhe o achado, e o médico imediatamente afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office confirmam a natureza do achado e o Dr. Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que, após o rompimento do noivado saiu a passear indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand, quando Biles lhes informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama: "O homem da pelerine comprida!" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha os olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êsse descobre, numa árvore, fragmento de pele humana. Deduzem, então, que o corpo devia estar próximo. Medindo o terreno em redor e pesquisando melhor, descobrem uma fôlha manchada, aparentemente, de sangue. Depois de minucioso exame do local, o Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia, com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino... Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano. Miss Armand? Parém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prendê-la, juntamente com o ex-noivo. Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres, com uma atriz teatral e que, ùltimamente, deixara de comparecer ao escritório alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blunder. Quando êste sai, já noite, segue-o em seu automóvel. Blunder, após longa viagem, volta a Londres e ali, num arrabalde tranquilo penetra num velho casarão. Hailey vai em seu encalço penetra na casa e ouve gritos de dor ou de agonia. Revólver em punho, penetra num quarto e surpreende Blunder com um médico e uma enfermeira. O advogado afirma que ali estava para salvar Miss Estele Armand que enlouquecera. Afirma que a causa do rompimento do seu noivado com o jovem Derwick fôra imposição do pai, que já tinha sido por duas vêzes vítima da filha que, num dos acessos de loucura, tentara matar o próprio pai. Fôra por piedade que escondera a desgraçada, para que não caísse nas mãos da polícia, que sem dúvida ligaria todos os fatos e lançaria Miss Armand na prisão como assassina de Sir William. O velho fôra assassinado porque intimara Miss Armand a romper o noivado, embora contra os conselhos dêle próprio, Blunder. Porque êle era... Sawyer. Disfarçara-se mesmo a conselho de Sir William que não desejava que seu drama íntimo chegasse ao conhecimento público. Depois de examinar ligeiramente Miss Armand, Hailey se retira e na mesma noite recebe a visita de Biles, que lhe relata detalhes do inquérito contra Der-

fraca que mal se ouvia o que dizia —... «Cianuro de potassium»... Há dez minutos...

Sua respiração era agora mais lenta. O Dr. Hailey sentiu o pulso do solicitador entrar a bater irregularmente, sinal péssimo no presente caso. Instantes depois tôda respiração cessou. O rosto de Blunder se contraíu violentamente, o infeliz rangeu os dentes, depois um violento espasmo sacudiu todo o seu corpo.

O Dr. Hailey se ergueu.

— Êle está morto — declarou.

Voltando-se, lançou um olhar para o lugar em que Blunder estivera sentado até poucos minutos antes e viu sôbre a cadeira o caderno de notas que alguém devia ter apanhado sôbre o soalho da sala. Apoderou-se do mesmo. O juiz continuava sentado no seu pôsto e o médico, avançando até junto dêle, comunicou-lhe o que acabava de acontecer.

— «Creio, ainda, ser preferível entregar a V.S. êste documento que o Sr. Blunder estava redigindo no instante de sua morte. Deve haver alguma relação com o processo.

Os jurados, o promotor, o próprio juiz e o público deixaram a sala por uma hora, a fim de permitir a remoção do corpo de Blunder para a Morgue. Ao ser reaberta a sessão, o juiz deu aviso aos jurados de que se propunha ler o memorando escrito pelo solicitador na própria sala do tribunal, pouco antes de praticar o suicídio.

— O documento está escrito em forma de carta a mim dirigida — explicou — Eis o que aqui está escrito:

«— Sr. Juiz.

«Dentro de poucos minutos tomarei uma dose de cianuro de potassium, que trago desde algum tempo em meu poder, para dela me servir em caso de necessidade. Já estarei morto quando esta carta chegar às suas mãos. Escrevo-a para que parte do mistério que cerca a morte de Sir William seja definitivamente esclarecida; quanto ao resto não posso fornecer qualquer informação a respeito.

«Permita-me dizer que o depoimento de Miss Armand é correto em todos os pontos. Sir Armand descobrira, realmente, que eu me conduzira durante vários anos como um administrador desonesto, tendo dilapidado completamente a fortuna de Lady Windwest. Sua intenção era a de informar imediatamente a polícia, mas supliquei-lhe que considerasse a situação da própria filha e do seu noivo, cabendo-lhe pelo menos procurar salvar a posição dêste último na situação de vergonhosa catástrofe que se seguiria dentro de poucas horas. Êle concordou comigo, prometendo refletir sôbre o caso e ir, mais

---

wick. Hailey tudo ouve como se pensasse noutra coisa e só parece interessado quando o policial declara ter encontrado uma carta de Sir William para Lady Windwest. Armand & Blunder eram os procuradores dessa senhora, que se encontra bastante enfêrma. Então Hailey fica imaginando se Blunder não se apropriara do dinheiro de Lady Windwest para ser gentil com a atriz Poppy de Vere. Por intermédio de uma sua velha amiga, antiga atriz teatral, consegue aproximar-se de Miss de Vere e verifica que essa jovem atriz está muito aborrecida porque as representações da peça em que era a primeira figura tinham sido suspensas da noite para o dia (por elevados prejuízos, segundo soube pouco depois). Como quem nada quer, cita o nome de Blunder como principal financiador da peça e Poppy de Vere nega indignada, afirmando que apenas conhece muito levemente o solicitador. Pensando talvez que Hailey fôsse homem rico e amigo de aventuras, convida-o a seguir, insistentemente, para a sua residência, para tomar chá. Hailey imediatamente compreende que Blunder amava loucamente a atriz e que estava de fato arruinado. Restava saber se o desastre tinha ligação com o desfalque da firma e o desvio dos dinheiros de Lady Windwest. Talvez tivesse sido êste o motivo por que Sir William fôra a Londres e depois recebera a visita de Blunder no "Touro Negro" e tanto falara em honra e em decisão suprema. E' que também êle ficaria desonrado pela atitude desonesta do sócio, desonra a que não escaparia sua propria filha... E para não salpicar de lama o nome de Jack Derwick... forçara a filha a romper o noivado com o rapaz... E, caso Sir William tivesse reposto o dinheiro, com sacrifício da sua própria fortuna... a sua morte tudo apagaria e salvaria duplamente a Blunder! Mas era preciso que isso fôsse mesmo verdade. Por isso vai visitar Poppy e tudo se confirma. Blunder está apaixonado pela atriz, já perdera tôda a sua fortuna para sustentar seus caprichos teatrais e tem um ciúme terrível. Mas deve também ter arranjado mais dinheiro, pois anuncia que os espetáculos vão começar. Quando Blunder se retira, ela ouve de Hailey a revelação de que o solicitador talvez fôsse culpado de um grande crime e, então, resolutamente, defende e diz que vai revelar a Blunder tôda a manobra de Hailey contra êle. Na mesma tarde Biles revela ao médico que Blunder era o único executor testamentário de Sir Armand e que êste deixava tôda a fortuna para a filha. Hailey nada lhe diz sôbre o paradeiro de Estele mas assegura não acreditar na culpabilidade de Derwick e que vai ajudar o rapaz. De fato visita-o na prisão e o prisioneiro recusa acreditar no que lhe conta o médico sôbre as razões da ruptura do noivado. Para êle, Estele nunca fôra enfêrma. Horas depois, na aldeia de Colthorpe e no "Touro Negro" os comentários que ouve deixam Hailey desanimado. Todos acreditam que Derwick é o assassino. Voltando a examinar o local do crime, descobre, numa árvore, a marca como a de um ôlho, igual à que já vira no Museu, referente a sinais supersticiosos contra mau olhado. Isto significaria que na região havia ainda quem acreditasse nessas tolices? Algum fanático? Fanático perigoso? E' o que precisa averiguar. Visita várias autoridades no assunto e continua indeciso. Visita igualmente o reverendo Willoughby pois êste, por certo, poderia indicar algum residente praticante dessas superstições. Nada consegue, sendo mesmo recebido friamente pelo estranho sacerdote. Desanimado Hailey vai visitar Estele... mas encontra a casa vazia. Indagando, sabe que a mansão estava confiada à guarda da firma Armand & Blunder, estando há muito desabitada. Resolve procurar o médico que havia passado o atestado de insanidade de Estele. Não tarda a descrobri-lo e êste, surpreendido ao saber que se tratava de um embuste e que a moça em questão estava sendo procurada pela polícia, relata como fôra procurado por Blunder e como fôra ver a enferma. Informa também que a moça fôra recolhida a um asilo de loucos, para o qual logo se dirige em companhia de Hailey, que realmente encontra Miss Armand internada... embora de boa-fé, diante do atestado assinado pelo médico de Hapstead. Estele, já livre dos entorpecentes, afirma não ser louca e em vista disso o diretor do asilo, a conselho de Hailey, telefona para a polícia dando o paradeiro da criatura procurada. Antes de se retirar Hailey a tanqüiliza e diz que Jack está prêso, mas que a sua situação era razoàvelmente boa. No dia imediato, é iniciado o julgamento de Derwick, numa sala repleta. Após a fala da acusação e do depoimento de Biles, grande é a emoção do público com a apresentação de Estele Armand, como testemunha da defesa, sôbre a qual acabara de falar o próprio Blunder, reafirmando o estado mental precário da mesma e as razões do rompimento do seu noivado com o acusado. A vista de sua segunda vítima Blunder curva a cabeça. O depoimento de Estele é um tremendo libelo contra o solicitador, inclusive no ponto que revelava a sua desonestidade como procurador de Lady Windwest. O acusador ainda tenta confundir Estele, porém esta se mantém firme.

tarde, encontrar-se comigo no «Touro Negro», em Calthorpe, para me comunicar a sua decisão.

«Eu o conhecia muito bem e por isso insisti vivamente para chegar a êsse arranjo PORQUE A MINHA INTENÇÃO ERA A DE MATAR O MEU SÓCIO...»

Chegado a êsse ponto da leitura, o juiz fêz uma pausa, como se a confissão o revoltasse. Porém logo depois prosseguiu:

«Pouparei ao senhor os motivos que me impeliam a assim agir; dificilmente o senhor os compreenderia. Tratei, assim, de comprar um bom disfarce na casa Clarkson, de Wardour Street, pretextando ter que comparecer a um baile de máscaras, dirigindo-me a seguir a Calthorpe sob o nome de Sawyer. Tomei tôdas as precauções para esconder a minha verdadeira identidade e creio haver alcançado êsse objetivo. Na verdade, nenhum plano poderia ser melhor do que o escolhido por mim. Ei-lo em poucas palavras:

«Eu devia acompanhar Sir William, quando retornasse a sua residência, a pretexto de o fazer desistir de seus planos e então, num local conveniente, provocaria a sua queda, alcançando-o — pois aprendi muitos golpes num clube de Londres. Imediatamente aproveitaria a ocasião para enterrar numa de suas pernas a agulha já de antemão preparada, com a seringa contendo o líquido, assim injetando no desgraçado uma quantidade suficiente de morfina que o mataria ao fim de cinco ou seis minutos.

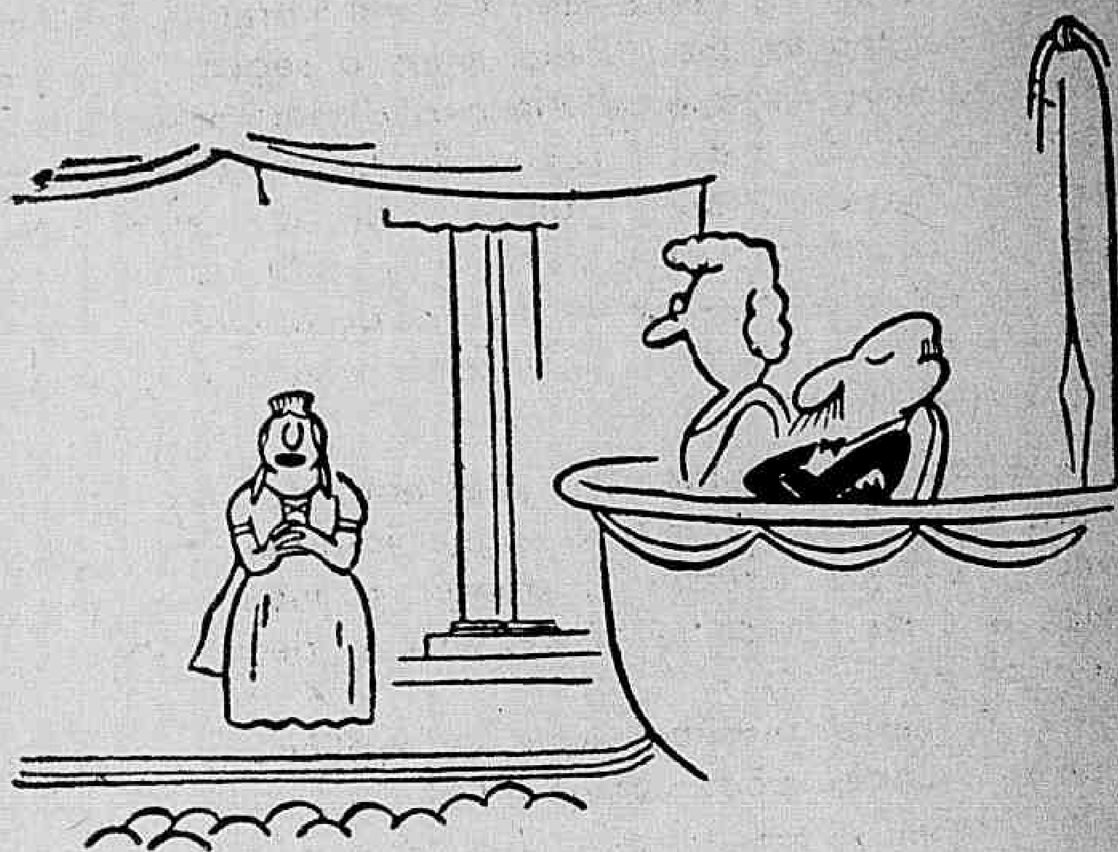
«Meu único receio era que uma parte da dose se perdesse e permitisse a Sir William atingir a mansão, ou, quando menos, falar com alguém antes de que a morfina produzisse o seu efeito. Eu compreendia que, nesse caso, eu só teria uma saída: o suicídio.

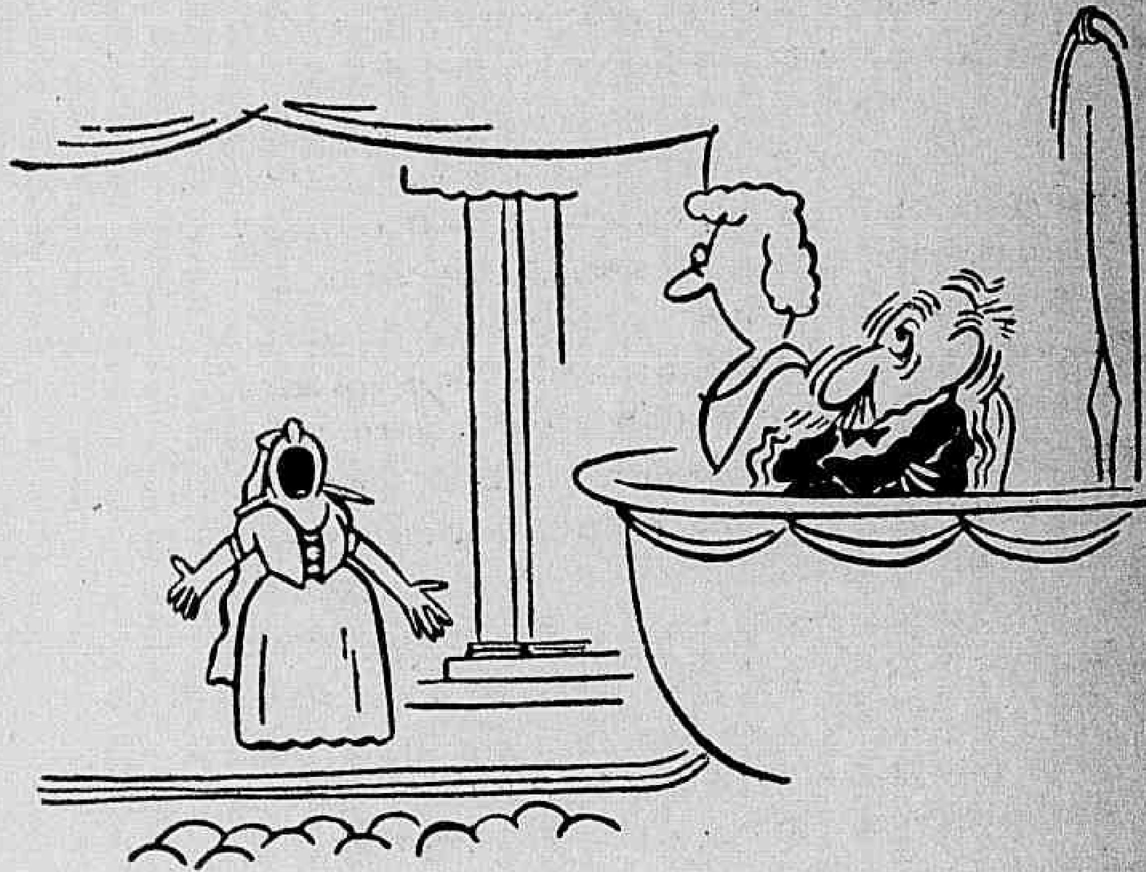
«Porém a minha situação se tornara de tal forma desesperada que eu devia correr êsse risco. Os fatos provaram, entretanto, que minhas crenças eram inúteis; meu plano resultou muito melhor do que havia esperado. O ancião caiu pesadamente e na queda bateu com a cabeça contra uma árvore. Injetei-lhe, então, a minha dose de morfina, sem o menor embaraço. Esperei algum tempo, mantendo-o no solo, até que notei que êle caía numa sonolência que imediatamente se transformou em sono letárgico. Foi, confesso, um instante de grande emoção para mim, pois a fôrça de Sir William era formidável e por várias vêzes êle tentou gritar por socorro. Felizmente ninguém o ouviu. Logo que êle ficou na impossibilidade de fazer qualquer movimento, abandonei-o. Vinte minutos depois estava eu de regresso ao albergue.

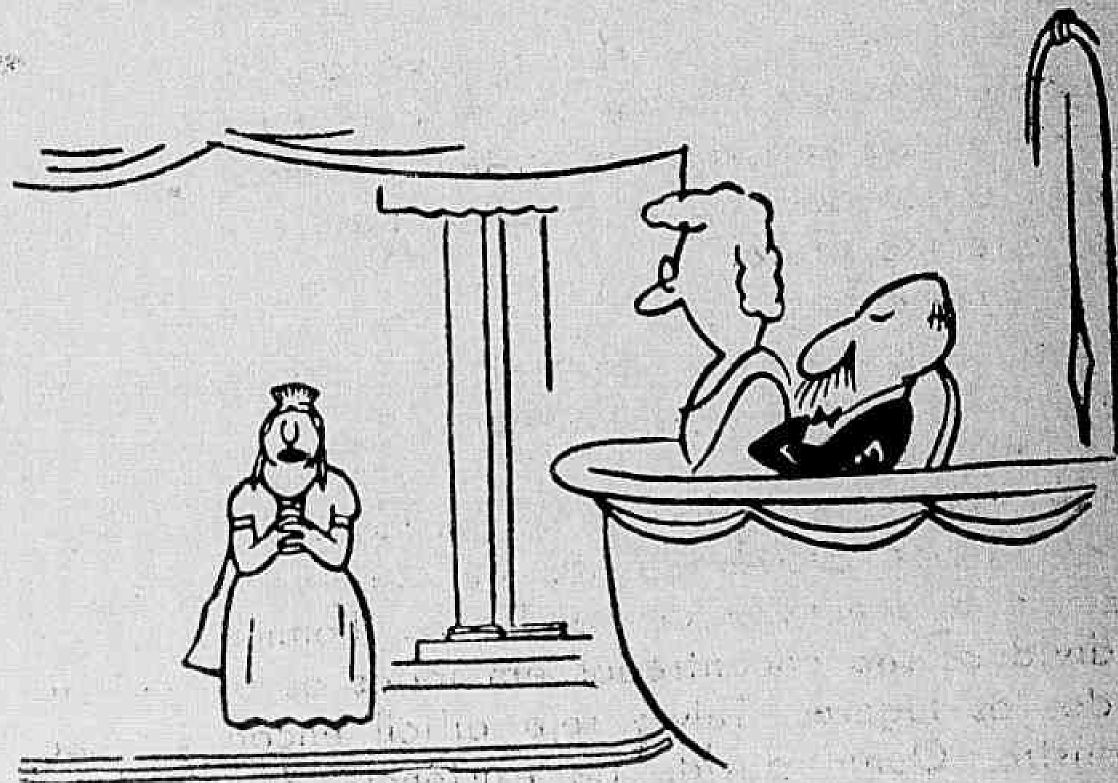
«Talvez o senhor não acredite, mas posso afirmar, como homem prestes a morrer, que nada mais sei dêsse drama. Eu havia realizado o meu plano. Sir William teria sido ali encontrado, caso tivesse continuado conforme o deixei, com ligeiro arranhão na fronte, causado por sua queda contra a árvore — mas sem qualquer outra marca de violência sôbre o corpo. Segundo é realizada, geralmente, a autópsia nas aldeias, estou pronto a apostar que jamais teria sido descoberta a verdadeira causa-mortis; eu havia calculado que êle continuaria a respirar por aproximadamente meia hora, permitindo à morfina espalhar-se por todo o corpo e misturar-se ao sangue. E de tudo restaria apenas uma pequena marca de agulha — marca quase invisível, mesmo ao olhar mais atento. «Morte, causada por uma crise cardíaca», teria sido, então, o veredito do juiz.

«Poderá o senhor julgar, então, a intensidade da minha surprêsa, do meu assombro mesmo, quando vim a saber que o corpo desaparecera e, poucos dias depois, que fôra encontrado. Compreendi que outra pessoa também tinha interêsse no desaparecimento do meu sócio — embora não conseguisse descobrir a razão que podia ter levado essa pessoa a atacar novamente um homem já fatalmente atingido. Era possível que, julgando Sir William apenas indisposto, essa pessoa tivesse aproveitado a ocasião que se oferecia para acabar prontamente com êle.

«Entretanto, tudo isso alterava e prejudicava sin-







gularmente os meus planos. Apesar disso eu me teria salvado, creio, se o destino não tivesse enviado o Dr. Hailey para complicar a minha situação. Desejo mesmo aproveitar a ocasião para prestar a minha homenagem ao espírito analítico mais sútil que encontrei em tôda a minha vida.

«Duas vêzes — segundo êle próprio poderá confirmar — consegui agir de maneira a que perdesse a minha pista. Porém o Dr. Hailey era muito mais esperto do que eu, e certas informações que um amigo me enviou, há dias, convenceram-me de que os meus dias estavam contados. Miss Armand, naturalmente, era o meu perigo principal. De fato, era a única a conhecer o estado da fortuna de Lady Windwest.

«Se eu conseguisse isolar essa moça, de maneira permanente, talvez estivesse salvo, pois então eu me tornaria o administrador de uma grande quantia em dinheiro, cêrca de cem mil libras esterlinas, pertencentes ao meu sócio, mais o seguro de vida em seu favor e que se elevava a cinqüenta mil libras. Além do mais a saúde de Lady Windwest se restabelecera completamente. Tinha eu, nessas condições, bastante tempo para tentar sair da situação difícil em que me encontrava e desaparecer, fugir para algum outro país, com o necessário para viver confortàvelmente.

«Tendo conseguido um atestado de insanidade para Miss Armand, que a seguir internei num asilo, encontrava-me prestes a atingir o meu objetivo. Mas a sorte, como já disse, estava decididamente contra mim...»

— A carta termina aqui — explicou o juiz — Porém Blunder pôde assiná-la!

Voltou-se, a seguir, para Sir William Broom:

— Deseja tornar a interrogar Miss Armand?

— Não, milord. Não julgo necessário...

Nesse instante o inspetor Biles penetrou na sala. Prestou juramento e apresentou as pastilhas de morfina e a seringa hipodérmica, encontrada no local indicado por Estele Armand. Das vinte pastilhas faltavam realmente duas. Então Jack se levantou a fim de dirigir um derradeiro apêlo aos jurados.

Encontrou-os de humor bem diferente, agora. Entretanto, como não tardou a notar, continuavam êles cheios de prevenções a seu respeito, pois que embora a confissão de Blunder tivesse esclarecido muita coisa, não explicava tudo. Compreendeu, então, que necessitaria de tôda energia para evitar um desastre.

Seu discurso foi ouvido com atenção profunda. Foi, realmente, num silêncio de morte, que êle perguntou:

— E' provável, é mesmo possível que um homem, apaixonado pela filha de Sir William e encontrando êste em tão terríveis circunstâncias, moribundo, tivesse a coragem de se ajoelhar para o acabar de maneira tão brutal?

E acrescentou:

«— Com que arma, além do mais, se serviria para realizar o seu crime hediondo?

E continuou:

«— Na verdade, foi isto o que sugeriu o Dr. Hailey. Trata-se, provàvelmente, da obra de um louco, de um degenerado de tendências homicidas. Tais indivíduos são encontrados em todos os países, em todos os lugares. Talvez seja difícil encontrar êsse monstro. Quem duvida da existência de «Jack, o Extirpador?» No entanto, embora agindo no bairro populoso e bem iluminado de Whitechapel, jamais pôde ser prêso! E, além do mais, há êsse sinal de «mau olhado», sinal de superstição e de vingança, gravado no tronco da árvore, para provar o que digo...»

Sentou-se, considerando encerrada a sua tarefa. Recostou-se então em seu banco, parecendo-lhe que os dois policiais, postados à sua esquerda e à sua direita, se aproximavam um pouquinho mais. Sir William Broom se levantou, por sua vez, para dizer:

— Senhores jurados. Um assassinato não justifica outro!

Sua voz se tornara mais amarga e seu falar mais didático. Passo a passo, percorreu os depoimentos das testemunhas, peneirando-os minuciosamente, para que fôssem por êle mesmo apresentados sob nova forma. Sua conclusão foi a de que sòmente Jack Derwick podia ter cometido o crime, pois que, de todos os implicados no drama, era o único a ter um motivo e o único, também, a se encontrar no local, o único que tivera o tempo necessário para agir.

— Os senhores não podem — disse, concluindo — ignorar êsses fatos, por maior simpatia que possam sentir por êste pobre rapaz desesperado...»

Era tarde. Cêrca de oito horas e meia. Entretanto, o juiz decidiu terminar o processo e, sem perda de tempo, fêz um resumo geral dos debates.

— Não procurarei esconder, senhores jurados, que o caso que nos ocupa apresenta, para os incumbidos de decidir a sorte do acusado, inúmeras dificuldades. Os elementos são numerosos e diversos. Esta sala foi, mesmo, teatro de incidentes dramáticos, e o interêsse do público aumentou a importância dêste processo de modo tal que o raciocínio se embaralha. Entretanto, cabe aos senhores cumprir a sua missão de juízes. A questão que lhes cabe resolver é clara de um certo ponto de vista, aliás **o único** que pode interessar aos jurados. E' êle o seguinte:

«Foi o prisioneiro quem furou os olhos de Sir William Armand, causando a sua morte, e quem o enterrou, depois, no cemitério de Calthorpe?»

Continuou explicando, para esclarecer que o fato de Sir William estar condenado a morrer, em razão do veneno administrado por Blunder, não devia ser tomado em consideração, pois que ninguém pode afirmar se a vítima morreria ou escaparia com vida. A medicina moderna tinha muitos recursos e, talvez, um transeunte pudesse ter encontrado Sir William, antes de que fôsse muito tarde... Da mesma forma não devia ser considerado o fato de Miss Armand não haver ajudado o crime.

«— Posso mesmo explicar — concluiu o juiz — que muito provàvelmente Miss Armand não será molestada pela justiça. Esta probabilidade, porém, não inocenta o seu noivo. Êste se encontrava só e fora de casa, muito tempo depois dela se haver retirado para os seus aposentos. Êle ignorava as razões do rompimento do noivado, detalhe que, na minha opinião, muito honra a Sir William e a sua filha. E, segundo as próprias palavras do acusado, o golpe que acabara de sofrer o deixara mergulhado em profundo abatimento moral e, muito provàvelmente, enchera de rancor o seu coração!

«— Foi nesse estado de espírito — afirma a acusação — que retornando ao albergue, êle encon-

trou, caído num bosque deserto, o causador de todos os seus desgostos.

«— A duzentos metros de distância, segundo êle admitiu saber, havia um túmulo recentemente escavado. Já estava bastante escuro...

O juiz concluiu declarando que, se os jurados tinham a impressão de que, nessas circunstâncias, Jack Derwick pudera ceder — por um instante sequer — ao sentimento de injustiça que o dominava, sem dúvida, nesse instante, deviam sem hesitações pronunciar um vereditum afirmativo. Mas, se, por outro lado, acreditavam que a teoria apresentada pela defesa, afirmando que o crime fôra obra de um louco, era a expressão da verdade, então tinham por dever absolver o acusado.

«— A única dificuldade que se levanta para que eu acredite nesta teoria — acrescentou êle — é que, segundo os habitantes desta região, jamais se conheceu indivíduo assim nestas paragens. A analogia que se procurou tirar com o caso de Jack, o Extirpador, não me parece satisfatória. Por outro lado, o testemunho do professor Mildmay merece a maior consideração. Em caso de dúvida, devo lembrar, o culpado merece ser absolvido!

Eram nove horas quando o magistrado terminou o seu resumo geral e os jurados logo foram para a sala que lhes fôra reservada.

Eram quase onze horas quando retornaram à sala do tribunal. Seu veredito era: CULPADO!

Com um vago sentimento de horror, Jack ouviu o juiz declarar que considerava o veredito em acôrdo com a evidência.

A seguir ouviu outra voz, chamando-o pelo nome e ordenando que se levantasse para perguntar, a seguir, se tinha «alguma coisa a acrescentar».

Êle não respondeu.

E o juiz pronunciou a sentença de morte!

CAPÍTULO XXX
Onde o ôlho reaparece

No sábado seguinte, o Dr. Hailey se dirigiu a Calthorpe a fim de atender a um chamado urgente de Estele.

Não tendo o procurador do rei apresentado qualquer prova da culpabilidade da filha de Sir William, foi ela posta imediatamente em liberdade. Permanecera em Newcastle vários dias, a fim de estar perto de Jack Derwick. Quanto ao Dr. Hailey, havia retornado a Londres, para tentar convencer Scotland Yard de que mesmo na undécima hora as mais amplas pesquisas devem ser feitas. Sua tentativa não deu qualquer resultado.

— Entretanto — exclamou Estele, quando soube do fracasso da sua tentativa — nós temos que salvar Jack! Oh! Prometa-me que tudo fará para provar a sua inocência!

Conversaram no grande salão do qual Estele, em dias melhores, tanto se orgulhava. Além das vidraças largas, o mar se extendia até perder de vista. Hailey jamais tinha visto um rosto de mulher refletir uma tal mescla de coragem e de meiguice. A despeito dos sofrimentos recentes, não se descobria nela um só indício de fraqueza.

— Acredita que a Côrte de Apelação corrigirá êsse engano?

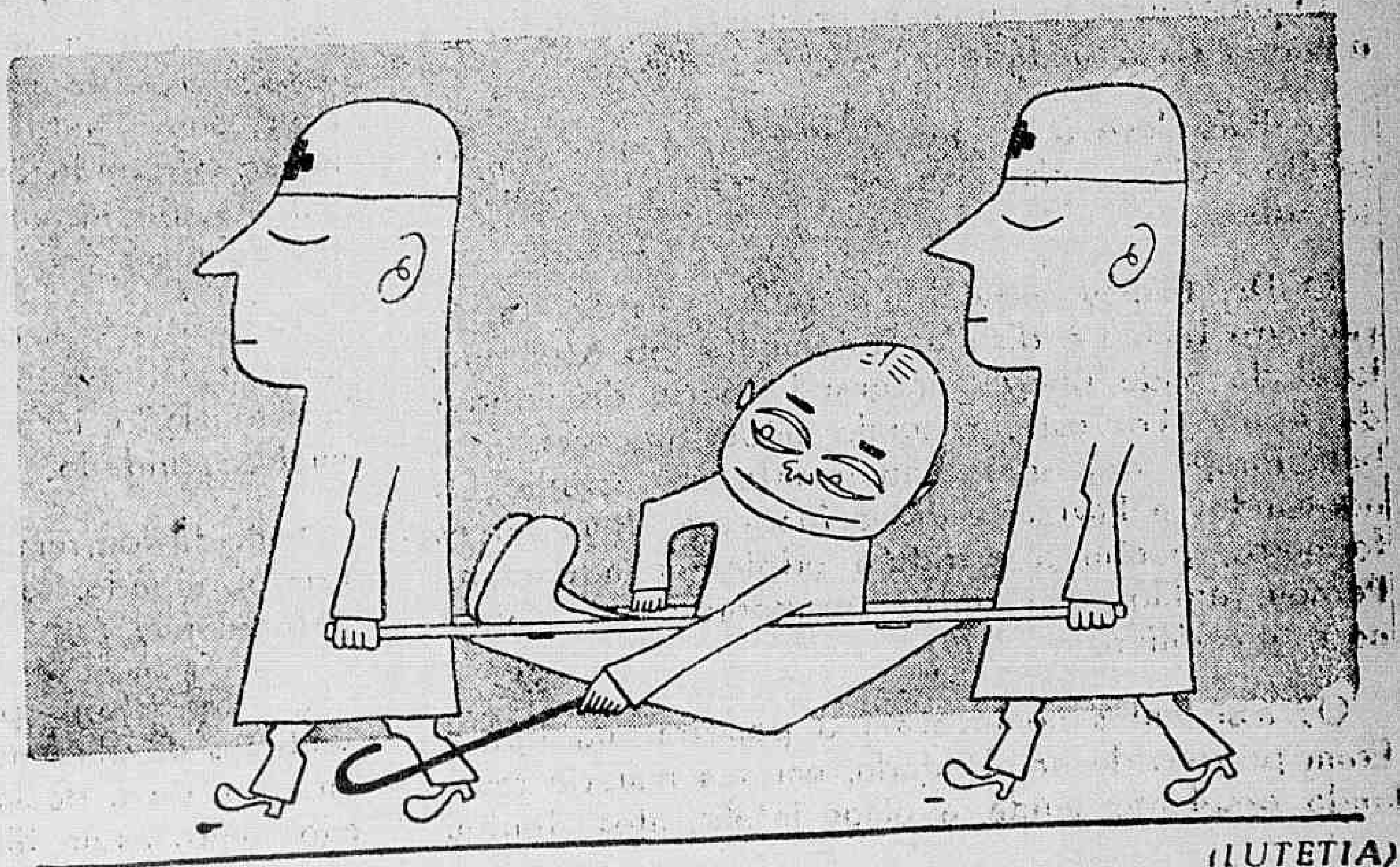
— Espero que sim... Sinceramente!

Estele se despediu do médico, que desceu para o «hall» e, a seguir, saiu para um passeio ao longo da escarpa. Pessoalmente não tinha qualquer esperança de ver a sentença modificada pela Côrte de Apelação. Isso raramente ocorria. Restava apenas que o «parti pris», tão evidente, do juiz contra o acusado, pudesse ser considerado injusto.. Mas também disso duvidava. Afinal o juiz apresentara aos jurados os dois aspectos da questão permitindo que formassem uma opinião pessoal.

Deteve-se a fim de contemplar a agitação tumultuosa das vagas, tirando inconscientemente prazer dêsse espetáculo grandioso e incessante da naturesa. Como eram pequeninas as lutas humanas, comparadas com êsses conflitos colossais! Depois, a lembrança de Derwick, esperando em sua medonha prisão, que soassem os passos da morte, chamou-o à dura realidade. Voltou-se e olhou na direção do pequeno burgo encravado nas dobras da escarpa. Era ali que se encontrava a chave do mistério!

Êsse pensamento lhe proporcionou extranha esperança. Sua longa experiência lhe demonstrara que nenhum ato humano pode ser consumado sem deixar traços de seus efeitos. Assim, para aquêles que tinham paciência para pesquisar e olhos para ver, sempre surgiriam novos indícios.

Foi com essa idéia em mente que se dirigiu para a aldeia, lançando sôbre cada pessoa que encontrava um olhar examinador. Estava convencido de que o segundo matador de Sir William Arrhand se escondia sob algum daqueles tetos, por trás de qualquer daqueles muros em ruínas. Entrou no bar do «Touro Negro» e pediu um chope. Aguardando que fôsse servido, lançou um olhar vagaroso em re-



(LUTETIA)

dor, sôbre as pessoas que com êle dividiam o balcão das bebidas.

Sendo uma tarde de sábado, os clientes eram numerosos e os trabalhadores das propriedades campestres tinham no fundo do bolso o salário da semana.

A conversação rolava preferentemente sôbre o processo Derwick e, naturalmente, o mesmo seria após a execução do condenado.

Conforme o Dr. Hailey esperava, aquêles inglêses estavam, todos do lado da justiça. Um ou dois, entre êles, o reconheceram, mas nenhum se aventurou a lhe dirigir a palavra. O habitante do norte da Inglaterra é o mais «fechado» de todos os seres humanos. Ouviu-os, porém, durante alguns minutos, findo o que aceitou o convite do proprietário do albergue, para entrar no seu escritório.

O albergista, embora partilhando a opinião dos seus clientes, no sentido de que fôra feita boa justiça, desejava, todavia, passar por homem sem preconceitos, provàvelmente porque Miss Armand era a proprietária do prédio do albergue.

Em termos circunspectos, perguntou ao médico se não havia alguma esperança para «êsse pobre rapaz».

— Nenhuma, na minha opinião — respondeu Hailey, secamente.

— Quer dizer... O senhor acha que o enforcarão mesmo?

Um sentimento de satisfação se desprendia dessa pergunta.

— A menos que no intervalo surja alguém para provar a sua inocência...

Entretanto, o médico ali não fôra para discorrer sôbre o futuro, mas para examinar o presente e sondar o passado.

«— O que complica o caso — disse êle — é que os habitantes desta aldeia são quase invisíveis. E' de se jurar que todos passam a vida no interior de suas casas e delas não saem jamais. E' quase impossível dizer que espécie de gente representam.

O albergista se enganou completamente sôbre a naturesa da ansiedade do médico.

— Pois deve ir à igreja, amanhã, doutor — disse êle — E' a única ocasião em que tôda a aldeia se exibe.

O Dr. Hailey seguiu o conselho. Instalou-se no primeiro banco à direita, justamente sob o púlpito, local de onde podia ver grande parte do interior da igreja. Era esta, segundo pôde observar, uma bela igreja saxã, maravilhosamente conservada. Os normandos a haviam enriquecido com alguns arcos formosos, porém a estrutura original não mudara. Pensou, então, que tinham exagerado nos elogios ao estilo gótico.

Os assistentes começavam a penetrar na igreja. Eram pessoas de ar abastado, em sua maioria revelando excelente saúde e olhos inteligentes. Tentou em vão encontrar um rosto do tipo que procurava — tipo tão comum nos distritos do oeste do Cornualhes e do país de Gales, assim como entre os habitantes das terras altas, da Escócia. Os habitantes do Northumberland são os mais robustos, fìsicamente e moralmente, conseqüência, sem dúvida, das numerosas invasões que, por terra e por mar, ocorreram no curso da sua história longa e agitada.

No instante de começar o serviço religioso, o médico notara apenas um só indivíduo capaz de, a rigor, ser olhado como um tipo de degenerado. Tratava-se de um jovem agricultor, cujo rosto, um tanto pesado, tinha, na sua opinião, uma expressão sinistra. Porém a idéia de poder haver alguma ligação entre um tal homem e o assassinato de Sir William Armand pareceu-lhe realmente grotesca.

O serviço divino, muito simples, produziu entretanto sôbre o médico grande impresão. Maior do que realmente podia esperar. O reverendo Hargreave Willoughby possuía essa rara qualidade de inspiração que torna importante a simples leitura de uma prece. Evidentemente muito esfôrço havia feito para tornar a parte musical tão profundamente religiosa. Quando subiu para o púlpito, o médico foi assaltado por um sentimento como de agradável antecipação.

Não ficou desapontado. O reverendo Hargreave pronunciou um vigoroso sermão sôbre o texto: «Não **matarás»**!

Explicou a sua escolha singular, num tal dia, recordando aos seus auditores que continuaria a sua série de sermões sôbre os dez mandamentos. Não julgara indicado que, por motivo dos terríveis fatos do dia, devesse abandonar o seu plano original. Ao contrário, talvez tivesse sido mais que um simples acaso o que fizera coincidir o sexto mandamento naquela data. Os ouvintes, se assim preferissem, poderiam ver nesse acaso **a mão de Deus!**

Curvou-se para a frente, ao dizer essas palavras, enquanto o tom de sua voz atingia a quase escala dos gritos.

Depois, acalmando-se repentinamente, prosseguiu:

«— Esta semana, tive que cumprir o doloroso dever de estar presente numa sala de tribunal e ouvir a sentença de morte pronunciada contra um dos meus semelhantes... por assassinato! Sim... Por haver infringido êsse mandamento solene. No mesmo dia, fui testemunha também do suicídio de outro de meus semelhantes!

Deteve-se, esperando, por assim dizer, que se manifestasse o efeito das suas palavras. O Dr. Hailey, por seu lado, inspecionava todos os rostos com minucioso cuidado.

Sem dúvida, um tal sermão devia ajudar a descobrir o culpado, **se o mesmo se encontrava** entre os **paroquianos.**

«— De fato — prosseguiu o sacerdote — nós nos sentimos absolutamente inocentes de tais crimes. No entanto, devo declarar com absoluta segurança que não somos assim tão inocentes como julgamos ser...

Sua voz subiu num crescendo rápido, que parecia de alguma forma harmonisar o silvo do vento nas frestas das janelas.

«— Matar é um grande pecado! E' também uma grande palavra. E há muitas maneiras de matar um homem ou uma mulher. Podem matar o corpo: e êsse crime é punido com a morte. Mas podem também matar a alma e êste crime fica impune neste mundo!

Curvou-se mais uma vez para os seus auditores. «— Na minha opinião, do ponto de vista divino, segundo podemos entrever na Bíblia, matar a alma é crime muito maior do que matar o corpo. Trair a confiança de uma criança, ser infiel com um amigo, enganar aos que em nós confiaram, colocar o amor do lucro antes da voz da nossa consciência, reduzir a santa emoção do amor a um plano comercial... Êsses são atos que constituem assassinatos abominvel. Podem crer: não há no reino do céu outra punição para êstes crimes senão a morte.

Pouco adiante, mencionou novamente o processo de Derwick, fazendo uma alusão à teoria da defesa de que o crime fôra praticado por algum louco, fanático da velha crença do «mau olhado».

«— Grotesca, talvez, em nossos tempos de progresso, de maravilhas como a telegrafia sem fio e essas novas fôrças capazes de controlar a natureza, essas velhas crenças surgem, entretanto, baseadas num certo fundo de verdade. Sem dúvida, o matador de uma alma é possuidor de um «mau olhado» que nem mesmo o amor de Deus pode vencer. Assim, se o teu ôlho é mau, deves arrancá-lo»!

A estas palavras, o Dr. Hailey julgou perceber um sentimento de mal estar na fisionomia do jovem agricultor. Uma mocinha, sentada num dos primeiros bancos, pareceu também perturbada. Mas talvez assim ocorrese com tôda pessoa cuja consciência se sentisse um tanto culpada.

Terminado o serviço religioso, o médico saíu para o cemitério que cercava a igrejinha; tinha o espírito ainda perplexo. Parecia-lhe que uma espécie de bruma mais densa cercava o drama.

De cada lado da estreita senda, pela qual caminhava, estavam alinhados os túmulos de Calthorpe. Seu olhar procurou o local onde havia feito a sua primeira grande descoberta, relativa ao crime. A terra dêsse túmulo, ainda fresca, tornara-se sombria; já a naturesa, que tudo apaga, escondia todos os vestígios do horror passado. Depois seus olhares erraram pelo terreno mais além, alcançando outro túmulo novo, à sombra de uma grande árvore, e que logo reconheceu: era o de Sir William!

Abandonando a trilha, atravessou o espaço aberto do cemitério, para se aproximar do túmulo do assassinado. Coroas de flores já sêcas ainda ali estavam, numa persistente e triste homenagem, cobrindo a terra nua. Uma delas tinha a inscrição: **Os Membros do Clube do Ateneu,** do qual o morto fizera parte por longos anos. Outra coroa fôra enviada por uma das figuras mais conhecidas da magistratura.

Sem sombra de dúvida, seriam elas retiradas ao fim de mais alguns dias e a terra dêsse túmulo seria, por sua vez, polida pelas mesmas mãos poderosas, e sua recordação cairia no olvido. Com um penoso sentimento de piedade, Hailey levantou a cabeça e também o olhar, examinando a velha árvore que se levantava, qual uma sentinela viva entre os mortos. Êle, ao menos...

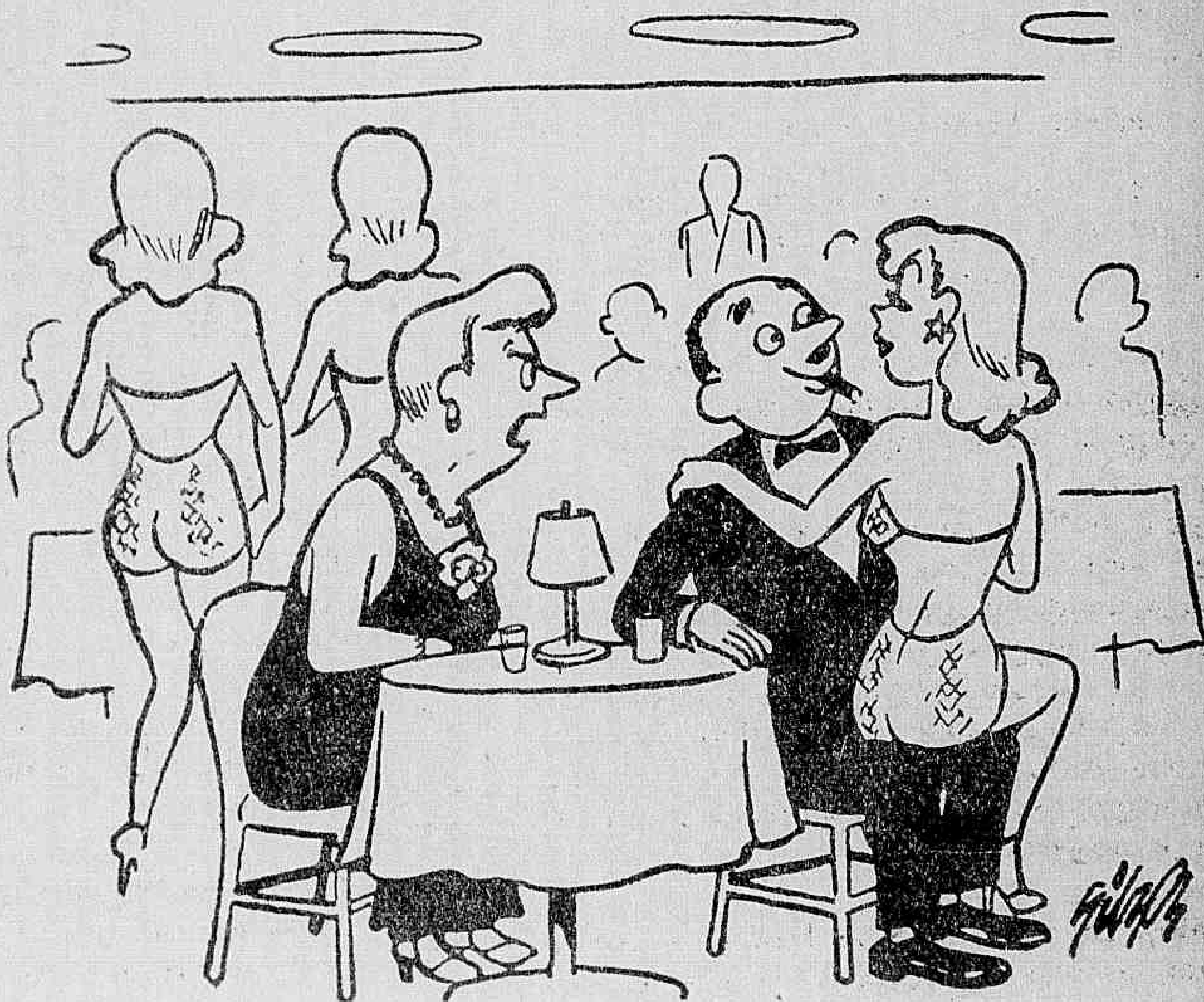
Repentinamente deixou escapar um grito de surprêsa e contornou ràpidamente o túmulo.

Ali, impressa sôbre o tronco de árvore, estava a marca do «mau olhado», tal como êle próprio havia descoberto no próprio local do assassinato.

CAPÍTULO XXXI

Uma querela de Família

A essa vista, as pancadas do seu coração se precipitaram. Olhou em redor. O cemitério estava



— Policarpo! Você não está no escritório!

agora deserto. Ao longe, avistou os últimos fiéis que voltavam para a aldeia. Tirou do bolso a sua lente poderosa e começou a examinar a marca, com muita atenção. Não podia haver dúvida: fôra feita com o mesmo instrumento empregado para a primeira!

Ajoelhando, examinou o solo em redor da árvore, mas não descobriu qualquer marca de pisada que o pudesse guiar. As recentes tempestades tinham apagado tôdas as marcas capazes de lhe proporcionarem boa pista.

Saiu do cemitério e, seguindo a trilha através da campina, dirigiu-se apressadamente para a mansão. Uma coisa era certa: esta marca fôra feita depois da saída de Derwick de Calthorpe! Fôra feita muito tempo depois da primeira, porque o túmulo de Sir William ainda estava com a terra revolvida de fresco. O **carneiro** pertencente aos últimos proprietário da mansão, segundo lhe haviam revelado, estava completo. Ninguém podia, pois, saber onde o morto seria enterrado até que fôsse escolhido e comprado o novo túmulo.

Concluia-se, daí, que o autor dessas marcas, segundo sempre havia suspeitado, vivia tranqüilo e livre nas vizinhanças da aldeia. Os juízes da Côrte de Apelação teriam, com certeza, que considerar êsse fato inteiramente novo, embora, muito provàvelmente, não o olhassem senão como prova da presença, em Calthorpe, de algum supersticioso decidido a afastar os maus espíritos que considerava como os inspiradores do crime.

Comunicou a sua descoberta a Estele tão logo atingiu o «hall» e essa notícia pareceu, no momento, causar grande alegria à órfã. Mas também êla reconheceu que êsse indício, a menos que pudesse segui-lo até o fim, não deveria passar de uma bem frágil esperança para atingir os seus objetivos.

— Fêz algum progresso nas investigações? — perguntou ela.

Êle moveu a cabeça, negativamente, desolado.

— Os habitantes dêste lugar não parecem ter temperamento criminoso; todos êles têm aspecto bom, sério e honesto.

Hailey concordou com Mis Armand e pouco depois tornou a sair para um passeio solitário, do qual regressou ainda a tempo para o jantar.

A chave do mistério que se esforçava para resolver parecia-lhe cada vez mais distante das suas mãos. Quando chegou a hora de dormir, Hailey continuava no mesmo ponto morto. Estele, que pretendia retornar a Newcastle na manhã seguinte, recolhera-se muito cedo, a conselho do próprio Hailey, pois a órfã necessitava de bem repousar, a fim de estar em condições de suportar as provações que ainda a aguardavam.

Hailey penetrou no que fôra o escritório de Sir William, escolheu a melhor cadeira e sentou nela, tendo sôbre os joelhos um livro que não pretendia ler. Bom fogo brilhava na lareira. O bem estar indefinível do salão o reteve, impedindo-o de subir para o próprio quarto, enquanto o seu espírito ia vogando sem um objetivo...

Quando despertou, o fogo se extinguira, e o ar estava bastante fresco. Consultou o seu relógio: eram quatro horas. Levantou-se com uma exclamação de contrariedade e foi recolocar o livro no devido lugar, numa das prateleiras.

Nesse instante, ainda com o livro em mão, deteve-se, imóvel, com uma expressão de surprêsa estampada em todo o rosto. Durante o sono, seu espírito continuara, certamente, trabalhando. Das trevas emergia, agora, a claridade de uma luz inteiramente nova!

Caminhando junto das prateleiras repletas de livros, sondava-os, um a um, com crescente interêsse. Com mãos trêmulas retirou um da prateleira, levando-o, apertado contra o peito, até pousá-lo sôbre a mesa, colocada no centro da sala. Tendo achado o melhor cantinho, curvou-se sôbre o livro, cujas páginas leu com interêsse e rapidez, como num estado de exaltação incontrolável. A seguir, endireitou-se, com ar bastante intrigado, como se procurasse chamar à memória um incidente do distante passado.

Na manhã seguinte, acompanhou Estele até Newcastle. Ela lhe confiou então a sua esperança de possuir ainda dinheiro suficiente para viver com decência, depois de regularisados os negócios de seu pai, indenisada Lady Windwest, vendidos os bens de Sir William e recebida a importância da sua apólice de seguro de vida.

— Será necessário, realmente, vender Calthorpe! Isto, entretanto, eu faria de qualquer maneira. Não poderia continuar vivendo permanentemente naquela casa.

Hailey, por sua vez, viajou diretamente para Londres e, ali chegado, em táxi, fêz-se conduzir para Harley Stret. Duas horas depois, tomava o expresso para Cornualhes e, na manhã seguinte, fazia a sua primeira refeição em Penzance; a seguir, tomou uma condução para a pequenina aldeia de Pensilian, situada na extremidade da ponta oeste de Munt's Bay.

O arsinho de semelhança dêsse lugarejo com Calthorpe o impressionou imediatamente e, no entanto, as qualidades próprias das paisagens do Cornualhes subsistiam para tornar essa semelhança superficial. Pediu ao condutor do veículo de aluguer que o esperasse; então, com passo desenvôlto, subiu a ruasinha caprichosa e parecendo feita mais para cabras que para pessoas humanas, na direção da residência do encarregado do registro civil da paróquia, cujo endereço conseguira descobrir em Penzance.

— A verdade é que estou escrevendo um livro sôbre os registros das paróquias do interior e também as histórias estranhas que algumas encerram. Aqui vim com a mesma intenção de colhêr material e impressões...

(Continua no próximo número)



PATOS — Quadro de Alexandre Koester— Nascido em 1864, em Bergneustadt perto de Colônia, tendo vivido em Klausen, no Tirol.

Por ALAN HENRY

Triplice identidade



FRAU Frederick Gross enxugou os olhos úmidos com um lenço prêto, bordado. Mesmo vestida de prêto, em sua viuvez, era atraente, vistosa, tendo boa altura, de cêrca de um metro e setenta.

— Herr Gross está morto! — exclamou — Em apenas uma semana, a febre o levou! Perdi o melhor dos maridos!

O funcionário da companhia de seguros, demonstrando polidez e solidariedade, replicou:

— Sente-se, por favor. Consultarei imediatamente o nosso arquivo, a fim de evitar maior espera de sua parte.

A ficha correspondente a Frederick Gross mostrou que, em abril daquele ano, Frau Gross, pessoalmente, preenchera uma proposta de seguro de vida, da parte de seu marido, e em seu favor, no valor de vinte mil marcos. Alguns dias depois, a apólice, devidamente assinada por Herr Gross, foi devolvida à Companhia, pelo correio.

A 20 de abril, o médico da companhia examinou o segurado, em seu apartamento, situado nos subúrbios da cidade, tendo achado o candidato em perfeitas condições de saúde. Assim, a apólice de seguro foi tornada efetiva. E agora, cêrca de seis meses após, Frau Gross era viúva!

— Como é de praxe, providenciaremos a obtenção de uma declaração por parte do médico que assistiu seu marido nos últimos momentos, e o certificado do entêrro — informou o funcionário.

Sempre denotando imensa tristeza, ela abriu a bôlsa, retirando os dois documentos, que estendeu ao homem. Um dêles era o atestado de óbito, assinado por um certo Dr. Becker, e no qual constava como "causa mortis" um colapso cardíaco. O outro documento atestava que Herr Gross havia sido enterrado num mausoléu pertencente à sua família, no cemitério de Munich.

— Muito bem; parece que tudo está em ordem. Amanhã mesmo o seu cheque estará pronto! — concluiu o funcionário.

*

Quando Frau Gross retornou, Willy Kurten, encarregado do edifício, encontrava-se à porta e apresentou-lhe pêsames. A esbelta mulher balbuciou um agradecimento, subindo ràpidamente ao seu apartamento, situado no segundo andar. Herr Kurten, homem obeso e observador, como todos os porteiros, sempre tivera grande curiosidade pela inquilina, pois esta denotava, francamente, não simpatizar com êle. Sentia-se, assim, ferido em seu amor próprio, pois era benquisto por todos os demais inquilinos do edifício.

Na manhã seguinte, ao receber o dinheiro do seguro, Frau Gross informou ao encarregado do edifício que iria deixar o apartamento no fim da semana.

Logo às primeiras horas daquela noite, um homem alto e esguio desceu silenciosamente as escadas do edifício, passando por Willy que, como de costume, estava sentado na portaria, indo postar-se, tranqüilo, na entrada. Willy ficou a observá-lo durante alguns momentos, subindo em seguida para o apartamento da viúva. Bateu à porta e não recebeu resposta.

Pouco depois da meia-noite, o homem esguio retornou, subindo as escadas justamente no momento em que Willy saía pela porta do escritório da administração. Quando o encarregado chegou ao "hall" do segundo pavimento, êste se encontrava deserto. Apesar do adiantado da hora, resolveu bater à porta de Frau Gross.

— Quem é?

Reconheceu a voz dolorida de Frau Gross.

— Desculpe, mas ouvi um barulho estranho, aqui no "hall" e vim verificar o que era . . .

— Não ouvi nada. Não estou me sentindo bem e, desde que voltei, não saí do apartamento.

Imediatamente, Herr Willy se encaminhou para a chefatura de polícia.

"— Frau Gross esconde um homem em seu apartamento! — disse — O marido estêve doente, e morreu sùbitamente. Jamais tive oportunidade de vê-lo e nem, tampouco, vi quando saiu o entêrro. Esta manhã, ela recebeu o dinheiro do seguro. Para mim, há qualquer coisa errada! Imaginem só! O marido morreu há dois dias e ela já anda de namôro com outro!

Efetuando uma investigação, a polícia descobriu que o homem que Willy desconfiava estar no apartamento da viúva não era outro senão **a própria Frau Gross!** Verificou, ainda, que a suposta viúva se chamava, na verdade, **Frederick Kumf**, um ex-ator dos teatros de variedades de Berlim, e que costumava representar papéis femininos.

Valendo-se de sua pele fina e sedosa, que mais se assemelhava à de uma pessoa do sexo oposto, fizera-se passar por "Frau Frederick Gross" e, na hora do exame médico a que fôra submetido, retomara a aparência masculina. Posteriormente, como **a senhora**, chamara um médico local, informando-lhe ter que ausentar-se e pedindo-lhe que fôsse examinar o seu "espôso". Dias após, comunicou ao mesmo médico que o "marido" morrera e que já tratara de o remover para uma agência funerária, pedindo, em conseqüência, que assinasse um atestado de óbito.

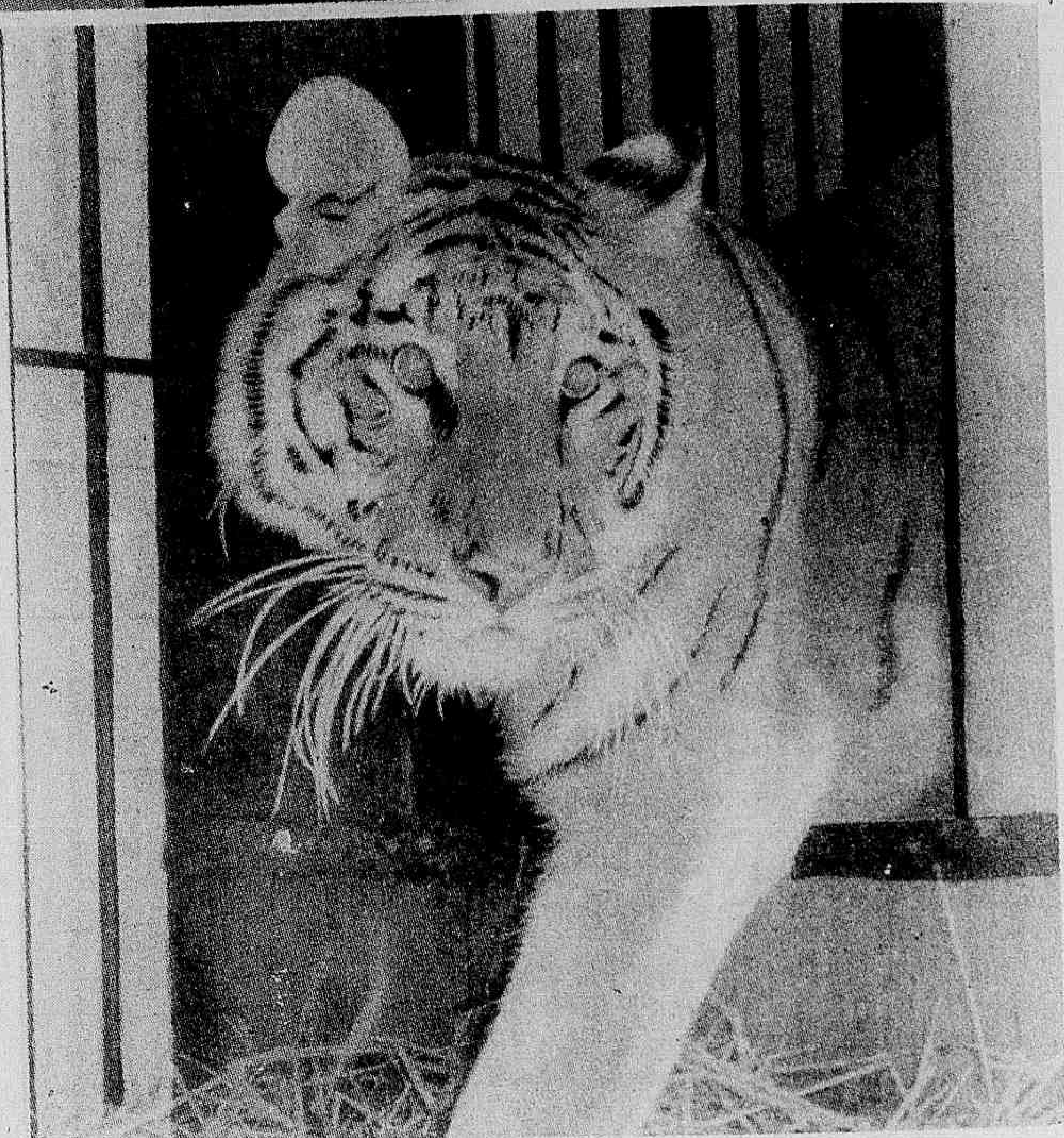
Após todos êstes sucessos, Kumf não pôde resistir à vontade de celebrar seu grande triunfo. E, desta forma, assumiu uma terceira identidade, despertando as suspeitas do encarregado do edifício, que julgou fôsse êle o componente do eterno **triângulo passional:** juntamente com "Frau Gross", iria, então, dispor da quantia obtida com o seguro do pobre "Herr Gross".

A sentença de Kumf, como "reconhecimento à sua arte magnífica de representar", foi de "apenas" oito anos de reclusão.



Precisa-se de

4 horas da madrugada. Alertados, os domadores verificam que a pobre mamãe-tigre morrera após o nascimento do terceiro filho.



9 horas. Papai-tigre, muito aflito, entra e sai do compartimento em que os três filhotes tentam inùtilmente encontrar calor e alimento no corpo inanimado e frio de mamãe-tigre. O olhar da fera reflete bem a sua tristeza e desespêro.



12 horas — Pelo rádio, é dirigido um apêlo. Precisa-se de ama de leite para três tigrezinhos. Na falta de coisa melhor (outra fêmea de tigre seria o ideal, se não houvesse o risco de comer os filhotes da morta) uma cadela serviria.

ama de leite para três tigrezinhos

Sim. O mundo dos irracionais também é marcado por dramas de família e que se relacionam com a manutenção da espécie. Recentemente, num grande circo de Berlim houve alarma. Um belo exemplar de tigre urrou violentamente, numa certa hora da madrugada. Correram os tratadores e foram encontrar o animal muito excitado, entrando e saindo no refúgio... onde a sua fêmea esperava filhotes. O fato já se repetira várias vêzes, no correr dos últimos quatro anos e sem tão garnde espalhafato por parte de papai-tigre. Mas, logo, descobriram a causa. A pobre fêmea morrera após o nascimento do último dos três filhotes, todos sadios e bonitos. Que fazer? Vejam nas fotografias seguintes como o drama ocorreu e como tudo foi resolvido a contento.



Enquanto isso, os três tigrezinhos choram esfomeados e começam a dar sinais de enfraquecimento. Precisam de uma mamãe cheia de leite, quanto antes.



15 horas — Ao circo começam a chegar cadelas de todos os tamanhos e raças, prontas para atender à fome dos três tigrezinhos.

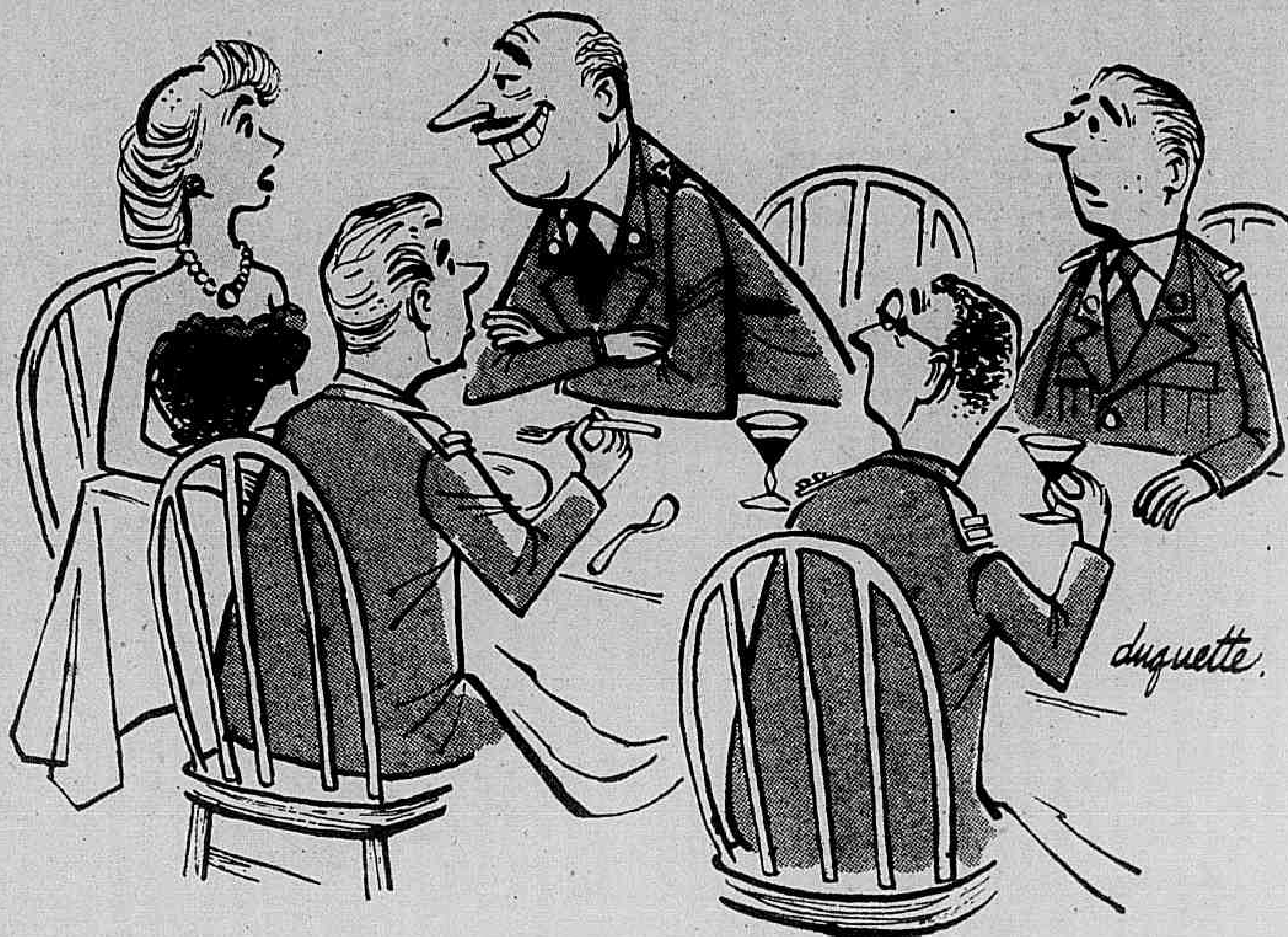




17 horas — "Manga", uma bela e mansa cadela da raça pastor-alemã, é escolhida para ama de leite dos tigrezinhos.

17 horas e 10 minutos — Com a maior docilidade "Manga" se estira a fim de proporcionar aos três tigrezinhos recém-nascidos a sua primeira refeição neste mundo. Estava assim encerrado o drama do Circo de Berlim.

A boa resposta do mês



NO período em que viajava com uma meia dúzia de artistas, dedicados a distrair os soldados e oficiais em gôzo de licença, na Califórnia, uma lindíssima e jovem estrelinha de Hollywood foi a convidada de honra num pequeno jantar. O grupo de oficiais constava de jovens tenentes, entre 25 e 28 anos, e um coronel bastante maduro, embora de idéias ainda bem verdes.

Êsse oficial superior não apenas monopolizou a atenção da atriz, como também deixou a todos embaraçados diante da sua atitude de verdadeiro Romeu de dezoito anos. A certa altura, um dos jovens oficiais pôde abrir uma cunha na cerrada defesa do coronel e fazer uma pergunta à estrelinha, ficando então sabendo que a mesma retornaria imediatamente para San Francisco. O coronel, infatigável, logo interrompeu para exclamar, com ar zombador:

— Oh! San Francisco! — aproximou mais a sua cadeira, ficando quase grudado à jovem atriz e concluiu, risonho — Ali estive, servindo no 37.º Regimento, em 1921.

— Muito interessante... — respondeu ela — Eu nasci ali — **em 1931.**

★ ★

VIDA DO CAMPO

MECANIZAÇÃO DA LAVOURA

Interessante artigo foi publicado no último número do "Far Jornal" sôbre o aproveitamento da energia mecânica para a agricultura. Duas fotografias ilustram sugestivamente o artigo. A primeira é de certa máquina para colheita, manobrada por 5 homens e puxada por cinco cavalos. As três turmas poderiam cobrir uma superfície de 75 acres, se todos os homens trabalhassem durante quinze horas por dia. A outra fotografia mostra uma máquina de colher, moderna, que cobre os 75 acres em 15 horas. Todo êsse progresso se deu em menos de trinta anos.

Por falar em equipamento agrícola moderno, creio ser interessante observar que, segundo parece, a maioria dos latino-americanos julga que as fazendas norte-americanas são completamente mecanizadas. No entanto, isso não se dá na realidade, embora o número de fazendas modernizadas aumente de ano para ano. Em 1941, eram utilizados 1 700 000 tratores, ao passo que hoje êsse número se elevou para 4 100 000.

Também é interessante considerar alguns dos novos recursos empregados na agricultura. Não faz muito tempo, por exemplo, especialistas em agricultura chegaram à conclusão de que era necessário descobrir um novo método para o tratamento do feno. Depois de cuidadosas pesquisas e experiências, construíram finalmente um secador que força a ventilação no feno colocado dentro do palheiro.

Eis como funciona. O fazendeiro corta o feno à tarde e coloca-o num rêgo até de manhã. Em seguida o espalha e o deixa secar até ao meio-dia. O feno terá perdido, então, 40% de sua umidade e pode ser colocado no palheiro na tarde do mesmo dia.

O feno é então distribuído em montes paralelos sôbre o sistema de condutos e o ar é soprado através dêle, para completar o tratamento. O ar é fornecido por um aparelho soprador, movido por um motor elétrico, que funciona ininterruptamente. E' fácil saber-se quando o feno está preparado, porque a última camada fica sêca.

Outro aparelho pouco usado na América Latina, mas muito popular entre os fazendeiros dos Estados Unidos, é um pequeno compressor de ar. Com êsse compressor pode-se produzir 150 libras de pressão — que é suficiente para encher os maiores pneumáticos de caminhão ou trator, lubrificar qualquer motor, limpar o pó das máquinas agrícolas e acionar pistolas para pintura ou pulverização de inseticidas.

E por falar em inseticidas, eis uma boa notícia. Como é sabido, há alguns insetos, particularmente os gafanhotos, muito resistentes ao DDT. Isso levou os químicos a procurarem outros inseticidas. O "chlordane" e "toxaphene", em quantidades infinitesimais, matam os gafanhotos e outros insetos daninhos. Mas os químicos se vêem diante de outro problema. Aquêles produtos químicos não são solúveis na água, daí a dificuldade de sua aspersão. Assim, as pesquisas se voltaram no sentido de se encontrar um emulsificador que possa ser diluído na água.



Vista aérea de uma fábrica em São Paulo.

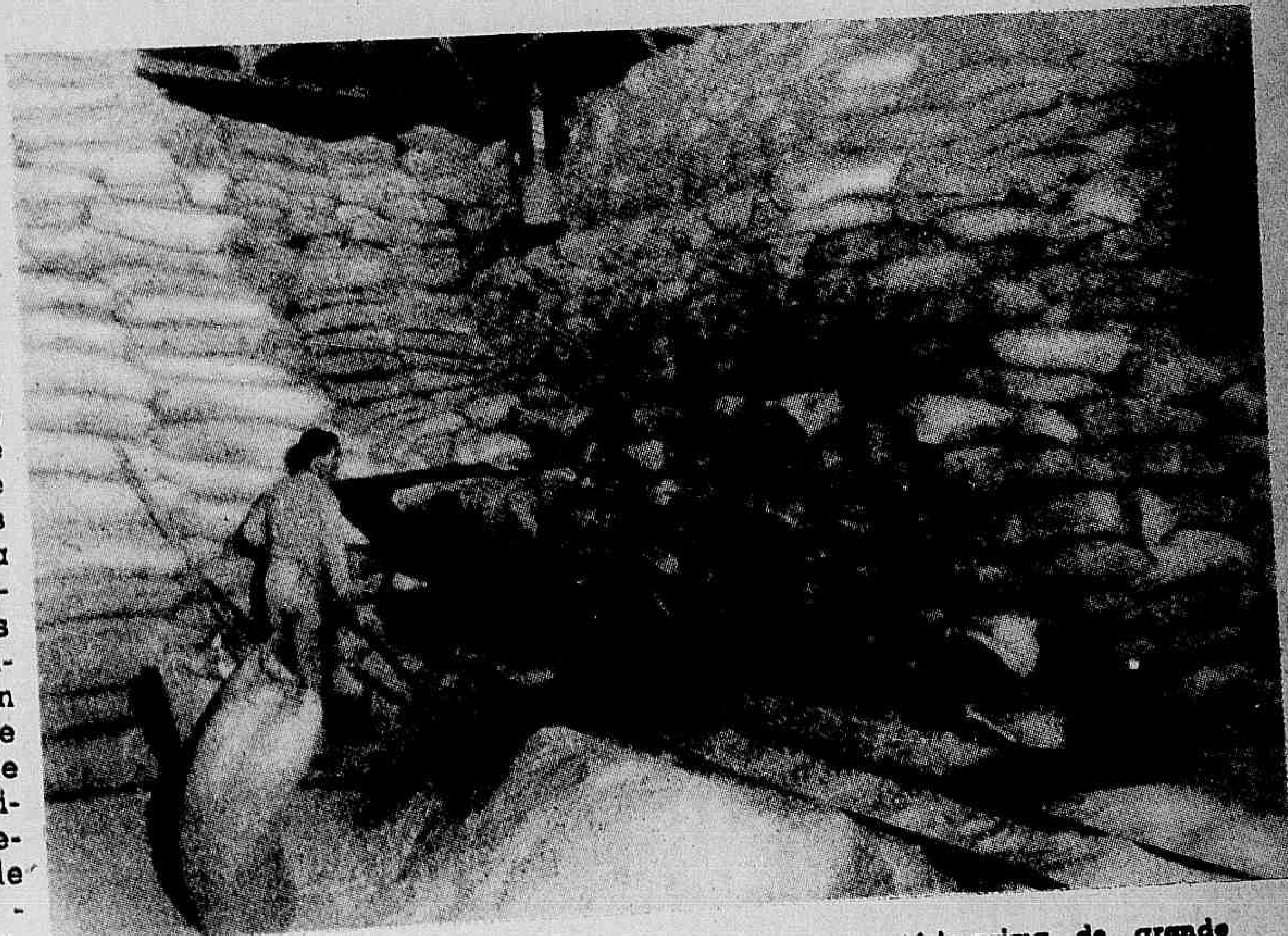
A indústria do VIDRO através dos tempos

A vidraria é uma das mais velhas indústrias do mundo. E' intimamente ligada à história da humanidade. Seu nascimento é tão remoto que se perde numa lenda: Plínio atribui a invenção do vidro a mercadores fenícios que, fazendo fogo à beira do Rio Belus, para cozerem os seus alimentos, viram correr um fio transparente de um licor desconhecido, que nada mais era do que vidro incandescente. E' duvidoso, porém, que um fraco fogo de nômades pudesse engendrar calor suficiente para transformar a areia dessa praia, sob a ação do nitrato e talvez do cal, em um vidro de belo efeito, a correr para as águas do rio. Mas para os vidreiros é um legítimo orgulho pensar que, há mais de 5000 anos antes de nossa era, os homens já conheciam êsse admirável material que enriquece, não só a pobre choupana, onde deixa penetrar a luz, mas também a mesa riquíssima, onde os maravilhosos cristais são o mais belo ornamento.

De Sidon e do Tiro, a indústria do vidro transferiu-se para Tebas, de onde os egípcios a trouxeram para Roma. As descobertas dos túmulos desta antiga cidade mostraram que, há mais de 2 000 anos antes de Cristo, a arte vidreira tinha chegado a um grande aperfeiçoamento, sendo mesmo conhecido e utilizado o sistema do assôpro, como ainda é hoje praticado, nos processos manuais. Inscrições revelaram receitas de composições de vidro que não diferem muito das que empregamos atualmente.

Sob o reinado de Augusto, a arte vidreira tomou um grande impulso em Roma. Os operários tinham uma habilidade extraordinária e fabricavam-se desde as jóias coloridas e os copos cinzelados até as vidraças. Essas vidraças, achadas em Pompéia, eram feitas por um processo que só foi descoberto 16 séculos mais tarde para a fabricação de espelhos.

Após as invasões dos bárbaros, os artistas vidreiros italianos e gauleses refugiaram-se em Bizâncio. No fim do Império Bizantino, os artistas gregos foram acolhidos em Veneza e, na famosa ilha de Murano, a Re-



Vista parcial dos grandes depósitos de barrilha, matéria-prima de grande aplicação na indústria do vidro.

pública Veneziana guardou ciosamente os segredos da fabricação. Assim, durante a Idade-Média, tiveram os venezianos a supremacia nessa arte e seus produtos eram conhecidos no mundo inteiro. Até a Índia e a China importaram os espelhos e vidros com filigranas, que foram o orgulho de Veneza, por sua finura e leveza.

A reação contra a vassalagem a Veneza teve início na Europa Central, sendo ainda hoje mundialmente famosos os cristais da Boêmia. Na França, desde o período galo-romano a fabricação nunca foi completamente abandonada e os reis e os príncipes das casas reinantes fizeram louváveis esforços para incrementar a indústria do vidro em seus territórios. Apesar de ser vedado ao nobre, no Direito antigo, o trabalho manual, a tradição fazia dos mestres vidreiros fidalgos com tôdas as vantagens e privilégios reservados à nobreza. O fidalgo vidreiro personificava a honradez e o trabalho. Aliava o respeito das qualidades morais do homem com a atividade do trabalho. Tinha, de par com a espada, o instrumento que dava o pão à sua família e se constituiu, por assim dizer, como o traço de união entre os tempos antigos e os modernos.

Desde essa época, as vidrarias se espalharam pelo mundo. Os espelhos, desde 1691, são fabricados pelos processos ainda usados e as primeiras manufaturas foram instaladas na França pelo ministro Colbert. Na Inglaterra, desde a rainha Elizabeth, no século XVI, começa a indústria do vidro e foi nesse país que foi descoberto o «flint-glass», que permitiu a fabricação das lentes. Nos Estados Unidos, a primeira vidraria estabeleceu-se em 1607.

Tôdas as fábricas anteriores ao século XVII eram colocadas perto das florestas, para se suprirem do único combustível até então usado. Com a utilização das jazidas de carvão, muitas vidrarias foram instalar-se perto dos centros carboníferos. Datam daí, então, as grandes vidrarias. Antigamente, as matérias-primas eram fundidas em fornos primitivos.

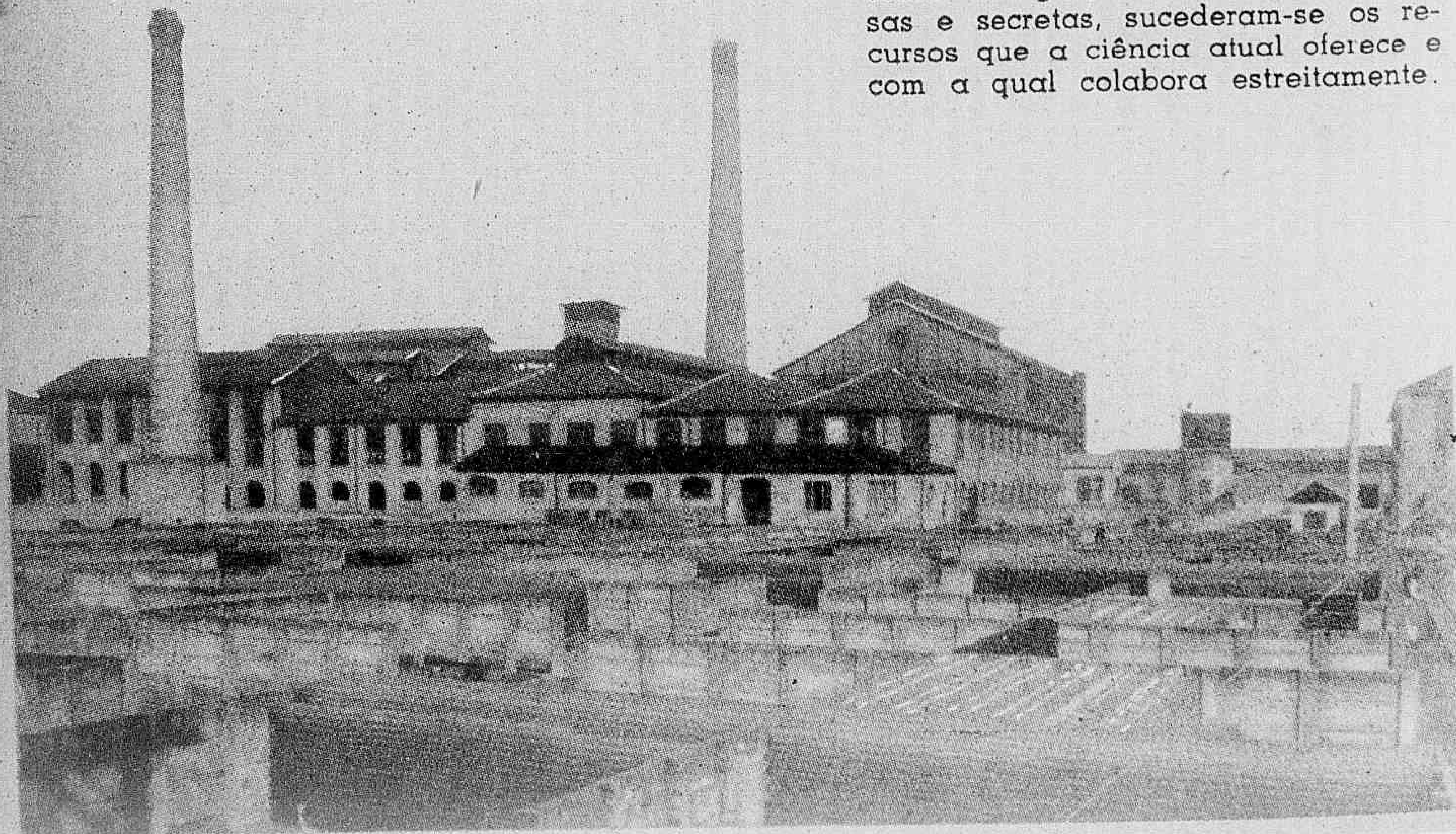
Quando, em 1860, um novo invento aplicou aos fornos o aquecimento pelo gás de gasogênio o seu sistema de regeneração do calor, a vidraria moderna tinha nascido. Pouco depois apareceu o primeiro forno contínuo, que revolucionou a indústria do vidro e permitiu a eclosão dos processos mecânicos.

A fabricação mecânica da garrafa nasceu na Inglaterra pela invenção de Ashley, em 1880, mas foi sòmente coroada de sucesso na França, com o processo Boucher, a cujo nome é ligada a primeira realização do assôpro pelo ar comprimido e o início da fabricação automática de vasilhames.

Em 1890, o Americano Owens inventou o sistema de colhêr o vidro por aspiração e em 1904 realizou a primeira máquina capaz de produzir sem intervenção manual.

Pouco a pouco, o trabalho penoso do operário e o sôpro humano foram substituídos pela máquina. Da Europa, onde nasceu, a fabricação mecânica passou-se para os Estados Unidos, onde progrediu ràpidamente.

Tal é, sumàriamente descrita, a história do vidro. Dêste breve resumo, podemos tirar algumas considerações. A vidraria, através dos séculos, foi sempre considerada uma arte difícil e, tão nobre era êsse mister, que os seus operários tornavam-se fidalgos. Disso nasceu um espírito de tradição e uma dignidade profissional que, felizmente, não desapareceram da comporação vidreira e que constituem um dos seus melhores atrativos. Mas a habilidade manual foi sendo substituída pelo trabalho inconsciente da máquina, que mudou tanto as condições técnicas como as condições econômicas e sociais. Saindo do estado letárgico em que permaneceu durante tantos séculos, a arte vidreira entrou numa fase científica. Aos processos antigos, às fórmulas misteriosas e secretas, sucederam-se os recursos que a ciência atual oferece e com a qual colabora estreitamente.



Nesta indústria, cuja porta antes era sòmente aberta aos técnicos formados de geração em geração e onde se vivia de empirismo, entram agora os engenheiros, os químicos, os mecânicos especializados, por oferecer a vidraria um vasto campo de estudo e de experiência.

No Brasil, a indústria do vidro já tem a sua história, tendo atingido a uma evolução tal que a torna uma das maiores do continente sul-americano.

Houve tempo, no comêço, em que a produção de uma fábrica assombrava o mercado de então: 8 000 peças por dia! Hoje, a produção é realmente assombrosa e pode atingir a 100 000 000 de peças por ano!



Vista de uma estufa onde as garrafas passam por vários graos de temperatura, a fim de terem sua resistência aumentada.

Finalizando, seria justo dar aos nossos leitores uma idéia mais detalhada sôbre o que seja a barrilha, produto que tem grande aplicação na indústria vidreira.

Para o leigo, o têrmo «alcáli» significa apenas soda cáustica. A barrilha, porém, tem como matérias-primas o sal de alta pureza e a pedra calcária. O sal entra no processo em soluções muito concentradas e, após ter sido saturado com amônia, é tratado em altas tôrres com anidrido carbônico, formado na decomposição térmica da pedra calcária noutro estágio do processo.



Sala de compressores de ar, numa fábrica brasileira.

Calcinando-se o precipitado que resulta dessa operação, obtém-se o carbonato de sódio ou barrilha, como é vulgarmente conhecido no comércio. Tratando a barrilha com a mesma cal resultante da decomposição térmica da pedra calcária, temos a soda cáustica.

Existe ainda outro processo, o que recorre à eletrólise da solução de sal, para a produção de soda cáustica. Ficará para outra oportunidade explicá-lo. Por agora, basta-nos citar o que dá como resultado a barrilha.

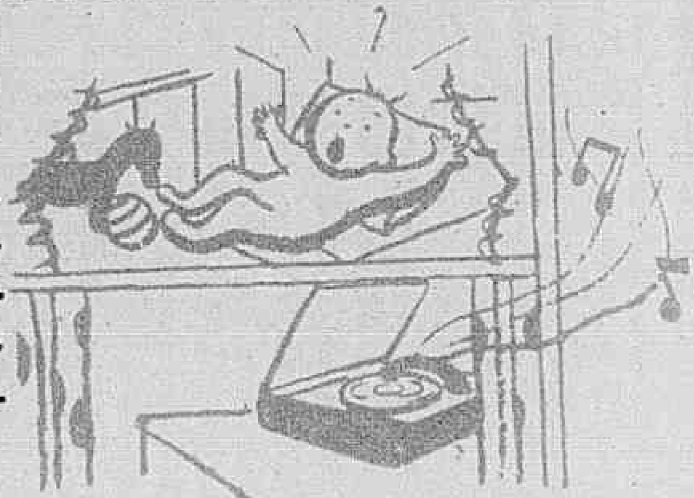
E' um material de extraordinária utilidade prática. Suas aplicações são múltiplas. Mas só o que êle representa na indústria do vidro, tão adiantada em nosso país, dá idéia do concurso por êle trazido à economia brasileira.

Resolva seus problemas



Um pouco de ironia, destramente esgrimida, dá às vêzes magníficos resultados. No último verão, numa grande casa do nosso bairro, o mato crescera vigorosamente e sem impecilhos, tudo invadindo. O proprietário nada parecia notar e muito menos o contraste desagradável que aquilo determinava, principalmente numa rua que se caracteriza pela abundância de seus jardins amorosamente cuidados. Mas — assim são as coisas — uma noite entrou em ação algum humorista da localidade. O certo foi que, na manhã seguinte, os que passassem pela rua onde se achava o grande solar, abandonado ao mato, não podia conter o riso ao ler uma tabuleta que se destacava sôbre o mato — **"Proibido caçar"**. Não passaram muitos dias sem que desaparecesse o mato que invadira o solar, que se apresenta, desde então, escrupulosamente limpo e bem cuidado. — **O. Barone — Petrópolis — Estado do Rio de Janeiro.**

Ouvir a nós mesmos **como nos ouvem os demais** tem, às vêzes, as suas vantagens. Conheço uma família que vivia num andar imediatamente inferior ao que era ocupado por outra, que tinha um menino de dez anos empenhado, entusiàsticamente, em aprender a tocar corneta. Os estridentes estudos do músico em formação não deixavam dormir o garotinho de apenas quatro meses, da família do andar inferior. Tôdas as suas gestões para que aquêle estrépito cessasse resultaram infrutíferas. Finalmente, o pai do "neném", habilidoso em radiotelefonia, decidiu gravar um disco fonográfico com as lições do incômodo cornetista. Chegada a hora da "sesta" do irmãozinho menor do pseudo músico, tocou o disco a todo volume. Repetiu a manobra três dias consecutivos, com o que foi suficiente. Ao quartodia, o aprendiz de corneta não estudou mais em casa: levou o seu instrumento para o parque próximo, a fim de oferecer o seu concêrto diário, de corneta, aos pássaros. Desde êsse dia, as duas famílias vivem em grata e silenciosa harmonia. — **Le Roy Herbert, Arlington, Massachussetts. — Estados Unidos da América do Norte.**



★ ★

ANOTAÇÕES NUM MAPA DE ESTRADA DE RODAGEM

Os subprodutos da gasolina são freqüentemente encontrados nos hospitais.

Apanhar um automóvel é coisa dispendiosa quando é tentado por um inspetor de veículos.

O problema dos maus motoristas pode ser resolvido com uma simples sentença.



Tráfego: uma longa fila de automóveis em busca de um lugar para estacionar.

Um indivíduo arrisca a vida para atravessar a rua contra o sinal vermelho. Depois pára na outra calçada — para acender um cigarro.

Muitas vêzes um homem é multado por dirigir o automóvel vagarosamente. A polícia *afinal* pode *pegá-lo.*

Depois que se ouve o depoimento de uma testemunha de acidente do tráfego é que se compreende como as histórias podem ser maravilhosas . . .

Um motorista cauteloso pode usar o seu automóvel *até ao fim*, sem ajuda de algum poste ou de uma locomotiva.

A diferença entre os que dirigem uma ambulância e um carro particular está em que, quando dirigimos uma ambulância é para levantar aquêles do chão.

Um dos lados simpáticos da bicicleta é que o ciclista em geral sofre mais do que o pedestre a quem atropelou e derrubou.

Os mecânicos das oficinas preferem os automóveis forrados com panos de lã. O couro não é muito próprio para limpar as mãos.

As belezas campestres estão divididas em duas classes: as escondidas pelos anúncios de pneumáticos, gasolina, goiabadas, etc., e as que ficam por trás da fila de automóveis estacionados.

APÊLOS DA CONSCIÊNCIA



ANUALMENTE, alguns milhares de indivíduos são assaltados por repentinos apelos da consciência, que os levam a fazer tardios esforços no sentido de saldar velhas dívidas. Uns o fazem largamente, enquanto outros apenas procuram atenuar a falta.

★

"Chequemaníaco" — Num pôsto de gasolina, situado em território mexicano, não distante da fronteira com os Estados Unidos, o proprietário recebeu pelo correio um cheque da importância de 110 cruzeiros, aproximadamente. O remetente escrevera, explicando:

"Êste cheque é para cobrir o cheque falso com que paguei a minha despesa nesse pôsto, há quinze anos, justamente em fevereiro de 1937..."

O proprietário do pôsto, com a sua fé na Humanidade totalmente restaurada, tratou de ir depositar o cheque... e foi informado de que êste também era falso!

★

Em Jonesboro, Arkansas, uma mulher escreveu para o gerente de um cinema:

"Incluso o senhor encontrará a quantia de cinco dólares. Quando eu era menina, costumava comprar ingressos de segunda classe e, logo que apagavam as luzes, tratava de passar para as poltronas de primeira."

★

Pássaro na mão — Um negociante de Glasgow recebeu dois ovos de avestruz, de um marinheiro, de passagem por êsse grande pôrto britânico.

"Roubei dois ovos de um cesto existente em sua loja, há cinco anos, por ocasião da visita de fuzileiros navais norte-americanos a êsse pôrto."

E acrescentava:

"Espero que o senhor aceite êstes que agora envio, em pagamento. São maiores!"

★

Vale mais ser honesto... Embora tardiamente! — Para um habitante de San Francisco, a honestidade — embora com grande atraso — foi largamente compensada. Quando tinha apenas nove anos, na cidadezinha de Michigan, onde vivia, não resistiu à tentação de roubar o dinheiro para pagamento da conta do leite, que fôra deixado por uma velha solteirona, juntamente com a garrafa vazia, à porta da própria residência. Com êsse dinheiro tratou de comprar novas luvas para jogar **base-ball.** Mais tarde, casado e pai de um menino de nove anos, achou que devia restituir o dinheiro à sua legítima dona, o que realmente fêz, juntando uma explicação acompanhada do seu pedido de desculpas. A solteirona tão impressionada ficou com êsse gesto que deixou, em testamento, 2 000 dólares (cêrca de oitenta contos) para o filhinho do remetente.

★

Amor com... chapinhas falsas — No dia 25 de março de cada ano, a partir de 1948, o proprietário de uma sorveteria de Paris, recebe, num envelope, cem francos com esta explicação:

Eu preferia cortejar a minha namorada na sua loja de sorvetes e aí mesmo punha para tocar as músicas que ela mais apreciava, na "vitrola-automática" do salão. Mas, não me sobrando, naqueles dias, muito dinheiro, eu usava para fazer funcionar a vitrola... chapinhas falsas. Isto é para cobrir o prejuízo que lhe causei, mais os juros. Hoje estamos festejando o nosso quarto aniversário de casamento!"

★

Ora... botões! — O sacerdote de uma igreja de Pittsburg recebeu uma carta contendo uma nota de um dólar e a seguinte explicação:

"De passagem por essa cidade entrei em sua igreja, onde tive o prazer de ouvir um belo sermão. Entretanto, quando passou o cavalheiro colhendo óbolos da assistência, procurei em meus bolsos e não pude encontrar dinheiro trocado. Muito encabulado apelei para um botão, que arranquei depressa do meu paletó. O ruído que êle fêz, ao cair no saco, foi quase autêntico, mas continuou ecoando até hoje, desagradàvelmente, em minha consciência. Queira, por favor, aceitar esta pequena contribuição como uma compensação. E, se não fôr uma impertinência da minha parte, quer o amigo, pela volta do correio, restituir o meu botão? Minha espôsa não consegue achar outro igual."

Por **CHARLES LAKE**



Gente Estranha

A velha crença de que, para conhecer o mundo, é necessário lidar com gente de tôdas as espécies e tipos, está amplamente reforçada pelas "experiências" por que passam as autoridades policiais, no seu constante labor de resolver os casos mais intrincados e originais que porventura apareçam. Eis alguns dêles:

Uma senhora, nos Estados Unidos, foi multada em 25 dólares, por pendurar um retrato de seu marido na parede... **e alvejá-lo setenta vêzes com um rifle de calibre 22!**

— Eu era louca por êle — declarou na polícia ao pagar a multa.

Outra cidadã dos Estados Unidos pagou multa semelhante, por distribuir moedas aquecidas entre às crianças que compareceram à sua porta, durante as comemorações de "Halloween" (em que, fantasiadas, impõem às pessoas de que se acercam: ou contribui com algumas moedas, ou dançaremos em sua volta, lançando feitiços!)

Seis crianças, que ficaram queimadas ao pegar as moedas, depuseram contra a contraventora, que afirmou ter feito êsse ato de desumanidade, **sem pensar nas conseqüências!**

Uma das desculpas mais estapafúrdias já dadas por motoristas foi a seguinte: um contraventor do trânsito disse ao juiz que o multou, estar trafegando em alta velocidade, para impedir que a neve se acumulasse sôbre a capota do automóvel.

Na Inglaterra, um cidadão, acusado de assalto e tentativa de homicídio, declarou ter atirado em sua vítima, sòmente porque esta pisara o seu calo de estimação...

Agora, uma interessante história de suicídio. Certo cidadão, resolvendo acabar com a vida, passou a tomar tôdas as providências no sentido de não dar trabalho aos parentes, após sua morte. Contratou um advogado e uma casa de serviços funerários, para tratar do entêrro. Em seguida, expôs aos amigos a resolução que tomara, mostrando-lhes o revólver que havia comprado para êsse fim. No dia seguinte, foi encontrado morto em seu quarto, com uma bala no crânio. Ressalta-se o fato de que ninguém tentou, sequer, impedir que o tresloucado cometesse o suicídio.

Na França, uma senhora obteve o divórcio e, como parte da sentença, também a **metade** do revólver que seu marido possuía. Afirmou no tribunal, que êste ameaçara matá-la com a arma e, desta forma, ela não queria que o mesmo ficasse de posse de **todo** o revólver..

Fato interessante ocorreu com dois batedores de carteira, dêsses que operam nos ônibus. Após "extraírem" com violência a recheada carteira de um passageiro, saltaram do veículo e, a correr, entraram por uma alameda; desembocando numa rua, fizeram parar o primeiro ônibus que apareceu, a fim de escapar mais depressa. Por uma espantosa coincidência, o veículo era **o mesmo,** do qual haviam fugido minutos atrás, e que se desviara de seu trajeto normal, em virtude de uma das ruas estar sendo consertada. Assim, não foi difícil à vítima do roubo prender os seus assaltantes com o auxílio dos demais passageiros.

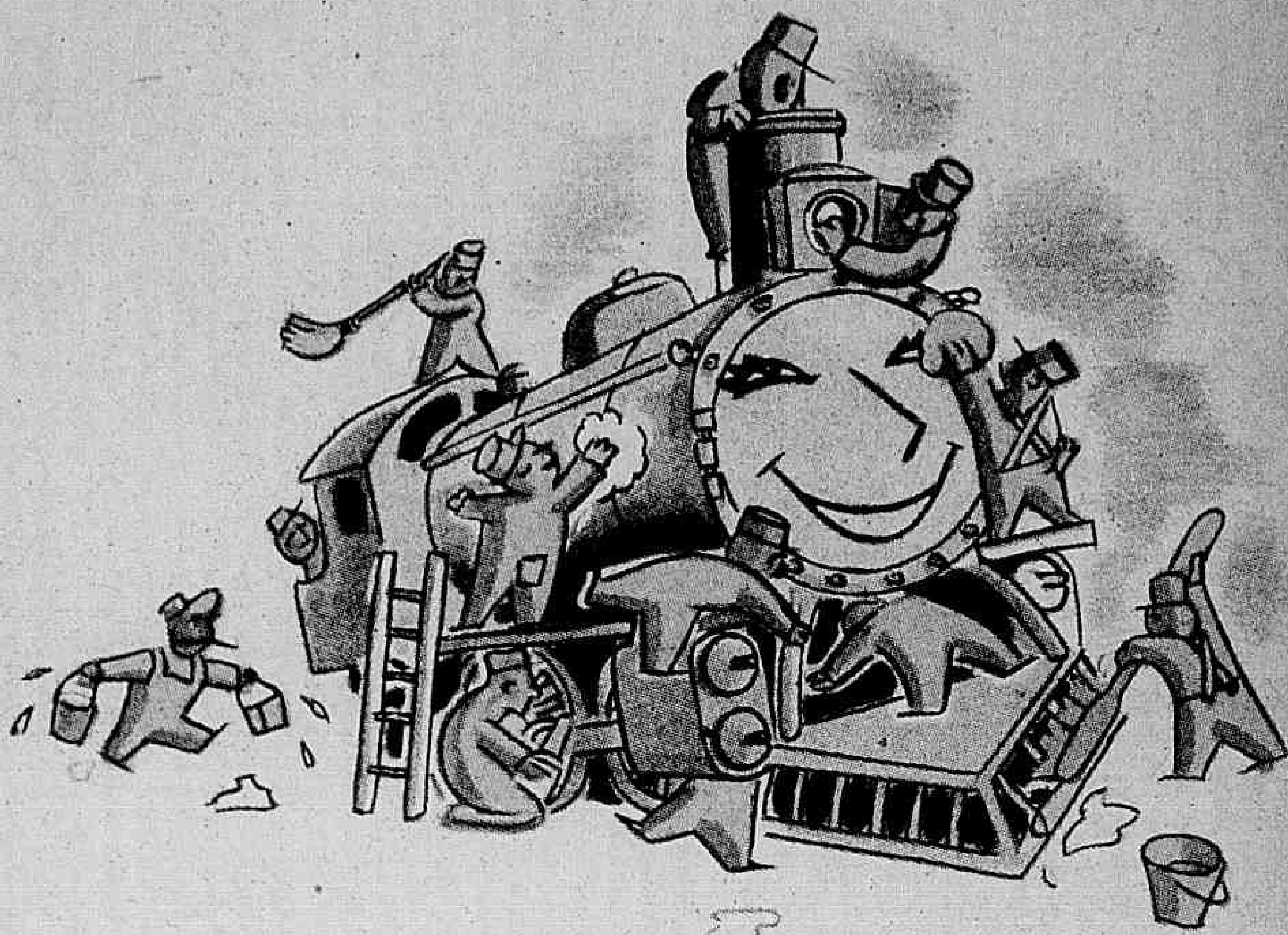
Falando de assaltos, registre-se o ocorrido em Hollywood, na famosa esquina das ruas Hollywood e Vine. Um casal, demonstrando grande sangue-frio, assaltou uma senhora, roubando-lhe 294 dólares. À polícia, a vítima disse:

— Havia cêrca de duas mil pessoas à nossa volta, e ninguém prestou atenção ao fato de estar eu sendo assaltada!

Em certa cidade do Canadá, um cidadão, não podendo pagar a multa que lhe impuseram por estar bêbedo, pintou a cadeia local, externamente. Dois anos antes, pelo mesmo motivo, havia dado uma pintura nova à cadeia. Desta forma, cremos que, dentro de dois anos, êsse "artista" voltará... para produzir a sua "obra prima"...

Um dos ladrões do tipo dos que assaltam transeuntes, temendo ser identificado por suas vítimas, quando estas consultassem o fichário da polícia (pois tinha uma cicatriz na face esquerda), resolveu cobri-la com uma pequenina fita de pano. Não atinou, contudo, em que a fita constituía um sinal de identificação muito mais importante do que uma simples cicatriz, comum a inúmeros habitantes de qualquer cidade. E, assim, não tardou a que fôsse capturado pela polícia.

A Química nas Estradas de Ferro

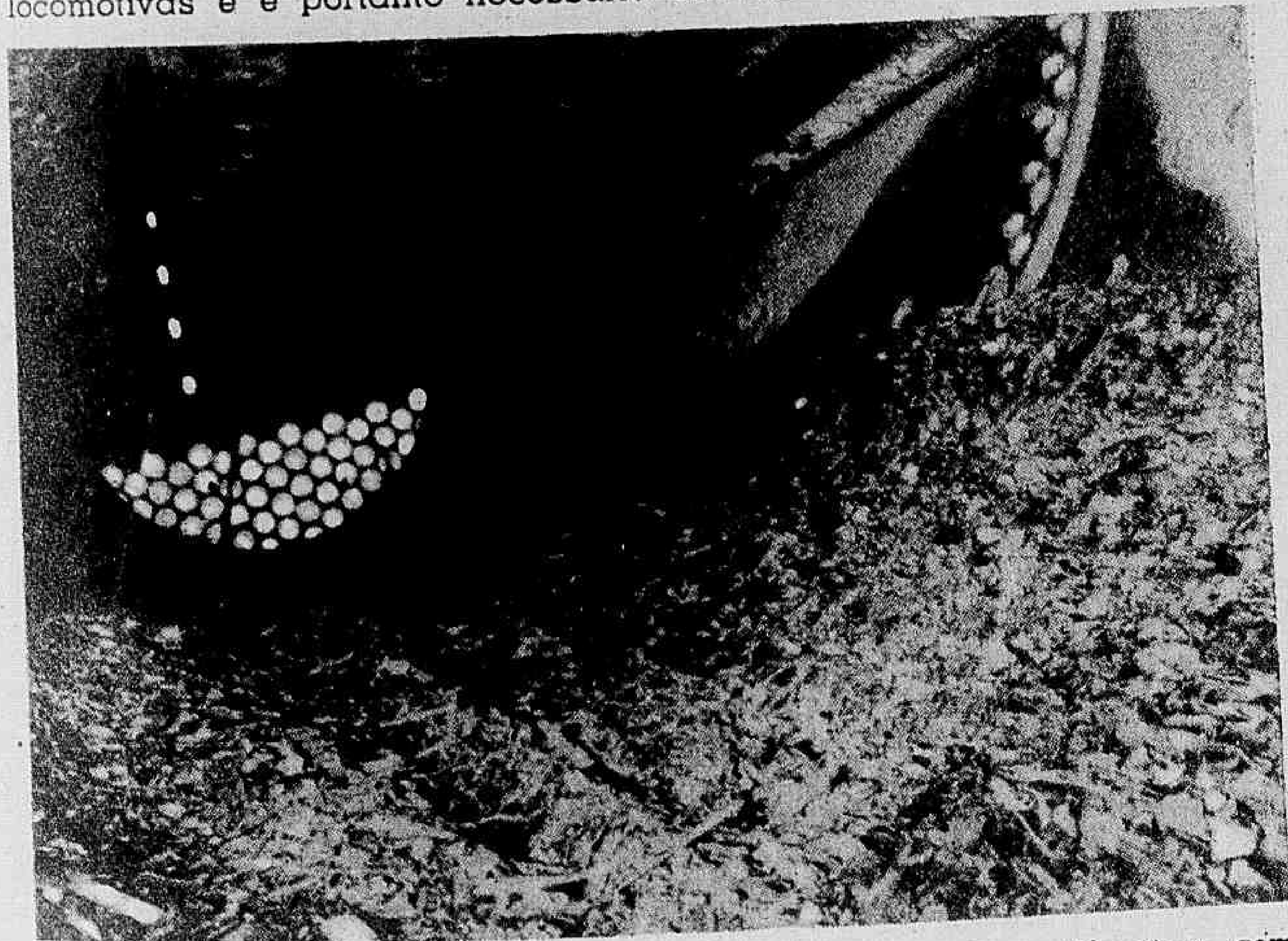


QUE significa a Química para as estradas de ferro? Eis uma pergunta feita freqüentemente pelo leigo, quando inteirado de que as estradas de ferro empregam químicos. A metade dos homens não sabe como a outra metade vive e é por essa razão que julgamos de interêsse ventilar neste artigo a aplicação da Química nas estradas de ferro.

Uma estrada de ferro representa uma grande comunidade industrial. Não obstante ser o transporte a sua função primordial, é, também, de um certo modo, uma grande emprêsa produtora. Considerando que os fornecedores de material ferroviário, tais como emprêsas siderúrgicas, fábricas de tintas, etc., mantêm um corpo de químicos para o contrôle de seus produtos, é claro que as estradas de ferro, que são grandes compradoras e consumidoras dêsses produtos, poderão, vantajosamente, empregar químicos capazes de controlar a qualidade dos produtos comprados e de assegurar sua proteção e manutenção depois de postos em serviço.

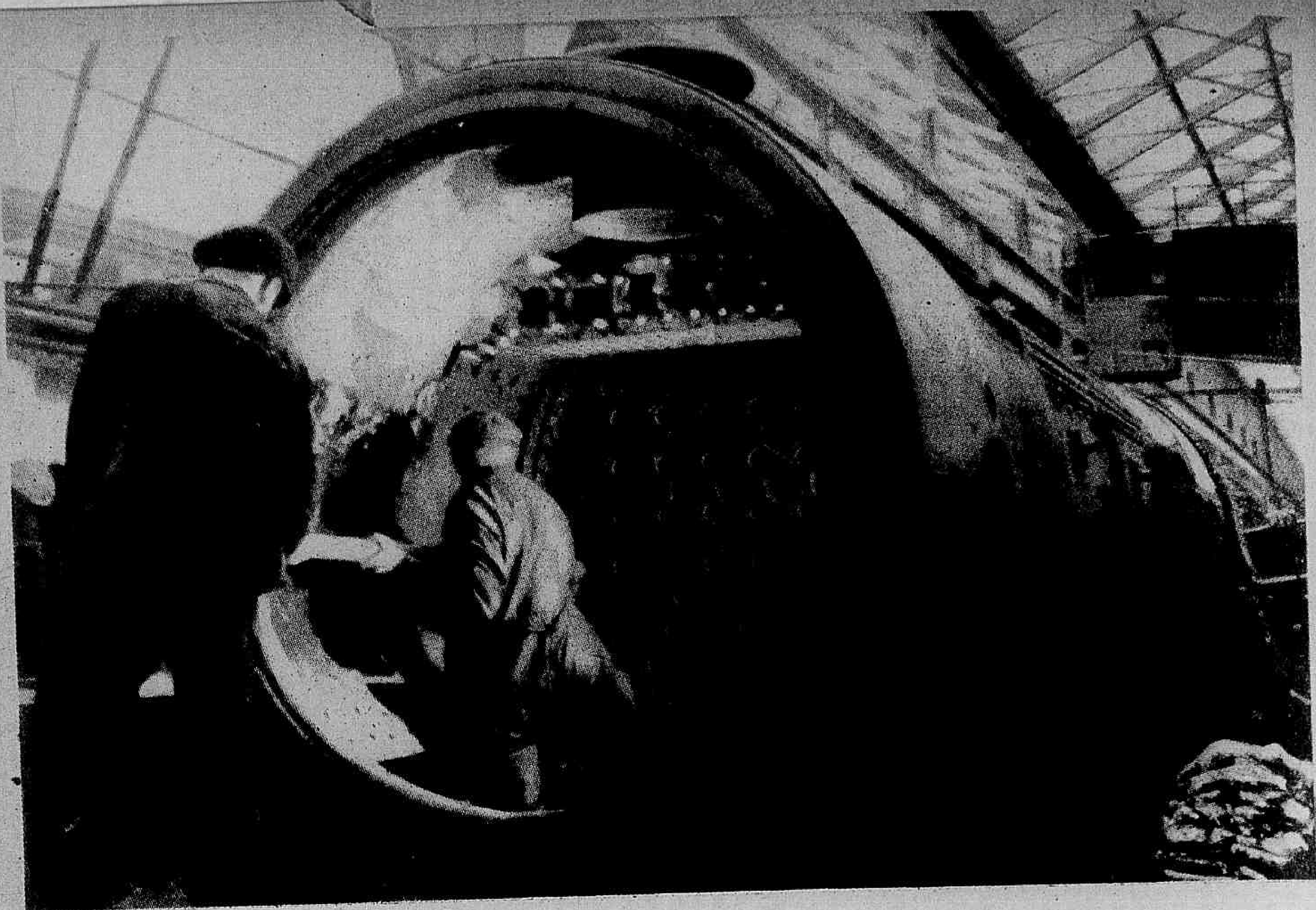
Uma grande locomotiva custa, hoje em dia, entre 3 a 4 milhões de cruzeiros. Não devemos ficar surpresos, pois na construção dêsses formidáveis geradores de fôrça entra uma variedade de metais, como ligas especiais de aço, de latão, de bronze, de chumbo e várias espécies de ferro e aço. Algumas estradas possuem várias centenas dessas locomotivas e é portanto necessário estudar constantemente os materiais empregados em sua construção, a fim de manter sua eficiência e proteger milhares de passageiros contra acidentes que poderiam resultar de defeitos em alguma parte dessas máquinas. Para manutenção da locomitiva e dos vagões que formam um trem, é indispensável conhecer a qualidade dos materiais empregados.

TINTAS E VERNIZES — A pintura do material rodante é um problema importante no que diz respeito à sua conservação. A proteção adequada das superfícies não representa apenas uma economia apreciável, mas a aparência de carros bem pintados causa sempre uma boa impressão ao público que viaja. Tôdas as tintas e vernizes comprados pelas estradas de ferro têm que obedecer a certas especificações e são submetidos a testes de laboratórios e análises química e física. A nova classe de tintas à base de resinas sintéticas encontrou um vasto campo de aplicação nas estradas de ferro.



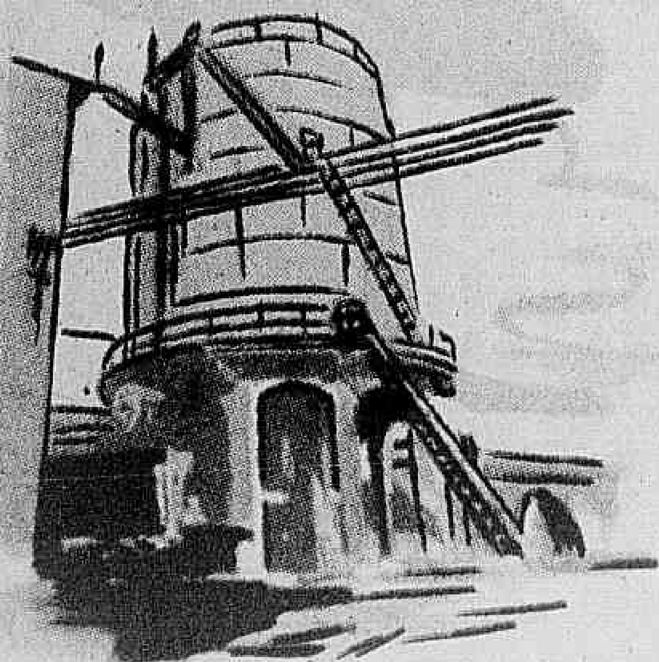
Parte interna de uma locomotiva que correu 150 000 quilômetros com água "dura", sem tratamento algum. Notem-se as crostas nos tubos e no fundo da caldeira.

O PROBLEMA DA ÁGUA — E' na água que reside o maior problema químico de uma ferrovia. Essa afirmação poderá surpreender os leigos, que talvez considerem a água um dos compostos químicos mais simples e mais abundantes. Certamente, há fartura de água. Mas a natureza raramente nos fornece êsse produto químico



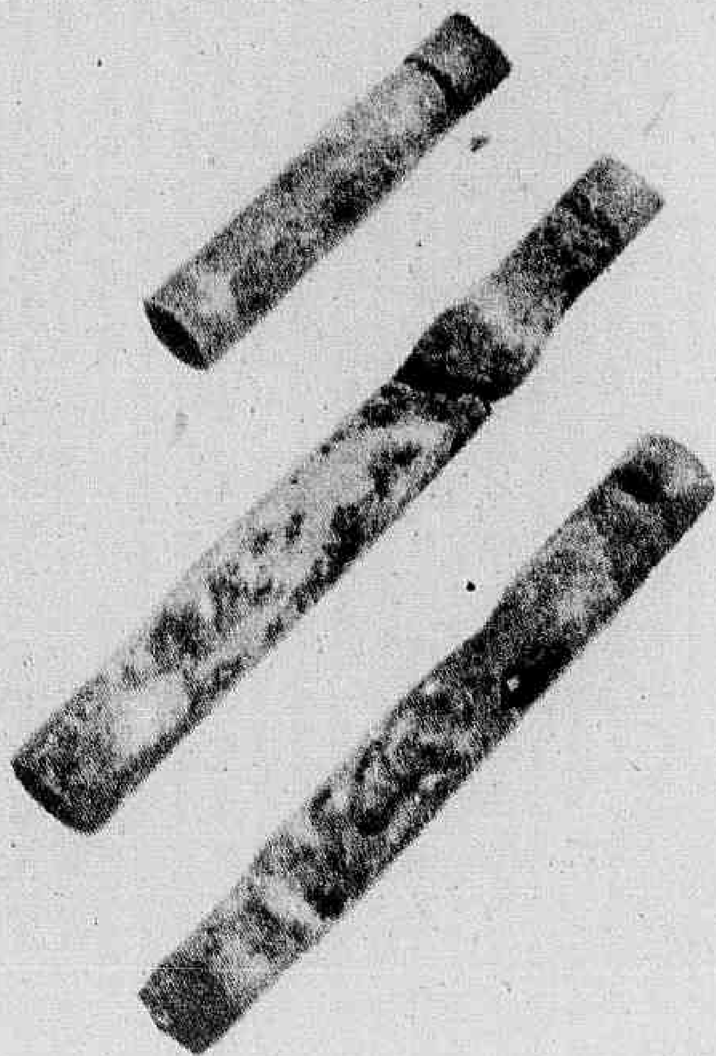
Retirando os tubos de uma caldeira de locomotiva para raspar as crostas. A parte interna desta locomotiva pode ser vista na página anterior

em estado puro. As águas naturais geralmente contêm em solução um certo número de outras substâncias químicas. Essas incluem a sílica, compostos de ferro e de alúmen, bicarbonato de sódio, sulfato de sódio, clorureto de sódio, nitrato de sódio, pequenas quantidades de sais de potássio, de matéria orgânica, oxigênio dissolvido, dióxido de carbono, sulfureto de hidrogênio e algumas outras impurezas de menor importância. Os postos de abastecimento de água duma estrada de ferro estão distribuídos ao longo da estrada e separados por regulares distâncias uns dos outros. Assim sendo, é muito possível que a água contida nos diferentes depósitos tenha uma composição química diferente, de modo que a mesma caldeira, que se supre várias vêzes de água, numa mesma viagem, experimente uma variedade de reações que podem atacar o metal ou interferir com o funcionamento regular da máquina.



REMOÇÃO DA CROSTA — Alguns dêsses compostos acima mencionados encontram-se em consideráveis quantidades em águas naturais e alguns dêles, como sais de magnésio e cálcio, são precipitados pela temperatura elevada da água e, aderindo aos tubos, formam uma crosta dura e espêssa. Algumas vêzes essa crosta se assemelha a uma peça de porcelana ou de cerâmica e comumente forma uma camada de espessura considerável. Êsse depósito atua como isolante e é fácil compreender que se torna necessária uma quantidade muito maior de combustível para aquecer a água da caldeira, através dessa crosta, do que se o calor atuasse sôbre o aço limpo de uma tubulação nova. Calculou-se que uma caldeira, cujos tubos tenham uma crosta de 3 mm, requer aproximadamente 15% mais de combustível do que uma caldeira limpa. Além da perda de combustível, a temperatura mais elevada exigida para aquecer a água prejudica muitas vêzes os tubos, queimando-os quando a crosta fende e a água os atinge. Torna-se evidente, portanto, que

(Cont. na pág. 109)



Exemplos de como a água sem tratamento corrói os tubos das caldeiras de uma locomotiva.

COISAS DO REINO ALADO

Por ROBERT FROMAN

PROVÀVELMENTE, os ornitologistas constituem o grupo mais numeroso no extenso campo de cientistas amadores, em todo o mundo. Quase todos êles, com certeza, devem ter observado as aves, durante algum tempo, convencendo-se de sua inteligência (embora consideradas **irracionais**), e passando a estudá-las com interêsse. Eis alguns fatos ocorridos em regiões do interior, por êsse mundo afora:



Num jardim zoológico de Nova York, algum filântropo mal orientado atirou uma espécie de malva silvestre aos pinguins. As aves fitaram a "comida" com uma certa suspeita; em seguida, uma delas, desdenhosamente, apanhou a planta com o bico, e foi jogá-la fora do recinto em que vivia com os companheiros.

Os habitantes da cidade de Broadwinsor, na Inglaterra, foram assolados, durante algum tempo, por uma série de misteriosas quedas de vidraças. Assim que um novo pedaço de vidro era colocado, a massa que o prendia desaparecia e lá vinha êle fazer-se em pedaços, de encontro ao chão. Isto durou até que alguém teve a idéia de ficar observando uma vidraça recém-colocada. E assim, tudo foi descoberto: a massa que prendia as vidraças despertara a gulodice de algumas das espécies de aves que povoavam a cidade!

Três dias após a rendição final da Alemanha, um pombo-correio pousou na cidade de Forst, naquele país. Prêsa à perna da ave, estava uma pequena mensagem de um destacamento de infantaria nazista: **"Estamos cercados pelo inimigo, no sul da Itália.** Não há esperanças de rompermos o cêrco."



O dono de um café, em Trenton, Estado de New Jersey, Est. Unidos, possuía um papagaio, que tinha por costume repetir as grosserias e desaforos que os freqüentadores diziam. Certa norte, em seu apartamento, situado no sobrado, o negociante ouviu um ruído suspeito dentro das dependências do café, resolvendo verificar o que se passava. Ao descer as escadas, ouviu o papagaio gritar:

"— **Que que há, palhaço? Desapareça da minha frente, antes que lhe dê uma surra!"**

Isto foi a conta para que o ladrão saísse por uma janela, fugindo em carreira vertiginosa.

Um fazendeiro canadense, zangado com o estrago que uma gralha vinha fazendo em sua colheita, deu-lhe um tiro de espingarda. O tiro assustou o cavalo do fazendeiro, que, empinando, raspou uma das ferraduras numa pedra, produzindo fagulhas que foram atingir arbustos que se encontravam próximos, originando-se daí um incêndio, que destruiu alguns acres de terra da fazenda. A gralha, calmamente, levantou vôo e afastou-se.

Durante vários domingos seguidos, a congregação da igreja de São Nicolau, próxima de Canterbury, na Inglaterra, sentia-se inquieta e desorientada com certo ruído, semelhante ao ressonar de alguém e que se fazia ouvir durante os sermões. Finalmente, um dos congregados decidiu subir ao fôrro do telhado da igreja, encontrando ali uma velha coruja a roncar!

Pescando num riacho alpino próximo da cidade de Chambery, na França, um camponês, após haver fisgado uma truta, ia colocá-la dentro da sacola, quando uma águia, baixando repentinamente seu vôo, tentou roubar-lhe o peixe. Calmamente, o pescador golpeou-a na cabeça com o caniço e, após amarrá-la cuidadosamente, levou-a consigo para casa, doando-a, posteriormente, a um jardim zoológico.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Positivamente, depois da religião, é a língua um dos mais potentes caracteres da nacionalidade."

PEDRO A. PINTO

MIUDEZAS ORTOGRÁFICAS E FONÉTICAS

O sistema ortográfico vigente corrige a escrita de centenas de palavras e indica, por um processo racional de acentuação, a correta pronúncia de muitas outras.

Vejamos alguns exemplos.

Cerzir, forma consagrada, em vez de **serzir**. Conjuga-se: **cirzo, cirges, cirge, cerzimos, cerzis, cirzem** (pres. ind.); **cirza, cirzas**, etc., (pres. subj.).

Maciço, não **macisso**, como outrora. Diz-se **ouro maciço**.

Essa, mesa mortuária, e não **eça**, como no regime ortográfico anterior.

Poder e **querer**. Os tempos dêsses verbos, outrora escritos com **z**, são hoje escritos com **s**: **pus, puseste, pôs, pusera, quis, quiseste, quisera, quisesse**.

Içar, não **issar**. Içar a bandeira.

Rubrica (grave, í), e não **rúbrica**.

Refém, pl. **reféns**, agudo.

Almaço: papel almaço.

Sossêgo, sossegar, em vez de **socego, socegar**.

Laje, lajea, não **lage, lagea**.

Majestade, em vez de **magestade**.

Têxtil, pl. **têsteis**, grave.

★

CORRESPONDÊNCIA

M. S. (Nesta) — Pede-me a indicação de algumas abreviaturas.

Ei-las:

V. Ex.ª	— Vossa Excelência
V. Ex.ᵃˢ	— Vossas Excelências
V. S.ª	— Vossa Senhoria
V. S.ᵃˢ	— Vossas Senhorias
Ex.ᵐᵒ	— Excelentíssimo
Ex.ᵐᵃ	— Excelentíssima
Ex.ª	— Excelência
Il.ᵐᵒ	— Ilustríssimo
Il.ᵐᵃ	— Ilustríssima
Dr.	— Doutor
Dr.ª	— Doutora
C.ⁱᵃ, Cia.	— Companhia
Eng.	— Engenharia
Eng.º	— Engenheiro
E. R.	— Espera resposta
E. R. M.	— Espera receber mercê
v. g. (**verbi gratia**)	— por exemplo

★

A. S. (Nesta) — A forma aportuguesada de **marron** é **marrom**, conforme registro feito no Vocabulário Ortográfico. Temos **marrão**, ad., mas com outro significado. A côr é **marron**, ou **marrom**.

E' possível que tenha havido confusão com outras palavras que, aportuguesadas, passaram a ser escritas com **ão** (**garção**, por exemplo, em vez de **garçon**).

★

G. D. (São Paulo) — Em números anteriores tratamos do assunto de sua carta.

Na verdade, não devemos dar o mesmo complemento a verbos de regimes diferentes.

A frase enviada — **gostamos e apreciamos muito os alunos** — está errada. Deve ser: **gostamos dos alunos e muito os apreciamos.**

Também não diremos: **entramos e saímos da sala.** Mas: **entramos na sala e saímos dela.**

★ ★

MÉDIA FEMININA

Um estatístico se consagrou, nos Estados Unidos, durante vários meses, ao estudo da mulher como *ser social*. Multiplicou os questionários, encheu páginas inteiras com algarismos e, finalmente, conseguiu estabelecer uma "mulher-tipo médio" segundo os seguintes dados:

A mulher norte-americana casa aos vinte e quatro anos, discute duas vêzes por mês com o marido, ameaça-o, pelo menos, oito vêzes em tôda a sua vida em comum, de regressar para *a casa de "mamãe"* — e não cumpre jamais a ameaça! Sobrevive ao marido (e não à sua mãe) de cinco anos e considera que seus filhos são os mais belos entre todos os demais.

No correr de sua existência, compra 369 chapéus, 582 vestidos, remenda 4 827 pares de meias (admirem, de passagem, a precisão dos números!) e passa quatro anos lavando a louça, três anos e oito meses a telefonar e cinco anos a tagarelar com as amigas.

Que pensam as nossas leitoras? Acreditam que a mulher brasileira responde a essas normas? Várias de nossas amigas concordaram para considerar os números ora fracos (referimo-nos aos que se relacionam com a louça e as meias) ora elevados (os relativos aos chapéus e aos vestidos) . . .

DECIDA-SE DE UMA VEZ!



SEXUAIS (POPULARES)

Nº 164 - TESTES DE MASCUL. E FEMINILIDADE .. CR$15,00
Nº 67 - ESTIMULANTES SEXUAIS 15,00
Nº 5 - GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE 15,00
Nº 4 - COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS 15,00
Nº 6 - VIGOR SEXUAL 20,00
Nº 2 - TÉCNICA E PRÁTICA SEXUAL 20,00
Nº 87 - MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS 20,00
Nº 18 - COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA 15,00
Nº 95 - ANORMALIDADES SEXUAIS 20,00
Nº 125 - PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO 20,00
Nº 126 - PSICOSSEXUALIDADE 20,00
Nº 127 - HÁBITOS SEXUAIS DO HOMEM 20,00
Nº 3 - FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO ... 15,00
Nº 145 - TIMIDEZ SEXUAL 20,00
Nº 7 - DICIONÁRIO MODERNO DO SEXO E AMOR . 15,00
Nº 66 - PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS 15,00
Nº 130 - SEXO E PSICANÁLISE 20,00
Nº 91 - ESTUDOS SÔBRE O AMOR E O SEXO 15,00
Nº 92 - CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL 15,00
Nº 166 - EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS 20,00
Nº 174 - MANUAL DA VIDA SEXUAL 20,00
Nº 180 - ENFERMIDADES SEXUAIS 20,00
Nº 191 - A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL 20,00

EDIÇÕES POPULARES

Nº 122 - DISCURSOS PARA TÔDAS AS OCASIÕES .. CR$15,00
Nº 93 - A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO 15,00
Nº 124 - PARA CONQUISTAR AS MULHERES 20,00
Nº 136 - PARA CONSQUISTAR OS HOMENS 20,00
Nº 9 - DICIONÁRIO DA MITOLOGIA 15,00
Nº 80 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - I VOL. ... 15,00
Nº 144 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - II VOL. ... 15,00
Nº 189 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - III VOL. ... 15,00
Nº 88 - DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS - I VOL. . 15,00
Nº 8 - DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS - II VOL. . 15,00
Nº 169 - ANEDOTAS 15,00
Nº 185 - CONTOS DO VIGÁRIO, Pulo dos Nove, etc. 15,00
Nº 165 - DECLARAÇÕES DE AMOR 15,00
Nº 155 - OS TRÊS MOSQUETEIROS(em quadrinhos) 15,00

APERFEIÇOAMENTO PESSOAL

Nº 139 - COMPLEXO DE INFERIORIDADE .... CR$20,00
Nº 23 - COMO SE FAZER AMAR 15,00
Nº 33 - SEGRÊDOS DE HOLLYWOOD 20,00
Nº 82 - DESENVOLVA A MEMÓRIA 10,00
Nº 149 - REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL 15,00
Nº 153 - FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO ... 15,00
Nº 156 - ASSIM SE EMAGRECE, COMENDO 15,00
Nº 161 - CONQUISTE AMIZADES 15,00
Nº 159 - APRENDA A VIVER 15,00
Nº 59 - SEMPRE JOVEM E BELA 30,00
Nº 167 - FILOSOFIA DA VIDA E DO PRAZER 15,00
Nº 170 - APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE 15,00
Nº 172 - PRÁTICAS DO EXISTENCIALISMO 15,00
Nº 182 - REGRAS PARA VENCER NA VIDA 15,00
Nº 183 - CONSTRÓI A TUA PERSONALIDADE 15,00
Nº 186 - VOCÊ SABER CONVERSAR? 15,00
Nº 192 - 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS 15,00

LITERATURA POPULAR

Nº 131 - SENSUALIDADE - I VOL. .... CR$20,00
Nº 132 - SENSUALIDADE - II VOL. 20,00
Nº 35 - A DAMA DE ESPADAS (E CONTOS) 10,00
Nº 81 - CENAS DE AMOR(dos melhores romances) . 10,00
Nº 65 - O BANHO, O BEIJO E OUTROS CONTOS .. 15,00
Nº 17 - MORTES CURIOSAS E ESTRANHAS 10,00
Nº 63 - OS SEIS NAPOLEÕES (E CONTOS) 10,00
Nº 128 - BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES .. 15,00
Nº 140 - A CARNE — Julio Ribeiro 25,00
Nº 28 - SELEÇÕES DE RUY BARBOSA 15,00
Nº 178 - GRANDES CORTESÃS - I VOL. B. de Kock 15,00
Nº 179 - QUO VADIS — H. Sienkiewicz 10,00
Nº 160 - NANÁ — Emile Zola 15,00
Nº 215 - A BESTA HUMANA — Emile Zola 15,00
Nº 181 - O RETRATO DE DORIAN GRAY — O. Wilde. 15,00
Nº 200 - GALERIA DE BRASILEIROS ILUSTRES 15,00

CARTAS

Nº 145 - MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS ..... CR$15,00
Nº 162 - FORMULÁRIO DE CORRESPONDÊNCIA ... 15,00
Nº 163 - MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS ... 15,00
Nº 90 - MODELOS DE CARTAS P/TODOS OS FINS . 15,00
Nº 20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR 15,00
Nº 21 - CORRESPONDÊNCIA AMOROSA 15,00

DIDÁTICOS E PORTUGUÊS

Nº 69 - CERTO OU ERRADO? Português .... CR$15,00
Nº 26 - ERROS DE PORTUGUÊS E S/CORREÇÕES . 15,00
Nº 37 - FORMULÁRIO DE MATEMÁTICA 20,00
Nº 27 - FALA E ESCREVE CORRETAMENTE 15,00
Nº 89 - VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO de Bolso . 40,00
Nº 168 - A ORTOGRAFIA CORRETA 15,00

AUTOMÓVEL

Nº 36 - MANUAL DO MOTORISTA .... CR$15,00
Nº 138 - ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL 15,00
Nº 141 - APRENDA A DIRIGIR SÒZINHO 15,00
Nº 188 - GUIA DO MECÂNICO DE AUTOMÓVEL 15,00

ARTE e DESENHO

Nº 70 - A ARTE DE DESENHAR - (GERAL) ..... CR$30,00
Nº 71 - A ARTE DE DESENHAR - (CABEÇAS) .. 30,00
Nº 72 - A ARTE DE DESENHAR - (ANIMAIS) ... 30,00
Nº 42 - A ARTE DE DESENHAR A MULHER 30,00
Nº 75 - DESENHO À BICO DE PENA 30,00
Nº 76 - ESTILOS ARTÍSTICOS(Como reconhecê-los) 30,00
Nº 44 - DESENHO DE LETRAS 30,00
Nº 1 - O NU ATRAVÉS DA ARTE 20,00
Nº 40 - RESIDÊNCIAS BRASILEIRAS 40,00

POESIAS

Nº 84 - POESIAS DE GONÇALVES DIAS .... CR$10,00
Nº 175 - AS PRIMAVERAS — Casimiro de Abreu ... 10,00
Nº 176 - CANÇÕES DO EXÍLIO — Casimiro de Abreu . 10,00
Nº 121 - OS ESCRAVOS — Castro Alves 10,00
Nº 46 - ESPUMAS FLUTUANTES — Castro Alves . 10,00
Nº 60 - HINOS DO EQUADOR — Castro Alves 10,00
Nº 142 - CACHOEIRA DE PAULO AFONSO — C.Alves 10,00
Nº 143 - ENCANTOS DA MULHER NUA (Poesias) .. 15,00
Nº 53 - DICIONÁRIO DE RIMAS 15,00
Nº 171 - APRENDA A FAZER VERSOS 15,00
Nº 154 - TROVAS E MODINHAS POPULARES 15,00
Nº 177 - SUCESSOS MUSICAIS (Sambas e Valsas) .. 15,00

LÍNGUAS

Nº 31 - ESPANHOL EM QUADRINHOS .... CR$12,00
Nº 30 - ALEMÃO SEM MESTRE 12,00
Nº 24 - ITALIANO SEM MESTRE 12,00
Nº 25 - FRANCÊS SEM MESTRE 12,00
Nº 32 - YES SIR! - INGLÊS SEM MESTRE 12,00

ESPORTES

Nº 176 - GUIA DE MASSAGENS NOS ESPORTES ... CR$15,00
Nº 135 - NATAÇÃO SEM MESTRE 15,00
Nº 129 - JIU-JITSU SEM MESTRE 15,00
Nº 137 - HABILIDADES E PROEZAS 15,00
Nº 190 - REGRAS OFICIAIS DO FUTEBOL 15,00
Nº 211 - REGRAS OFICIAIS DO BASQUETEBOL 15,00
Nº 173 - REGRAS DO FUTEBOL DE MESA 15,00

CURIOSIDADES - MÁGICAS - PASSATEMPOS

Nº 123 - TÁTICAS DO XADREZ .... CR$15,00
Nº 51 - REGRAS DOS JOGOS DE CARTAS 15,00
Nº 157 - COCK-TAIL DE PALAVRAS CRUZADAS .. 10,00
Nº 22 - QUEBRA-CABEÇAS, MÁGICAS, PASSAT. ... 15,[illegible]
Nº 150 - CURIOSIDADES E EXTRAVAGÂNCIAS ... 15,00
Nº 151 - FATOS CURIOSOS E [illegible] ... 15,00
Nº 158 - APRENDA A FAZER MÁGICAS(?) ... 15,00
Nº 34 - TESTES PARA [illegible] CONHECIMENTOS ... 10,00
Nº 78 - TESTES DE INTELIGÊNCIA ... 10,00

OCULTISMO

Nº 194 - O VERDADEIRO LIVRO DE S.CIPRIANO .. CR$15,00
Nº 94 - A SANTA CRUZ DE CARAVACA 15,00
Nº 12 - COMO INTERPRETAR OS SONHOS 10,00
Nº 11 - AS CHAVES OCULTAS DO PODER 15,00
Nº 13 - COMO LER OS PENSAMENTOS 15,00
Nº 14 - COMO LER AS MÃOS 15,00
Nº 10 - ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA . 15,00
Nº 39 - COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS ... 15,00
Nº 64 - GRAFOLOGIA PRÁTICA 15,00
Nº 152 - OS SONHOS, O RISO E AS MULHERES 15,00
Nº 15 - HIPNOTISMO PRÁTICO 15,00
Nº 147 - MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR 15,00
Nº 198 - AS CHAVES DE SALOMÃO 15,00
Nº 197 - HOROSCÓPIOS PARA TODOS 15,00

COZINHA-RECEITAS

Nº 79 - A COZINHA FRANCESA .... CR$10,00
Nº 85 - A ARTE DE FAZER DOCES 15,00
Nº 86 - A COZINHA NORTISTA 10,00

PROFISSIONAIS

Nº 98 - DATILOGRAFIA SEM MESTRE .... CR$15,00
Nº 146 - RÁDIO PARA PRINCIPIANTES 15,00
Nº 16 - CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR .. 15,00
Nº 49 - MULTIPLICAÇÃO DE PLANTAS 15,00
Nº 50 - ENXERTIA PRÁTICA (c/figuras) 15,00
Nº 29 - MANUAL DO DETETIVE AMADOR 10,00

VENDAS:

RIO:
AVENIDA RIO BRANCO, 25

RUA DO OUVIDOR, 150

RUA DO MÉXICO, 128 1ª Sobre-Loja 3

SÃO PAULO:
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO 403

INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL
ENVIE SÒMENTE PARA O RIO DE JANEIRO, O SEU PEDIDO PELO TALÃO ABAIXO:

Editora
FERTIM(?) CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 1-8 - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA! EM COMBINAÇÃO COM A «BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.» LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

ÁLBUM - REVISTA DA SEMANA

Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país!

O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em súas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!



O ÁLBUM - REVISTA DA SEMANA

E' UM MARAVILHOSO BRINDE QUE A "REVISTA" OFERECE AOS SEUS LEITORES! 244 PRÊMIOS NO VALOR TOTAL DE 208 MIL CRUZEIROS PARA OS LEITORES! AGUARDEM O LANÇAMENTO DENTRO DE ALGUNS DIAS!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S.A.
Rua Vis. de Inhaúma, 134 . 4.º and. - Rio

REVISTA DA SEMANA
R. Visc. de Maranguape, 15 - Lapa - Rio

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM NOVEMBRO DE 1952

1 — SEGUNDA-FEIRA — Os círculos alemães recebem com azedume os resultados das eleições, tendo o Chanceler Adenauer declarado que não reconhece o pleito como uma expressão da vontade do povo sarrense. ★ O Departamento do Comércio dos Estados Unidos divulga uma estatística acerca do intercâmbio comercial mantido com os países latino-americanos durante os primeiros nove meses de 1952 — Segundo a estatística, aumentaram sensìvelmente as compras dos Estados Unidos em nosso país. ★ O prêmio «Goncourt» foi conferido a escritôra Beatrice Bock, com o seu romance «Leon Morin - Pretre». ★ O Vice-Diretor Geral da Unesco, Sr. John W. Taylor, foi eleito para substituir, interinamente, o Sr. Torres Bodet. ★ Na Comissão Política da O. N. U., o Delegado da Índia sustenta as bases conciliatórias da fórmula apresentada pelo seu país. ★ Divulga-se que o Chanceler brasileiro empreenderá no próximo dia 7 a viagem de regresso ao Brasil, após uma visita ao sul dos Estados Unidos. ★ Chega o Sr. Juan Manuel Peña Prado, Presidente da Câmara dos Deputados do Peru.

2 — TÊRÇA-FEIRA — A Comissão Política da O. N. U. rejeita a proposta da Rússia para a suspensão imediata das hostilidades na Coréia. ★ Divulga-se que o General Eisenhower já estaria a caminho da Coréia. ★ O Chanceler Schuman tece considerações em tôrno dos resultados das eleições realizadas domingo último no Sarre, que foram apontados como favoráveis à França ★ Noticia-se que o General Eisenhower escolheu os Srs. Martin Durkin e Sinclair Weeks, para Secretário do Trabalho e do Comércio, respectivamente. — O Senador Taft aponta como «incrível» a escolha do primeiro, que pertence ao Partido Democrata. ★ Os Primeiros Ministros dos países da Comunidade Britânica, reunidos em Londres, debatem o apelo da África do Sul, no sentido de ser elevado o preço do ouro, para auxiliar o retôrno à conversibilidade da libra esterlina. ★ Falece o estadista italiano Vittorio Emanuele Orlando. ★ O Presidente da República assina decreto assegurando ao algodão da zona meridional do país a garantia de preços mínimos.

3 — QUARTA-FEIRA — Executados os antigos colaboradores do Partido Comunista da Tchecoslováquia, entre os quais o ex-Secretário Geral Slanesko, acusado de conspiração contra o regime. O julgamento dos acusados foi apontado como sendo de caráter anti-semista. ★ Prestigiado pelo Exército, o Coronel Perez Jimenez, que ocupava na Junta Governamental o cargo de Ministro da Defesa, assume o Govêrno da Venezuela, fazendo uma proclamação à Nação, na qual declara que prosseguirão as providências para que o país retorne à vida constitucional. ★ O Embaixador Souza Leão Gracie fêz um apelo no sentido de que retornem à normalidade as relações comerciais entre o Brasil e a Inglaterra. O Embaixador brasileiro enalteceu a posição assumida pelo Govêrno britânico. ★ O Chanceler Adenauer pede ao Parlamento de Bonn a pronta ratificação dos Convênios assinados com os aliados — Adenauer chama a atenção dos parlamentares acerca dos perigos que ameaçam o país, que não poderá permanecer desprotegido. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Nuno Simões.

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-12

4 — QUINTA-FEIRA — O «premier» Winston Churchill anuncia, na Câmara dos Comuns, que o seu Govêrno teria que reduzir as verbas previstas para o programa de produção de defesa do ano fiscal de 1953. ★ O Chanceler Adenauer decide pedir o adiamento da ratificação dos tratados de Bonn e de Paris, após ter sido informado que a Côrte Constitucional julgaria algumas de suas disposições, incompatíveis com a Constituição ★ O Sr. Luís Paganini Sanchez, em nome dos exilados venezuelanos, declara em Buenos Aires que «o plano da comédia eleitoral, preparado pela ditadura, foi descoberto ante a opinião pública mundial, numa política que constitui o mais descarado desafio ao povo venezuelano. ★ Chega a esta Capital S. Eminência o Cardeal Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva. ★ Pede demissão do cargo de Prefeito do Distrito Federal o Sr. João Carlos Vital. ★ Em vôo de treinamento, explode um bombardeiro do 1.º Grupo de Caça, ocasionando a morte do oficial aviador que o pilotava.

5 — SEXTA-FEIRA — Revelam círculos oficiosos que o General MacArthur afirmou ter um plano para acabar com a guerra na Coréia. Tal notícia causa a maior sensação em Washington e na séde da Sociedade das Nações. — O Presidente Truman declara que MacArthur ou qualquer outro cidadão, norte-americano ou não, no caso de possuir um plano real para o fim da guerra na Coréia, ou em qualquer outra parte, tem o dever de comunicá-lo ao seu govêrno e à ONU. ★ Não parece de perfeita segurança a situação interna na Venezuela, cruzando a fronteira dêsse país centenas de refugiados políticos. ★ Receia-se nova greve geral na Itália para o próximo dia 24. ★ Treme a terra no Chile, causando felizmente apenas danos materiais.

6 — SÁBADO — A declaração de MacArthur, de que tem «um plano militar claro e definitivo» para acabar com a guerra na Coréia, provocou apelos e exigências do Congresso norte-americano para que êle fôsse consultado pelo Presidente Truman e pelo Presidente eleito Eisenhower. ★ Um avião transatlântico cubano, «Estrela do Oriente», em viagem de Madrid a Havana, cae n'água, envolto em chamas, próximo às Ilhas Bermudas, perecendo as 42 pessoas que conduzia, com exceção de quatro recolhidas ao mar. O aparelho deixara, às 3,40 minutos, a base aérea norte-americana de Kindley, na última etapa da viagem Madrid Havana, via Açores, quando um dos motores se incendiou. ★ O Departamento de Estado dos Estados Unidos anuncia que o Govêrno americano não formulará nenhuma objeção à compra de petróleo no Irã por sociedades americanas. As companhias deverão colocar-se em guarda contra possíveis ações judiciárias por parte do govêrno britânico. Êste, por seu turno, já foi informado da nova posição americana e não apresentou nenhuma resistência. ★ O cruzador «Helena», que transporta o General Eisenhower para as ilhas Hawai, viaja para êsse arquipélago à velocidade de 27 nós por hora. O navio se encontra ainda a várias centenas de quilómetros ao oéste do tufão assinalado no Pacífico. Embora se preveja que o tufão irá perdendo gradativamente violência nas próximas horas, o «Helena» prepara-se para afrontar mar agitado e chuva torrencial. ★ Várias solenidades assinalaram o início das comemorações da «Semana da Marinha», nesta Capital. ★ O Sr. Presidente da República preside, na Escola Superior de Guerra, à cerimônia de encerramento do curso de estagiários de 1952.

7 — DOMINGO — É' objeto de conversações entre Churchil e os Primeiros Ministros do Canadá, Australia e Nova Zelândia, a nova proposta dos Estados Unidos para a solução da disputa anglo-persa. ★ Em Londres circula rumores de que o Brasil contrairá um empréstimo com os Estados Unidos, destinado a liquidar os seus atrazados comerciais. ★ Instala-se em Londres a Assembléia Geral da Federação Mundial dos ex-Combatentes, da qual participam 27 países, inclusive o Brasil. ★ Chega a esta Capital o Sr. Almirante William M. Fechteler, Chefe de Operações Navais da Marinha Norte-Americana.

8 — SEGUNDA-FEIRA — Na Comissão Política, o Brasil e mais 11 nações latino-americanas apresentam uma proposta no sentido de se encontrar uma solução para a questão franco-tunisiana. ★ O Sr. Eden declara que a Inglaterra continua a considerar como propriedade da Anglo-Iranian os produtos petrolíferos do Irã. ★ O Parlamento de Israel elege para sucessor do Sr. Chaim Weizimann, na Presidência da República, o Sr. Isaac Ben Zvi. ★ Violento conflito se verifica nas ruas de Casablanca, entre fôrças policiais e bandos de nacionalistas, ocasionando a morte de 40 pessoas. Em diversas outras localidades marroquinas o ambiente era de agitação. ★ Segue para São João del Rei o Sr. Presidente da República, a fim de presidir a instalação, naquela cidade, do VII Congresso dos Trabalhadores Mineiros.

9 — TÊRÇA-FEIRA — Três senadores norte-americanos revelam que, em sua opinião, o General Eisenhower deve — e provàvalmente o fará — ouvir o que o General Douglas MacArthur tem a dizer sôbre a Coréia. Um deles, o Senador McCarthy, acrescenta que o General Eisenhower «seria inteligente se «utilizasse o gênio» de Mac Arthur na formação de quaisquer novos planos destinados a acabar com a guerra na Coréia.» ★ O Primeiro Ministro Antoine Pinay consegue o segundo voto de confiança da Assembléia Nacional, em apenas seis dias. ★ A votação é favorável ao govêrno por 307 votos contra 291, extra-oficialmente. ★ Um forte movimento de apoio à proposta latino-americana, pedindo à França e aos árabes que solucionem suas divergências na África Setemtrional mediante negociações diretas, está tomando corpo nos meios das Nações Unidas, tendo a delegação norte-americana encabeçado a campanha em prol da aceitação da referida proposta. ★ As desordens verificadas em Casablanca causam a morte a pelo menos 37 pessoas, segundo informação oficial. Dentre os mortos, 41 são marroquinos, 7 são europeus e os demais policiais marroquinos. ★ Sua Santidade

o Papa Pio XII pede aos católicos de todo o mundo que levem a cabo uma «cruzada» contra o ateismo e que se unam com o firme propósito de salvar as almas, «num grande movimento de retôrno à Fé».

10 — QUARTA-FEIRA — Divulga-se que os Estados Unidos estão dispostos a rejeitar a proposta francesa, no sentido de ser ampliado o conceito geral da organização do Tratado do Atlântico. ★ Círculos norte-americanos continuam a estudar planos para facilitar a liquidação dos atrazados comerciais do Brasil. ★ As emprêsas de navegação inglesas revelam que, em vista do desaforamento dos portos brasileiros, foram suspensas as taxas extras que eram cobradas para carregamentos destinados ao Rio de Janeiro e Pôrto Alegre. ★ Chega a Teerá o senador norte-americano Gillette. O Chanceler persa declara que não existe qualquer risco para os compradores de petróleo do Irã. ★ O Sr. Acheson qualifica de farsa o julgamento de ex-dirigente comunista na Tchecoslováquia. ★ O Sr. Presidente da República comparece à solenidade de encerramento do ano letivo da Escola Técnica do Exército, onde se procede à entrega de diplomas aos novos engenheiros militares.

11 — QUINTA-FEIRA — O Presidente Truman responde a interpretações sôbre os planos de Mac Arthur para a Coréia, dizendo entre outras coisas que êles já são bem conhecidos do Estado Maior Geral. Truman qualifica de demagogia a viagem de Eisenhower à Coréia e diz que, enquanto fôr Presidente, não permitirá o repatriamento forçado de prisioneiros. ★ Reveladas declarações do chanceler João Neves da Fontoura, referentes à possibilidade de evitar-se uma nova guerra mundial. ★ Divulgado comunicado da Associação de Comércio e Indústria de Nova York, referindo-se às conseqüências dos atrazados comerciais do Brasil. ★ Os países da Comunidade Britânica aprovam um vasto plano para o desenvolvimento de seus recursos naturais. ★ O Sr. Philipp Etter é eleito Presidente da Confederação Helvética — Renuncia o Diretor Geral da Organização Mundial de Saúde, Sr. Brock Chisholm ★ A Argentina envia nova nota ao Uruguai acêrca das divergências sôbre as ilhas Malvinas. ★ A Chancelaria venezuelana dá divulgação ao resultado das eleições realizadas no país, o qual favorece ao Govêrno. ★ Assume o comando da Escola Superior de Guerra o Sr. General Juarez Tavora, sendo o cargo transmitido pelo Sr. General Oswaldo Cordeiro de Farias. ★ Falece o Sr. Dr. Manoel Thomaz de Carvalho Brito, ex-Deputado Federal.

12 — SÊSTA-FEIRA — O «Comitê» do Partido Radical e Radical-Socialista do Marrocos aprova unanimemente moção lamentando a intervenção da O. N. U. na questão marroquina. ★ Em conseqüência do levante em que o Prefeito de Guayaquil, Sr. Carlos Guevara Moreno, tentou assaltar a Base Aérea e apoderar-se de armas para atacar em seguida as unidades militares locais, ha em Quito seis detidos por ordem do govêrno e outros vários estão encarcerados em Guayaquil. ★ O Embaixador do Irã nos Estados Unidos, Allah Yar Saleh, declara que nenhuma «côrte respeitável» daria veredicto contra companhias americanas que tentassem negociar com o petróleo iraniano, apesar da alegação da «Anglo Iraniam Oil Company» de que lhe pertenciam os produtos da indústria petrolífera nacionalizada do Irã. ★ A Assembléia Nacional francesa derrota o govêrno do Primeiro Ministro Pinay, rejeitando suas propostas, revisadas, para a reforma tributária, por 337 votos a 272. Como não se tratava de questão de confiança, o desfecho da votação não obriga o govêrno a renunciar. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando, para a Ordem do Mérito Naval, o Tenente-Coronel Sherman Austin Smith, da Marinha de Guerra dos Estados Unidos da América. ★ Nomeado Chefe de Polícia, em substituição ao Sr. General Cyro Riopardense de Rezende, o Sr. General Armando de Morais Ancora.

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

13 — SÁBADO — A delegação americana na Organização das Nações Unidas anuncia que os Estados Unidos recusam o visto de entreda ao Sr. Nicolai Skvortsov, um dos adjuntos do Diretor de Assuntos Políticos do Secretariado da ONU, a quem acusa de se ter envolvido em atividades de espionagem. ★ Um avião particular explode, caindo ao solo, no momento em que aterrissava no aeródromo de Havana. As três pessoas que se encontravam a bordo foram queimadas vivas. ★ As fôrças sul-coreanas são forçadas a abandonar uma posição situada a noroeste de Yonchon, no «front» ocidental. Essas fôrças haviam consegui-

do ocupar a mencionada posição, mas, violentos ataques comunistas, com o apoio de poderosa barragem de artilharia, obrigaram os sul-coreanos a recuar. ★ O Sr. Presidente da República preside as cerimônias em homenagem ao Almirante Tamandaré, junto ao monumento do Patrono da Marinha.

14 — DOMINGO — Falece o escritor português Teixeira de Paschoais — 500 trabalhadores italianos retiram-se do Partido Comunista e filiam-se a partidos democráticos. ★ Passa pelo pôrto de Plymouth, a bordo do «Libertá», o Chanceler da Rússia, Sr. Vichnsky. ★ Nova e grave sublevação no campo de prisioneiros comunistas da ilha de Pougam. Nas ocorrências morrem 82 prisioneiros. ★ O Govêrno do Egito protesta contra o voto da Inglaterra na questão entre os países árabes e o Estado de Israel ★ Em Paris, o General Ridgway pede a imediata construção de mais 35 pousos para a aviação dos países da NATO.

15 — SEGUNDA-FEIRA — A China Comunista, imitando a Rússia, comunica às Nações Unidas que rejeitava o plano de paz elaborado pela Índia para a Coréia. ★ A negativa de Pequim é lamentada pelo Primeiro Ministro Nehru e pelos círculos da O. N. U. ★ A Liga Árabe estuda sua atitude em relação à questão com os israelitas. ★ Toma posse do cargo de Ministro do Superior Tribunal Militar o Sr. General de Exército Pedro Aurélio de Góes Monteiro. ★ Prosseguem os trabalhos do II Congresso da Organização Regional Inter-americana dos Trabalhadores. ★ Em São José dos Campos, realizou-se a cerimônia da formatura de mais uma turma de engenheiros da Aeronáutica

16 — TÊRÇA-FEIRA — O Conselho do Atlântico, reunido em Paris, aprova a nomeação do Vice-Almirante Lord Mountbatten para o comando das marinhas aliadas no Mediterrâneo. Esta nomeação, que completa a lista dos comandos militares e navais do Pacto do Atlântico, entrega ao Almirante Mountbatten o contrôle sôbre vitais linhas de abastecimento e comunicações em todo o Mediterrâneo. Mountbatten, de 52 anos, ficará sob o comando do General Matthew Ridgway, supremo comandante europeu. ★ O Duque de Windsor anuncia em Paris que êle e a Duquesa não comparecerão à coroação da Raínha Elizabeth II, em junho próximo. O motivo dessa ausência, segundo sua declaração, é o fato de não estar de acôrdo com o protocolo a presença do soberano ou ex-soberano de qualquer nação à coroação do rei ou raínha da Inglaterra. ★ Quatro «Migs» são abatidos e 2 outros provàvelmente destruídos e 1 danificado, no decurso de 13 combates aéreos travados na Coréia do Norte, reve-la-se; as perdas (mortos, desaparecidos, feridos e prisioneiros), desde 1945 até 1º de outubro passado, se elevam a 90.000. ★ De 1945 até o fim do corrente ano, as despêsas da França se elevaram a 1.547 biliões de francos e a 459 biliões sòmente neste ano. ★ O Brasil apresenta formalmente às Nações Unidas uma resolução expressando a esperança de que a França e o Marrocos negociem urgentemente, a fim de desenvolver as livres instituições políticas do povo marroquinos». A resolução é apresentada à Comissão Política Principal pelo delegado brasileiro Henrique de Souza Gomes. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto admitindo na Ordem do Mérito Aeronáutico o Major General da Fôrça Aérea norte-americana Robert M Webster.

17 — QUARTA-FEIRA — Realiza-se a esperada conferência entre os Generais Eisenhower e Mac Arthur, que teve como tema o plano dêsse último para a solução do conflito na Coréia. ★ Noticia o «New York Times» que foram iniciadas negociações com o Banco de Importação e Exportação, objetivando o descongelamento dos atrazados comerciais do Brasil. ★ O govêrno iugoslavo, dando prosseguimento à campanha contra a Igreja Católica, decidiu romper relações com o Vaticano. Anuncia-se que, possivelmente, o Papa chamará à Santa Sé o Cardial Stepinac. ★ O govêrno venezuelano anuncia a expulsão do país, temporàriamente, de diversos líderes oposicionistas. O Sr. Jovito Villalba, um dos chefes oposicionistas visados, e mais 6 companheiros azilaram-se no Paramá. ★ Concluído o julgamento de civis e militares implicados num plano revolucionário descoberto pela polícia portuguesa. Dois oficiais são condenados a prisão ou deportação para territórios de ultramar. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo ao posto de Marechal, o General de Exército Heitor Augusto Borges. ★ Assinado decreto pelo Sr. Presidente da República, nomeando Diretor da Divisão de Segurança Política e Social o Sr. José de Oliveira Brandão Filho. ★ Regressa aos Estados Unidos o Sr. Almirante William M. Fechteler, Chefe das operações Navais dêsse país.

18 — QUINTA-FEIRA — Os Estados Unidos acusam a Rússia de saquear a Áustria e denunciam a negativa do Kremelin de subscrever o Tratado de Paz com aquêle país, num verdadeiro ardil para assumir o contrôle da Europa Central. A Yugoslavia não se mostra favorável a tornar extensa até si, a acusação dos Estados Unidos na Comissão Política da O. N. U., tendo afirmado somente que o grosso das tropas russas só poderá permanecer alí até que seja firmado o referido Tratado. Na Comissão prosseguiram os debates sôbre a Áustria, a despeito de ter o delegado soviético Andrei Gromyko julgado questão fora da alçada da O. N. U. Recorda-se ainda, que Gromyko anunciou que os soviéts não reconheceriam qualquer decisão que fôsse adotada pela O. N. U. ★ O Sr. Presidente da República assina decretos concedendo um abono de emergência a todo o funcionalismo público civil da União; nomeando o Sr. Sílvio Fróes de Abreu, Diretor do Instituto Nacional de Tecnologia; promovendo a General de Divisão o Sr. General de Brigada da Reserva Firmino Fernandes de Morais Carneiro. ★ A Academia Brasileira de Letras elege para seu presidente o Sr. Barbosa Lima Sobrinho. ★ Realizam-se as eleições para o Conselho Federal da Ordem dos Advogados, tendo sido eleito presidente, o Sr. Odilon de Andrade. ★ Sancionado pelo Prefeito do Distrito Federal o projeto de lei que determina a criação do Departamento Municipal da Criança e do Adolescente.

19 — SEXTA-FEIRA — A comissão política decide, sem oposição, a resolução de dirigir às quatro potências da Áustria, um «apelo urgente» para que elaborem ràpidamente um tratado de paz com êsse país. Quarenta e oito países votaram a favor dessa resolução. O Paquistão e o Afganistão abstiveram-se. O grupo soviético não participou do voto. ★ O jornal do Vaticano «Osservatore Romano» declara que os representantes diplomáticos junto à Santa Sé já haviam manifestado «pesar e dor» em face da ação da Iugoslavia rompendo relações com o Vaticano. O «Osservatore Romano» acrescenta que «a notícia havia causado profunda impressão no mundo, sendo severamente julgado nos círculos políticos de vários países». ★ O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Presidente da Câmara e Representantes do Paraguai. ★ Regressa o Sr. Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores.

20 — SÁBADO — O plenário, com os votos contrários da Rússia e seus satélites, ratifica a aprovação, pela Comissão Política, da resolução patrocinada pelo Brasil, recomendando às quatro grandes potências a pronta conclusão do tratado de paz com a Áustria. E' marcada para o dia 23 a sessão de encerramento da Assembléia. ★ Anuncia-se que o Bey de Tunis, cedendo à intimação recebida de Paris, resolveu assinar dois dos dispositivos do plano de reforma elaborado pelo govêrno francês. ★ Um gigantesco avião militar norte-americano cái ao solo no aeródromo de Larson, com 132 pessoas a bordo. Anuncia-se que delas pereceram 101. ★ O «Financial Times» tece comentários em tôrno do estabelecimento do câmbio livre no Brasil. Notícia-se que prosseguem os estudos para a liquidação dos atrazados comerciais do Brasil. ★ A polícia norte-americana prende diversas pessoas envolvidas numa conspiração contra o Presidente Batista, de Cuba, apreendendo também grande quantidade de material bélico que estava sendo armazenado para o citado fim. ★ O Sr. Presidente da República preside, na Escola de Aeronáutica, à cerimônia de declaração de aspirante a oficial aviador e intendente da turma de 1952. ★ O Sr. Presidente da República recebe, no Palácio do Catete, a Comissão Interpartidária, à qual fêz entrega do projeto de reforma administrativa do país.

21 — DOMINGO — O General De Gaulle, tecendo considerações em tôrno da renúncia do Gabinete Pinay, salienta a necessidade de ser renovado o sistema político e econômico da França. ★ Grave desastre ocorre com o grande transatlântico francês «Champollion», da Companhia «Messageries Maritimes», que ficou partido em dois, na costa libanesa. O navio virou de bordo, caindo a 23 graus, quando estava a 400 metros do litoral. O mar se apresentava agitadíssimo na ocasião, impedindo tôdas as tentativas de aproximação para salvar a poderosa embarcação. Ao que parece, o novo farol do aeródromo internacional de Khalde, recentemente instalado, fizera desviar a rota do navio. ★ Restabelecido o tráfego na Ponte Internacional que liga o Brasil à Argentina. O «Federal Reserve Bank», de Nova York, faz revelações acerca da dívida comercial do Brasil.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade de Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 83 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

22 — SEGUNDA-FEIRA — A Assembléia Geral rejeita, por esmagadora maioria, a resolução soviética pedindo a condenação dos alegados «morticínios em massa» de prisioneiros de guerra coreanos e chineses nos campos americanos. Cinco países soviéticos votaram a favor; 45 países votaram contra e 10 países, em sua maioria árabes e asiáticos, se abstiveram. ★ O Sr. Presidente da República sanciona a Lei que cria o Instituto Brasileiro do Café. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto dispondo sôbre os seguros de acidentes do trabalho nas instituições de Previdência Social. ★ E' assinado decreto, pelo Sr. Presidente da República, promovendo a General de Divisão o Sr. General de Brigada Ciro Riopardense de Rezende.

23 — TÊRÇA-FEIRA — O Presidente Auriol, após procurar, em vão, dissuadir o Sr. Pinay de sua decisão em renunciar ao cargo de Chefe do Govêrno francês, resolve aceitá-la, entrando imediatamente em conferência com diversos líderes, para a formação do novo Gabinete. Aponta-se como prováveis nomes para Primeiro Ministro os Srs. Bidault e René Mayer. ★ O Departamento do Comércio norte-americano divulga dados estatísticos acerca dos capitais norte-americanos investidos em todo o mundo. ★ Notícia-se que, no acidente verificado com o navio francês «Cham-

pollion», ocorrido em águas libanesas, pereceram 18 pessoas. ★ O Sub-Secretário do «Foreigh Office», Lord Reading, refere-se às relações econômicas entre o Brasil e a Inglaterra. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Professor Francisco de Sá Lessa para o cargo de presidente da Companhia Vale do Rio Doce S. A.

24 — QUARTA-FEIRA — O Presidente Vincente Auriol inicia os entendimentos para solucionar a crise ministerial francesa, motivada com a renúncia do Primeiro Ministro Antoine Pinay. ★ Sua Santidade o Papa Pio XII afirma, em sua mensagem de Natal ao mundo, que realmente o homem conseguiu produzir máquinas complicadíssimas, como resultado de seus esforços constantes no sentido de dominar as poderosas fôrças da Natureza, mas agora mostra-se incapaz de comandar essas máquinas, defrontando-se com o risco de perder o leme e ser esmagado por elas. Em outra passagem de sua oração, o Pontífice diz que não tem a intenção de sentenciar quanto à necessidade e utilidade das formas modernas de produção que, inegàvelmente, fizeram nascer maravilhas, mas acentua que a Sociedade não pode ser organizada tal como uma gigantesca máquina industrial. ★ Noticía-se que foram encontrados documentos secretos em poder do correspondente da agência russa Tass, Lev Constantinovitch Pissarev, prêso pela polícia holandesa, sob a acusação de espionagem. ★ O Sr. Presidente da República dirige mensagem de Natal ao povo brasileiro. ★ O Sr. Presidente da República sanciona Lei dispondo sôbre a promoção, ao posto de segundos-tenentes, dos sub-tenentes, sub-oficiais e sargentos que operaram na Itália. ★ O Sr. Prefeito do Distrito Federal veta o projeto 1.000.

25 — QUINTA-FEIRA — Divulgadas respostas do Generalíssimo Stalin à uma série de perguntas do «New York Times», nas quais o Chefe do Govêrno soviético diz-se disposto a conferenciar com Eisenhower, objetivando melhorar as relações entre a Rússia e os Estados Unidos. ★ Após várias consultas entre seus correligionários, inclusive o General De Gaulle, o líder do R. P. F., Sr. Jacques Soustelle, aceita o convite do Presidente Auriol para organizar o novo Gabinete francês. ★ O Embaixador da Venezuela na Santa Sé, Sr. Pulito Mendez, declarando-se em desacôrdo com as diretrizes do novo govêrno do seu paqs, renuncia àquele pôsto. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Presidente do Instituto Brasileiro do Café o Sr. Mário Penteado de Faria e Silva.

26 — SEXTA-FEIRA — As declarações do Sr. Stalin são recebidas, de um modo geral, com ceticismo. ★ Um novo e sério incidente registra-se em Berlim, entre soldados aliados e soviéticos, quando êsses últimos pretendiam raptar para a sua zona diversos habitantes do setor ocidental. ★ Anuncia-se, oficialmente, que o Primeiro Ministro Churchill partirá para a Jamaica no próximo dia 31 e que, em sua passagem pelos Estados Unidos, entrevistar-se-á com o Presidente Truman e o General Eisenhower. ★ Falecem na Itália o crítico e escritor Pietro Panorazi e o cientista Cesare Serono.

27 — SÁBADO — Eisenhower declara que Stalin ou qualquer outro estadista sempre o encontrará pronto para debater os problemas que ameaçam a paz do mundo, mas deixa bem esclarecido que só com bases concretas e fóra da Rússia. ★ Agravados os incidentes na zona anglo-soviética de Berlim. ★ Espera-se para qualquer momento a desistência do Sr. Soustelle na tentativa de formar o novo gabinete francês. ★ A imprensa soviética enaltece o «franco oferecimento de Stalin para melhorar a política internacional, que tanto ameaça a paz do mundo». ★ Chuvas torrenciais impedem as operações na frente coreana. ★ A oposição britânica exige que Churchill revele os principais pontos de sua próxima entrevista com Truman e Eisenhower.

28 — DOMINGO — O Senador Lehman critica acerbamente a nova lei de imigração que entrou em vigor nos Estados Unidos, dizendo que ela «nega direta e cruelmente tudo o que a América é e defende» — Também diversos jornais norte-americanos combatem a citada lei. ★ O Presidente Syngman Rhee aceita o convite do General Mark Clark para visitar o Japão — Anuncia-se que os objetivos da visita se prendem ao restabelecimento das relações da Coréia do Sul com o Japão. ★ Falece a Raínha-Mãe Alexandrina, da Dinamarca, cujos funerais são marcados para o dia 4 próximo. ★ Falece Monsenhor Carlo Agostini, Patriarca de Veneza e recentemente nomeado cardial.

29 — SEGUNDA-FEIRA — O Sr. Soustelle desiste de prosseguir nas conversações para formar o novo Gabinete francês. ★ O líder degaulista diz que tomou essa atitude por ter sido o seu programa recusado pelos socialistas e radicais. ★ A incumbência de organizar o govêrno é entregue ao ex-premier Georges Bidault. ★ Convocada para hoje uma reunião do Gabinete Britânico na qual serão abordados os assuntos que servirão de tema às conversações que o Primeiro Ministro Churchill realizará com o General Eisenhower. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo a Marechal a General de Exército Renato Paquet. ★ Foi eleito presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal o Desembargador Ary de Azevedo Franco.

30 — TÊRÇA-FEIRA — Anuncia-se que os degaulistas apoiaram o programa apresentado pelo Sr. Georges Bidault para a formação do novo Gabinete, ao mesmo tempo que os socialistas negavam a sua participação no govêrno. — À última hora, noticia-se que, devido aos obstáculos surgidos, o líder do M. R. P. desiste de prosseguir nas conversações. ★ Partirá no próximo dia 5 para o Brasil, primeiro país em que tocará, uma missão econômica do Canadá, que tem como objetivo visitar nove nações latino-americanas. ★ Parte para os Estados Unidos, a bordo do «Queen Mary», o Primeiro Ministro Churchill, que conferenciará alí com o General Eise-

nhower. ★ O Papa Pio XII dirige uma encíclica aos católicos que vivem na Rússia e seus satélites, condenando a desenfreada perseguição que aí se move contra os católicos. O Sumo Pontífice acusa os comunistas de provocar, pela miséria, a derrubada e a devastação de florescentes comunidades cristãs. ★ O Sr. Edward G. Milles, que hoje deixa o cargo de Secretário de Estado adjunto, para os assuntos inter-americanos, faz declarações acêrca das relações dos Estados Unidos com as demais nações do Hemisfério, adiantando que o novo govêrno deverá manter bem viva a política de boa vizinhança.

31 — QUARTA-FEIRA — O Presidente Auriol se dirige ao chefe radical socialista, Rene Mayer, para que forme o novo govêrno. Auriol revela esta sua intenção numa recepção oferecida no Palácio dos Campos Eliseus aos correspondentes de imprensa estrangeiros. ★ O Primeiro Ministro Churchill parte de Southampton para Nova York as 10,15 horas (hora local) entre aclamação entusiàsticas dos trabalhadores das docas.

★

A QUÍMICA NAS ESTRADAS...

(Cont. da pág. 98)

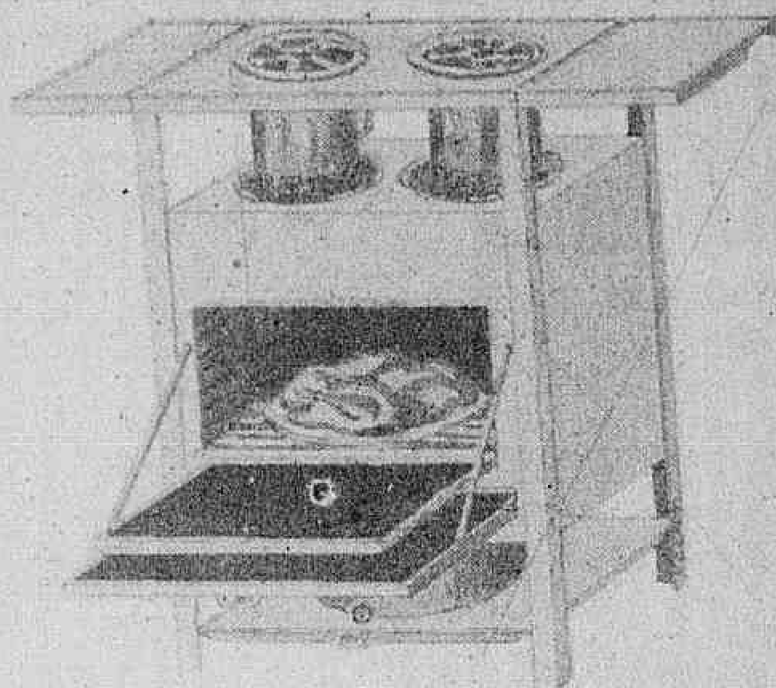
a remoção dessa crosta é da máxima importância. E essa é uma das tarefas do químico, pois a Química produziu compostos que, adicionados à água, removem ou impedem a formação de tais crostas.

PREVENINDO A CORROSÃO — Além dos sais contidos em águas naturais e que formam crostas, algumas águas contêm compostos que provocam a corrosão. Um dos elementos que mais freqüentemente produz corrosão é o oxigênio dissolvido, que raramente encaramos como um agente prejudicial, mas sim como um elemento benéfico. Êsse elemento, em solução na água, tem um efeito similar ao causado por sua presença no ar úmido, quando neste se encontra uma peça de aço. O fenômeno da ferrugem ou o oxigênio dissolvido, em conjunto com os sais em solução, age muito mais ràpidamente sôbre o aço em forma de tubos, devido à elevada temperatura da caldeira e da grande pressão a que está sujeita. Torna-se evidente, portanto, que é de grande importância eliminar os agentes contidos nas águas naturais e que provocam a corrosão. E essa é outra grande tarefa do químico.

IMPORTANCIA DA LUBRIFICAÇAO — E' difícil, para o passageiro, fazer uma idéia da soma de esforços necessária para movimentar o trem suavemente. A lubrificação de locomotivas e carros custa milhares e milhares de cruzeiros e o uso de lubrificantes adequados é da máxima importância. O químico está intimamente ligado a êsse problema e não é sòmente pelos testes a que êle submete os óleos usados para vários fins, mas pelo estudo do assunto, tanto do ponto de vista físico como químico, que se consegue o aperfeiçoamento constante dêsses lubrificantes. O tamanho das locomotivas aumentou nos últimos anos e as temperaturas do vapor têm sido elevadas a tal ponto que a lubrificação adequada dos cilindros tornou-se um problema difícil. Óleos que resistam à temperatura do cilindro duma locomotiva moderna, sem se decomporem, são relativamente raros. Torna-se necessário, portanto, selecionar os óleos com o máximo cuidado. E por meio de pesquisas, encontraram-se graxas de uma composição especial para lubrificar adequadamente os eixos e peças pesadas.

QUÍMICA — FATOR DE SEGURANÇA NAS ESTRADAS — Nos processos de sinalização das estradas de ferro, a Química desempenha um papel relevante. E' fàcilmente compreensível que os aparelhos de sinalização devam funcionar com o máximo de eficiência e precisão, por uma questão de segurança.

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

★

Um óleo especial é usado nas lâmpadas dos semáforos e um outro nas lanternas do pessoal da estrada. Substâncias químicas entram também na composição de tochas especiais como as usadas para deter a marcha de um trem quando a estrada se encontra impedida. Mesmo o equipamento elétrico usado nas operações de sinalização é sujeito a um cuidadoso contrôle químico. A contribuição da Química nesse setor é inestimável. Realmente, para o leigo, as peças de vidro dos semáforos ferroviários nada apresentam de extraordinário. Entretanto, um vidro de côr verde ou vermelha, de composição comum e manufaturado pelos métodos usuais, não preencheria os requisitos necessários, pois a luz projetada através de um vidro comum perde seu colorido quando vista de longe. Êsse foi, portanto, um problema que a Química solucionou, produzindo um tipo especial de vidro de côr, cuja luz permanece inalterável qualquer que seja a distância que a separe de seu observador.

Todos os trilhos de aço comprados são submetidos a testes químicos e físicos antes de serem aceitos. Além disso, cada trilho que venha a apresentar defeitos, quando em serviço, é examinado e quimicamente analisado a fim de se determinar, caso seja possível, a causa da irregularidade. Do conjunto das observações assim feitas resulta uma constante melhoria dos trilhos. A análise química é aplicada, de uma maneira geral, às peças quebradas de locomotivas e vagões. Verificou-se, por exemplo, que o aro de uma roda de locomotiva continha carbono em demasia. Isso havia tornado o aro excessivamente duro e quebradiço para o trabalho a que se destinava. Um outro problema importante na solução do qual o químico desempenha um papel preponderante, é o da preservação da madeira. Um tratamento adequado com óleo de creosoto, clorureto de zinco, ou uma mistura de ambos, aumenta grandemente a vida dos dormentes.

CARTOMANCIA

FIFI (solteira, Minas Gerais) — Vejo que um homem da lei será seu defensor, num caso de difamação. Dentro de uns dois anos, sofrerá pequeno acidente. Uma criança desta casa será distinguida com um prêmio justo. Vida prolongada.

NENÊ (20 anos, solteira, M. Gerais) — Procure se acautelar ocm os tóxicos, pois há indícios de que será vítima dêles. Com a chegada de uma carta, ficará a par de boas novidades. Depois de uma pequena viagem, sua situação financeira se modificará. Para seu futuro, noto calma e abastança.

LUÍSA (20 anos, solteira, R. de Janeiro) — Agradável a combinação de cartas em seu mapa. Noto que sua côr usual deve ser o verde claro. Noto uma intriga tentando envolver seu nome. Uma mulher morena e gorda lhe dará sensatos conselhos. Um casamento, breve, alegrará sua casa.

SINHÁ DONA (18 anos, solteira, S. Paulo) — Em primeiro lugar, noto que seus novos empreendimentos devem ser fetios em dias pares. Possui gênio calmo, amor às artes. Uma amiga lhe dará boa notícia. Vejo a chegada de alguém que há muito se ausentou. Sua pedra talismã deve ser a esmeralda.

PIERRETE (solteira, D. Federal) — Sua consulta veio incompleta, pois esqueceu de juntar ao "coupon" o mapa preenchido com os valores das cartas. Êsse mapa é essencial para o estudo. Renove a consulta.

CORINGA (22 anos, solteiro, Paraná) — Um negócio há muito planejado será agora executado com êxito. Durante uma pequena viagem, colherá lucros. Noto uma questão de dinheiro sendo resolvida a seu favor. Seus dias futuros se apresentam ditosos.

JANET (19 anos, solteira, R. Janeiro) — Pelas cartas de seu mapa noto que a consulente, muito breve, vai realizar um desejo, há muito aguardado. Surgirá pequena discórdia entre membros de sua família por causa de política. Em horas de refeições receberá novas alviçareiras.

PERCÍLIA (20 anos, solteira, R. Janeiro) — Noto pequena desavença em sua família, motivada por questões de herança. Uma de suas amigas será vítima de pequeno acidente. Vejo seu nome sendo bastante elogiado, durante uma festa. Seus dias felizes serão têrças e sábados. Vida longa e feliz.

LARRY (solteiro, D. Federal) — Vejo que um homem de boa situação financeira e generoso o auxiliará. Uma jovem clara lhe dirá palavras significativas. Alcançará êxitos no futuro, pois possui fôrça de vontade, amor ao trabalho. Sua pedra usual deve ser a safira.

MADAME DU (São Paulo) — Em ocasião oportuna receberá um dinheiro já dado como perdido. Será convidada para uma festa onde será bastante elogiada. Noto que sua correspondência será violada, com más intenções. Receberá pequeno objeto que muito a agradará.

JOANI (21 anos, solteira, S. Paulo) — Durante uma reunião social, alguém lhe despertará vivo interêsse. Noto o reaparecimento de uma jóia de valor estimativo. Por via marítima receberá uma carta, de quem há muito partiu, mas, deixou saudades. Os dias ímpares lhe serão mais propícios.

RUMBEIRA (22 anos, solteira, S. Paulo) — A seu lado vejo um jovem de boa índole, procurando agradá-la. Uma pessoa do seu círculo de relações dará provas de grande sinceridade. Uma pequena enfermidade a prenderá ao leito. Procure usar roupas de tonalidades claras.

PIPOCA (Rio de Janeiro, solteira) — Harmoniosa a combinação de cartas em seu mapa. Noto que uma alegria lhe será proporcionada por uma carta. Em horas de refeições travará boa amizade. Há indícios de casamento venturoso. No porvir alcançará êxitos.

LINDÓIA (Distrito Federal, 22 anos) — Em primeiro lugar vejo que a consulente será prêsa de ligeira enfermidade. Uma mulher de sua amizade, lhe prestará valioso auxílio. Um dinheiro lhe será pago, em ocasião oportuna. Terá existência longa e calma.

INCRÉDULA (Belo Horizonte, solteira) — Vejo grande alegria nesta casa, motivada por um enlace feliz. Uma criança morena sofrerá pequeno acidente, que causará cuidados. Noto o reaparecimento de um objeto há muito perdido. Fará uma pequena e proveitosa viagem. Tenha cuidado com os tóxicos.

VENINA (Rio de Janeiro, 21 anos) — Noto pequeno constrangimento entre pessoas de sua família devido a um mal-entendido. Um homem da lei estará a seu favor, num caso de intriga que surgirá. Entre suas amigas, uma lhe dará provas de grande sinceridade.

SANTA FÉ (Nilópolis, 20 anos) — Sua consulta ficou prejudicada, pois você esqueceu de juntar ao "coupon" o mapa devidamente preenchido com as cartas. Renove e lhe atenderemos.

NEUSA D (Nilópolis, 19 anos) — Leia a resposta dada à consulente Santa Fé. Seu caso é idêntico.

SIMPLICIDADE (Ipanema, solteira) — Pequeno atraso em sua correspondência lhe causará inquietação. Noto uma mulher de côr parda procurando sua derrota num caso de amor. Seus dias propícios serão os pares. Será convidada para um passeio onde colherá sucessos. Futuro ameno.

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA A VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — Nº 9 FEVEREIRO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno
Brasileiro, 9ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes
Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua
Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

1º TORNEIO

Janeiro-Março

ENIGMAS

Ao velho amigo dr. Lavrud

— 54 —

Em tudo, por sua primazia,
coloca-se primeiro a "mulher"
Depois, nada, porque a *folia*
da vida é só quanto Ela quer...

Mascobei (Barra do Mendes — Bahia)

— 55 —

Esteja seguro:
Se lá, no trocar,
Dinheiro faltar,
Ficou no *monturo*...

Dr. Jofran (Fortaleza — Ceará)

— 56 —

Você há muito se arrisca
Com o jôgo do violar;
Tome cuidado, entretanto
Que o *lôgro* vai ser de amargar.

Sertanejo II (Lavras)

— 57 —

Camaradista conversador
Sem dó aos que o auscultam,
Não percebe ser maçador
E que afinal o escutam
Conversar futilidades.

Sefton (Rio)

— 58 —

Ao Ronega

Um porco, depois do sol,
Com o olhar tristonho fulgindo,
Achou-se, por certo, lindo
À fraca luz do arrebol;
E, vendo o sol no ocidente,
Com um espelho luzente,
Soltou um forte grunhido,
Qual se êle ao longe avistasse
Um irmão gêmeo que o olhasse
Por tê-lo *reconhecido*.

Lutércio (Rio)

CHARADAS CASAIS

59 — Três — Depois do *caso julgado*, tudo é *coisa insignificante*.

Acobar (Maceió) Com um abraço ao Debrito.

60 — Quatro — Você não *nota* como aquela mulher tem uma *percepção aguda?*

Bisilva (Manaus)



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas DeWITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

61 — Cinco — Procedimento *irrefletido* é o de tôda pessoa *irriquieta*.

Conde de la Fére (Salvador)

62 — Duas — Pela sua orientação esclarecida e esfôrço *persistente*, na sobrevivência dessa magnífica secção, o mestre *Lavrud* merece o *aplauso* agradecido dos seus colaboradores.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

Para o K. Nivete

63 — Três — Quando *encrespo* o cabelo, sinto uma *coisa àspera* na cabeça.

Debrito (Recife)

64 — Duas — Em que se *fia* aquêle "cabra" *ignorante* para fazer crítica sistemática ao Govêrno?

Dr. Zepauta (Alagoas)

65 — Três — E' *extraordinário* como certas pessoas acreditam em *encanto!*

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

66 — Três — *Pessoa de pequena estatura* costuma-se chamar de *camundongo*.

Fusinho (Bangu — Rio)

67 — Três — Quem se *desespera* com o seu próprio *tormento* será eternamente infeliz.

Heliotropio (Pôrto Alegre)

68 — Duas — No *açougue*, qualquer dia, só se encontrará carne pagando *imposto*.

Matsuk - C.E.C. (Rio)

69 — Três — O beco que *está ao lado* da igreja tem um grande *declive*.

Mosquito (Rio)

70 — Três — Fico *vexado* quando vejo uma pessoa *perseguida* injustamente.

Sefton (Rio)

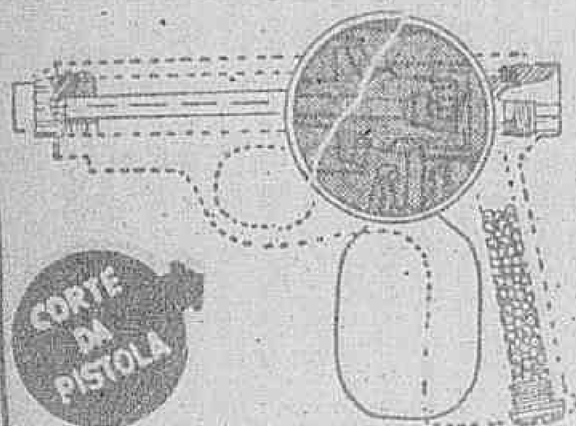
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

Tel. 52-9966



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

71 — Três — A *medianeira* anda à procura de um *auxiliar*.
Seamva (Santos)

---

72 — Quatro — Aquêle *pobre diabo* tem uma grande *ferida* na perna.
Bisilva (Manaus)

---

73 — Três — Quanta *discórdia* provoca uma *intriga!*
Dr. Jofran (Fortaleza, Ceará)

CHARADAS ANTIGAS

— 74 —

E' o interesse privado
Que *faz mudar de partido* — 2
Um prócer, cuja atitude
Choca o povo, já cansado
Com tanto *revés* sofrido — 2
E tanta *vicissitude*.
Jovaniro - CEC. — (Rio)

— 75 —

Nossa casa em riso aberta
Que era, está, agora, deserta
Como um ninho abandonado;
Depois que tu foste embora,
Parece que tudo *chora* — 3
No meu pranto amargurado.

Onde a beleza, a alegria, — 1
Nesta casa tão vasia
Com tua ausência, querida?...
— Tudo, agora, terminado...
Só, no meu peito *machucado*,
Esta saudade sentida...
Mascobei (Barra do Mendes — Bahia).

CHARADAS SINCOPADAS

76 — Três (duas) — Meu *guia* trazia sempre um vistoso *cachimbo*.
Adolfo Tuchman (Rio)

77 — Três (duas) — O *caboclo* brasileiro é *misantropo*.
Dr. Legnar (Urupês - S.P.)

ARTISTAS VELHOS E MOÇOS

LEIAM COM ATENÇÃO

A época atual, agitada, febril e enervante, exige do homem grande fôrça de vontade para vencer tôdas as dificuldades que se lhe deparam na árdua luta pela existência. Quando um homem tem o sistema nervoso descontrolado, quando sofre de insônia e falta de memória, êle não pode, de forma alguma, firmar a sua vontade, candidatando-se, assim, a inteiro fracasso no exercício da sua profissão. Em tais casos, torna-se imprescindível o uso de um tônico poderoso, que combata rápida e eficazmente o mal. Ésse tônico só poderá ser «Gôtas Mendelinas», o surpreendente restaurador do sistema nervoso, o remédio que faz maravilhas pelo seu poder curativo.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

78 — Três (duas) — No *transitório esponha* sua iniciativa.
Dr. Jofran (Fortaleza - Ceará)

---

99 — Três (Três duas) —
Estou bem *certo*, meu bem,
Que te amar já não convém
Por teres grande defeito.
Assim, depois de *casado*
Não me dando resultado,
Ninguém mais pode dar jeito.
Euclides Vilar (Campina Grande)

---

80 — Três (duas) — *O avarento desmaiou* ao receber a citação.
Gil Virio (Andradina)

---

81 — Três (duas) — O *amuado* tem *qualquer cousa* de imbecil.
Jayreis (Salvador)

82 — Três (duas) — Que *criança* tão *maçante* é o seu filho!
K.T.Q.Z. (S. Paulo)

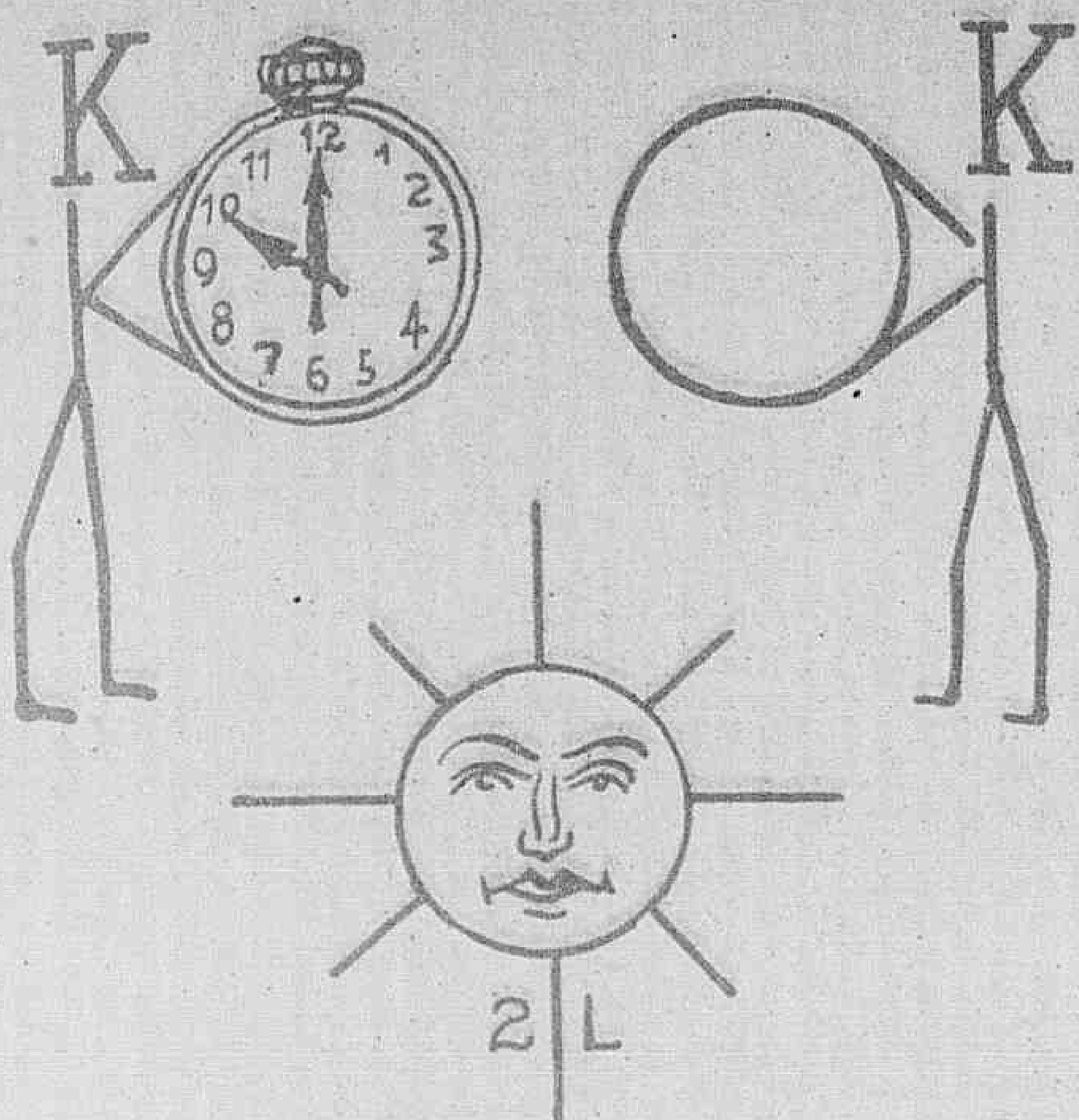
COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



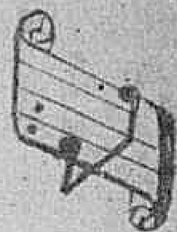
Guilherme Tell (Rio)













Sotnas (Rio Grande)

83 — Três (duas) — De *bom grado* vou de *encontro* ao seu pedido.

Malba Tantan — *P.S.* — *C.E.C.* (Santos)

---

84 — Três (duas) — Pescar no *charco*, só um louco e quando faz *cacoete*.

Marcimento (S. Paulo)

---

85 — Três (duas) — O *pobre diabo* foi prêso por ter furtado uma *galinha*.

Sertanejo II (Lavras)

---

86 — Três (duas) — Esta charada é para o *cabeça* do grupo que é um *homem austero*.

Sertaneja (Rio)

---

87 — Três (duas) — Ninguém *pesca* com o *desejo de fazer mal* aos peixes.

Velo-Vela — C.E.C. (Rio)

---

88 — Três (duas) — Hoje em dia são raras as pessoas de *caráter forte*.

Zytho (Rio)

---

89 — Três (duas) — Jogou a *escora* no desafeto e aguardou a *desforra*.

Scobar (Maceió)

---

90 — Três (duas) — Aquela *multidão* ululante clama em vão, contra o nefando suplício da *fogueira*, a que os duros inglêses haviam condenado a valorosa pastora de Orleães.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

SOFRE DE ASMA?

Só a expectativa de um acesso de asfixia asmática, com seu cortejo aterrador, abate o espírito mais resistente. Ser asmático é viver sempre debaixo dessa obsessão nervosa e dissolvente. O remédio do dr. Reyngate, a salvação dos asmáticos, combate eficazmente, não só a própria asma, como qualquer bronquite crônica ou não, tosses, chiados, dores do peito, asfixias, coqueluche, etc. Com o remédio do dr. Reyngate, o preparado puramente vegetal, o doente adquire imediato alívio, voltando sua respiração logo ao ritmo natural.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

91 — Três (duas) — Quando o pavão *gritar* e *saltar*, aparecerá logo um vagabundo.

***Edur Gomes Monteiro* (Cuiabá)**

92 — LOGOGRIFO

Deixo a *terra* — 1-9-5-5-3
Sangrando o peito,
A alma em pranto, - 6-1
O coração desfeito
Em lágrimas.
***Malogrado* - 4-3-5-3**
O sonho,
***Abrigo* - 1-6-7-3**
Em meu peito amigo,
Apenas o *amuleto* - 4-5-2-4-5-8
(Sombra de minha esperança.)
Deixo a terra
Com a felicidade de ter vivido,
Com a ilusão de ter vencido,

Clube de Correspondência

Intercâmbio Cultural, Sentimental e Social

Se V. deseja fazer Amizades ou conhecer pessoas do sexo oposto, com propósito Sentimental ou Cultural, podemos ajudar-lhe.

Temos listas com centenas de descrições e fotos de pessoas sinceras e de ótima aparência, de tôdas as posições sociais, religiões e graus de cultura, que desejam corresponder-se.

Atenção especial à cada associado e máximo segrêdo.

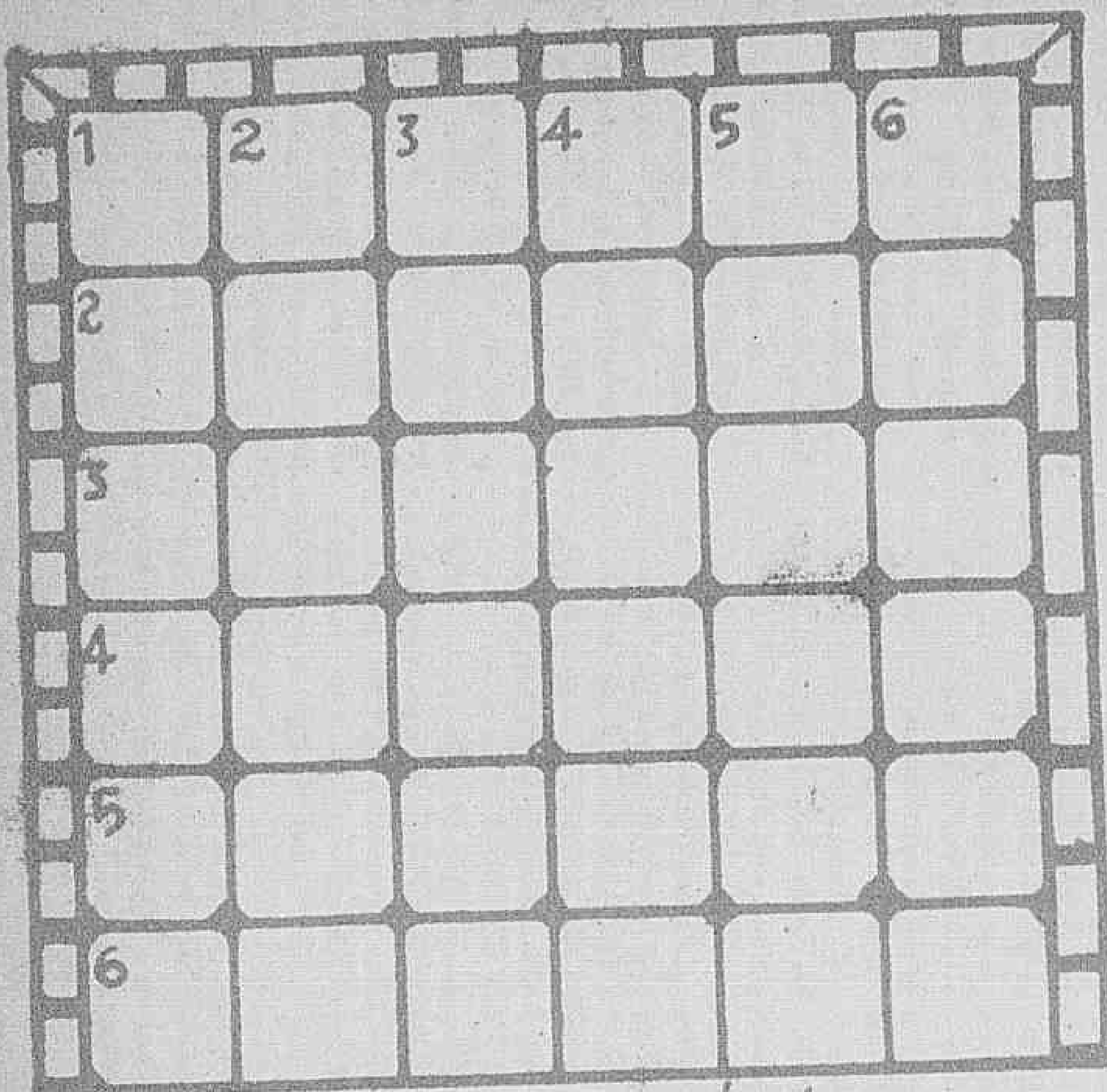
Escreva-nos hoje. Mencione o seu enderêço a esta revista e receberá GRÁTIS um folheto informativo.

Clube de Correspondência — Caixa Postal 2632 — S. Paulo

(Nossos envelopes não têm timbre)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 3



Edur (Cuiabá)

Horizontais e Verticais: — 1 — Nome genérico dos sais e estezereis dos ácidos bóricos; 2 — Deus benéfico dos Egipcios, adversário de Tifon, deus do mal; 3 — Provocam; 4 — Curvado; 5 — Bacante; 6 — Difusão de substâncias liquidas ou dissolvidas através de uma membrana.

PROBLEMA Nº 4



Radge (Recife)

Horizontais: — 1 — O demônio; 7 — Respeitar; 8 — Original; 9 — Encrespar; 10 — Estrada estreita; 11 — Escolherás.

Verticais: — 1 — Frade pernambucano, tomou parte na revolução de 1824; 2 — Encaram; 3 — Frisa; 4 — Ouriçar; 5 — Escavada; 6 — Patranhas.

A batalha da *vida*.
(*) História da vida de alguém

Dr. Legnar

CHARADAS NOVÍSSIMAS

93 — Duas — duas — Ao primeiro *sinal* da corneta e à *pancada* no bombo, sai a tropa em *marcha acelerada*.

---

94 — Uma — três — *Não*, o *feriado escolar* nunca foi *desusado*.

Fiote (Cuiabá)

95 — Três — duas — *Agonisa* após a surra de *cacete*, o *indivíduo neurastênico*.

Gomes Júnior (Maceió)

---

96 — Três — três — A poeira, qual *pó a que se reduzem os cereais moidos*, era densa, e, não menos denso era o cheiro de *aguardente fervida com açúcar e gengibre* naquele fandango, *espécie de bailado popular* onde, em promiscuidade, pagodearam os caipiras.

João Sipó (Bahia)

---

97 — Uma — uma — Êsse *preço* é para *ridicularizar* os concorrentes e *estimular* os fregueses.

Jomaque — C.E.C. (Rio)

---

98 — Duas — duas — O que *sacia* a sêde dos *larápios* é o *vinho barato*.

Tong (Perdizes)

---

99 — Duas — uma — Disse uma *tolice* a autoridade quando achou *difícil* o cêrco para a captura do *quilombeiro*.

Gil Virio (Andradina)

Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.



LAXANTE SUAVE!

Eficaz alcalinizante! Ideal antiácido e estomacal



Para adultos ou crianças, ENO satisfaz.

A VENDA EM TRES TAMANHOS

"SAL DE FRUCTA"

ENO

100 — Uma — uma — Ao pescar o *peixe* desconhecido senti *até* o mau *cheiro* que exalava.
Adolfo Tucman (Rio)

---

101 — Três — duas — *Custava* você dizer que o recém *nascido* era filho de pai *adoudado?*
Segon (Rio)

---

102 — Três — uma — Em *casa de jôgo* só se *encontra* gente *ladina*.
Ed Vep (Maceió)

103 — Duas — duas — Como é *adorável* aquêle homem, mas a *mulher* gosta tanto do *jôgo antigo*, espécie de cobra cega.
Heron Silpes (Canavieiras)

---

104 — Duas — duas — Não me *engane* mais, *basta!* Isto é *listel* e... pronto.
K.T.Q.Z. (São Paulo)

---

105 — Três — quatro — O *ajudante de vaqueiro* é um sujeito *intrincado*, parecendo até um *parouaçu*.
Guilherme Tell (Rio)

---

106 — Duas — duas — Deixe de *fanfarronada* e não *escarneça* de ninguém e nada de *bravatas*.
Paulistinha (Rio)

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS E SOLUÇÕES DA LINGUA PORTUGUÊSA

Com o desempate dos lugares dos decifradores do *Almanaque Eu Sei Tudo de* 1952, *além do* brinde que oferecemos, o Agenor Costa, autor do dicionário acima, ofereceu também um exemplar da sua excelente obra, que acha-se a venda à rua Marechal Floriano nº 96, sobrado.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:
O Charadista Bahiano, nº 2; *Charadismo e Cruzadismo; A Esfinge*, de S. Paulo; *Artigos*, órgão do Centro Enigmático do Uruguai; *O Charadista, de Lisboa; Edipismo e Palavras Cruzadas*, de Estremoz, Portugal; *O Enigmista*, de Santos; *A Voz Progressista*, jornal de grande circulação, desta capital, trazendo uma bem feita seção charadística, *Oasis de Edipo*, a cargo do confrade de R.A.C.H.A.; *Palmares*, revista em grande formato, publicada em Campinas, também com uma futurosa seção. *No Mundo das Palavras Cruzadas*, sob a direção de Giffoni Filho.

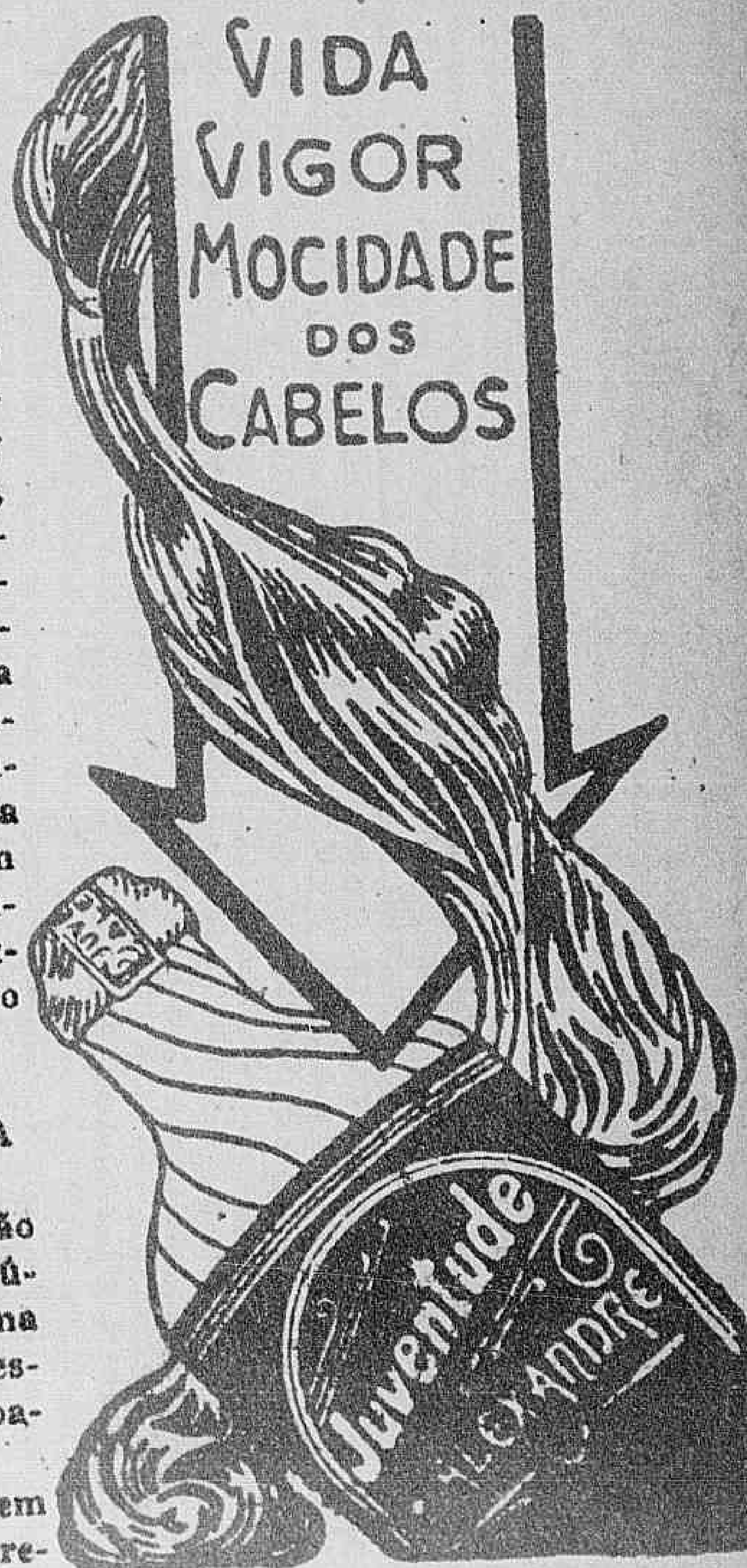
NOVA TERTÚLIA ALAGOANA

Em Maceió, sob a orientação do nosso colaborador Gomes Júnior, está em organização uma associação charadística, o que estava faltando na capital alagoana.

Os confrades do local devem procurar aquêle confrade que re-



JUVENTUDE ALEXANDRE









side à Av. Tomaz Espindola, 211 — Farol.

MONOSSILÁBICOS INVERTIDOS

Entrou para o prelo êste lvro de autoria do nosso confrade João Mancio Toledo (*Jotoledo*)

Conhecemos êste monossilábico memiografado e sabemos do seu grande valor como auxiliar dos decifradores.

Em ocasião oportuna daremos outra notícia.

CORRESPONDÊNCIA

Algumas cartas devem ser respondidas diretamente, o que faremos quando o tempo nos ajudar.

Giffoni Filho (Campinas) — Parabéns pela magnífica seção de *"Palmares"*. Grato pela oferta.

Carlos Silveira (Belo Horizonte) — Só com o autor, Agenor Costa, à Av. Marechal Floriano e custa 130 brochado e 160 encadernado.

Paulistinha (Rio) — Recebemos e agradecemos.

Guilherme Tell (Rio) — Sempre gratos.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor,

DR. LAVRUD



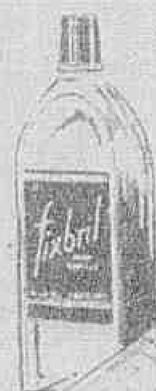
ENTRE PIANISTAS

Em 1944 um homem, moço ainda, enfrentou o juiz Ceabrook, de San Francisco da Califórnia, sob acusação de vadiagem. O acusado afirmou que estivera tocando piano na orquestra de Duke Ellington e que se encontrava simplesmente repousando entre dois empregos. Imediatamente o juiz decidiu que o acusado fôsse escoltado até ao Clube dos Policiais, a fim de provar sua habilidade. Quando confronta com o teclado de marfim pôde, realmente, exibir a sua arte como pianista.

O acusado e o juiz tiveram um encantador fim de tarde, naquele dia, enquanto as paredes da sala ressoavam com os compassos do *booby-woogie*.

Tudo porque também o juiz era pianista e gostava de músicas modernas. O acusado — é claro — foi absolvido.





CORRIJA EM CASA

A IMPERFEIÇÃO DOS SEIOS

A imperfeição do busto, a ciência o afirma, tem diversas origens. A principal e a mais freqüente é o enfraquecimento das glândulas provocado pelo cansaço, pela anemia e pelas insuficiências orgânicas. Como se sabe, na estética da beleza feminina, o busto exerce papel decisivo na harmonia das formas, na graça natural e no poder de atração. Possuir um busto de linhas perfeitas, deve constituir, portanto, a primeira preocupação de tôda mulher elegante e ciosa de seu dever de ser formosa. A Pasta Russa do Dr. G. Ricapal, médico e cientista russo, há meio século vem sendo usada com o mais completo êxito na correção e no fortalecimento do busto feminino, atuando de maneira eficaz nas glândulas enfraquecidas e fazendo com que a languidez desapareça em pouco tempo. Nas farms., drog. e perfs.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

O QUEBRA-CABEÇA DA GRANDE PIRÂMIDE

(Cont. da pág. 34)

lados está para a altura assim como a circunferência está para o seu diâmetro.

A área dos lados e fundo equivale ao espaço cúbico interior, enquanto o volume total é o dôbro da área do fundo. Há tantas proporções evidentes nesta peça austera, de pedra, que tem sido ela tomada como referência para pesos e medidas.

Chega-se à câmara do rei por uma grande galeria (36 pés de altura e 157 pés de comprimento), terminando inexplicàvelmente antes de chegarmos ao seu final, nem mesmo tendo de continuar de joelhos e, depois, de rastros.

O maior mistério sôbre a Grande Pirâmide (provando que ela jamais foi um túmulo) é o fato de estar o caminho para a câmara do rei selado por uma enorme pedra, que até hoje ainda não foi removida. Tentativas foram feitas.

Quando a Pirâmide foi descoberta, em 820 A.C., por Al Mamoun, que julgou haver ali um tesouro, a pedra provou ser irremovível e tiveram que desgastá-la a machado.

E vem a pergunta:

— **Por que haveria o faraó Cheops obstruído a entrada para o seu próprio túmulo, quando ainda em construção, se pretendesse, realmente, ser ali enterrado?**

Cheops ainda sobreviveu após completar a Pirâmide, que continuou inteiramente vazia. Consta, segundo a História, que Cheops foi enterrado não ali, mas em local obscuro e desconhecido!

A única conclusão lógica é a de que a Pirâmide foi um testamento de sabedoria, expresso não em hieroglifos mas na linguagem universal: **a matemática!**

Muitos outros paradoxos atribuem à Pirâmide significação terrível. Mas, ao contrário de outros empreendimentos e invenções, que se vão aperfeiçoando, a Pirâmide ainda não foi superada.

Tôdas as outras Pirâmides são **imitações** pobres e, talvez, nem o próprio Cheops, trabalhando sob orientação possivel de um descendente da Atlântida, sabia a importância do que estava fazendo.

O máximo que os outros faraós puderam fazer foi olhar para a Grande Pirâmide e construir imitações que usaram como túmulos.

Os engenheiros chegam à conclusão de que sòmente uma serra giratória, de dentes de diamante, a tôda velocidade, poderia, assim, cortar as lajes. E conclui-se que sòmente anulando a gravidade poderiam êles transportar as imensas lajes.

Mesmo em seus melhores dias, os egípcios formavam uma nação pequena, com menos de dez milhões de almas, incluindo escravos, e ocupando uma área de proporções reduzidas.

Qualquer nação contemporânea precisaria de fabulosa quantia para destruir a Grande Pirâmide. E para a construir, então?

Originalmente, a Grande Pirâmide media 480 pés e 9 polegadas de altura, e 764 pés de lado, pesando, talvez, 6 060 000 toneladas e contendo cêrca de 2 300 000 pedras. Tinha um acabamento em branco, símbolo de pureza para os antigos. Ao sol brilhava como um espelho e os indus a chamavam "a montanha de ouro".

A origem da palavra pirâmide se perde na noite dos tempos! Para os egípcios, "Pir-em-um" significava **grande altura vertical**; para os gregos, "Piramys" tinha igual significado, enquanto que para os fenícios, a palavra "Purimmiddoh" significava **medir a luz** ou **o saber.** Em outras línguas encontramos "Pa-ra"; **casa de Deus.** Chega-se, assim, à conclusão de que, a palavra é uma corruptela de algum têrmo antigo, talvez anterior à própria construção.

De acôrdo com o professor Fracis W. Chapman, não resta outra alternativa senão a de aceitar a Grande Pirâmide como **símbolo da alma.**

*

Isto tudo é muito fascinante e talvez bem perto da verdade; mas há uma grande distância entre atribuí-la a uma raça super-civilizada ou a uma inspiração divina. Centenas de livros têm sido escritos, variando do sublime ao ridículo, do fanatismo ao materialismo. Um dos mais interessantes vem de uma sociedade internacional, não religiosa, que acredita, antes de tudo, na lógica. De acôrdo com ela, a Pirâmide, além de dados matemáticos e científicos, contém profecias **e fala do passado.**

Exemplo — o nascimento de Adão, 4128 A. C.; construção da própria Pirâmide, 2170 A. C.; nascimento de Moisés, 1542 A. C.; nascimento de Cristo; a crucificação; o começo da Reforma; começo das grandes guerras; grandes catástrofes; ressurreições religiosas e muitas datas do futuro. Não obstante, não é possível garantir se êsse é um caso de exatidão de cálculo ou mera coincidência. Há, não obstante, o apoio científico de astrônomos e arqueologistas.

Qual é o segrêdo da Grande Pirâmide? Naturalmente a afirmativa de que **"Deus nunca mede"** é tão velha quanto a própria geometria.

Seriam os construtores da grande pirâmide capazes de pesar a Terra, dividir o átomo, anular a fôrça da gravidade e prever o futuro?

Ninguém pôde, até hoje, responder com acêrto. Porém as informações reveladas até aqui dão margem a se esperar **muito** mais.

Quanto, ninguém sabe!

Podemos apenas afirmar que a Grande Pirâmide é estudada cada vez com mais minuciosidade e detalhes, e à luz do nosso crescente saber científico, o cabedal de conhecimento humano a seu respeito tende sòmente a se expandir.

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página número 62)

Introduzindo a minha meia num envelope de matéria plástica bem fina, levou-a para o compartimento de fazer gêlo, do seu refrigerador. A hora de sair para o baile, a goma de mascar estava pràticamente transformada em matéria porosa e quebradiça, como o tijolo, podendo ser, fàcilmente removida, sem deixar vestígios e sem prejudicar as malhas da meia Nylon.





acaba com as Brotoejas



side à Av. Tomaz Espíndola, 211 — Farol.

MONOSSILÁBICOS INVERTIDOS

Entrou para o prelo êste lvro de autoria do nosso confrade João Mancio Toledo (*Jotoledo*)

Conhecemos êste monossilábico memiografado e sabemos do seu grande valor como auxiliar dos decifradores.

Em ocasião oportuna daremos outra notícia.

CORRESPONDÊNCIA

Algumas cartas devem ser respondidas diretamente, o que faremos quando o tempo nos ajudar.

Giffoni Filho (Campinas) — Parabéns pela magnífica seçã(de *"Palmares"*. Grato pela oferta.

Carlos Silveira (Belo Horizonte) — Só com o autor, Agenor Costa, à Av. Marechal Floriano e custa 130 brochado e 160 encadernado.

Paulistinha (Rio) — Recebemos e agradecemos.

Guilherme Tell (Rio) — Sempre gratos.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor,

DR. LAVRUD

★

ENTRE PIANISTAS

Em 1944 um homem, moço ainda, enfrentou o juiz Ceabrook, de San Francisco da Califórnia, sob acusação de vadiagem. O acusado afirmou que estivera tocando piano na orquestra de Duke Ellington e que se encontrava simplesmente repousando entre dois empregos. Imediatamente o juiz decidiu que o acusado fôsse escoltado até ao Clube dos Policiais, a fim de provar sua habilidade. Quando confronta com o teclado de marfim pôde, realmente, exibir a sua arte como pianista.

O acusado e o juiz tiveram um encantador fim de tarde, naquele dia, enquanto as paredes da sala ressoavam com os compassos do *booby-woogie*.

Tudo porque também o juiz era pianista e gostava de músicas modernas. O acusado — é claro — foi absolvido.



Cabelos sedosos, brilhantes e bem penteados com o uso constante de FIXBRIL, asseguram o complemento indispensavel para sua elegância.



★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA

DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

CORRIJA EM CASA

A IMPERFEIÇÃO DOS SEIOS

A imperfeição do busto, a ciência o afirma, tem diversas origens. A principal e a mais freqüente é o enfraquecimento das glândulas provocado pelo cansaço, pela anemia e pelas insuficiências orgânicas. Como se sabe, na estética da beleza feminina, o busto exerce papel decisivo na harmonia das formas, na graça natural e no poder de atração. Possuir um busto de linhas perfeitas, deve constituir, portanto, a primeira preocupação de tôda mulher elegante e ciosa de seu dever de ser formosa. A Pasta Russa do Dr. G. Ricapal, médico e cientista russo, há meio século vem sendo usada com o mais completo êxito na correção e no fortalecimento do busto feminino, atuando de maneira eficaz nas glândulas enfraquecidas e fazendo com que a languidez desapareça em pouco tempo. Nas farms., drog. e perfs.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

O QUEBRA-CABEÇA DA GRANDE PIRÂMIDE

(Cont. da pág. 34)

lados está para a altura assim como a circunferência está para o seu diâmetro.

A área dos lados e fundo equivale ao espaço cúbico interior, enquanto o volume total é o dôbro da área do fundo. Há tantas proporções evidentes nesta peça austera, de pedra, que tem sido ela tomada como referência para pesos e medidas.

Chega-se à câmara do rei por uma grande galeria (36 pés de altura e 157 pés de comprimento), terminando inexplicàvelmente antes de chegarmos ao seu final, nem mesmo tendo de continuar de joelhos e, depois, de rastros.

O maior mistério sôbre a Grande Pirâmide (provando que ela jamais foi um túmulo) é o fato de estar o caminho para a câmara do rei selado por uma enorme pedra, que até hoje ainda não foi removida. Tentativas foram feitas.

Quando a Pirâmide foi descoberta, em 820 A.C., por Al Mamoun, que julgou haver ali um tesouro, a pedra provou ser irremovível e tiveram que desgastá-la a machado.

E vem a pergunta:

— **Por que haveria o faraó Cheops obstruído a entrada para o seu próprio túmulo, quando ainda em construção, se pretendesse, realmente, ser ali enterrado?**

Cheops ainda sobreviveu após completar a Pirâmide, que continuou inteiramente vazia. Consta, segundo a História, que Cheops foi enterrado não ali, mas em local obscuro e desconhecido!

A única conclusão lógica é a de que a Pirâmide foi um testamento de sabedoria, expresso não em hieroglifos mas na linguagem universal: **a matemática!**

Muitos outros paradoxos atribuem à Pirâmide significação terrível. Mas, ao contrário de outros empreendimentos e invenções, que se vão aperfeiçoando, a Pirâmide ainda não foi superada.

Tôdas as outras Pirâmides são **imitações** pobres e, talvez, nem o próprio Cheops, trabalhando sob orientação possivel de um descendente da Atlântida, sabia a importância do que estava fazendo.

O máximo que os outros faraós puderam fazer foi olhar para a Grande Pirâmide e construir imitações que usaram como túmulos.

Os engenheiros chegam à conclusão de que sòmente uma serra giratória, de dentes de diamante, a tôda velocidade, poderia, assim, cortar as lajes. E conclui-se que sòmente anulando a gravidade poderiam êles transportar as imensas lajes.

Mesmo em seus melhores dias, os egípcios formavam uma nação pequena, com menos de dez milhões de almas, incluindo escravos, e ocupando uma área de proporções reduzidas.

Qualquer nação contemporânea precisaria de fabulosa quantia para destruir a Grande Pirâmide. E para a construir, então?

Originalmente, a Grande Pirâmide media 480 pés e 9 polegadas de altura, e 764 pés de lado, pesando, talvez, 6 060 000 toneladas e contendo cêrca de 2 300 000 pedras. Tinha um acabamento em branco, símbolo de pureza para os antigos. Ao sol brilhava como um espelho e os indus a chamavam "a montanha de ouro".

A origem da palavra pirâmide se perde na noite dos tempos! Para os egípcios, "Pir-em-um" significava **grande altura vertical**; para os gregos, "Piramys" tinha igual significado, enquanto que para os fenícios, a palavra "Purimmiddoh" significava **medir a luz** ou **o saber.** Em outras línguas encontramos "Pa-ra": **casa de Deus.** Chega-se, assim, à conclusão de que, a palavra é uma corruptela de algum têrmo antigo, talvez anterior à própria construção.

De acôrdo com o professor Fracis W. Chapman, não resta outra alternativa senão a de aceitar a Grande Pirâmide como **símbolo da alma.**

*

Isto tudo é muito fascinante e talvez bem perto da verdade; mas há uma grande distância entre atribuí-la a uma raça super-civilizada ou a uma inspiração divina. Centenas de livros têm sido escritos, variando do sublime ao ridículo, do fanatismo ao materialismo. Um dos mais interessantes vem de uma sociedade internacional, não religiosa, que acredita, antes de tudo, na lógica. De acôrdo com ela, a Pirâmide, além de dados matemáticos e científicos, contém profecias **e fala do passado.**

Exemplo — o nascimento de Adão, 4128 A. C.; construção da própria Pirâmide, 2170 A. C.; nascimento de Moisés, 1542 A. C.; nascimento de Cristo; a crucificação; o comêço da Reforma; comêço das grandes guerras; grandes catástrofes; ressurreições religiosas e muitas datas do futuro. Não obstante, não é possível garantir se êsse é um caso de exatidão de cálculo ou mera coincidência. Há, não obstante, o apoio científico de astrônomos e arqueologistas.

Qual é o segrêdo da Grande Pirâmide? Naturalmente a afirmativa de que **"Deus nunca mede"** é tão velha quanto a própria geometria.

Seriam os construtores da grande pirâmide capazes de pesar a Terra, dividir o átomo, anular a fôrça da gravidade e prever o futuro?

Ninguém pôde, até hoje, responder com acêrto. Porém as informações reveladas até aqui dão margem a se esperar **muito** mais.

Quanto, ninguém sabe!

Podemos apenas afirmar que a Grande Pirâmide é estudada cada vez com mais minuciosidade e detalhes, e à luz do nosso crescente saber científico, o cabedal de conhecimento humano a seu respeito tende sòmente a se expandir.

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página número 62)

Introduzindo a minha meia num envelope de matéria plástica bem fina, levou-a para o compartimento de fazer gêlo, do seu refrigerador. A hora de sair para o baile, a goma de mascar estava pràticamente transformada em matéria porosa e quebradiça, como o tijolo, podendo ser, fàcilmente removidada, sem deixar vestígios e sem prejudicar as malhas da meia Nylon.

EU SEI TUDO

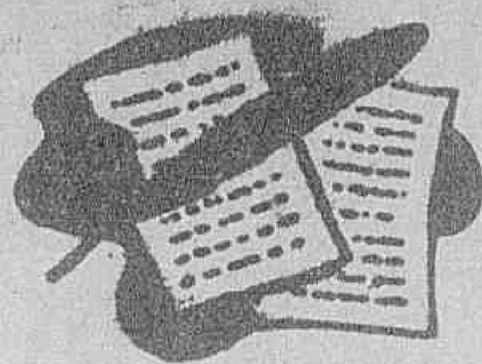
N.º 429 — Ano XXXVI

N.º 9 — Fevereiro de 1953

SUMÁRIO:

FRONTISPÍCIO — O carnaval no Rio de Janeiro (Notas sôbre o Carnaval antigo, escritas pelo Dr. Pires de Almeida, publicadas em 1911 e que reproduzimos como curiosidade) 5
30 Stalins de laboratório (A mais sensacional revelação do após-guerra) 9
Esforços conjugados (Uma anedota do após-guerra) 13
Simeão da Bulgária e o futebol 14
O misterioso Livro Negro (Conto de Ellery Queen) 15
Para as suas horas negras 19
Grandes médicos de Paris estão curvados sôbre êstes olhos estranhos 20
A coroação de Elizabeth II (Um sinal dos tempos — Os Pares do Reino em situação difícil — O regulamento do Duque de Norfolk — Tormento para os pais... delícia para espôsas e filhas) 21
A Ladra (Conto de Max Brand) 27
O quebra-cabeça da Grande Pirâmide 31
A Fôrça de um juramento (Romance, continuação) 35
General Dwight Eisenhower, 33.º Presidente dos Estados Unidos da América do Norte — (Policromia) 43
O sono pode curar muitos males! (Como se vence a insônia — Como se reduz a hipersônia — Como evitar o dissono — Como anular o sonilóquio — A higiene do sono) 45
Fábulas para tôdas as idades (Principalmente a atômica) — O lôbo que tanto perseguia as ovelhinhas desapareceu inesperadamente! 47
Os grandes erros judiciários (VIII) — A história sanguinária do intendente Lebrun 48
Capitão corajoso (Uma anedota da última guerra) 51
Só entre nós dois (Conto de Francis Hamilton) 52
Vamos ler... e aprender 55
O senhor perdeu alguma coisa? 56
Hatha Yoga 59
Esteja em dia com o mundo 64
Asas móveis para o avião do futuro? 65
Como você resolveria isto? 68
Explorando o Brasil Meridional 69
A pupila rubra (Romance, continuação) 77
"Patos" (Policromia) Quadro de Alexandre Koester 85
Precisa-se de ama de leite para três tigrezinhos 87
A "boa resposta" do mês 90
Vida do campo — Mecanização da lavoura 90
A indústria do vidro através dos tempos 91
Resolva seus problemas 94
Anotações num mapa de estrada de ferro 94
Apelos da consciência 95
Gente estranha (Fatos reais) 96
A química nas estradas de ferro 97
Coisas do reino alado 99
Nos domínios da Gramática 100
Memento EU SEI TUDO (O mundo visto há 60 dias) 103
Cartomancia 110
Quebra-cabeças, charadas, etc. 111

CORRESPONDÊNCIA



S. Averbach — Av. Atlântica, 746 — Apto. 1101 — D. Federal: — A emprêsa a que pertence êste magazine tem uma publicação especializada (A Cena Muda) que tratou, recentemente, do assunto que lhe interessa.

Custódio B. Lima — Aracaju — Sergipe — Sem dúvida aceitaremos desde que as gravuras sejam boas. Gratos por seu interêsse.

Amália de Sousa Lima — D. Federal — Sôbre os grandes músicos a que se refere já publicamos biografias minuciosas e romantizadas. Já leu, no "Almanaque E.S.T." para 1953 o artigo sôbre "Schubert e o **lied** alemão"?

Georgina Costa — Caxambu — Minas Gerais — Mais uma vez diremos que EU SEI TUDO não publica romances já editados em português. Não podemos atender ao seu segundo pedido, que foge inteiramente à feição desta revista.

Wilhelm Kunz — Florianópolis — Santa Catarina — Naturalmente, tudo será completado com mapa e outros gráficos indispensáveis. Gratos por sua oferta.

*

A CAPA — A nossa capa? Como escrever "a sério" de uma coisa maluca? Sabemos apenas que já começou, embora "oficialmente" tenha início a 15 do mês. Quando termina? Ah! Isto é só com o Zé Carioca, porque só êle pode mandar o samba parar!